

CAMILA CAMPOS VIZZOTTO ALDUINO

**AFINAL, OS ANJOS TÊM SEXO?  
CONCEPÇÕES E AÇÕES FORMATIVAS SOBRE A  
SEXUALIDADE NA INFÂNCIA EM UMA REDE  
MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL**



CAMILA CAMPOS VIZZOTTO ALDUINO

**AFINAL, OS ANJOS TÊM SEXO?  
CONCEPÇÕES E AÇÕES FORMATIVAS SOBRE A  
SEXUALIDADE NA INFÂNCIA EM UMA REDE  
MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia da Educação, Programa de Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

**Linha de pesquisa:** Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez

A365a

Alduino, Camila Campos Vizzotto

AFINAL, OS ANJOS TÊM SEXO? : CONCEPÇÕES E AÇÕES  
FORMATIVAS SOBRE A SEXUALIDADE NA INFÂNCIA EM  
UMA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / Camila  
Campos Vizzotto Alduino. -- Araraquara, 2021

244 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),  
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientadora: Marcia Cristina Argenti Perez

1. Infância. 2. Sexualidade. 3. Educação Infantil. 4. Formação  
Continuada. I. Título.

CAMILA CAMPOS VIZZOTTO ALDUINO

**AFINAL, OS ANJOS TÊM SEXO?  
CONCEPÇÕES E AÇÕES FORMATIVAS SOBRE A  
SEXUALIDADE NA INFÂNCIA EM UMA REDE  
MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia da Educação, Programa de Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

**Linha de pesquisa:** Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez

Data da defesa: 06 / 07 / 2.021

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez**

UNESP: Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

---

**Membro Titular: Prof. Dr. Fábio Tadeu Reina**

UNESP: Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara e

UNIARA: Universidade de Araraquara

---

**Membro Titular: Juliene de Cassia Leiva**

UNIARA: Universidade de Araraquara

**Local:** Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras

**UNESP – Campus de Araraquara**

Ao meu marido Guilherme!  
Que compartilha comigo os mais altos vãos,  
que me incentiva e me apóia para que os  
sonhos possam ser realizados.

E ao meu filho Heitor!  
Que me fez conhecer um amor inexplicável  
e que irradia luz e esperança,  
mesmo nos dias mais sombrios.

Obrigada!  
Sem vocês, nada faria sentido!

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, e não poderia ser diferente, agradeço a Deus, que em sua grandiosidade e sabedoria, me guiou e me orientou na trilha da vida e fez os ventos soprarem para esta jornada. Obrigada por me fazer acreditar na vida e ter fé na caminhada!

Agradeço também e imensamente, ao meu marido e companheiro Guilherme, para o qual as palavras parecem não expressar todo o meu sentimento. Aquele que me faz acreditar nos sonhos, na esperança de um dia melhor e que sempre vale a pena tentar. Que pôde entender minhas ausências, sempre me apoiando, me conduzindo e me acompanhando nos momentos felizes e sobretudo nas tempestades. E ao meu filho Heitor, que chegou não de mansinho e me fez experimentar sensações e sentimentos não antes vividos e que certamente é a montanha russa mais deliciosa e alucinante de todas.

Estendo os meus agradecimentos aos meus pais que me deram o dom da vida e que, muito além do simples fato da existência, me ensinaram a clamar por autonomias e independências. E em especial, à minha tia Marília, em me fez sonhar e acreditar no caminho da pesquisa e que, em suas incansáveis orientações e conduções, contribuíram tanto para a evolução deste meu trabalho, como por fazer encantar-me pela ciência psicológica.

E ainda sobre a evolução profissional e científica, ainda que a pandemia e os ventos sopraram para outros nortes, não posso deixar de mencionar a psicanalista Dra. Suely Delboni. Difícil mensurar suas colaborações, mesmo porque são os acúmulos de todos estes anos nos grupos de estudos e supervisões que me fizeram chegar até aqui. Sei – e quero – que tenho ainda muito a percorrer, mas ter esperanças e acreditar que posso ir mais longe, também é fruto da nossa convivência.

Gratidão à Prefeitura Municipal e particularmente à secretária municipal de educação e cultura Elisabete que, para além de acreditar e confiar no meu trabalho, prontamente abriu as portas para que esta pesquisa pudesse ser realizada dentro das instituições escolares. Gratidão por depositar em mim a esperança de levar os conhecimentos necessários a todas as profissionais da educação, mesmo antes do ingresso no mestrado, particularmente nos grupos de estudos e disciplina cursada na Universidade Estadual Paulista.

A todas profissionais da educação da Educação Infantil que participaram e colaboraram para a realização desta pesquisa. Sobretudo, às duas coordenadoras pedagógicas, Maria José e Marisabel, que não mediram esforços no planejamento, organização e execução da mesma.

Aos colegas e participantes do Grupo de Estudos sobre Infância, Família e Escolarização, o GEPIFE, Ariane, Guilherme e Vanessa, em que, com a troca de conhecimentos, experiências pessoais e na pesquisa, puderam contribuir para a minha trajetória e execução deste projeto.

Aos colegas de mestrado. O acaso me apresentou o Guilherme, que posteriormente seria meu companheiro no mestrado, e com a mesma orientadora! Thaís e Vanessa, que também compartilharam conosco confidências, risos soltos e gargalhadas e tornaram nosso trajeto para a universidade mais leve, divertido e enriquecedor. A vida se encarregou igualmente de me presentear com demais colegas, que certamente meu coração se enche orgulho da turma que formamos: Ana, Ítalo e Marcos. Os almoços, jantares, lanches na cantiga e noites no hotel foram palco de nosso companheirismo, das nossas diversões, das trocas de experiências, mas também de nossas angústias, ansiedades e tensões. Obrigada por compartilharem comigo momentos importantes nesta caminhada, rumo a novos horizontes e conquistas.

Aos funcionários da FCLAr que contribuem para a manutenção dos serviços oferecidos nesta universidade, sempre educados e prestativos à nos atender e que, mesmo que indiretamente, puderam acrescentar algo à minha evolução como pesquisadora.

Agradeço a todos os docentes e pesquisadores presentes durante esta jornada no mestrado, com os quais, pude aprimorar e ampliar os meus conhecimentos. As disciplinas ministradas, os aprendizados decorrentes e as contribuições sempre muito ricas e valiosas, me ajudaram a (des)construir conceitos, com experiências pessoais e profissionais imensuráveis.

Acrescento aqui os agradecimentos a todos os professores e educadores que tive em toda a minha vida, por despertar em mim a crença de um futuro próspero e por correr atrás dos meus sonhos. E acima de tudo, acreditar que a educação é, com certeza, um meio eficaz deste meu ideal.

A todos familiares, amigos, experiências e vivências pessoais e profissionais ao longo da minha existência, as quais contribuíram e me edificaram como sujeito participativo no mundo.

E por último, e não menos importante, à minha orientadora Marcia Cristina Argenti Perez, com a qual tive o privilégio de conhecer ainda como participante no grupo de estudo do GEPIFE, sempre com muito carinho, empatia, paciência, responsabilidade e empenho em suas atividades profissionais. Muito obrigada por ter me acolhido desde o início, pelos conhecimentos transmitidos na disciplina ministrada antes do ingresso no mestrado e por acreditar que é possível apresentar um diálogo frutífero mesmo com fundamentações teóricas aparentemente tão contraditórias. E como aluna regular, não seria diferente: as diversas orientações e supervisões, o incentivo em participar de eventos científicos, a dedicação às minhas produções acadêmicas me enchem de orgulho de tê-la como orientadora, na qual digo que se tornou uma referência e um espelho, para além da questão profissional, um exemplo a ser seguido. Gratidão!

Agora estou realmente seguro de que se espantaram. “Então existe uma sexualidade infantil?”, perguntarão. “A infância não é o período da vida caracterizado pela ausência do instinto sexual?” Não, meus senhores, certamente não ocorre que o instinto sexual penetre nas crianças no momento da puberdade, tal como o demônio entra nos porcos numa passagem do Evangelho. A criança tem seus instintos e atividades sexuais desde o início, vem com eles ao mundo, e deles procede, mediante um desenvolvimento significativo e pleno de etapas, aquilo que se chama a sexualidade normal do adulto. E essas manifestações de atividade sexual infantil não são nada difíceis de observar; pelo contrário, é preciso alguma arte para ignorá-las ou interpretá-las de outra maneira.

(Freud, 1910/2016, p. 201)

## RESUMO

As múltiplas e diversas individualidades presentes nas instituições escolares, pelo simples fato de sua existência, se impõem como um fato inegável, o que se multiplica ao refletirmos nas relações que se estabelecem neste contexto. Na certeza de que a qualidade destas relações influencia diretamente no desenvolvimento das crianças como um todo, e em especial, na etapa da Educação Infantil, a qual contempla uma fase extremamente importante do ponto de vista da constituição psíquica, as discussões sobre a infância e a sexualidade infantil se fazem mais do que urgentes e necessárias. Com isso, este trabalho objetivou ofertar e desenvolver um projeto de intervenção em formação continuada às profissionais da educação da Educação Infantil a fim de investigar e compreender suas percepções e ações sob o tema da sexualidade infantil. A psicanálise e alguns dados histórico-culturais foram a fundamentação teórica utilizada nesta pesquisa, que teve como participantes as profissionais da Educação Infantil de uma rede municipal de ensino de uma pequena cidade do interior de São Paulo/SP, nas quais estão inclusas todas as docentes atuantes em sala de aula, as diretoras escolares e as coordenadoras pedagógicas. Frente à possibilidade de ofertar um projeto de intervenção em formação continuada, a opção pela pesquisa-ação vem ao encontro com o intuito de transformar as realidades e a produção do conhecimento, bem como poder intervir durante todo o processo, com vistas a um sujeito participativo e autônomo e na tentativa de suprir as lacunas existentes entre a teoria e a prática. A realização deste projeto totalizou seis encontros, dentre os quais, primeiramente, houve a aplicação de um questionário, a fim de coletar os dados suficientes para elaborarmos os encontros posteriores. A construção histórica acerca da infância e da criança, desenvolvimento infantil e noções básicas de sexualidade, assim como as manifestações sexuais presentes na infância foram os temas desenvolvidos durante todo o projeto de intervenção em formação continuada. Desta forma, na utilização dos dados coletados no questionário, bem como a dinâmica dos encontros, pode-se afirmar que as profissionais da educação, em sua grande maioria, concebem as crianças desprovidas de sexualidade e que, suas manifestações sexuais são decorrentes principalmente do meio externo em que vivem, tais como a televisão, o ambiente familiar e a sociedade em geral. Frente às manifestações comportamentais que remetem à sexualidade no ambiente escolar, as participantes apresentam reações punitivas, repressivas, a exposição frente às demais crianças, o desviar para outra atividade, o ignorar e encaminhamento para terceiros, como os pais, a direção e/ou à psicóloga da escola. Comportamentos estes que não contribuem para o desenvolvimento integral das crianças, particularmente o desenvolvimento psíquico – e em decorrência os aspectos intelectuais e da socialização – das crianças. A dificuldade de dialogar, refletir e conceber a existência de sexualidade na infância se fez presente durante todo o processo e dinâmica nos encontros, o que evidencia a necessidade da continuação de formações que fomentem este tema tão polêmico e silenciado no cotidiano da escola, mas certamente essencial para o desenvolvimento de todas as crianças.

**Palavras – chave:** Infância, Sexualidade, Educação Infantil, Formação Continuada.

## ABSTRACT

The multiple and diverse individuals present in school institutions, due to the simple fact of their existence, impose themselves as an undeniable fact, which is multiplied when we reflect on the relationships that are established in this context. In the certainty that the quality of these relationships directly influences the development of children as a whole, and in particular, in the stage of early childhood education, which contemplates an extremely important phase from the point of view of the psychic constitution, discussions about childhood and childhood. child sexuality are more than urgent and necessary. Thus, this work aimed to offer and develop an intervention project in continuing education for professionals in early childhood education in order to investigate and understand their perceptions and actions under the theme of child sexuality. Psychoanalysis and some historical and cultural data were the theoretical basis used in this research, in which the participants were professionals from early childhood education in a municipal education network in a small town in the interior of São Paulo / SP, in which all the information is included. Teachers working in the classroom, school principals and pedagogical coordinators. Faced with the possibility of offering an intervention project in continuing education, the option for action research comes together with the aim of transforming realities and the production of knowledge, as well as being able to intervene throughout the process, with a view to a participatory subject and autonomous and in an attempt to fill the gaps between theory and practice. The realization of this project totaled six meetings, among which, first, there was the application of a questionnaire, in order to collect enough data to prepare the subsequent meetings. The historical construction about childhood and children, child development and basic notions of sexuality, as well as the sexual manifestations present in childhood were the themes developed throughout the intervention project in continuing education. Thus, in the use of the data collected in the questionnaire, as well as the dynamics of the meetings, it can be said that the vast majority of education professionals conceive children without sexuality and that their sexual manifestations are mainly due to the environment external environment in which they live, such as television, the family environment and society in general. In the face of behavioral manifestations that refer to sexuality in the school environment, the participants show punitive and repressive reactions, exposure to other children, deviation to another activity, ignoring and referral to third parties, such as parents, the direction and / or the school psychologist. Behaviors that do not contribute to the integral development of children, particularly the psychic development - and as a result of the intellectual and social aspects - of children. The difficulty of dialoguing, reflecting and conceiving the existence of sexuality in childhood was present throughout the process and dynamics in the meetings, which shows the need for the continuation of training that fosters this very controversial and silenced topic in the school's daily life, but certainly essential for the development of all children.

**Keywords:** Childhood, Sexuality, Early Childhood Education, Continuing Education.

## LISTA DE FOTOS

<b>Foto 1</b>	1º encontro: durante a explanação do Grupo A	241
<b>Foto 2</b>	1º encontro: durante o preenchimento do questionário do Grupo A	241
<b>Foto 3</b>	1º encontro: durante a explanação do Grupo A	241
<b>Foto 4</b>	1º encontro: durante o preenchimento do questionário do Grupo B	241
<b>Foto 5</b>	1º encontro: durante a explanação do Grupo B	241
<b>Foto 6</b>	1º encontro: durante o preenchimento do questionário do Grupo B	241
<b>Foto 7</b>	2º encontro: durante a atividade do Grupo A	242
<b>Foto 8</b>	2º encontro: durante a atividade do Grupo A	242
<b>Foto 9</b>	2º encontro: durante a atividade do Grupo A	242
<b>Foto 10</b>	2º encontro: durante a atividade do Grupo A	242
<b>Foto 11</b>	2º encontro: durante a atividade do Grupo A	242
<b>Foto 12</b>	2º encontro: durante a explanação do Grupo A	242
<b>Foto 13</b>	2º encontro: durante a explanação do Grupo B	242
<b>Foto 14</b>	2º encontro: durante a atividade do Grupo B	242
<b>Foto 15</b>	2º encontro: durante a atividade do Grupo B	242
<b>Foto 16</b>	2º encontro: durante a explanação do Grupo B	242
<b>Foto 17</b>	2º encontro: durante a explanação do Grupo B	242
<b>Foto 18</b>	3º encontro: durante a atividade do Grupo A	242
<b>Foto 19</b>	3º encontro: durante a atividade do Grupo A	242
<b>Foto 20</b>	3º encontro: durante a atividade do Grupo A	242
<b>Foto 21</b>	3º encontro: durante a atividade do Grupo A	242
<b>Foto 22</b>	3º encontro: durante a atividade do Grupo B	243
<b>Foto 23</b>	3º encontro: durante a atividade do Grupo B	243
<b>Foto 24</b>	3º encontro: durante a atividade do Grupo B	243
<b>Foto 25</b>	3º encontro: durante a atividade do Grupo B	243
<b>Foto 26</b>	3º encontro: durante a atividade do Grupo B	243
<b>Foto 27</b>	3º encontro: durante a explanação do Grupo A	243
<b>Foto 28</b>	3º encontro: durante a explanação do Grupo B	243
<b>Foto 29</b>	4º encontro: durante a explanação do Grupo A	243
<b>Foto 30</b>	4º encontro: durante a explanação do Grupo B	243
<b>Foto 31</b>	5º encontro: durante a atividade do Grupo A	243
<b>Foto 32</b>	5º encontro: durante a atividade do Grupo A	243
<b>Foto 33</b>	5º encontro: durante a atividade do Grupo B	243
<b>Foto 34</b>	5º encontro: durante a atividade do Grupo B	243
<b>Foto 35</b>	5º encontro: durante a atividade do Grupo B	243
<b>Foto 36</b>	6º encontro: durante a explanação	244
<b>Foto 37</b>	6º encontro: durante a explanação	244
<b>Foto 38</b>	6º encontro: durante a explanação	244
<b>Foto 39</b>	6º encontro: durante a explanação	244

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b>	Respostas sobre a importância e necessidade da sexualidade infantil para a prática docente	108
<b>Gráfico 2</b>	Respostas sobre presenciarem situações envolvendo a sexualidade	109
<b>Gráfico 3</b>	Respostas sobre a aquisição do conhecimento de sexualidade infantil	111
<b>Gráfico 4</b>	Respostas sobre a necessidade de Educação Sexual para as crianças.	118
<b>Gráfico 5</b>	Respostas sobre o lugar onde a educação sexual pode ser oferecida.	119
<b>Gráfico 6</b>	Respostas sobre a possibilidade da sexualidade ser ensinada na escola.	120
<b>Gráfico 7</b>	Respostas sobre a etapa escolar para o início da educação sexual.	121
<b>Gráfico 8</b>	Respostas sobre o sentir-se preparada para considerar a educação sexual na prática pedagógica.	122

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	Idades cronológicas correspondentes das crianças nas diferentes etapas de ensino da Educação Infantil	60
<b>Quadro 2</b>	Algumas características do corpo docente da Educação Infantil	62
<b>Quadro 3</b>	Divisão das escolas no Grupo A e no Grupo B	64
<b>Quadro 4</b>	Cronograma das datas e temas desenvolvidos no Projeto de Intervenção em Formação Continuada	68
<b>Quadro 5</b>	Informações sintetizadas acerca do primeiro encontro	72
<b>Quadro 6</b>	Respostas do questionário acerca da origem do conhecimento sobre a sexualidade infantil	76
<b>Quadro 7</b>	Respostas sobre a descrição de comportamentos sexuais expressos pelas crianças no ambiente escolar presenciados pelas docentes	78
<b>Quadro 8</b>	Respostas do questionário acerca da prática profissional no 1º caso hipotético do questionário	81
<b>Quadro 9</b>	Respostas do questionário acerca da prática profissional no 2º caso hipotético do questionário	83
<b>Quadro 10</b>	Respostas do questionário acerca da prática profissional no 3º caso hipotético do questionário	84
<b>Quadro 11</b>	Informações sintetizadas acerca do segundo encontro	88
<b>Quadro 12</b>	Respostas do questionário acerca das semelhanças entre a própria infância e a dos dias atuais	89
<b>Quadro 13</b>	Respostas do questionário acerca das diferenças das crianças de hoje em dia em comparação com a própria infância	90
<b>Quadro 14</b>	Respostas do questionário acerca das diferenças das crianças de antigamente em comparação com a dos dias atuais	91
<b>Quadro 15</b>	Informações sintetizadas acerca do terceiro encontro	104
<b>Quadro 16</b>	Descrição da atividade com a característica do desenvolvimento da linguagem	106
<b>Quadro 17</b>	Descrição da atividade com a característica do desenvolvimento da autonomia	106
<b>Quadro 18</b>	Descrição da atividade com a característica do desenvolvimento coordenação motora	107
<b>Quadro 19</b>	Informações sintetizadas acerca do quarto encontro	124
<b>Quadro 20</b>	Informações sintetizadas acerca do quinto encontro	139
<b>Quadro 21</b>	Percepção das docentes sobre a presença de sexualidade no cotidiano escolar	144
<b>Quadro 22</b>	Conduta das docentes frente às manifestações sexuais das crianças no ambiente escolar	146
<b>Quadro 23</b>	Auto-avaliação sobre a necessidade, ou não, de mudança nas condutas apresentadas pelas docentes	150
<b>Quadro 24</b>	Descrição das imagens selecionadas pelas docentes	154
<b>Quadro 25</b>	O Quadro normativo, as respostas e seus apontamentos	158
<b>Quadro 26</b>	Informações sintetizadas acerca do sexto encontro	165
<b>Quadro 27</b>	Percepção das docentes sobre as contribuições do estudo da História da Infância e da Família	170
<b>Quadro 28</b>	Percepção das docentes sobre as contribuições do estudo do Desenvolvimento Psíquico	173
<b>Quadro 29</b>	Percepção das docentes sobre a aplicação dos conhecimentos da formação na prática pedagógica	177

<b>Quadro 30</b>	Sobre a percepção da atuação docente em relação ao processo de aprendizagem e desenvolvimento da sexualidade infantil	181
<b>Quadro 31</b>	Perguntas, dúvidas e/ou comentários sobre esta formação	185

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b>	Quantidade de turmas nas diferentes etapas de ensino na Educação Infantil	59
<b>Tabela 2</b>	Tipo de vinculação das professoras atuantes na sala de aula	61
<b>Tabela 3</b>	Número total de profissionais e alunos nas diferentes etapas da Educação Infantil	62

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

<b>FCLAr</b>	Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara
<b>GEPIFE</b>	Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização
<b>HTPC</b>	Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo
<b>HTPI</b>	Horário de Trabalho Pedagógico Individual
<b>PCNs</b>	Parâmetros Curriculares Nacionais
<b>TCLE</b>	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
<b>UNESP</b>	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>20</b>
<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>23</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>31</b>
2.1 A Infância e a Criança: um breve percurso acerca da construção histórica e cultural	31
2.1.1 As Imagens Sociais e suas Respectivas Concepções	34
2.2 A sexualidade: o conceito e um delineamento histórico	37
2.2.1 No contexto Brasileiro	38
2.3 Uma perspectiva sobre a sexualidade infantil, suas manifestações e seus direcionamentos	40
2.3.1 Os Modelos Familiares em uma Perspectiva Histórica	45
2.4 A Educação Sexual	47
2.5 A Escola como Instituição e a Subjetividade nas Relações dos Grupos	49
2.5.1 A Dinâmica Grupal e suas Relações	51
2.6 A Função Docente	52
<b>3 MÉTODO</b>	<b>56</b>
3.1 Ambiente: O Contexto da Pesquisa	58
3.2 Participantes	60
3.3 Local, frequência, datas e horários	64
3.4 Instrumentos	65
3.4.1 Observação	65
3.4.2 Questionário	66
3.4.3 Projeto de Intervenção em Formação Continuada	67
3.5 Procedimentos Metodológicos	67
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	<b>72</b>
<b>4.1 O 1º encontro: “Aplicação do Questionário”</b>	<b>72</b>
4.1.1 Dados Coletados a partir do Questionário	73
4.1.1.1 Dados de Caracterização	74
4.1.1.2 Dados Conceituais	75
4.1.1.3 Prática Profissional	81
<b>4.2 O 2º encontro: “A construção histórica acerca da infância e da criança”</b>	<b>88</b>

4.2.1 Apresentação e alguns apontamentos sobre a primeira questão do questionário	89
4.2.2 A atividade proposta e alguns apontamentos sobre a concepção de criança e de infância	93
4.2.3 A construção histórica acerca da infância e da criança	100
4.2.3.1 A Idade Média como ponto de partida	100
4.2.3.2 A partir do século XVIII	102
4.2.3.3 Século XIX	102
4.2.3.4 Século XX	103
<b>4.3 O 3º encontro: “Desenvolvimento Infantil e Noções Básicas de Sexualidade”</b>	<b>104</b>
4.3.1 A atividade e alguns apontamentos	105
4.3.2 O “feedback” de algumas questões do questionário e seus apontamentos	108
4.3.2.1 A primeira indagação do questionário e seus apontamentos gráficos e qualitativos	108
4.3.2.2 A segunda indagação do questionário e seus apontamentos gráficos e qualitativos	109
4.3.2.3 A terceira indagação do questionário e seus apontamentos gráficos e qualitativos	111
4.3.3 Uma breve contribuição sobre a história da sexualidade	113
4.3.3.1 Na História da Humanidade	113
4.3.3.2 No Contexto Brasileiro	115
4.3.4. Educação Sexual	117
4.3.4.1 O “feedback” das questões no questionário sobre Educação Sexual e seus apontamentos	117
<b>4.4 O 4º encontro: “Infância: Sexualidade e suas Manifestações”</b>	<b>124</b>
4.4.1 Os Modelos Familiares em uma Perspectiva Histórica	125
4.4.1.1 Idade Antiga (4000 a.C. à 476 d.C.)	125
4.4.1.2 Idade Média (Séc. V ao Séc. XV)	126
4.4.1.3 Idade Moderna (Séc. XV ao Séc. XVIII)	127
4.4.1.4 Idade Contemporânea (Séc. XVIII até os dias atuais)	128
4.4.2 As Fases Psicosexuais de Sigmund Freud	129
4.4.2.1 Fase Oral	133
4.4.2.2 Fase Anal	136

4.2.2.3 Fase Fálica	138
<b>4.5 O 5º encontro: “Infância: Sexualidade e suas Manifestações”</b>	<b>139</b>
4.5.1 Sobre as reações das docentes ao analisar o Quadro normativo	141
4.5.2 Sobre as considerações das docentes na proposta de reflexão	143
4.5.2.1 O primeiro Quadro e suas considerações	144
4.5.2.2 O segundo Quadro e suas considerações	146
4.5.2.3 O terceiro Quadro e suas considerações	150
4.5.3 Sobre as considerações da atividade realizada	154
4.5.4 O Quadro normativo, as respostas e seus apontamentos	158
4.5.5 Uma leitura das contribuições das docentes sobre os três casos da prática profissional	161
<b>4.6 O 6º encontro: “Encerramento”</b>	<b>164</b>
4.6.1 Uma leitura diante das reações das docentes no último encontro	167
4.6.2 Sobre a sistematização de estudo	170
4.6.2.1 Sobre as contribuições do estudo da História da Infância e da Família	170
4.6.2.2 Sobre as contribuições do estudo do Desenvolvimento Psíquico	173
4.6.2.3 Sobre a aplicação dos conhecimentos na prática pedagógica	177
4.6.2.4 Sobre a percepção da atuação docente em relação ao processo de aprendizagem e desenvolvimento da sexualidade infantil	181
4.6.2.5 Sobre possíveis perguntas, dúvidas e/ou comentários sobre esta formação	185
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>189</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>193</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>199</b>
Apêndice A – Convites	200
Apêndice B – Cronograma	201
Apêndice C – Termo de consentimento para a secretária da educação	202
Apêndice D – Termo de consentimento para as profissionais da educação	203
Apêndice E – Questionário	204
Apêndice F – Slides	207
Apêndice G – Sistematização de estudo	238
Apêndice H – Mensagem de encerramento	239
Apêndice I – Certificado	240
Apêndice J – Portfólio	241

## APRESENTAÇÃO

É fato que minha história de vida, as experiências e vivências tidas ao longo desses anos me trouxeram até aqui. As alegrias, os desejos, as conquistas, bem como as frustrações, as tristezas e as decepções certamente estão nesta bagagem da minha vida. E neste momento destaco, em especial, a incessante busca pelo crescimento profissional, que me trajaram as construções e os aprendizados adquiridos. Fui criada em São Paulo, capital, que, com toda sua grandiosidade, ostenta aos moradores a possibilidade e oportunidade de escolha e oferta infinita; mas que igualmente nos prende e nos faz refém justamente pelos perigos e distanciamentos afetivos que uma cidade grande provoca. Assim, na escolha assertiva e consciente, fiz os ventos soprarem para novos e diferentes lugares, na tentativa de que pudesse construir uma sólida e fundamentada carreira profissional e que a leveza de uma pequena cidade me proporcionasse respirar novos ares. É claro que este lugar não era tão novo e diferente assim, justamente porque na minha infância, as brincadeiras na rua durante as férias escolares e a casa dos avós era a minha espera e anseio constante. Talvez, a emoção e a efetiva possibilidade de morar no interior me impediram de enxergar as dificuldades que estavam por vir, principalmente no que se refere aos estudos. O necessário deslocamento da cidade, assim como a distância e os custos financeiros são os maiores obstáculos que enfrentei neste sentido. Mas a grandeza divina, o universo que parece conspirar sempre a favor e os meus esforços me levaram a conhecer os caminhos a serem trilhados e tão logo pude encontrar pessoas especiais com as quais tenho o prazer de dividir as experiências e conhecimentos científicos na área da psicologia até os dias atuais. Ser psicóloga – e assim espero que como em qualquer outra profissão – é estar sempre em troca e compartilhamento de ideias em grupos de estudo, supervisão e análise pessoal, no intuito de poder exercer esta linda e recompensadora profissão da melhor maneira, assim como proporcionar aos nossos pacientes a elucidação e compreensão da singular e individual dinâmica psíquica.

Especificamente, o ambiente escolar me rodeou desde muito cedo. Filha de professora, as instituições escolares estiveram sempre presentes, no aguardo da minha mãe no término de suas aulas, nas reuniões com os professores, nas organizações dos eventos e festas, entre outros. Como experiência profissional, a Educação Infantil em uma creche foi o início de tudo, seguida pela Associação de Pais e Alunos Especiais, a APAE. Confesso que as crianças sempre me encantaram e particularmente os estudos sobre o desenvolvimento infantil. Sei que o trabalho psicológico nas escolas requer muito mais o contato com os docentes, mas o conhecimento sobre o desenvolvimento infantil certamente enriquece e está presente neste contexto escolar. E como a última experiência escolar – a qual permanece até os dias atuais – desenvolvo um trabalho dentro

das instituições de ensino desta pequena cidade do interior de São Paulo. Trabalho este que me enche de orgulho, realizações e me faz acreditar em um futuro próspero. As demais experiências profissionais que tive no ambulatório de saúde mental e a casa de acolhimento de crianças vulneráveis, ainda que não se configure como escola, posso sim considerar pela riqueza do aprendizado. E a clínica particular, esta merece também um destaque no meio disso tudo, uma das minhas paixões!

Creio que este olhar clínico me favorece diversas vezes, uma vez que os encaminhamentos realizados pelas docentes para atendimentos clínicos e fora da instituição escolar, me obriga a discernir sua efetiva necessidade e conseqüentemente as devidas orientações a estes profissionais. É verdade que ao iniciar este meu último trabalho na rede municipal de ensino, minha função se restringia a atender, de maneira clínica, os encaminhamentos realizados pelas escolas, principalmente relacionados à dificuldade de aprendizagem. Não desmereço, de maneira alguma, esta função a mim atribuída, muito pelo contrário, defendo a possibilidade e disposição de todos – e aqui incluo todos sem exceção, não somente as crianças – em poderem se permitir e submeterem-se à terapia pessoal. Mas estava ciente que havia muito mais a fazer, em especial no olhar que estava por trás e antes de tais encaminhamentos. Foi então pude efetivar uma mudança – confesso que de certa forma radical – em estar cotidianamente nos ambientes escolares e poder estar junto das crianças, dos pais e do corpo docente.

Desta maneira e na inegável multitarefa enfrentada no cotidiano escolar, com a diversidade das variáveis e fatores que devem ser refletidos frente às atribuições como psicóloga nesta rede municipal de educação, me levou a procurar um maior conhecimento científico sobre o assunto. Esta procura se deu em especial por assuntos e questões relacionadas à educação, uma vez que a existência de vários pontos de tangência com a ciência psicológica se faz presente e que é extremamente relevante compreendê-los e considerá-los. E assim, como resultado de uma busca na internet que contemplasse tais conhecimentos, conheci o GEPIFE (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização) na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus Araraquara, o qual tive o prazer de freqüentar por um ano. É óbvio que as discussões maiores centravam-se em torno da educação e os necessários diálogos com a psicologia ficavam por minha conta, o que me proporcionou, sem dúvidas, um crescimento profissional e que fizeram-me trilhar por caminhos desconhecidos. A possibilidade de acompanhar, mesmo que à distância, as atividades e reflexões sobre as temáticas da infância, sexualidade e educação sediadas pelo GEPIFE no decurso de uma disciplina nesta mesma faculdade me fez despertar um desejo latente de me tornar pesquisadora. O apoio, a condição de acreditar e apostar no meu trabalho dados pela responsável na administração do meu campo profissional são fatores

que estarão sempre nas minhas orações em forma de agradecimento e gratidão, uma vez que sem os mesmos, talvez minha história enquanto pesquisadora tivesse outro rumo e eu não estaria aqui para narrar. E isso, sem contar as experiências pessoais decorrentes desta trajetória como pesquisadora, as quais as palavras parecem não serem suficientes para expressar a emoção vivida e que realmente não tem preço!

Sendo assim, o mestrado veio em seguida. Para além da questão profissional, um novo projeto de vida se efetivou com essa possibilidade de estudar acerca das grandes temáticas da sexualidade e infância. É claro que em minha trajetória profissional, os grupos de estudos e as supervisões sempre fizeram parte e de maneira frequente na minha vida. Estudar, atualizar e aprofundar conceitos não foi então o grande desafio, mas confesso que a grandiosidade que rodeia o universo da pesquisa me encantou e me encanta cada vez mais. A troca de experiências com colegas mestrandos e doutorandos, a participação e apresentação de trabalhos em eventos científicos, as reflexões e discussões presentes no GEPIFE, a convivência e o prazer de conhecer pesquisadores renomados e a escrita científica são alguns exemplos deste universo tão cativante. Na verdade, acredito que a pesquisa sempre esteve dentro de mim e eu não me dei conta disso antes. A vontade de querer investigar o comportamento humano, de compreender a razão de determinadas atitudes e suas perpetuações, a busca de elucidação através da ciência já são atitudes da minha rotina de trabalho e que não me parece demandar muito além de expressar algo pertencente à minha individualidade.

A oportunidade de desenvolver a pesquisa no espaço do meu trabalho profissional, se fez, ao mesmo tempo que por uma rica experiência, um desafio a ser vencido. O ambiente escolar, que me soa tão familiar, me obrigou a desenvolver uma postura de pesquisadora e vivenciar diferentes e novos olhares. A então possibilidade de ofertar aos docentes os conhecimentos sobre a sexualidade e a infância, me faz acreditar que é possível construir um futuro mais humano e afetivo. E é neste idealismo que sigo em frente na esperança de deixar um colorido humano, em especial para meu filho que chegou de surpresa e fez minha vida virar de cabeça pra baixo, mas afirmo com todas as letras que foi a viagem mais alucinante e mais prazerosa de todas...

É verdade que o futuro é incerto e que não sabemos os acontecimentos do amanhã. Mas digo que se os ventos continuarem a soprar a meu favor e a força divina me der força e sabedoria suficiente, o meu desejo é de que eu possa continuar no caminho apaixonante da minha profissão e da pesquisa e que não me falte o ar para respirar e o impulso para seguir em frente, na certeza de que a vida é um constante movimentar-se!!

## 1 INTRODUÇÃO

Refletir sobre a infância, a sexualidade das crianças e a Educação Infantil é certamente estar imerso em uma infinidade e amplitude de conceitos, somado às distintas perspectivas existentes nestas três grandes temáticas. Ao aprofundarmos na proposta destas discussões, devemos, para além de examinar e conceituá-los separadamente, nos ater na relação existente entre estes temas.

É fato que ao anunciarmos esta etapa de ensino, inevitavelmente a infância se impõe como uma discussão pertinente neste contexto, uma vez que a Educação Infantil contempla as idades entre 4 meses até os 5 anos e 11 meses de idade. Ademais, pensar em Educação Infantil e infância é, igualmente, refletir sobre a existência e dinâmica da sexualidade na e para as crianças. Desta forma, uma intrínseca relação entre estes três grandes temas se faz presente, na qual abordar a temática sobre a Educação Infantil, decerto é abordar sobre a infância e também sobre a sexualidade.

É certo ainda que a sexualidade é um tema polêmico, e que sua abordagem se faz por um terreno argiloso e delicado. E, ao anunciar a sexualidade infantil, sabemos que a discussão se torna mais intensa e impetuosa.

Assim, cientes de todos os tabus, preconceitos e conceitos errôneos imbuídos no tema da sexualidade – em especial sobre a sexualidade infantil e que o senso comum insiste em perpetuar e pulverizar – precisamos, antes de qualquer coisa, considerar que criança que é esta que está diante de nós, os adultos? Qual a concepção que nós apresentamos e, conseqüentemente, como nos relacionamos com estas crianças, em particular no ambiente escolar? Desse modo, nos parece claro e óbvio considerar a dinâmica psíquica e afetiva de cada um, as quais nos revelam a existência dos conflitos relacionais frente às questões de sexualidade na própria infância. É importante citar que a palavra conflito aqui não apresenta um significado patológico, mas sim como configurações naturais da própria constituição psíquica e parte do desenvolvimento emocional de todos os seres humanos, os quais determinam e se consolidam em características da personalidade adulta.

Somado a esta necessidade de compreendermos a dinâmica psíquica e relacional dos adultos para com as crianças, considerar a trajetória e a construção histórica desta faixa etária também se faz necessário – bem como esta se apresenta nos dias atuais – uma vez que tais concepções se arrastam e se presentificam de maneira muito mais intensa do que podemos imaginar.

Todas estas questões nos fazem questionar pelos conhecimentos e informações adquiridas – e neste momento estamos nos referindo especificamente sobre as educadoras na escola – sobre as características e particularidades da infância enquanto grupo etário. Conhecimentos estes que seguramente auxiliam e findam por ampliar a compreensão sobre o assunto. Sendo assim, na certeza da imprescindível, necessária e inevitável relação que se estabelecem com as crianças de um modo

geral, as reflexões caminham para a formação docente e suas devidas funções. Será que a formação destas educadoras não se propõe a descrever a sexualidade infantil e suas distintas manifestações no curso do desenvolvimento das crianças? Ou talvez, será que, em decorrência de mecanismos psíquicos e mesmo que estes aspectos tenham sido abordados durante a formação docente, a dificuldade em aceitar e conceber a existência de sexualidade nas crianças seja o fator de impedimento para que estas importantes discussões estejam presentes e conscientes em cada educadora? Isto nos faz pensar em uma investigação que fizemos com as diretoras escolares sobre suas concepções de sexualidade infantil (Alduino e Perez, 2019) e todas elas negaram algum conhecimento sobre sexualidade, ainda que uma delas – e apenas uma em cinco – mencionou ‘aquelas coisas do Freud’, apesar de não apresentar nenhum significado e aplicação na prática profissional. Esta experiência nos reforça a ideia de que a formação docente seja deficitária neste aspecto. É importante sublinhar que estamos longe de querer afirmar a deficiência do planejamento e currículo universitário – o que acreditamos ser de grande valia, mas que foge do objetivo deste presente estudo – no entanto estamos afirmando que, se há discussões sobre a sexualidade na infância e suas manifestações, estas precisam ser ampliadas (ou até mesmo instituídas) para que tais reflexões possam obter alguma assimilação para futuros desdobramentos no ambiente escolar.

Acrescentamos ainda que, frente ao nosso cotidiano de trabalho dentro das instituições escolares e em contato direto e frequente com o corpo docente, podemos afirmar que a sexualidade infantil é um tema muito silenciado e raramente abordado na relação professor-aluno. Isto não significa que o tema da sexualidade seja despercebido e ignorado por completo, mas o receio e a dificuldade em abordar este assunto com as crianças ficam evidentes.

Diante disso tudo, a inevitável demanda em se refletir e efetivar uma educação como emancipatória se faz mais do que presente. Emancipação esta tão amplamente defendida e difundida a partir do ano de 1950 por Paulo Freire, a qual infelizmente apresenta muitas distorções ditadas atualmente pelo sendo comum. Pensar educação emancipatória é, de maneira muito sucinta e breve, propiciar a capacidade de reflexão crítica dos estudantes rumo às transformações sociais e pessoais. Além disso, pensar em educação emancipatória é também, e ao mesmo tempo, estar em consonância com a função da escola prevista pela Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988), a qual estabelece que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (art. 205).

É sabido que as transformações sociais e as desconstruções de concepções mentais são processos lentos e que, pouco mais de meio século não são suficientes para podermos visualizar

uma educação emancipatória e as devidas transformações tão desejadas na escola. E são exatamente estes fatores que nos convidam, nos movem e nos fortalecem na luta cotidiana.

Transformações e desconstruções estas que nos fazem recordar que a ciência psicológica, ao descrever e postular, no ano de 1905, a existência de sexualidade ainda em crianças muito pequenas, já que Sigmund Freud choca a sociedade da época, a qual concebia a ausência de sexualidade na infância. E assim, os questionamos continuam e indagamos neste momento: será que estamos falando do começo do século passado, ou será que estamos falando de concepções de uma sociedade atual? Será que conceber a presença de sexualidade em crianças desde o nascimento já faz parte do nosso cotidiano no século XXI? Certamente que não! Fato este que traduz as dificuldades e os entraves decorrentes dos impedimentos psíquicos e da perpetuação de produções históricas e culturais que circundam as reflexões sobre o tema da sexualidade infantil. Assim, a evidente necessidade de desconstruir historicamente os conceitos errôneos – que desembocam em preconceitos e tabus – além dos relevantes aspectos psíquicos e sua correspondente saúde mental são as justificativas mais latentes destes esforços.

Estas reflexões também nos obrigam a contemplar a organização institucional em si, a qual apresenta um significado e um movimento particular que contribui e fomenta os desafios que este tema provoca. Na Instituição Escolar, pelo simples fato de sua existência e no cumprimento de sua funcionalidade, a diversidade, como um fato inegável, se torna um fator de extrema importância ao aprofundarmos nossas discussões. Diversidade esta que se presentifica, para além das crianças, nos agentes humanos que ali trabalham, sejam estes professores, diretores, coordenadores e demais funcionários que contribuem para a manutenção da rotina escolar. Desta maneira, a pluralidade de fatores e variáveis se impõem impiedosamente e, se consideramos as relações que se estabelecem dentro deste contexto escolar, esta diversidade se amplia muito mais.

Ademais, além de ponderar as concepções e condições psíquicas dos agentes humanos – e aqui consideraremos especialmente as educadoras da Educação Infantil – é preciso destacar que a sexualidade, segundo Freud (1905/2016), se mostra presente desde a mais tenra idade e culmina, como fator primordial na Constituição Psíquica de todos os seres humanos, bem como uma estreita relação com transtornos psíquicos na idade adulta. Assim, é preciso sempre examinar e intervir nas relações que se estabelecem na dinâmica entre as crianças e os agentes humanos presentes nas instituições escolares, na tentativa de poder, para além de atender a lei maior da União, contribuir diretamente com a evolução mental dos educandos – e conseqüentemente da sociedade como um todo – de maneira sadia e eficaz.

Com isso e frente às atribuições cotidianas de trabalho nas Instituições Escolares, os fatores e variáveis presentes nas relações afetivas e humanas que se constroem neste contexto, assim como

nos esclarece Bleger (1992), são fontes de nossas observações e intervenções diárias, as quais devem, certamente, estarem em consonância com os objetivos da instituição em questão. É claro que, na tentativa de atingir este fim, precisamos nos atentar, conforme pregou o referido autor, para além dos conteúdos manifestos e visíveis na rotina escolar, para a necessidade de estarmos alertas para os conteúdos latentes existentes nas escolas. Com isso, nossa atenção também deverá ser cuidadosa com os conteúdos não explícitos, mas que certamente são imprescindíveis neste contexto. Bleger (1992) pontua ainda que tais conteúdos se encontram de maneira inconsciente e velado, e que a necessária exteriorização desta subjetividade e a reflexão de tais processos são igualmente fontes de atuação do psicólogo institucional, as quais provêm a psiquiatria institucional.

Refletir sobre as instituições escolares é também discutir sobre as características e particularidades relevantes de um grupo, o qual, de acordo com Zimmerman (2000), não é uma mera somatória de indivíduos. Um grupo, continua o autor, se comporta como uma totalidade, com identidade e mecanismos próprios, assim como uma série de sentimentos e emoções que são de extrema relevância para que possamos compreender sua dinâmica.

Assim, fica claro que devemos considerar nas discussões sobre as três grandes temáticas deste estudo, além da dinâmica psíquica de cada educadora e a perpetuação histórica e cultural de mitos, tabus e preconceitos, as especificidades da formação grupal que se estabelecem nas instituições, as quais são processos dificultadores e impeditivos que findam por não contribuir pela efetivação de educar uma criança para a sexualidade.

Pensar em educar uma criança para a sexualidade, indiscutivelmente se faz um tema desafiador e ao mesmo tempo intrigante e motivador, ainda que tenhamos ciência de todo este contexto que nos circunda, ainda mais se pensarmos em Educação Infantil. Seria então a etapa de ensino em que se efetiva estas dificuldades? Ou seja, talvez se tivéssemos falando de Ensino Fundamental I – que contempla as idades de 6 anos à 10 anos de idade – a concepção das educadoras poderia ser diferente? É óbvio que ao falar de sexualidade para as crianças maiores a aceitação das educadoras, muito provavelmente, seria maior, já que o final desta etapa de ensino abarca o início da puberdade e o próprio currículo escolar abrange alguns conceitos de sexualidade, apesar de ser somente do ponto de vista biológico. Longe de problematizarmos outra etapa de ensino, mas podemos afirmar, diante nossas experiência e rotina de trabalho também nesta etapa de ensino, que falar de sexualidade para estas educadoras também não é uma tarefa fácil. O trabalho já citado acima sobre a concepção de sexualidade (Alduino e Perez, 2019) foi realizado com diretoras escolares do ensino fundamental I e as mesmas, em sua grande maioria, sustentaram a ideia de que a sexualidade é proveniente de estímulos externos, como o ambiente familiar, a sociedade e a mídia

em geral, e portanto excluem, o fator inato e constitucional da sexualidade no ser humano e acreditam que falar em sexualidade poderia estimular precocemente a criança. Desta maneira, se falar de sexualidade para crianças maiores já se faz por grandes desafios, ao pensarmos em Educação Infantil e sexualidade estes desafios se fazem muito maiores e intensos.

Assim, frente a estes desafios e rumo à efetivação de uma educação sexual, desmistificar o conceito, o uso e as devidas condutas de uma educação sexual seria de grande valia com as educadoras no contexto escolar. Figueiró (1995) descreve a educação sexual como “[...] toda ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana” (p. 8) e refletir sobre este conceito nos faz pensar que, independentemente da ação realizada diante qualquer manifestação sexual das crianças, estamos desenvolvendo uma educação sexual. Ou seja, ignorar, brigar, colocar de castigo, chamar os pais, encaminhar para atendimentos clínicos são alguns exemplos que, além de não condizerem com atitudes que irão contribuir para o desenvolvimento integral de um aluno, estão favorecendo para que a sexualidade não seja educada adequadamente. À vista disto, a importância das educadoras disporem de conhecimentos que as auxiliem para um adequado posicionamento diante das manifestações sexuais das crianças no ambiente escolar faz toda diferença. Com isso, conceber a importância de uma educação sexual no ambiente escolar é claramente considerar muito mais do que o senso comum insiste em acreditar, uma vez que possibilitar o desenvolvimento integral de uma criança vai além de oferecer e transmitir somente os conhecimentos científicos disponíveis nos livros didáticos. Neste sentido, Freire (1983a) deixa clara a intencionalidade da educação ao descrever a necessária busca pelos processos humanizadores, prezando pela autonomia e conscientização dos educandos, os quais perpassam por processos interacionistas e relacionais.

Ainda que em distinta perspectiva teórica, Klein (1921/1981; 1926/1981) já havia postulado que o desenvolvimento psicológico infantil se estabelece através das indispensáveis relações psicoafetivas e descreve a importância do esclarecimento sexual, com certas consequências futuras para a saúde mental das crianças. Outrossim, estas relações psicoafetivas, continuando com a autora (Klein, 1921/1981; 1926/1981), apresentam uma íntima e direta relação com processos que estão intrinsecamente relacionados ao ambiente escolar, como por exemplo, a dificuldade de aprendizagem. Logo, não considerar os aspectos sexuais e suas manifestações no ambiente escolar é certamente, conforme Freud (1905/2016) e Klein (1921/1981), não atribuir relevância à constituição psíquica e seus futuros desdobramentos sociais, afetivos e intelectuais.

Desta maneira e diante todas as dificuldades anunciadas, as quais retratam sobre a formação docente, os processos psíquicos individuais, a construção histórica e cultural, as particularidades institucionais e a dificuldade em se pensar uma educação emancipatória, é de extrema valia investigar e conhecer o universo das educadoras da Educação Infantil – especificamente da rede

municipal de ensino onde esta pesquisa foi realizada – para que assim possamos sistematizar e aprofundar os conhecimentos necessários sobre as temáticas propostas. Para tanto, é preciso interrogar e compreender: quais são os conhecimentos que estas educadoras dispõem sobre a sexualidade humana e infantil? Conhecimentos estes provenientes de alguma formação específica ou seria a formação docente inicial fornecedora de subsídios suficientes para o tema da sexualidade infantil? E qual a concepção de infância, de criança e de sexualidade infantil que estas professoras apresentam? Será que estas profissionais da educação acreditam que o tema da sexualidade infantil é importante para a sua prática profissional na Educação Infantil, assim como na possibilidade de educar uma criança para a sexualidade? Diante disso tudo, como são suas reações frente as manifestações sexuais das crianças no ambiente escolar? Estariam cientes sobre as devidas manifestações sexuais infantis em cada faixa etária e seus devidos desdobramentos na prática profissional?

Sendo assim, fica evidente a necessidade das educadoras adquirirem conhecimentos científicos e apropriados acerca da sexualidade, suas manifestações e as devidas condutas nas instituições escolares, para que possamos desmistificar conceitos errôneos e fomentar o desenvolvimento psíquico, social e intelectual das crianças. Desta forma, este trabalho apresenta como objetivo geral:

- ✓ Ofertar e desenvolver um projeto de intervenção em formação continuada às profissionais da educação da Educação Infantil afim de investigar e compreender suas percepções e ações sob o tema da sexualidade infantil.

A fim de que tais objetivos sejam alcançados, este estudo apresenta-se como uma pesquisa empírica, de natureza descritiva e exploratória, sendo sistematizada de forma qualitativa. A elaboração e efetivação do Projeto de Intervenção em Formação Continuada nesta pesquisa vêm ao encontro do propósito da pesquisa-ação, o qual pretende, além de coletar os dados necessários, ofertar os conhecimentos fundamentais e suas devidas intervenções durante o processo de desenvolvimento do projeto.

Para o desenvolvimento e fundamentação teórica desta pesquisa, uma aproximação e os possíveis diálogos entre a psicanálise e alguns fatos histórico-culturais foram utilizados. A possibilidade de aproximar estes referenciais e seus respectivos autores se justificam pela necessidade e relevância de considerarmos os dados históricos e culturais já introjetados e presentes nos indivíduos de determinada sociedade, assim como estas concepções influenciam diretamente nas relações que os indivíduos apresentam com os pares – e aqui pontuamos a relação do professor

com seus alunos na Educação Infantil. Apesar de não ser o objeto de estudo da psicanálise, os valores culturais e morais da sociedade em que o indivíduo vive são conceitos também abarcados por esta ciência psicológica. Como exemplos, destacamos as três instâncias psíquicas – especialmente o superego –, como também o conceito sobre a necessidade da renúncia instintual para o convívio em sociedade. A aposta e o desenvolvimento da teoria de autores pós-freudianos, tais como Klein e Bion, também revelam a necessidade de considerarmos o meio externo que circunda os indivíduos, assim como as concepções intrínsecas e arraigadas em cada um, as quais influenciam diretamente na qualidade destas relações.

Esta pesquisa foi então desenvolvida com as profissionais da educação na etapa de ensino da Educação Infantil de uma Rede Municipal de Educação de uma pequena cidade do interior de São Paulo. É fato que o porte desta cidade é pequeno, o que viabilizou a efetivação desta pesquisa com todas as docentes desta etapa de ensino. Contudo, ao analisarmos os números expressivos disso tudo, os quais totalizam 104 pessoas entre diretoras escolares e docentes, representantes de 60 turmas provenientes de 8 unidades escolares, é esperançoso acreditar que os conhecimentos adquiridos e suas devidas reflexões possam alcançar os necessários desdobramentos na prática pedagógica para esta quantidade de pessoas. É claro que para a realização desta pesquisa, as autorizações – TCLE – tanto da responsável pela secretaria da educação, bem como de todas as docentes participantes foram pelas mesmas devidamente assinadas.

Assim e como configuração desta pesquisa, em primeiro plano e obviamente, estão presentes os conceitos teóricos que fundamentam este estudo, os quais discorrem sobre alguns dados históricos e culturais sobre a infância, a criança, assim como a trajetória sobre a sexualidade humana e as configurações familiares ao longo dos tempos. A sexualidade infantil e seus devidos desdobramentos para a constituição psíquica na personalidade adulta, sob a perspectiva da psicanálise, também fazem parte deste embasamento teórico.

Em seguida e como metodologia, a descrição e os referenciais metodológicos da natureza empírica da pesquisa são apresentados, assim como os procedimentos e instrumentos utilizados durante o desenvolvimento do projeto de intervenção em formação continuada. A caracterização sobre as participantes e o contexto em que este estudo foi realizado também são retratados nesta sessão.

Para finalizar, são expostas as narrativas de todos os seis encontros realizados durante o desenvolvimento do projeto, o qual nomeamos como “Infância e Sexualidade na Educação Infantil”. O primeiro encontro contou com a aplicação de um questionário para todas as docentes, a fim de que pudéssemos compreender, tanto os conhecimentos já presentes, como as demandas e fragilidades do nosso público alvo sobre as temáticas.

A partir disto, a organização deste projeto de intervenção em formação continuada dispôs de conhecimentos científicos, atividades e apresentação dos Gráficos e Quadros decorrentes do questionário com o intuito de fomentar discussões, reflexões e aprofundar sobre os temas da infância, sexualidade e Educação Infantil. As devidas análises decorrentes das observações, percepções e escuta das participantes são exibidas em conjunto com a narrativa dos encontros.

Cada encontro apresentou um tema e as docentes já haviam sido informadas anteriormente sobre os mesmos. Como segundo encontro e posterior à aplicação do questionário, a exposição apresentou como tema central a construção histórica e cultural de infância e de criança desde a idade média e como esta concepção se mostra atualmente. A necessidade de refletirmos sobre o olhar que os indivíduos e a sociedade como um todo apresentam diante das crianças e da infância, assim como a influência disto nas relações estabelecidas, foi a idéia central deste dia.

No encontro seguinte, apresentamos as noções básicas de sexualidade humana, sua trajetória histórica e cultural, bem como conceitos introdutórios de educação sexual com o objetivo de reconhecer a sexualidade como parte integrante do desenvolvimento infantil.

As diversas transformações dos modelos familiares ao longo da história da humanidade, as necessárias relações de afeto com as figuras parentais e as fases psicosexuais do desenvolvimento infantil foram os temas abordados neste quarto encontro.

No quinto encontro, foi realizada uma rápida revisão dos conceitos já abordados a fim de refletir e analisar alguns tópicos do questionário sobre as manifestações sexuais na infância e sua aplicabilidade no cotidiano escolar.

Por fim e como encerramento, a proposta dirigiu-se ao cotidiano das escolas de Educação Infantil desta rede municipal de ensino, com novas indagações e reflexões para serem sempre repensadas e discutidas no dia-a-dia destas instituições escolares. As docentes então preencheram uma sistematização de estudo para verificarmos suas percepções sobre os conhecimentos científicos transmitidos e a aplicabilidade na rotina escolar.

Com isso, a necessidade de investimento em formações continuadas que fomentem as temáticas sobre a infância e a sexualidade infantil na etapa escolar da Educação Infantil torna-se evidente, com a qual fomenta contribuições sólidas e práticas para o desenvolvimento de ações pedagógicas dentro do ambiente escolar.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A infância, a sexualidade das crianças e a etapa escolar que contempla a Educação Infantil carregam consigo elucidações científicas e comprovadas acerca destas três grandes temáticas. Nesta sessão, será apresentado o arcabouço teórico que fundamenta e sustenta tais temas centrais desta pesquisa.

### 2.1 A infância e a criança: um breve percurso acerca da construção histórica e cultural

Ao aprofundarmos os estudos acerca das crianças e especificamente da infância, obviamente verificamos um relevante percurso histórico e cultural ao qual devemos nos ater. Atualmente, o significado apresentado no dicionário descreve a infância como o “período da vida humana que vai do nascimento ao início da adolescência” (Houaiss, 2011, p. 534). Com isso e diante deste significado, podemos perceber a existência, antes de qualquer coisa, de uma concepção de criança e de infância.

Contudo, esta concepção e a idéia que concebemos sobre a infância nos dias de hoje nem sempre foi assim. Ariès (1981) descreve, baseado nos registros históricos disponíveis da época – diários, pintura, testamentos e iconografias – que a ideia de infância não estava ligada aos fenômenos biológicos e sim pelo desempenho das funções sociais, isto é, “só se saía da infância ao se sair da dependência, ou, ao menos, dos graus mais baixos da dependência” (p. 42). Ainda segundo o autor, isto pode ser notado através da arte medieval que, até por volta do século XII, não havia a tentativa de representação de crianças e, quando as retratavam, não observavam diferenças em relação ao adulto, sejam estas nas expressões faciais e tônus musculares.

A esta indiferença, o referido autor explana também sob os diversos aspectos da vida cotidiana e social, nas quais exemplifica através dos trajes e vestimentas, que logo após as crianças não utilizarem mais os cueiros, suas vestes eram iguais às dos adultos. Os jogos e as brincadeiras são também outros exemplos descritos pelo autor em que, os divertimentos e as fantasias eram comuns aos adultos e as crianças.

‘Adulto em miniatura’ e ‘mini adulto’ são expressões utilizada por Ariès (1981) para designar essa indistinção entre o mundo das crianças e dos adultos, o que o fez denominar a ‘inexistência do sentimento da infância’. Sarmiento (2007) também descreve a invisibilidade social das crianças, retratando-as como algo relacionado à incompletude, algo que não está incompleto. Neste sentido, o autor postula que a infância é um ‘ser em devir’ e afirma que “há uma marginalidade conceptual no que respeita à idéia ou imagem de infância no passado, que é correlata

da marginalidade social em que foi tratada” (Sarmiento, 2007, p. 26). A não existência de vida privada durante a Idade Média foi igualmente, segundo Postman (2006), uma das peculiaridades da época que contribuíram para esta concepção de criança marginalizada.

Especificamente no campo da sexualidade, Ariès (1981) descreve também sobre esta indistinção e as brincadeiras sexuais com as crianças eram muito comuns e os adultos se divertiam muito com as ereções ao brincar com seus órgãos genitais. Tal concepção era devido à crença de que a criança pequena era indiferente e alheia à sexualidade, bem como acreditar na criança como inocência.

Já no contexto brasileiro, Minella (2006) detalha os papéis sexuais e as hierarquias de gênero durante o período colonial e imperial, na qual pôde descrever as desigualdades sociais e as polarizações entre meninos e meninas em diversos âmbitos da vida cotidiana. A partir dos registros históricos, a autora evidencia estas desigualdades descrevendo os padrões na família, na escola, no trabalho, nas atividades das diferentes classes sociais e nos jogos e brincadeiras. Desta maneira, Minella (2006) preenche um vazio científico que correlaciona a infância e as relações de gênero ao elucidar as hierarquias que, por consequência acentuam as desigualdades sociais entre os sexos.

Muito além da reprodução artística e dos aspectos da vida cotidiana, social e sexual, fica evidente que a infância propriamente dita não era concebida como tal, o que denota o não reconhecimento das particularidades e das características peculiares das crianças como uma fase própria do desenvolvimento.

A mortalidade infantil se fez um grande vilão e contribuiu significativamente para a ‘inexistência do sentimento de infância’ presente naquela época (Ariès, 1981). É importante frisar, assim como nos alerta o autor, que esta inexistência do sentimento de infância não significa uma ausência de afeição e negligência para com as crianças e o trecho abaixo exemplifica bem este contexto:

As pessoas não podiam se apegar muito a algo que era considerado uma perda eventual. Isso explica algumas palavras que chocam nossa sensibilidade moderna, como estas de Montaigne: ‘Perdi dois ou três filhos pequenos, *não sem tristeza*, mas sem desespero’. Ou estas [...] ‘Ela ficou muito aflita, e disse que jamais terá uma outra tão bonita’ [grifo nosso] (Ariès, 1981, p. 99-100).

É somente por volta do século XIII, pontua Ariès (1981), que as crianças começam a ser reproduzidas pela arte mais próximas do sentimento moderno, ainda que de forma rudimentar e longe da concepção que conhecemos atualmente. Neste sentido, Sarmiento (2007) pontua os aspectos sociais que favoreceram esta transformação:

[...] mais do que uma ausência da consciência da infância, na Idade Média e na pré-modernidade, existiam concepções que foram profundamente alteradas pela emergência do capitalismo, pela criação da escola pública e pela vasta renovação das ideias com a crise do pensamento teocêntrico e o advento do racionalismo. Os séculos XVII e XVIII, que assistiram à estas mudanças profundas na sociedade, constituem o período histórico em que a moderna ideia da infância se cristaliza definitivamente, assumindo um caráter distintivo e

constituindo-se como referenciadora de um grupo humano que não se caracteriza pela imperfeição, incompletude ou miniaturização do adulto (p. 28).

Outra transformação social é acrescentada por Postman (2006) quando descreve que a prensa tipográfica também contribuiu para que houvesse uma segregação entre o mundo adulto e o mundo infantil. O autor justifica que a tipografia criou um novo mundo simbólico, o qual impôs a necessidade de criar uma nova concepção e as crianças foram excluídas. É claro que, assim como continua Postman (2006), a cultura européia propiciou para receber este novo advento e assim, a inevitável dispersão da prensa se tornou presente, o que modificou certamente os hábitos das pessoas e tornou natural e aceitável a condição psicológica do individualismo.

Diante disso, a infância e a criança conquistaram um lugar e um espaço próprio, o que possibilitou à ciência – principalmente a partir do século XIX – o debruçar e reconhecer as particularidades e especificidades das crianças frente à uma fase do desenvolvimento humano. Postman (2006) pontua que as diversas publicações de livros pediátricos também reforçaram o espaço conquistado pela criança e infância propriamente dita.

Cientes desta importante conquista, as reflexões caminharam para o lugar que a criança ocupa na sociedade atualmente. Segundo Postman (2006), algumas características das crianças e jovens o faz afirmar um ‘desaparecimento da infância’ nos dias atuais. Exemplos não faltam ao autor ao descrever sobre este aspecto, tais como, o comportamento sexual das crianças que se assemelham ao dos adultos; as mudanças na indústria têxtil, as quais as roupas infantis deram lugar a roupas iguais à dos adultos; a não diferenciação da linguagem entre o mundo adulto e o mundo infantil, bem como em relação aos jogos e as brincadeiras. A criminalidade é outro exemplo citado em que há uma notável diminuição na diferença entre os crimes infantis e os crimes praticados por adultos.

Em vista disso, o referido autor postula que, após o advento do telégrafo, a condição simbólica – tanto psicológica, quanto social – também se modifica, na transposição da expressão pessoal e regional para uma expressão impessoal e global. Neste contexto, certamente a individualidade também perdeu seu espaço, acarretando muito significado para as crianças e para a infância.

Nos dias atuais, é fato que os meios eletrônicos estão postos na cultura lúdica, entre eles podemos citar a televisão, o rádio, o cinema, o celular e a internet. Postman (2006) descreve significativas mudanças psicológicas e sociais da população, em especial para as crianças e reitera o desaparecimento da infância ao pontuar que:

A televisão destrói a linha divisória entre infância e idade adulta de três maneiras, todas relacionadas com sua acessibilidade indiferenciada: primeiro, porque não requer treinamento para aprender sua forma; segundo não faz exigências complexas nem à mente nem ao comportamento; e terceiro porque não segrega seu público. [...]

Dadas as condições que a cabo de descrever, a mídia eletrônica acha impossível reter quaisquer segredos. Sem segredos, evidentemente, não pode haver uma coisa como infância (p. 94).

Outro autor que expõe sobre a influência dos meios digitais na cultura lúdica, Brougère (2010), descreve que “a cultura lúdica incorpora, também, elementos presentes na televisão, fornecedora generosa de imagens variadas” (p. 56).

Sendo assim, a reflexão caminha sobre o também desaparecimento da fase adulta, em que o referido autor relata uma não diferenciação entre a fase adulta e as crianças, no caminho em que essas duas etapas se coincidem em uma só.

Diante desse contexto e na certeza de que as especificidades e particularidades já foram postas através da luz da ciência, precisamos continuar a luta e os esforços rumo a fomentar o lugar único e exclusivo que a infância e as crianças merecem.

### **2.1.1 As imagens sociais e suas respectivas concepções**

É claro que os ganhos obtidos com a caracterização da criança como um grupo etário, com suas características e particularidades próprias são imensuráveis. É fato também que as concepções históricas e culturais se arrastam e perpetuam durante muito tempo e que suas desconstruções são processos muito lentos. Com isso, muitas das antigas e arcaicas concepções continuam a existir e permanecem vivas até os dias atuais. James, Jenks e Prout (1998) citado por Sarmento (2007) descrevem as imagens sociais, as quais sintetizam as concepções de infância e de criança presentes em cada indivíduo. Tais imagens sociais de criança pré-sociológica propostas por James et al. (1998) citado por Sarmento (2007):

[...] correspondem a tipos ideais de simbolizações históricas da criança, a partir do início da modernidade ocidental, com expressão conceptual na obra de filósofos ou outros homens do pensamento e da ciência, mas que disseminaram no quotidiano, foram apropriados pelo senso comum e impregnam as relações entre adultos e crianças nos mundos de vida comum (p. 30).

Convém ressaltar que estas imagens não são etapas ou estágios históricos e sim são imagens dominantes em um determinado momento, as quais coexistem e se sobrepõem. O autor acrescenta que tais imagens continuam a modelar as ações e práticas no nosso dia-a-dia.

A primeira imagem social a ser descrita foi nomeada como ‘criança má’, a qual está pautada na concepção filosófica de Hobbes em que a criança é dotada de instintos, com manifestações indomáveis e potenciais para o mal. Sarmento (2007) descreve que diante desta concepção, há a necessidade de serem domesticadas, controladas, educadas e socializadas através da razão, da autoridade dos pais e pelo poder do Estado.

Segundo o autor, nos dias atuais, esta concepção é claramente observada nas imagens tidas das crianças principalmente de classes populares, sobretudo nos princípios de ‘famílias desestruturadas’, as quais precisam de intervenções paternalistas e medidas de repressão infantil, tais como a redução da idade penal, reforço de regulamentos disciplinares, entre outros. Tebet (2013) acrescenta que “nesta abordagem, a estrutura normativa do adulto é tomada como referência de valor positivo e com uma variável independente enquanto tudo o que se diz respeito às crianças é assumido como inadequado, imaturo, ‘infantil’” (p. 23).

Em contrapartida disso, a ‘criança inocente’ é outra imagem social citada por Sarmiento (2007), em que apresenta como base um romântico mito da criança como inocente, pura, bela e bondosa. A concepção de que a natureza infantil é genuinamente boa e somente a sociedade a corrompe foi baseada no paradigma filosófico de Rousseau. A ideia aqui, como nos lembra Tebet (2013), é de que a maldade das crianças é compreendida como resultados das ações dos adultos e do tratamento que lhes são oferecidas.

As expressões modernas desta imagem social, segundo Sarmiento (2007), são os atuais modelos pedagógicos centrados na criança como um futuro do mundo e que suscitam os debates políticos e pedagógicos.

A ‘criança imanente’ contém a visão de um potencial desenvolvimentista na criança, em que a se expressa através da base filosófica de Locke – a ‘tábula rasa’ – na qual podem ser inscritas a virtude, a razão, a bondade, mas também o vício, a desrazão e a maldade, cabendo à sociedade o crescimento coeso e adequado.

Com isso, conforme Sarmiento (2007), o potencial de todo o ser humano é a base que sustenta esta imagem social, e as crianças são consideradas como um projeto de futuro, na dependência de uma moldagem na infância.

A psicologia do desenvolvimento, principalmente com os trabalhos de Piaget é o referencial da quarta imagem social – a ‘criança naturalmente desenvolvida’. A concepção aqui, de acordo com Tebet (2013), estabelece que a criança é um ser biológico incompleto e que seu desenvolvimento segue uma sequência de estágios hierárquicos que são definidos temporalmente.

Esta imagem social exerce uma influência na pedagogia, nos cuidados médicos e sociais, nas políticas públicas e nas relações dos adultos com as crianças cotidianamente. A expressão desta imagem é a mais poderosa e com mais influências atualmente (Sarmiento, 2007).

E por fim, a última imagem a ser apontada é a ‘criança inconsciente’. Assentada na psicanálise e Sigmund Freud como referencial apresenta o inconsciente e o determinismo como decisivos e o comportamento humano decorre do conflito relacional com as figuras parentais ainda na infância (Sarmiento, 2007). Tebet (2013) descreve que, dada a importância das experiências

vividas na infância e suas consequências para a vida adulta, a Educação Infantil, assim como os demais responsáveis pela socialização da criança desempenha um papel fundamental na prevenção de neuroses adultas. Além disso, continua a autora, esta teoria é realçada pelos autores – James, Jenks e Prout (1998), os quais são a base de Sarmiento para descrever estas imagens sociais. Sarmiento (2007) porém, tece uma crítica acerca do viés interpretativo que impede a criança ser analisada não a partir dela mesma, e sim a partir de um adulto.

Sendo assim, a descrição e a identificação das imagens sociais possibilitam, não apenas simbolismos e sim reais perspectivas rumo às interpretações e justificativas das ações dos adultos frente às crianças. O autor conclui que:

A busca de um conhecimento que se desgarre das imagens constituídas e historicamente sedimentadas não pode deixar de ser operada senão a partir de um trabalho de desconstrução dos seus fundamentos, essa perscrutação da sombra que um conhecimento empenhado no resgate da infância é chamado a fazer (Sarmiento, 2007, p. 33).

Com isso, Sarmiento (2007) clama para que tais concepções possam ser desconstruídas e descreve, em especial na última imagem social apresentada, que o fundador da psicanálise introduziu um viés interpretativo sobre a criança sem que o contato com a mesma tenha sido realizado. Neste momento, é importante dizer que o objeto de estudo freudiano está assentado na compreensão da dinâmica psíquica e seus decorrentes conflitos internos, e não aos movimentos sociológicos, culturais e históricos – apesar de não os desconsiderar. Neste sentido, a busca da psicanálise se pauta na elucidação do psiquismo e das relações objetais, as quais são de naturezas distintas e que diferem substancialmente das imagens pré-sociológicas apresentadas.

Ademais, na perpetuação e evolução da teoria psicanalítica, autoras como Melanie Klein (Klein, 1921/1981; 1926/1981) e Arminda Aberastury (Aberastury, 1982) ampliaram e aprofundaram a compreensão do desenvolvimento infantil e desenvolveram uma teoria e técnica para a psicoterapia de crianças. Vale ressaltar que a teoria freudiana nunca fora questionada pelas autoras referidas acima e que suas maiores contribuições foram sobre o manejo clínico e a forma de abordagem, e não quanto à teoria em si. Resumidamente, as autoras ressaltam a importância e a necessidade de atermos ao dinamismo e às relações psico-afetivas que se estabelecem com as crianças de um modo geral e, especificamente neste trabalho, na relação entre os pares professor-aluno no ambiente da escola.

É claro que não estamos aqui desconsiderando a existência da imagem social e que claramente percebemos esta concepção no nosso cotidiano entre as pessoas que nos rodeiam. A ideia foi esclarecer as distintas perspectivas e seus respectivos objetos de estudo.

## 2.2 A sexualidade: o conceito e um delineamento histórico

A sexualidade é um tema muito complexo e amplo, que envolve diversas áreas do conhecimento para que o assunto possa ser efetivamente compreendido e aprofundado cientificamente. A sexualidade perpassa por questões históricas, sociais, biológicas e psicológicas.

Primeiramente, ao nos debruçarmos sobre os aspectos históricos e sociais, verificamos que, de acordo com Ribeiro (2009), as práticas sexuais eram expressas na arte e na literatura desde a Antiguidade e que as manifestações se davam de maneira explícita. O autor pontua essa explicitude ao descrever exemplos datados a.C., como os povos da Mesopotâmia, em que as estátuas continham os órgãos genitais em destaque; assim como na Grécia, em que os cálices e vasos eram pintados retratando relações sexuais.

Assim, muito além de perceber que a sexualidade estava presente explicitamente em todos os âmbitos sociais e cotidianos da época, é preciso levar em consideração, como alerta Dulaure (1998), a análise histórica e antropológica da sexualidade, que evidencia que as atitudes eram permitidas e aceitas socialmente. Neste sentido, o autor ressalta a importância e a necessidade dos cuidados para com os cultos e costumes da época, uma vez que, certamente estes costumes e cultos se diferem, e muito, da concepção e uso social da sexualidade nos dias atuais.

De um salto na história e já na Idade Média, no século XV, a Igreja Católica, segundo Ribeiro (2009) e Garton (2009), começa a preocupar-se com as práticas sexuais e institui o que era permitido e o que era proibido, em função dos dogmas religiosos.

Para uma melhor compreensão, é preciso esclarecer o movimento político e social em que a Igreja estava fundamentada desde o final do primeiro milênio e se estendeu até a Idade Média. A Igreja cristã, ainda de acordo com Garton (2009), estava consolidada como instituição religiosa dominante no Ocidente e deixou de ser apenas uma transmissão e elaboração da teologia cristã, sendo influente na sociedade e na política desta época na Europa. Assim, com posse das influências que as atitudes e concepções tidas pelos representantes da Igreja, as noções cristãs de sexualidade haviam tendido para apreciar o ser humano desligado do mundo físico e das vontades humanas. O autor destaca a concepção da Igreja e descreve que “na Europa cristã estas idéias reforçaram a antipatia da Igreja pelo sexo, porque as relações sexuais e os vícios antinaturais roubavam aos homens a vitalidade” (Garton, 2009, p. 118).

Em continuação à história da sexualidade na humanidade, Garton (2009) afirma que na Idade Contemporânea, uma nova moral sexual se fez presente em reação contrária à libertinagem aristocrática do século XVIII e descreve que este período de ‘austeridade, repressão e puritanismo

sexuais repressivos'. Diante disso, ainda segundo o autor, essa nova moral sexual contribuiu para que as discussões sobre sexo, sexualidade e funções corporais passassem a serem vistas como tabus.

É no século XIX que, conforme Ribeiro (2009), a medicina se ocupou com a normatização da sexualidade, na proposta de instituir regras e normas, além de classificar os indivíduos. Kraft-Ebing foi um médico alemão que, em suas obras, estabeleceu vários interditos e normas que influenciaram os médicos e educadores advindos posteriormente. Assim, esta concepção foi postulada no campo científico, com influência direta do cristianismo, no qual a reprodução da espécie, dos ideais cristãos e da família eram o seu objeto de cuidado. E como herança direta, a genitalidade e a heterossexualidade se impõem como caráter normativo. É neste contexto que a sexualidade nasce como campo científico.

### **2.2.1 No contexto brasileiro**

Ao aprofundarmos na história do Brasil, no ano de 1.500, os portugueses, aqui recém chegados, se depararam com a nudez das índias e, de acordo com Ribeiro e Bedin (2013), as mesmas não concebiam o ato sexual com pudor da mulher europeia. Muito pelo contrário, os autores afirmam que, para as índias, a relação sexual era livre de qualquer impedimento, o que fez com que os primeiros colonizadores as tomassem por mulheres. Os padres e jesuítas, por não aprovarem a união entre os portugueses e as índias, “[...] levantavam a voz contra práticas sexuais tão contrárias aos princípios da Igreja Católica” (Ribeiro e Bedin, 2013, p. 157).

Tal comportamento, ainda segundo os referidos autores, foi descrito na carta de Pero Vaz de Caminha ao rei Dom Manuel e que pode ser uma prova da primeira impressão sexual que um europeu teve dos liberais costumes presentes na cultura brasileira. A cultura sexual indígena, livre da culpa cristã, permitiu a liberação da energia sexual do branco e pode ser considerada a primeira condição para o favorecimento das práticas sexuais na Colônia.

Com isso, ainda segundo os autores, a existência de duas posturas diferentes na Colônia se fez presente. Isto é, de um lado a concepção dos primeiros povoadores, que encontrou nas índias a possibilidade de saciação dos desejos sexuais, as quais eram livres de impedimentos, interditos e a culpa cristã europeia; e de outro lado a concepção que os jesuítas queriam impor.

As práticas sexuais em nosso país deste período, na perspectiva sobre as relações de gênero, são descritas por Ribeiro (2004), as quais se apresentaram diferentemente. Enquanto que para o sexo masculino, as manifestações sexuais eram permitidas, libidinosas e pluriétnicas, para as mulheres cabiam a submissão e a repressão. A Igreja tinha um papel de extrema influência, uma vez em que as normas e as regras eram por ela ditadas, com condenação a quem as infringisse.

Após o período pré-colonizador, inúmeros escravos africanos povoaram igualmente a sociedade brasileira e assim, negros e negras também foram submetidos aos desejos dos senhores e o objeto sexual do branco foi ampliado.

É preciso salientar as diferentes formas de liberdade sexual existentes: para a elite dominante da sociedade colonial agro-açucareira, a tendência pró-sexual era unilateral em que somente os homens tinham voz e razão. As mulheres, brancas ou negras, eram submissas e a elas era negado qualquer direito, sendo que as brancas seriam mães de seus herdeiros e últimas em objeto de desejo.

Na certeza de que este não foi o único contexto histórico com reflexos para a concepção sexual no Brasil, Parker (1991) descreve que a cultura sexual brasileira é cheia de contradições, na qual a existência de uma ordem social patriarcal e dominada pela Igreja Católica se fez muito presente, com permissividade, proibição, práticas sexuais e culpa.

É fato também a dificuldade em selecionar e descrever material de pesquisa histórica no Brasil Colônia, a qual foi descrito por Nagle (1984), uma vez que há falta de tradição para esses estudos historiográficos.

Tal documentação se transforma no Brasil Império, de acordo com Bedin (2016), uma vez que a existência de teses, eventos, livros e manuais pôde se tornar uma realidade, com a institucionalização do conhecimento científico. Segundo a autora, a medicina foi a disciplina em que o discurso sexual se estabeleceu. A educação às famílias de ordem física, moral e sexual, com preocupações com a saúde da mulher, o casamento, a saúde dos homens e o celibato foram as atenções da medicina neste período. Assim, várias mudanças nos costumes familiares ocorreram decorrentes desta influência.

As fortes influências da medicina para o campo da sexualidade se impuseram neste contexto, as quais continuaram até o século XIX e a publicação de vários livros e teses são exemplos disso. Bedin (2016) enumera diversos títulos com o foco voltado para uma medicina higienista e destaca que a “[...] posição médica do século XIX é a intervenção da medicina ditando regras para as famílias e para a sociedade, reproduzindo sua função normalizadora (Bedin, 2016, p. 24).

Do século XIX às primeiras décadas do século XX, a relação da medicina com a sexualidade se torna cada vez mais intensa, culminando com o surgimento da sexologia enquanto campo oficial. Diante disso, há uma produção vasta de obras sobre educação sexual e atrai, além de médicos, educadores e psicólogos.

O campo da sexualidade enquanto ciência sofre mais uma vez por transformações. A repressão advinda do regime político de 1964 foi um movimento importantíssimo, com a retomada

somente após os anos de 1980 com o advento da AIDS. Neste contexto, as mulheres ganham um maior espaço no mercado de trabalho e uma maior liberdade sexual com o advento da pílula anticoncepcional.

Assim, com início aos questionamentos sobre os tabus, preconceitos e posturas conservadoras, as mudanças de comportamento se fizeram inevitáveis. É neste contexto que o interesse pela Sexualidade enquanto campo científico retorna.

### **2.3 Uma perspectiva sobre a sexualidade infantil, suas manifestações e seus direcionamentos**

Pensar em sexualidade requer uma compreensão ampla da dimensão humana, a qual perpassa pela condição biológica e na certeza de que os aspectos psicológicos e emocionais se assentam nestas condições, assim como as questões históricas, culturais e ambientais.

Contudo, o senso comum parece não considerar toda esta amplitude e comumente restringe e relaciona a sexualidade estritamente às questões biológicas e ao sexo propriamente dito, e desconsideram as outras dimensões tão importantes e necessárias ao nos aprofundarmos neste complexo tema. Neste sentido, considerar a sexualidade como condições que endereçam somente a uma sexualidade genital é certamente desconsiderar por completo a existência de sexualidade na infância e suas diversas e diferentes manifestações.

Ao recordarmos o anúncio da existência da sexualidade na infância, Sigmund Freud chocou a sociedade vienense ao postular uma infância que se contrapõe à tradicional noção de pureza e inocência. E assim, a insistência do senso comum em correlacionar a sexualidade à genitalidade, é insistir em conservar, ainda que há mais de cem anos depois da postulação científica, a existência de uma criança assexuada. Assim como alerta o autor, desconsiderar a sexualidade na infância, “[...] não é apenas um erro qualquer, mas de grandes consequências, pois principalmente a ele devemos nosso atual desconhecimento das condições fundamentais da vida sexual (Freud, 1905/2016, p. 73).

Com isso, na proposta de que o conhecimento deve ser aprofundado, renovado, transmitido e aplicado no cotidiano das pessoas, é extremamente relevante consolidar e referenciar a concepção aqui neste trabalho adotado. Assim, diante da amplitude e diversas perspectivas que o tema permite, o propósito aqui se direciona aos conteúdos que a psicanálise se apropria, bem como a compreensão de alguns dados históricos culturais.

Vale a pena referenciar que a psicanálise é um método de investigação dos processos psíquicos e inconscientes da mente humana, que foi criado por Sigmund Freud, o qual nasceu em 1856, em uma família judaica, em Freiberg – na época pertencente ao Império Austríaco. Começou sua carreira como neurologista e passou a dedicar-se à clínica das neuroses e, pouco a pouco, à

investigação psicológica. O interesse do referido autor pelo tema da sexualidade se deve, segundo Strackey (1969), às observações clínicas acerca dos fatores sexuais como causa da neurose de angústia, da neurastenia e das psiconeuroses. Inicialmente, Freud, ainda conforme Strackey (1969), abordou o tema da sexualidade a partir da fisiologia e da química, com descrições aos processos de excitação e de descarga sexual. A menção às zonas erógenas nas crianças e seus vínculos com as perversões, ainda que já referenciada em 1896 em uma carta à Fliess (Carta 52) e com alusões de uma abordagem mais psicológica sobre o assunto, está longe de ser o final de sua teoria sobre a sexualidade infantil. Neste momento, como esclarece Strackey (1969):

Freud dispunha de uma explicação completa da histeria, com base nos efeitos traumáticos da sedução sexual na primeira infância. Durante todos esses anos anteriores a 1897, porém, a sexualidade infantil era encarada como nada além de um fator latente, passível de vir à luz, com resultados desastrosos, *somente pela intervenção de um adulto* [grifo nosso](p. 79).

Como podemos verificar, Sigmund Freud apresentava inicialmente a concepção de sexualidade na infância passível de influências e experiências externas. É fato que não podemos fechar os olhos e desconsiderar os fatores externos, principalmente aqueles de ordem mais invasivas e traumáticas. Neste sentido, o próprio autor anuncia e reconhece a influência ‘grande e duradoura’ destas circunstâncias, que faz com que a criança tenha satisfação, prematuramente, das zonas genitais.

Contudo, é a partir da descoberta de conceitos como a pulsão que sua teoria pôde se desenvolver por completo. Isto é, há uma mudança de concepção neste momento, em que a sexualidade não é mais vista enquanto instinto e sim como pulsão. Uma breve descrição deste conceito tão importante e decisivo para a compreensão desta concepção da sexualidade na infância se faz necessária e pôde ser descrita por Laplanche e Pontalis (2004) como:

Processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objetivo ou graças a ele que a pulsão pode atingir seu objetivo (p. 394).

Desta forma, conceber a sexualidade enquanto pulsão é conceber que a criança é um ser desejante, independentemente da estimulação do meio externo e dos fatores externos. Com isso, Freud (1905/2016) reitera a afirmação de que a sexualidade está presente em todos os seres humanos e desde a mais tenra idade. Muito além disso, o autor postula que há uma fonte de excitação corporal evidente da atividade sexual e que a satisfação não é direcionado para terceiros e sim como uma satisfação no próprio corpo, ou seja, a satisfação é autoerótica. É em posse desta concepção que o referido autor informa que “[...] não se requer a sedução para despertar a vida sexual da criança, que esse despertar também pode ocorrer espontaneamente, por causas internas” (Freud, 1905/2016, p. 98).

Neste contexto e graças à amnésia infantil, pouco nos recordemos destes aspectos, salvo alguns fragmentos que, além de se tornarem ininteligíveis, são afastados da consciência. Isto não significa que devemos desvalorizar este período – como o senso comum insiste em acreditar –; muito pelo contrário, tais impressões mobilizam “[...] os mais profundos traços em nossa vida psíquica, e se tornaram determinantes em todo nosso desenvolvimento posterior. Não pode se tratar, então, de um verdadeiro desaparecimento das impressões da infância, mas sim de uma amnésia”(Freud, 1905/2016, p. 76).

Sendo assim, o desenvolvimento sexual infantil, além de um aspecto central na teoria freudiana, é determinante para a constituição psíquica nas crianças e conseqüentemente nos adultos. A atividade sexual nas crianças é então concebida como fonte oriunda dos fenômenos patológicos e seus sintomas, na certeza de uma íntima relação com o desenvolvimento das psiconeuroses, histerias e perversões.

À vista disto, é obvio que as manifestações sexuais nas crianças diferem das manifestações no adulto. A atividade sexual nas crianças, como já descrito acima e proposto pelo fundador da psicanálise, obedece uma ordem de excitação corporal, com conseqüentes prazeres de ordem emocional e psicológico.

A primeira manifestação sexual muito clara e observada já nos lactantes é o ato de chupar, o qual o autor nomeou este período de ‘Fase Oral’, que compreende do nascimento até por volta dos dois anos de idade. Como o próprio nome diz e segundo Freud (1905/2016) a zona oral é o foco de gratificação nesta fase, em que, a boca é a fonte de gratificação e satisfação da criança. Em primeira instância, a criança está apoiada em uma das funções vitais do corpo e em busca da conservação da própria vida, o que deriva posteriormente para uma satisfação corporal e as sensações de prazer.

A ‘Fase Anal’ é a segunda fase da manifestação sexual nas crianças proposta por Freud (1905/2016), a qual compreende dos dois anos aos quatro anos de idade. Assim como é de se presumir com o nome desta fase, a zona erógena está localizada na zona anal, em que a fonte de gratificação da criança volta-se para “[...] as transformações experimentadas pelas excitações sexuais que dela partem, e como frequentemente essa zona mantém, por toda vida” (p. 91).

E, para finalizar, a terceira fase proposta é a fase fálica. Cabe aqui sinalizar que esta não é a última fase postulada pelo autor para as diferentes manifestações sexuais na infância, porém, como a etapa de ensino deste trabalho é a Educação Infantil – que compreende até os cinco anos de idade – encerramos as descrições nesta fase. A fase fálica se estende dos três aos seis anos de idade e apresenta como foco o instinto da pesquisa e do saber, os quais encontram como atividade sexual a curiosidade pela concepção da vida e tão logo pela diferença entre os sexos e o órgão genital masculino. Freud (1905/2016) alerta, porém, que:

O instinto de saber não pode ser incluído entre os componentes instintuais elementares nem ser subordinado exclusivamente à sexualidade. Sua ação corresponde, por um lado, a uma forma sublimada de apoderamento, e, por outro lado, ele trabalha com a energia do prazer de olhar. Mas suas relações com a vida sexual são particularmente significativas, pois a psicanálise nos ensinou que o instinto de saber das crianças é atraído, inopinadamente cedo e com imprevisível intensidade, pelos problemas sexuais, e talvez seja inclusive despertado por eles (p. 103).

Assim, a suposição ou certeza da vinda de um bebê, torna a criança vulnerável com o temor da perda do amor e cuidados, em que se sente ameaçada em suas condições mais primitivas da existência. E como resultado disso, as especulações, os pensamentos e sagacidade da criança se fazem muito presentes e perspicazes. A diferença entre os sexos é rapidamente aprendida e é natural para o menino acreditar que todas as pessoas têm um genital, o que passa a ser uma representação simbólica de virilidade. Já para a menina, o reconhecimento da falta de um pênis fica evidente e ela é então vencida pela ‘inveja do pênis’. Tais teorias sexuais infantis apresentam singulares consequências (Freud, 1905/2016).

O então chamado “Complexo de Édipo” se apresenta durante a fase fálica e o desenrolar deste tão complexo processo psíquico se torna a base para a estrutura de personalidade do indivíduo como um todo. Laplanche e Pontalis (2004) apresentam a seguinte descrição para o Complexo de Édipo:

Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei [da mitologia]: desejo da morte do rival que a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto (p. 77).

Desta forma, é importante frisar que este complexo processo se configura em grande sofrimento psíquico para as crianças, o qual será determinante para a vida sexual futura. O declínio deste complexo é marcado pela entrada da criança na fase seguinte do desenvolvimento psicosssexual, o período de latência.

É imprescindível esclarecer neste momento que, apesar do senso comum pulverizar os conceitos erroneamente, Freud (1909/2016) ao descrever a estreita relação de futuros transtornos psíquicos com a sexualidade reprimida em um garoto de cinco anos, não considera a repressão como desnecessária. Muito pelo contrário, em outro trabalho (Freud, 1930/2016), o autor postula que a necessária convivência entre os seres humanos em uma civilização, requer o controle e regulamentos que regem as relações e comportamentos humanos. O referido autor continua e descreve que:

Outros instintos são levados a deslocar, a situar em outras vias as condições de sua satisfação, o que na maioria dos casos coincide com a nossa familiar sublimação (das metas instintuais), e em outros se diferencia dela. A sublimação do instinto é um traço bastante saliente da evolução cultural, ela torna possível que atividades psíquicas mais elevadas, científicas, artísticas, ideológicas, tenham papel tão significativo na vida civilizada. [...] é impossível não ver em que medida a civilização é construída sobre a renúncia instintual, o quanto ela

pressupõe justamente a não satisfação (supressão, repressão, ou o quê mais?) de instintos poderosos (Freud, 1930/2016, p. 40).

Desta forma, podemos verificar que a indispensável abnegação dos instintos pulsionais – em especial a agressividade e a sexualidade – se faz presente para a convivência em sociedade e que, pelo simples fato da existência de civilidade, é fundamental o deslocamento destas pulsões libidinais para outros fins.

Assim como já apontado anteriormente, Freud (1905/2016) apresenta o desenvolvimento psicosssexual como o aspecto central de sua teoria, o que demonstra a necessidade de termos um cuidado todo especial com este tema. Apesar das críticas, principalmente de que o fundador da psicanálise não teve contato direto com as crianças e sim que sua teoria foi elaborada a partir do contato com o adulto, Melanie Klein é outra autora que, ainda dentro da perspectiva psicanalítica, inaugurou e desenvolveu toda uma teoria e técnica específica para as crianças. Teoria e técnica esta que foi desenvolvida a partir do contato analítico direto com as crianças. Além disso, demais autores psicanalíticos nunca refutaram ou até mesmo questionaram este aspecto, o que confirma a sexualidade como uma característica presente na infância. Klein (1926/1981) menciona que “[...] já nos primeiros anos de vida, as crianças experimentam não apenas impulsos sexuais e angústias, como também sofrem grandes decepções. Juntamente com o mito da assexualidade da criança sucumbiu o mito do ‘paraíso da infância’” (p. 25).

Apesar de seus trabalhos se diferenciarem em alguns aspectos em relação à teoria freudiana, Melanie Klein se declarou seguidora de Freud, e propôs inovações extremamente importantes para a compreensão e acesso à mente infantil. Ainda que existam outras inovações e/ou novas propostas no trabalho da autora, não acreditamos na necessidade de aqui expô-los na íntegra, uma vez que se destoa muito do nosso objetivo.

De maneira muito breve e sucinta, a primeira diferença aqui enumerada é sobre a técnica empregada pela autora, a qual propõe uma maneira totalmente lúdica, através dos brinquedos e dos jogos, na premissa de que:

Ao brincar, ela age ao invés de falar. [...] Mas se tomarmos em consideração as diferenças existentes entre a psicologia da criança e a do adulto – o fato de que seu inconsciente ainda se acha em estreito contato com seu consciente e que seus impulsos mais primitivos atuam paralelamente a processos mentais altamente complicados – e se conseguirmos captar corretamente o modo de pensar e de se expressar da criança, todos estes inconvenientes e desvantagens desaparecerão e poderemos esperar fazer uma análise de criança tão ampla e profunda quanto a do adulto (Klein, 1921/1981, p. 32).

A segunda diferença se refere aos conceitos e descrições da autora (Klein, 1926/1981) sobre as etapas mais primitivas do desenvolvimento psicosssexual, na qual postula que as manifestações e as fantasias sexuais se apresentam de forma muito mais precoce, inclusive a genitalidade.

Para finalizar as diferenciações, a dinâmica psíquica difere, de forma substancialmente da teoria de Freud, uma vez que Klein (1921/1981; 1926/1981) compreende o desenvolvimento psíquico não como em fases sucessoras e progressivas – oral, anal, fálica, latência e genital – e sim como ‘posições’ que se alternam e continuam a existir por toda a vida. Ademais, a autora enfatiza o desenvolvimento com foco nas relações que o indivíduo estabelece e introjeta com os objetos externos. Vale a pena frisar que estes objetos são também compreendidos como pessoas, o que forma a base de sua teoria denominada como ‘relações objetais’.

Contudo, ainda que a compreensão frente à dinâmica psíquica apresente alguns novos olhares, os autores pós-freudianos – e aqui destaco Klein, Bion e Aberastury – reiteram e enfatizam a importância das figuras parentais e suas devidas funções introjetadas para um bom desenvolvimento na infância. É fato que tais figuras parentais, as funções por cada uma desempenhadas e as devidas configurações familiares sofreram – e continuam a sofrer – certas modificações ao longo dos tempos. Uma breve explanação acerca destas modificações se faz necessária e será apresentada abaixo.

### **2.3.1 Os Modelos Familiares em uma Perspectiva Histórica**

Ao retomarmos a história da humanidade, recordemos a Idade Antiga (4000 a.C. à 476d.C.), tomando como referência a Grécia e a Roma. Funari (2002) ajuda a recordar que tanto os gregos como os romanos acreditavam em diversas divindades, cada qual com suas características e destinadas para fins específicos, como por exemplo, o deus do trovão, deus da chuva, deus do sol, deus da água, entre outros.

A sociedade era pautada no patriarcado, em que somente o homem era valorizado. Cabia ao homem romano o desempenho das funções religiosas, econômicas, morais e o pertencimento de todos os bens materiais. Já na Grécia, a mulher era também concebida como inferior e participava apenas na mitologia, na execução de dirigir o trabalho doméstico, vigiar os escravos e regular as despesas da família.

Algumas curiosidades retratam sobre a concepção de infância da época, tais como: o nascimento de um filho romano poderia servir para pagamento de dívida ou ser entregue como escravo, bem como a possibilidade da também participação dos filhos no seio familiar grego era feita pelo homem, em que os bebês rejeitados eram depositados em vasos e abandonados. A educação e a criação dos filhos ficavam sob os cuidados de uma ama e/ou de um escravo e a viabilidade de estudar era privilégio somente para os meninos.

O modelo familiar também se mostrava de forma semelhante e, ainda de acordo com o referido autor, as casas eram grandes, o que possibilitava a não aglomeração e a família se fazia dispersa. Isto é, apesar de existirem várias pessoas vivendo na mesma casa, não exibia a característica de ficarem todos juntos. A privacidade, como ressalta Liberati e Bourbon (2005), não fazia parte dos costumes desta época.

Assim como na Idade Antiga, a privacidade também não esteve presente durante a Idade Média (séc. V ao séc. XV), além das precárias condições de higiene, conforme sinaliza Ariès (1981). Desta maneira, os modelos familiares estão voltados para as relações estabelecidas nos grupos e a forte concepção de pecado se impôs como característica muito marcante desta época – uma vez que a igreja, conforme Galton (2009), se fez dominante com interferência nos padrões de normas, regras e valores morais e éticos. Assim, e como lógica das influências da igreja, a concepção deste período histórico apresentava um único Deus como centro de tudo e de todos, ou seja, uma concepção teocêntrica.

Contrapondo-se aos valores, normas e crenças apresentadas na Idade Média, é com a Idade Moderna (séc. XV ao séc. XVIII) que uma revolução a estes padrões se inicia, inclusive com reflexos nos modelos familiares. Há então, segundo Cambi (1999), um descompromisso com a linhagem e a família:

[...] núcleo de afetos e animada pelo ‘sentimento da infância’, faz cada vez mais da criança o centro-motor da vida familiar, elabora um sistema de cuidados e de controle [...]. Desse modo, cria-se um espaço social para a criança: na família; cria-se um modelo de formação: privado e familiar; cria-se um saber – psicológico, médico, pedagógico – da infância, que nasce sobretudo dos cuidados familiares (p. 195).

Além disso, é na Idade Moderna que, segundo Ribeiro (2009), diante a forte influência de concepção médica e biológica, a família se estabelece como forma de controle e regulação da população em todos os aspectos e menciona que é também neste período histórico que a mulher começa a ser inserida na vida social. Sarmiento (2007), como já apontado anteriormente, descreve que é na Idade Moderna que a concepção de infância e de criança se instada tal como concebida atualmente, e pontua como responsáveis, o processo de industrialização, comercialização, crise do pensamento teocêntrico e a criação da escola pública.

Frente à Idade Contemporânea, que se estende até os dias atuais (desde o séc. XVIII), Ribeiro (2009) sinaliza a conquista do espaço social feminino, com conseqüente perda da força da sociedade patriarcal. A ciência, ainda segundo o referido autor, ganha terreno com a publicação de teses, manuais e livros.

A família se configura novamente e o modelo nuclear passa a ser valorizado, assim como, e logicamente, a privacidade e a higiene. A criança então ganha um espaço social privilegiado, com

demonstrações das particularidades e especificidades próprias do mundo infantil, também postulados pela ciência.

Atualmente, podemos perceber uma busca maior pela privacidade e as famílias têm se configurado cada vez mais nucleares, isto é, há uma crescente diminuição dos números de filhos e as casas se edificam muito menores em relação aos anteriores períodos históricos; o que contribui para uma íntima dependência psíquica dos filhos para com os pais – ou quem quer que exerça esta função.

A ciência continua por descrever e postular a existência de particularidades e especificidades de um mundo infantil, o que se contradiz, de acordo com Postman (2006) – e nossas também observações cotidianas – com uma ideia de adultizar a criança. Nesta perspectiva, que nos remete aos perigos eminentes já vivenciados pela história da humanidade, é preciso preservar a infância urgentemente. E isto, obviamente, se estabelece igualmente diante do tema da sexualidade.

Ao aprofundar-se sobre o desenvolvimento psicosssexual na infância, Klein (1921/1981) descreve a influência do esclarecimento sexual na vida psíquica das crianças e postula que tal esclarecimento propicia, além de outros aspectos, uma ideia de proteção e relata:

O conhecimento obtido pela psicanálise, porém, indica a necessidade, senão de ‘esclarecer’, pelo menos de educar as crianças desde a mais tenra idade, de maneira tal que se tornará desnecessário qualquer outro esclarecimento especial, já que visa ao mais completo e mais natural esclarecimento compatível com o grau de desenvolvimento da criança. As conclusões irrefutáveis que podem ser tiradas da experiência psicanalítica exigem que as crianças sejam, sempre que possível, protegidas contra qualquer repressão por demais severa e assim resguardadas da doença ou de um desenvolvimento errado do caráter (p. 15).

Neste mesmo sentido e apoiado na proposta de poder educar, ensinar e dialogar sobre as questões sexuais, a Educação Sexual atualmente é compreendida enquanto uma área do conhecimento e outras autoras também defendem esta possibilidade e se debruçaram sobre estes conceitos.

## **2.4 A Educação Sexual**

Na certeza de que os esclarecimentos sexuais e as informações devem ser transmitidas e as crianças então orientadas, a fim de que possamos, muito além de proteger, prevenir e desenvolver pensamentos autônomos e independentes; possamos igualmente contribuir – assim como evidencia Freud (1905/2016) e Klein (1921/1981) – para o desenvolvimento de uma mente mais saudável e evitarmos o desenvolvimento de futuros transtornos mentais.

Ao descrever sobre a influência dos esclarecimentos sexuais na infância, Klein (1921/1981) cita, apesar de não ater-se sob este aspecto, a simpatia e o apoio oferecido aos ensinamentos sexuais adotados em muitas escolas. Longe de que querermos pormenorizar a experiência e o contexto

histórico e cultural vivenciado pela autora – que não é brasileira – o ressaltar aqui recai sobre a possibilidade e os benefícios de levarmos as contribuições acerca da psicanálise para os ambientes escolares. E sendo assim, a aplicação destas colaborações psicanalíticas dentro do ambiente escolar viabiliza uma maior amplitude e dimensão numérica ao compararmos à centralização em um único indivíduo, como se propõe um trabalho analítico.

Desta forma, ainda que em uma perspectiva diferente, Figueiró (2006) defende a proposta de que sexualidade, ao ser compreendida como uma educação global e não somente às questões estritamente relacionadas ao assunto, pode e deve ser ensinada nas escolas. A autora descreve que, no Brasil, o ensino escolar é centralizado por uma visão biológica, e portanto normativa, o que impede o entendimento e o acolhimento da sexualidade nas unidades escolares. Neste sentido, Figueiró (2006) define a Educação Sexual como “toda ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja em nível de conhecimento de informações básicas, seja em nível de conhecimento e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionados à vida sexual” (pp. 8-9).

Assim, no intuito de transcender a individualização e rumo ao coletivo, a referida autora explica que a eficácia do programa escolar relacionados à sexualidade, deve abranger uma aprendizagem formal e uma aprendizagem informal. A aprendizagem formal refere-se a um ensino planejado, organizado e sistematizado, portanto institucionalizado, a fim de transmitir conteúdos científicos; enquanto a aprendizagem informal relaciona-se com uma ação sem planejamento prévio, na qual se aproveita uma situação qualquer para ensinar sobre o tema da sexualidade. Ao considerarmos o público alvo deste presente trabalho – a Educação Infantil – estamos logicamente pautadas na aprendizagem informal.

Desta maneira e com o objetivo de complementar sua definição acerca da Educação Sexual, Figueiró (2006) acrescenta que a sexualidade é também entendida como um “engajamento pessoal nos esforços coletivos pela transformação de padrões de relacionamento sexual e social. Para isso, necessita desenvolver sua autonomia quanto a valores e atitudes ligados ao comportamento sexual e sua capacidade de exercer denúncias das situações repressoras da sexualidade” (pp. 39-40). Assim, a autora nomeia este modelo como educação emancipatória, combativa ou política, na qual se compromete com a transformação social.

A menção sobre experiências com resultados positivos é apontado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997), o qual cita que em crianças pequenas, os professores relatam uma diminuição da agitação em sala de aula.

Para além dos aspectos comportamentais e retomando a psicanálise, não podemos deixar de considerar, conforme Klein (1921/1981; 1926/1981) – e os atuais estudos de Souza (2003), por

exemplo, também corroboram – que os aspectos ligados à sexualidade, ainda em crianças muito pequenas, estão estritamente relacionados também ao desenvolvimento intelectual. Assim, na certeza de que esta é uma das funções da escola, a necessidade e a importância de considerarmos os aspectos psicosssexuais se faz cada vez mais relevante. Para tanto, pensar em abordar estes conteúdos nas esferas escolares, nos faz emergir em um terreno, apesar de argiloso, necessário para que possamos compreender e somente assim, agir e aplicar os conhecimentos na tão almejada transformação social. Klein (1921/1981) pontua que:

Podemos poupar à criança a repressão desnecessária liberando – em primeiro lugar e principalmente *em nós mesmos* – toda larga esfera da sexualidade, dos espessos véus do segredo, da falsidade e do perigo, tecidos por uma civilização hipócrita, sobre bases afetivas e desinformadas. Teremos que deixar a criança adquirir tanta informação sexual quanto o requerer crescimento do seu desejo de conhecimento, assim despojando imediatamente a sexualidade do seu mistério e de grande parte do seu perigo. Isto evitará que os desejos, pensamentos e sentimentos – como aconteceu *conosco* – sejam parcialmente reprimidos e, quando a repressão falhar, constituam um peso e falsa vergonha e sofrimento nervoso[grifo nosso](p. 16).

Como podemos perceber, é preciso refletir, assim como os nossos grifos indicam, as nossas próprias atitudes, sentimentos, pensamentos, repressões e desejos diante ao tema da sexualidade. É certo que a linha de frente de todo trabalho educacional perpassa pela figura do professor dentro do ambiente escolar, mas é certo também que todos aqueles, ainda que indiretamente favoreçam para o desenvolvimento das funções cotidianas, devem refletir sobre estes aspectos tão fundamentais. Acrescentamos ainda a necessidade de nos atentar, para além das questões individuais e concepções intrínsecas de cada um, refletir sobre os elementos institucionais e as relações no grupo, que são, apesar de não visíveis aos olhos nus, muito importantes.

## **2.5 A Escola como Instituição e a Subjetividade nas Relações dos Grupos**

Ao pensarmos na instituição escolar nos depararmos com uma grande diversidade de pessoas – alunos, professores e funcionários que ali trabalham – e que logicamente se relacionam entre si. Desta forma e no intuito de promover a formação global das crianças – assim como prevê a Constituição Federal (Brasil, 1988) em suas dimensões intelectuais, físicas, sociais, culturais e psicológicas – além dos conhecimentos necessários, é claro que o estabelecimento de uma boa relação desta tríade é imprescindível neste contexto.

Neste sentido, é exatamente sobre a cultura escolar e as relações que ali se formam, assim como nos esclarece Bleger (1992), que se assenta a função do psicólogo escolar. Assim, ainda segundo o referido autor, a ideia é proporcionar aquilo que denominou como ‘psico-higiene’, para a qual descreve que:

O grande passo em psico-higiene consiste nisto: em não esperar que a pessoa doente venha consultar e sim sair a tratar e intervir nos processos psicológicos que gravitam e afetam a estrutura da personalidade e – portanto – as relações entre os seres humanos (p. 27).

Sendo assim, na premissa de administrar os conhecimentos, técnicas e recursos da psicologia e na proposição de conceber os aspectos emocionais como sociais, o objetivo institucional não se refere somente à doença e sua profilaxia, mas também à promoção de saúde da população. Desta forma, é necessária a transposição dos enfoques individuais rumo à coletividade (Bleger, 1992).

Com isso e frente à possibilidade de desempenhar esta função dentro das instituições escolares, é preciso refletir, fundamentalmente, sobre a instituição e os grupos. Bleger (1992) pontua que a instituição deve ser compreendida em sua totalidade e descreve que a psicologia institucional:

[...] não se trata só de um campo de aplicação da psicologia, mas sim, fundamentalmente, de um campo de investigação; não há possibilidade de nenhuma tarefa profissional correta em psicologia se não é, ao mesmo tempo, uma investigação do que está ocorrendo e do que está fazendo. A prática não é uma derivação subalterna da ciência, mas sim seu núcleo ou centro vital; e a investigação científica não tem lugar acima ou fora da prática, mas sim dentro do curso da mesma (p. 32).

Assim, no desenvolvimento e cumprimento das nossas funções dentro das instituições, Bleger (1995) alerta que a objetividade e a tentativa de neutralidade são esforços em vão em qualquer campo científico, principalmente em psicologia, já que o objeto de estudo é o próprio ser humano. A máxima objetividade, continua o autor, “[...] só pode ser alcançada quando se incorpora o sujeito observador como uma das variáveis do campo” (p. 19). A este fenômeno, Bleger (1995), nomeou como observação participante e com isso deixa claro que todo e qualquer comportamento tramita sempre nas relações e vínculos humanos, o que faz com que cada situação seja singular e exclusiva.

É importante mencionar ainda, que a observação realizada dentro das instituições nos permite dizer sobre os conteúdos manifestos e os conteúdos latentes. Por conteúdos manifestos, de acordo com Laplanche e Pontalis (2004), entendem-se aqueles conteúdos que são expressos verbalmente de maneira clara e explícita, enquanto os conteúdos latentes são produções do inconsciente e que, por distintas razões psicológicas, sofrem transformações e se manifestam de forma distorcida. Com isso, Bleger (1992) esclarece que, muito mais do que poder investigar e agir nos conteúdos manifestos existentes dentro das instituições, é preciso estar atento aos objetivos e conteúdos latentes, os quais, pelo mero fato da existência de seres humanos, a existência da mediação se faz necessária no cotidiano escolar. E ainda mais se consideramos o tema central deste estudo – a sexualidade infantil – que por si só carrega muitos tabus, preconceitos e conceitos errôneos!

Desta maneira e na certeza de que a instituição escolar faz parte da vida das crianças, é preciso cuidar e nos debruçar nas relações estabelecidas neste contexto e aqui destacamos a relação professor-aluno. O comprometimento parece ficar muito maior ao considerarmos que, conforme Bleger (1992) “o ser humano encontra nas distintas instituições um suporte e um apoio, um elemento de segurança e de pertença. A partir do ponto de vista psicológico, a instituição forma parte de sua [da criança] personalidade” (p. 55).

É fato que, na proposta de alcançar os objetivos deste trabalho, o tema da sexualidade infantil será abordado de maneira grupal – como será descrito na sessão seguinte: o método. Para tanto, transcorrer sobre a dinâmica grupal e suas características se faz importante neste contexto.

### **2.5.1 A Dinâmica Grupal e suas Relações**

O conhecimento sobre o funcionamento e os fenômenos que ocorrem nas relações de grupo nos oportuniza a compreensão desta dinâmica que se caracteriza por particularidades específicas, as quais devem e merecem uma atenção especial.

A relevância dos estudos acerca dos grupos se dá, segundo Zimmerman (2007), pela necessária formação da inter-relação que o ser humano realiza, em seus distintos grupos, desde o seu nascimento. Ainda que frente à constituição psíquica, ao retomarmos Melanie Klein – à qual o autor citado acima cita que o desenvolvimento de sua teoria sobre os grupos apresenta uma base kleiniana - a autora descreve a premissa de que as crianças se desenvolvem sempre nas relações e interações humanas.

A inserção humana nos pequenos grupos, continua Zimmerman (2007), é inevitável, pois o indivíduo passa a maior parte do tempo de sua convivência. O princípio desta formação grupal se inicia naturalmente pelas figuras parentais e aos poucos se amplia para outros novos grupos sociais, tais como avós, tios, primos, escola e futuramente grupos esportivos, associativos, profissionais, constituição de novas famílias, entre outros. Com isso, para o autor, há sempre uma busca dialética entre a identidade individual e a identidade grupal e social.

A existência de um grupo prevê, entre outras características e conforme Zimmerman (2007), que todos os integrantes devem compartilhar da mesma função e objetivo; determinada quantidade de pessoas que garanta a comunicação visual, auditiva e conceitual; cumprimento dos combinados iniciais e o enquadre, bem como a preservação do espaço, de tempo e outras variáveis que normatiza e delimita a atividade no grupo como um todo. Além disso, um grupo não é uma mera somatória de indivíduos, o qual se comporta como uma totalidade e esta totalidade se comporta como um indivíduo, com uma identidade, leis e mecanismos próprios.

Assim, a formação grupal, na ideia de que este se comporta como um indivíduo em sua totalidade, mobiliza toda uma gama de sentimentos e emoções e que segundo Zimerman (2000) “[...] se entrecruzam necessidades, desejos, ataques, medos, culpas, defesas, papéis, identificações, movimentos resistenciais, transferências e contra-transferências, etc.” (p. 117).

Com isso, fica claro que as condições humanas e psíquicas são extremamente importantes ao refletirmos sobre a constituição de um grupo. Neste sentido, Bleger (1995) pontua que:

Embora o grupo esteja concretamente aplicado a uma tarefa, o fator humano tem importância primordial, já que constitui o ‘instrumento de todos os instrumentos’. Não existe nenhum instrumento que funcione sem o ser humano. Opomo-nos à velha ilusão, tão difundida, de que uma tarefa é melhor realizada quando são excluídos os chamados fatores subjetivos e ela é considerada apenas ‘objetivamente’; pelo contrário, afirmamos e garantimos, na prática, que o mais alto grau de eficiência em uma tarefa é obtido quando se incorpora sistematicamente à mesma o ser humano total (pp. 55-56).

Desta maneira, devemos aqui considerar o fato de que também somos parte integrante deste processo como um todo e que certamente carregamos conosco toda uma gama de emoções e sentimentos próprios da natureza humana. Ademais, ao examinar a existência das emoções e sentimentos, estamos cientes que o tema da sexualidade infantil, por si só, suscita discussões fervorosas, carregadas de tabus, preconceitos e conceitos construídos erroneamente através do tempo histórico. Além disso, outro ponto a ser apreciado e que Bleger (1995) alerta, se refere à importância de dissociarmos a velha e tradicional proposição de ensino tradicional, na qual uma pessoa ensina e as demais aprendem. Para tanto, o autor descreve que este abandono, rumo às novas mudanças, produzem necessariamente altos níveis de ansiedade, o que contribui para a perpetuação e repetição do antigo, a fim de evitar a ansiedade. Porém, Bleger (1995) afirma que “[...] o preço desta segurança e tranquilidade é o bloqueio do ensino e da aprendizagem, e a transformação destes instrumentos no oposto daquilo que devem ser: um meio de alienação do ser humano” (p. 57).

E aqui entra então uma breve descrição do conceito de mecanismos de defesa, o qual foi inaugurado por Freud (1926/2016) e que se constitui em operações e mecanismos mentais que apresentam a finalidade de proteger e reduzir a mente de angústias, tensões e sofrimentos psíquicos internos. Assim, na certeza de que os mecanismos de defesa são condições da natureza humana, Zimerman (2000) também os descreve como uma das características do campo grupal, os quais podem funcionar, tanto como estruturantes, quanto serem responsáveis por distorções psíquicas, na dependência do uso que se faz.

## **2.6 A Função Docente**

Talvez muito de nós estejamos acostumados com as velhas e tradicionais aulas e disciplinas escolares, em que a figura do professor ocupava um lugar de destaque, além de ser o detentor do

saber, na ideia de transmitir os conhecimentos científicos dispostos nos livros didáticos. Muita coisa se modificou desde então e a função da escola tramitou por transformações e ampliações – que passa a considerar não tão somente a intelectualidade dos alunos, mas sim a criança em sua totalidade, nas dimensões, além da inteligência, as dimensões físicas, sociais, culturais e psicológicas. Com isso e por consequência direta, o professor também perpassa por modificações na sua prática pedagógica, no desempenho de seu papel e posição, bem como a sua função dentro das instituições escolares.

Assim, no esclarecimento sobre a função da escola e obedecendo a lei maior da União, que visa “[...] o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1988, art. 205), fica evidente a necessidade de desconstruir a relação da escola com a simplista equação de transmissão de conteúdos, na proposta de incluir todas as dimensões acima citadas para o pleno desenvolvimento das crianças, em sua totalidade.

Na perspectiva sobre a função social da escola, Cury (2002) considera a educação como um instrumento real e possível na diminuição das discriminações, assim como no campo das desigualdades sociais.

Assim, a esperança de uma sociedade mais igualitária, com vistas ao desenvolvimento da cidadania, Saviani (1995) se debruça sobre o trabalho educativo e postula o sentido político do mesmo, com direcionamento para as competências técnicas e habilidades do professor para realizar determinada tarefa. O autor descreve o trabalho educativo como:

[...] o ato de produzir, direta e indiretamente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo (p. 17).

Para além de atender a lei federativa e na tentativa de propiciar também a função social da escola é preciso refletir sobre as concepções por detrás destas atuais propostas e, o mais importante, unir esforços para que todos os envolvidos nesta sublime e encantadora missão de educar caminhem juntos. Saviani (2008), na descrição das funções de um docente, atribui, entre outras, o ‘saber atitudinal’ como uma modalidade e pontua que:

Esta categoria compreende o domínio dos comportamentos e vivências consideradas adequadas ao trabalho educativo. Abrange atitudes e posturas inerentes ao papel atribuído ao professor, tais como, disciplina, pontualidade, coerência, clareza, justiça e equidade, diálogo, respeito às pessoas dos educandos, atenção às suas dificuldades, etc. Trata-se de competências que se prendem à identidade e conformam à personalidade do professor, mas que são objeto de formação por processos tanto espontâneos, quanto deliberados e sistemáticos. (...) conhecimento que funcionam como uma espécie de condição prévia para que se desempenhe a função docente tendo em vista o objetivo de se produzir conhecimento nas escolas (p. 136).

Desta maneira, fica clara e evidente a necessidade deste professor considerar os próprios aspectos afetivos como parte de suas funções educativas, na intenção de que estes valores morais e

éticos – que permeiam pelo tema da sexualidade do mesmo – possam ser transmitidos às crianças. Tão logo não podemos esquecer que ser professor é relacionar-se, é estar imerso nas relações interpessoais e se fazer delas para que possa cumprir com sua função. Neste sentido, Freire (1983a) pontual que a educação se constrói em comunhão com o outro e nas relações interpessoais, na intencionalidade de compreender e transformar realidades. Além de poder efetivar a função docente, as postulações de Klein (1921/1981) – e reforçadas posteriormente com Souza (2003) – nos remete sobre a importância da qualidade destas relações, as quais beneficiarão o desenvolvimento de aspectos extremamente importantes e indispensáveis para o cotidiano escolar, tais como, a inteligência e a saúde mental como um todo.

Neste sentido, a intensidade e o envolvimento afetivo entre os professores e seus alunos é fonte de estudo de Carvalho (1999), a qual descreve o desgaste emocional vivenciado pelos mesmos em sala de aula. Desta forma, Carvalho (1999) afirma que o ensino é, por definição, uma atividade relacional “[...] onde, afinal, se processa o essencial do trabalho docente” (p. 17) e que sentimentos e emoções estão postos em jogo, sejam estes de gratificação ou insatisfação, de prazer ou desprazer, de realização ou insucesso, e assim por diante.

Parece clara a ideia de considerar os sentimentos e emoções em salas de aula que a atividade – e logicamente a concepção do professor – permite a livre expressão dos alunos com falas e movimentação constante. Carvalho (1999) esclarece porém que:

[...] atividades reduzidas a rotinas levam a um vazio emocional, a uma sucessão mecânica de atos sem significado para os sujeitos envolvidos. Um olhar mais atento às crianças, porém, assim como o esforço do professor ou professora para manter a rotina e o controle, revelará que, mesmo em aulas que podem ser assim descritas, o turbilhão emocional gira silencioso, aguardando como um vulcão adormecido uma oportunidade para vir à tona (p. 17).

É importante refletir, assim como conclui a autora, que o conhecimento obtido pelos (as) professores (as) acerca de como lidar com tais emoções e sentimentos no cotidiano escolar se dá através de valores e estratégias da vida pessoal, doméstica e familiar de cada um. Desta maneira, a necessidade de investir em formações durante a continuidade da vida profissional deste professor – e porque não dizer na formação inicial – se faz cada vez mais urgente.

É sabido que este não é um caminho fácil e tranquilo – como já anunciado sobre as entranhas das dinâmicas grupais e institucionais no tópico acima – e que nos remota novamente à Bleger (1995), o qual descreve que, rumo a novos e diferentes caminhos a trilhar, a ansiedade e os mecanismos de defesa decorrentes se tornam um impeditivo para tais transformações. E é essa uma das justificativas mais latentes da tão conhecida e necessária formação de professores. E aqui ressaltamos que não apresentamos a intenção de atribuir a culpa ao professor, e sim avaliar as

necessidades e fragilidades enfrentadas pela educação como um todo, na ideia de que possamos enfrentá-las, para que assim, possamos construir um futuro melhor.

### 3 MÉTODO

Com o intuito de ofertar e desenvolver um projeto de intervenção em formação continuada às profissionais da educação da Educação Infantil, no qual pudemos investigar e compreender suas percepções e ações sob o tema da sexualidade infantil, este presente estudo caracteriza-se, de acordo com Gil (2008), por uma pesquisa descritiva e exploratória, permitindo assim descrever e explorar aquilo que se observa. Segundo o autor, a pesquisa descritiva apresenta como objetivo a descrição das características de um fenômeno, de uma população ou a relação entre suas variáveis; e a pesquisa exploratória proporciona uma visão geral do assunto a ser abordado, a qual apresenta como função principal a possibilidade de esclarecer, desenvolver e modificar conceitos e ideias.

Com isso, na proposta de pesquisar e de investigar a atuação prática das docentes, o referido autor descreve que:

As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. São também as mais solicitadas por organizações como instituições educacionais, empresas comerciais, partidos políticos etc (Gil, 2008, p. 47).

A forma de sistematização desta pesquisa está assentada na qualidade da ocorrência dos fenômenos, a qual, segundo Marconi e Lakatos (2017), possibilita a compreensão de um determinado evento, dentro de um contexto. Os autores explicam que a abordagem qualitativa pretende descrever, analisar e interpretar os aspectos mais profundos e complexos do comportamento humano, bem como fornecer análises mais detalhadas sobre as investigações, atitudes e tendências do comportamento.

Sendo assim, foi elaborado um “Projeto de Intervenção em Formação Continuada” a ser empregado com o grupo de docentes, o qual contou com a aplicação de um questionário e mais cinco encontros posteriores. Com base nas investigações e levantamentos quantitativos e qualitativos realizados no questionário, os encontros foram organizados e sistematizados na pretensão de aprofundar os conhecimentos acerca das grandes temáticas, coletar dados e intervir nas concepções apresentadas por esse grupo de docentes. Neste sentido e com a finalidade de atender o propósito deste estudo, a opção da pesquisa-ação se mostra pertinente e adequada neste contexto. A pesquisa-ação, de acordo com Engel (2000), surgiu da necessidade de suprir as lacunas existentes entre a teoria e a prática e pontua que:

Como o próprio nome já diz, a pesquisa-ação procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. É, portanto, uma maneira de se fazer pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão desta (p. 182).

É importante também considerarmos que esta pesquisa faz parte de um programa de mestrado profissional, o qual apresenta como objetivo de transferir os conhecimentos científicos para a sociedade como um todo, na tentativa de capacitar os profissionais, “[...] de forma a atender às demandas sociais e econômicas, com vistas ao desenvolvimento nacional, regional e local” (Brasil, 2019).

Com isso, na possibilidade de unir o conhecimento científico às demandas da trajetória profissional, a pesquisa-ação, conforme Tanajura e Bezerra (2015), se propõe à um duplo objetivo, que são: a transformação de realidades e a produção do conhecimento. Além de seu uso em ciências sociais e psicologia, a pesquisa-ação é muito aplicado na área do ensino. Contudo, segundo Thiollent (1986), as aplicações no campo da educação básica são mais raras e difíceis, o que o autor acredita ser devido às resistências institucionais e os hábitos dos professores. No entanto, ultimamente, o autor pontua uma maior disponibilidade dos profissionais com a pesquisa-ação.

Vale a pena a ressaltar que optar pela pesquisa-ação não quer dizer, segundo Tripp (2005), que devemos desconsiderar as técnicas de pesquisa comuns a outros tipos de pesquisa acadêmica, como por exemplo, os procedimentos, significância, originalidade, validade, etc.

Dentre as características da pesquisa-ação, segundo Tanajura e Bezerra (2015) destacamos aqui a possibilidade de intervir no decorrer do processo e de forma inovadora. Desta maneira, ainda de acordo com os referidos autores, a permissividade oferecida aos participantes em expressarem suas percepções é uma característica marcante da pesquisa-ação, cuja possibilidade “[...] busca contribuir para formação do sujeito participativo e autônomo dentro do grupo a que pertence, colocando-o a par dos resultados obtidos com a pesquisa, não somente ao seu final, mas durante todo processo de investigação” (Tanajura e Bezerra, 2015, p. 14). Sendo assim, os resultados obtidos através do questionário aplicados às docentes, bem como as percepções ao longo dos encontros foram repassadas e informadas às participantes, o que as tornaram ativas constantemente.

Com isso, na possibilidade de coletar dados, intervir e aprofundar sobre as temáticas desta pesquisa, o projeto de intervenção em formação continuada possibilitou a escuta e um diálogo com as docentes participantes para que as mesmas pudessem fomentar com suas práticas e lutas diárias.

Neste projeto de intervenção em formação continuada, utilizou-se fundamentalmente da observação e intervenção psicológica de base psicanalítica, o qual Turato (2013) nomeou de “metodologia clínico-qualitativa”. A metodologia clínico-qualitativa constitui um conjunto de técnicas e procedimentos para descrever e compreender as relações de sentidos e significados dos fenômenos humanos. Desta forma e nesta investigação, a aplicação destes recursos metodológicos, somado à complexidade dos resultados, torna-se possível a identificação das necessidades do grupo para oportunas intervenções posteriores.

O método clínico é também descrito por Gil (2008), em que ressalta:

O método clínico apóia-se numa relação profunda entre pesquisador e pesquisado. E utilizado, principalmente, na pesquisa psicológica [...]. O método clínico tornou-se um dos mais importantes na investigação psicológica, sobretudo depois dos trabalhos de Freud. Sua contribuição à Psicologia tem sido muito significativa, particularmente no que se refere ao estudo dos determinantes inconscientes do comportamento (p. 36).

A psicanálise é a fundamentação teórica utilizada na qual esta pesquisa está embasada, a qual apresenta um método próprio e particular de investigar, compreender e acessar os fenômenos psíquicos e emocionais. Laplanche e Pontalis (2004) definem a psicanálise como “um método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar o significado inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um sujeito” (p. 408). Com isso, na busca de que, muito além das palavras ditas e expressas, esta pesquisa buscou a investigar e compreender os fenômenos inconscientes e subjetivos ao que se refere à sexualidade infantil e aos conceitos de criança e infância presentes no grupo de docentes.

Sendo assim, a oportunidade de realizar o projeto de intervenção em formação continuada com todas as docentes da Educação Infantil deste município, nos fornece uma ampla visão sobre as concepções das mesmas nas temáticas estudadas, as quais, conseqüentemente, apresentam reflexos diretos sobre todas as crianças desta idade presentes no ensino público da cidade. Desta forma e na certeza de que a qualidade das relações estabelecidas com as crianças no ambiente escolar sobre o tema da sexualidade infantil apresenta uma íntima e direta relação com futuros transtornos psíquicos (Freud, 1905/2016; Klein, 1921/1981), coletar dados e intervir neste processo é certamente – além de verificar os fatores determinantes aos possíveis riscos para o desenvolvimento integral das crianças – poder refletir sobre futuras estratégias de prevenção em saúde psicológica e mental.

### **3.1 Ambiente: O Contexto da Pesquisa**

A cidade em que esta pesquisa pôde se efetivar é uma cidade de pequeno porte, em que, na última pesquisa realizada pelo senso do IBGE em 2019, conta com uma população de 18.468 habitantes, em que 7% reside na zona rural. O município apresenta uma taxa de escolarização de crianças com 6 à 14 anos de idade de 98,4%, baixa taxa de mortalidade infantil e tratamento de toda a rede de esgoto coletado. A média mensal dos trabalhadores formais é de 2,4 salários mínimos, ainda que mais de 31% da população tem rendimento mensal de até meio salário mínimo. Segundo o relatório de informações sociais do ministério da cidadania (Brasil, 2020), há um pouco mais de 800 famílias em situação de extrema pobreza. Com relação à economia, ainda segundo este relatório(Brasil, 2020), a cidade apresenta, predominantemente, a agricultura e a pecuária, além de

duas grandes empresas, sendo uma de citrosuco e a outra uma usina de cana de açúcar. O comércio da cidade é relativamente pequeno e em relação à segurança pública, as ocorrências por tráfico de drogas ocupam o primeiro lugar.

Em relação às escolas e especificamente à Educação Infantil, a rede pública de ensino acolhe boa parte das crianças deste município, uma vez que, além de haver uma única escola particular, o número de crianças matriculadas nesta escola referente a idade correspondente da Educação Infantil é muito baixo. Ademais, o ingresso de crianças nesta escola particular se dá somente a partir do momento em que elas adquirem certa autonomia, isto é, já conseguem andar e expressarem, ainda que por gestos, seus interesses e vontades. Com isso, podemos então dizer que esta pesquisa pôde estabelecer um panorama bem amplo em relação à concepção das docentes sobre as temáticas estudadas. E é exatamente por este aspecto que consideramos a epidemiologia como um recurso metodológico, já que houve a viabilidade de abarcar quase todas as crianças com idades correspondentes à Educação Infantil nesta pesquisa.

A rede pública de ensino desta cidade totaliza oito escolas de Educação Infantil, em que cada escola contempla determinadas etapas de ensino. Tais etapas estão divididas em berçário I, berçário II, maternal I, maternal II, recreação e pré-escola.

A quantidade de turmas está representada na Tabela abaixo:

Tabela 1

*Quantidade de turmas nas diferentes etapas de ensino na Educação Infantil*

Escolas	Berçário I	Berçário II	Maternal I	Maternal II	Recreação	Pré-Escola
1	1	1	1	1	0	0
2	1	2	1	1	2	2
3	1	1	1	1	2	2
4	1	2	1	2	3	3
5	1	1	2	2	2	2
6	0	0	0	0	2	2
7	1	1	1	1	1	1
8	1	1	2	1	1	1
<b>Total:</b>	7	9	9	9	13	13
	<b>Total Geral</b>				<b>60 turmas</b>	

Conforme a Tabela 1, o município possui, no total, sete salas de berçário I, nove salas de berçário II, nove salas de maternal I, nove salas de maternal II, treze salas de recreação e treze salas de pré-escola. No total, a rede toda conta com 60 turmas na Educação Infantil.

É óbvio que as idades cronológicas das crianças se diferem nestas etapas de ensino, sendo que a Educação Infantil contempla as idades entre 0 a 5 anos e 11 meses. O Quadro abaixo demonstra a correspondência das idades cronológicas com as etapas de ensino.

## Quadro 1

### *Idades cronológicas correspondentes das crianças nas diferentes etapas de ensino da Educação Infantil*

<b>Etapa de ensino</b>	<b>Idades Correspondentes</b>
Berçário 1 (B1)	até 1 ano de idade
Berçário 2 (B2)	1 ano à 1 ano e 11 meses de idade
Maternal 1 (M1)	2 anos à 2 anos e 11 meses de idade
Maternal 2 (M2)	3 anos à 3 anos e 11 meses de idade
Recreação	4 anos completos
Pré-Escola	5 anos completos

Nestas quatro primeiras etapas de ensino – o berçário I, berçário II, maternal I e maternal II – as quais são configuradas a Educação Infantil-Creche, a permanência das crianças nas instituições escolares se dá em período integral, em que a entrada se formaliza às 7:00h da manhã e a saída a partir das 15:30h. Nas demais etapas de ensino – a recreação e a pré-escola – que se configura a Educação Infantil-Pré-Escola, a permanência das crianças é de meio-período, seja no período matutino, com entrada às 7:00h e saída às 12:00h ou no período vespertino, com entrada às 12:30h e saída às 17:30h.

## 3.2 Participantes

A presente pesquisa contou com a participação de profissionais da educação da Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de uma pequena cidade do interior do estado de São Paulo, dentre as quais estão coordenadoras pedagógicas, diretoras escolares e todas as professoras atuantes em sala de aula. É importante mencionar que tanto as professoras efetivas como as professoras ACT's (contrato temporário e definido por um processo seletivo) participaram do estudo e que não houve seleção quanto às professoras ACT's; a presença destas se deu devido ao fato de que as mesmas estavam lecionando em salas de aula no momento da formação.

Ressaltamos neste momento que, ao longo deste trabalho utilizamos e continuaremos a utilizar as palavras professoras, educadoras e docentes ao referirmos às participantes desta pesquisa, ainda o nosso público alvo sejam todas as profissionais da educação, como descrito acima. Isto porque, como é de conhecimento geral, as diretoras escolares e coordenadoras pedagógica apresentam, como formação inicial, a pedagogia e são portanto professoras, docentes e educadoras também. Para além desta formação inicial, a figura da direção e da coordenação pedagógica no contexto escolar representa uma importante função que, dentre outras, destacamos a gestão e

orientações às atividades ao corpo docente, a mediação de conflitos entre pais, alunos e professores, bem como as devidas conduções comportamentais das crianças. Ou seja, as concepções apresentadas por estas figuras – especificamente sobre a sexualidade infantil – são de extrema importância, uma vez que assumem igualmente uma função de educar e orientar no dia-a-dia da escola.

Na Tabela abaixo está exposto a vinculação das professoras que participaram desta pesquisa, além de apresentar a quantidade de direção, de coordenação e educadoras que lecionam as aulas diversificadas, tais como educação física, informática e língua estrangeira – inglês.

Tabela 2

*Tipo de vinculação das professoras atuantes na sala de aula*

Escolas	Cargo Efetivo	ACT's	Aulas Diversificadas	Direção	Coordenação pedagógica	Total
1	4	1	1	1	-	07
2	14	1	0	1	-	16
3	11	1	1	1	-	14
4	15	2	1	1	-	19
5	13	3	0	1	-	17
6	4	0	0	1	-	05
7	9	1	0	1	-	11
8	11	1	0	1	-	13
<b>Total</b>	<b>81</b>	<b>10</b>	<b>3</b>	<b>8</b>	<b>2</b>	<b>104</b>

De acordo com a Tabela 2, pudemos observar que a rede municipal de ensino da Educação Infantil contempla 81 professoras de cargo efetivo, 10 professoras com contrato temporário, 3 professoras de aulas diversificadas, 8 diretoras e 2 coordenadoras pedagógicas. No total, são 104 profissionais atuantes em sala de aula, as quais participaram nesta pesquisa. É importante dizer que as duas coordenadoras pedagógicas atendem as demandas da rede municipal como um todo, as quais, não permanecem fixas em uma determinada escola. As aulas diversificadas, apesar de estarem descritas apenas nas escolas de número 1, 3 e 4, todas as demais escolas também contam com a presença destes profissionais e, logicamente os alunos recebem este tipo de ensino. A menção nas escolas 1, 3 e 4 se deu somente devido ao fato destas profissionais terem sua sede escolar nestas escolas numeradas. A ausência de coordenadoras pedagógicas nas escolas se dá devido ao fato de que a rede municipal conta com 2 profissionais que atendem a as oito escolas

É importante mencionar também neste momento que, para as etapas do berçário I, berçário II, maternal I e maternal II, ou seja, a Educação Infantil-Creche, a rede municipal de ensino exibe duas professoras para cada turma. Isto porque cada professora cumpre com uma carga horária de cinco horas e vinte minutos dentro da sala de aula com aluno e as demais duas horas e quarenta

minutos restantes são cumpridas sem a presença das crianças – HTPI (Horário de Trabalho Pedagógico Individual) – nas quais as docentes têm a possibilidade de planejar e corrigir as atividades oferecidas. Desta forma, enquanto há uma professora dentro da sala de aula, outra cumpre o HTPI e no outro período é feita a inversão. Vale a pena destacar que este espaço de tempo extraclasse, o HTPI, é um direito garantido por lei (Brasil, 2008), a qual determina que 2/3 da carga horária da jornada de trabalho do professor deve ser cumprido em sala de aula com os alunos e o 1/3 restante deve ser destinado às atividades extraclases.

Além da professora para a Educação Infantil-Creche, há também a presença do cargo “auxiliar de sala”, a qual cumpre com a função de auxiliar os cuidados e condução das atividades para com os alunos. Cada etapa de ensino conta com um número diversificado para este cargo, o que se justifica pela necessidade e individualidade de cada turma e o número de crianças atendidas em cada sala de aula. Assim, nas etapas mais iniciais, como o berçário I e berçário II, é comum a presença de várias auxiliares de sala, uma vez que as crianças apresentam menos autonomia e mais dependência, como o uso de fraldas, a alimentação, a troca de roupa, entre outros. Para as etapas do maternal I e maternal II, a quantidade presente de auxiliar de sala se mostra, logicamente, de forma reduzida. Já para as etapas da recreação e da pré-escola, não há outro profissional dentro da sala de aula, somente a professora.

Ademais, no cumprimento da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2007), que garante a frequência de crianças com deficiência e/ou transtorno global do desenvolvimento no ensino regular, a Educação Infantil conta com mais um profissional dentro da sala aula – o assistente educacional – que fica especificamente para os cuidados e direcionamentos de tais crianças. É importante esclarecer que a presença deste profissional se justifica e se mantém somente pela necessidade de uma criança nestas condições. Assim, não são em todas as etapas e nem em todas as turmas que este profissional permanece.

Na Tabela abaixo está descrito a quantidade de auxiliares de sala e de assistentes educacionais, bem como a quantidade de alunos para cada etapa de ensino.

Tabela 3

*Número total de profissionais e alunos nas diferentes etapas da Educação Infantil*

<b>Cargo</b>	<b>B1</b>	<b>B2</b>	<b>M1</b>	<b>M2</b>	<b>Recreação</b>	<b>Pré-Escola</b>	<b>Total</b>
<b>Auxiliares de Sala</b>	18	21	12	15	0	0	<b>66</b>
<b>Assistentes Educacionais</b>	0	0	1	3	3	2	<b>9</b>
<b>Alunos</b>	99	114	125	172	162	195	<b>867</b>

Vale a pena destacar que para os cargos de auxiliares de sala e de assistentes educacionais, não é exigido a graduação em pedagogia e o candidato precisa ter completado apenas o Ensino Médio. Desta forma, fica sob a responsabilidade da professora, no cumprimento de suas funções diárias, de direcionar e encaminhar a execução das tarefas e atividades destes profissionais. Assim, na certeza de que os conhecimentos transmitidos neste estudo teriam algum alcance para estes profissionais também, além do número muito grande que totalizaria no final, determinamos que somente as professoras participassem desta pesquisa.

Algumas características relevantes destas professoras estão expostas abaixo:

## Quadro 2

### *Algumas características do corpo docente da Educação Infantil*

Total de participantes	104 docentes
Idade	Entre 23 anos a 59 anos
Sexo	Todas são do sexo feminino.
Escolaridade	Magistério – 38 professoras: 42% Pedagogia – 80 professoras: 88,9% Pós-graduação no campo educacional – 44 professoras: 43% Outras Formações Acadêmicas – 45 professoras: 50%
Tempo de atuação	Entre 6 meses a 31 anos de atuação como docente

Com o Quadro é possível verificar que as idades das professoras da Educação Infantil variam entre 23 a 59 anos, sendo que este é o primeiro ano de experiência de algumas delas e, logicamente, há aquelas docentes que apresentam 31 anos de atuação profissional. Não há nenhum docente do sexo masculino, em que todas auto declaram-se como sexo feminino. Sobre a escolaridade, um pouco menos da metade apresentam a formação de magistério, enquanto quase todas apresentam a pedagogia como formação acadêmica. Há professoras que apresentam pós-graduação na área da educação e aquelas que apresentam outras formações além do magistério e/ou pedagogia.

### **3.3 Local, Frequência, Datas e Horários**

O local escolhido para a aplicação do questionário e para o Projeto de Intervenção em Formação Continuada foi o auditório da Secretaria Municipal de Educação da cidade. Contudo, como o

número de participantes excedeu a capacidade de lotação do auditório, o grupo foi dividido em dois grupos menores (“Grupo A” e “Grupo B”), os quais foram divididos aleatoriamente, levando em consideração o número de professoras, bem como a possibilidade de não haver separação de professoras dentro de uma mesma escola, conforme o Quadro abaixo:

### Quadro 3

#### *Divisão das escolas no Grupo A e no Grupo B*

<b>Grupo A</b>	<b>Grupo B</b>
Escola 1	Escola 4
Escola 2	Escola 5
Escola 3	Escola 6
Escola 8	Escola 7

Em relação aos horários e à frequência, o Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo – HTPC – foi o espaço escolhido e que pôde ser realizado todos os encontros. O HTPC é uma conquista garantida igualmente pela mesma legislação mencionada acima (Brasil, 2008), a qual determina que dentre as atividades extraclasse, está incluso também o HTPC que apresenta o intuito de aperfeiçoar a prática pedagógica. Neste município, o HTPC é realizado semanalmente, sempre às terças-feiras, com a duração de 1 hora e 40 minutos, sempre após o término das aulas no período vespertino. Assim, como houve a necessidade do grupo ser dividido, os encontros foram realizados quinzenalmente, com a duração de 1 hora e 40 minutos cada encontro.

Contudo, a data do encerramento precisou ser a mesma para os dois grupos. A existência de feriados em datas próximas e a dinâmica da escola – a falta de disponibilidade de HTPC’s após esta data devido a reuniões de pais e a necessidade do corpo docente em preparar e estruturar aspectos referentes à formatura e encerramento do ano – impediram que o último encontro fosse realizado conforme a divisão dos grupos. Desta maneira, como o número de participantes ficou muito grande – a totalizando 102 professoras – este último encontro foi realizado no pátio de uma escola. Vale a pena mencionar que, para que o encontro pudesse ocorrer com este grande número de docentes, tivemos que pedir cadeiras para o departamento de assistência social que, prontamente nos cedeu as cadeiras restantes. O aparelho de som e as caixas de amplificação também foram gentilmente montados e instalados por um parceiro da educação que não fazia parte dos profissionais presentes neste último dia.

### 3.4 Instrumentos

Na tentativa de obter informações sobre as temáticas estudadas nesta pesquisa, além de intervir e aprofundar os conhecimentos em uma formação continuada, os instrumentos utilizados foram:

#### 3.4.1 Observação

A observação, instrumento utilizado durante todo o projeto de intervenção em formação continuada, de acordo com Gil (2008), apresenta um papel fundamental no processo de pesquisa, o qual se utiliza dos sentidos para obter os conhecimentos necessários e pode ser utilizada como procedimento científico. Neste mesmo sentido, Marconi e Lakatos (2017) descrevem que a observação consiste, além de ver e ouvir, em examinar os fatos e os fenômenos que se objetiva estudar. As autoras acrescentam também que:

A observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. Desempenha papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade (Marconi e Lakatos, 2017, p. 190).

É importante mencionar que, especificamente no campo da psicologia, a observação, segundo Hayman (1973), o observador busca observar e registrar o que é visto, na tentativa de não interferir no comportamento do organismo observado. Todavia, neste presente estudo e fundamentalmente no campo da psicologia de base psicanalítica, a interação e a intervenção do objeto observado se tornam inevitáveis, em que, conforme Arpini, Zanatta, Paraboni, Rodrigues e Marchesan (2018), busca-se investigar os sentidos e significados expressos nos comportamentos e nas interações, além dos aspectos subjetivos presentes.

Neste mesmo sentido, Bleger (1995) descreve que a observação psicológica é uma ‘observação participante’, na qual devemos sempre considerar as relações e os vínculos existentes entre o pesquisador e o pesquisado. Com isso, o autor esclarece que:

[...] objetividade na investigação não se cumpre em nenhum outro campo científico, e menos ainda em psicologia, onde o objeto de estudo é o homem. Em compensação, a máxima objetividade só pode ser alcançada quando se incorpora o sujeito observador como uma das variáveis do campo (Bleger, 1995, pp. 18-19).

Além disso, é preciso ressaltar, ainda de acordo com Bleger (1995), apesar de a observação participante nos impor uma relação única e original, esta condição não impede o assentamento de constâncias e condições repetidas e frequentes, na qual possibilita “introduzir a abstração e categorias de análise” (p. 20).

Assim, na certeza de que a observação se inicia pelo olhar e requer um ato de atenção e foco na percepção do objeto observado, indiscutivelmente e especificamente nesta pesquisa, a interação da pesquisadora com as docentes se faz presente, na busca das relações de sentidos e significados dos fenômenos humanos.

Neste momento, é importante transcorrermos com uma breve descrição sobre conteúdo latente e conteúdo manifesto. Apesar de Freud referir-se à estas expressões como condições e manifestações oníricas, falar em conteúdo latente e manifesto é poder abranger sobre as manifestações inconscientes do indivíduo – neste caso das professoras participantes desta pesquisa. O conteúdo latente, conforme Laplanche e Pontalis (2004) é uma produção do inconsciente, o qual muitas vezes se torna revelado através dos sonhos, “[...] então constituídos por restos diurnos, recordações da infância, impressões corporais” (p. 99). Já o conteúdo manifesto, é sempre posterior ao conteúdo latente, com o qual é possível verbalizar toda e qualquer produção de maneira mais consciente.

Desta forma, além de todo conteúdo manifesto e expresso verbalmente pelas docentes, a observação psicológica nos permite averiguar sobre o conteúdo latente, que muitas vezes encontra-se de forma velada e inconsciente e os mecanismos de defesa descritos nesta pesquisa se incumbem de representar bem este conteúdo.

### **3.4.2 Questionário**

O questionário, de acordo com Lakatos e Marconi (2017), é um instrumento de coleta de dados, no qual se tem o objetivo de, segundo Gil (2008), “obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado, etc.” (p. 140).

O autor destaca também que os questionários, com objetivos de coletar os dados acerca de atitudes e crenças, tendem a obter dados de ordem subjetiva. Já as questões referentes ao comportamento constituem um indicador comportamental no futuro, em similares condições. O questionário presente e utilizado nesta pesquisa (apêndice E) foi construído especialmente para o presente estudo, com base nos objetivos dessa investigação e na literatura disponível.

Foi igualmente realizado um pré-teste com algumas pessoas que trabalham na Rede Municipal de Educação Infantil e que possuem a graduação em pedagogia. Estas professoras não participaram da pesquisa, uma vez que não ocupam o cargo de professora e sim de auxiliar de aula.

O pré-teste é um questionário aplicado anteriormente à aplicação propriamente dita, no intuito de, conforme Gil (2008) e Lakatos e Marconi (2017) poder evidenciar as falhas, linguagem

inacessível, inconsistência, complexidade, superficialidade e ambiguidade das questões. Assim, na certeza de que o risco de falhas se mostrou o menor possível, pudemos aprimorar a elaboração do questionário e sua aplicação posterior.

### **3.4.3 Projeto de Intervenção em Formação Continuada**

A possibilidade de formar um grupo com todas as profissionais da educação na etapa de ensino da Educação Infantil e efetivar o projeto de intervenção em formação continuada nos forneceu também um instrumento valioso na busca de elucidações sobre as concepções acerca de criança, de infância, de sexualidade infantil, de educação sexual e de suas atitudes frente às manifestações sexuais das crianças no ambiente escolar. Além disso e na disponibilidade de estreitar as lacunas existentes entre a teoria e a prática proposta pela pesquisa-ação, este projeto, além de nos servir como coleta dos dados necessários nesta pesquisa, pôde-se configurar em um aprofundamento dos conhecimentos científicos sobre o tema, bem como um aprimoramento das práticas pedagógicas destas educadoras.

Assim, durante todo este processo grupal, o contato direto com estas docentes viabilizou as reflexões através dos conhecimentos científicos transmitidos, bem como a realização de algumas atividades e a escuta destas participantes na oportunidade de compreender seus comportamentos verbais e não verbais sobre as temáticas deste estudo.

## **3.5 Procedimentos Metodológicos**

Primeiramente, a responsável pela secretaria municipal de educação do município foi contatada para verificar a possibilidade de efetivar a pesquisa com as docentes da rede de ensino. O objetivo e a função da formação grupal propostos neste estudo, assim como os procedimentos a serem realizados com as docentes foram apresentados e, após seu consentimento, o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” – TCLE – (Apêndice C) foi então assinado pela mesma. Posteriormente, e na certeza da efetivação desta pesquisa, o contato posterior foi com as coordenadoras pedagógicas da Educação Infantil, com as quais pudemos verificar a quantidade de docentes, a necessidade então da divisão em dois grupos, o lugar, o horário e as datas.

Foi elaborado e confeccionado um convite para ser entregue às escolas (Apêndice A), em que foram dispostas informações como o tema, o dia e o horário que se deu o primeiro encontro. É claro que o envio destes convites obedeceu as escolas e a divisão dos grupos correspondentes.

As datas e os temas abordados em cada encontro estão representados no Quadro abaixo e um cronograma foi elaborado e confeccionado para ser entregue às diretoras escolares no primeiro dia dos encontros, na certeza de que todas as professoras teriam acesso também.

#### Quadro 4

##### *Cronograma de datas e temas desenvolvidos no Projeto de Intervenção em Formação Continuada*

<b>“Grupo A”</b>	<b>“Grupo B”</b>	<b>Temas</b>
18 / 06 / 2019	25 / 06 / 2019	Aplicação do questionário
06 / 08 / 2019	20 / 08 / 2019	Construção histórica acerca da infância e da criança
27 / 08 / 2019	03 / 09 / 2019	Desenvolvimento infantil e noções básicas de sexualidade
10 / 09 / 2019	17 / 09 / 2019	Infância: sexualidade e suas manifestações
24 / 09 / 2019	01 / 10 / 2019	Infância: sexualidade e suas manifestações
08 / 10 / 2019	08 / 10 / 2019	Encerramento

Foi criada uma logomarca que pudesse representar e simbolizar o projeto de intervenção em formação continuada, o qual nomeamos como “Infância e Sexualidade na Educação Infantil”. Esta logomarca foi utilizada no convite (Apêndice A), no cronograma (Apêndice B), em todos os slides iniciais que foram expostos durante o projeto (Apêndice F), na mensagem de encerramento (Apêndice H), no portfólio (Apêndice J) e no certificado (Apêndice I).

Todas as explicações contaram com o recurso tecno-metodológico do retroprojetor e do telão para apresentação de slides. O conteúdo destes slides encontra-se, na íntegra, no Apêndice F.

A seguir estão descritos os conteúdos trabalhos em cada encontro, a funcionalidade da atividade realizada e a exposição das respostas presentes no questionário.

#### **1º encontro: “Aplicação do Questionário”**

Neste primeiro encontro, as docentes foram informadas sobre o contexto, o objetivo e a função da pesquisa, assim como a programação dos encontros posteriores, com informações sobre as datas, local e horários. Os princípios éticos foram reforçados, o termo devidamente assinado e o questionário foi então respondido por todas.

Com isso, este questionário nos forneceu dados importantes sobre o conhecimento que as docentes desta rede municipal de ensino possuem sobre as temáticas centrais desta pesquisa, assim como os consequentes desdobramentos se aplicam em suas práticas profissionais no cotidiano escolar. Após esta coleta de dados, o procedimento de análise foi dividido em dois momentos: a primeira e de forma quantitativa, as respostas fornecidas das questões fechadas e com alternativas a serem assinaladas, foram contabilizados e os números traduzidos em gráficos, os quais foram

apresentados para as educadoras posteriormente. Em seguida e de forma qualitativa, as respostas abertas, seguiram as análises do conteúdo proposto por Bardin (2009), distribuindo-as em categorias e subcategorias de análises.

## **2º encontro: “A construção histórica acerca da infância e da criança”**

Após a análise dos dados coletados no questionário, em que se observaram os conhecimentos presentes, bem como as lacunas e fragilidades acerca do desenvolvimento e da sexualidade infantil, foram elaborados mais cinco encontros posteriores. Conforme previsto no cronograma, o tema desenvolvido neste segundo encontro foi “A construção histórica acerca da infância e da criança”. Como o período entre a aplicação do questionário e este encontro foi extenso – com mais de 40 dias devido as férias escolares e disponibilidade de HTPC – se fez necessária a retomada da contextualização, do objetivo geral da pesquisa e dos encontros a serem realizados, bem como o direcionamento das datas, local e horário a serem seguidos.

Neste segundo encontro, as reflexões e discussões permearam pelo conhecimento acerca da construção histórica e cultural de infância e de criança e pelas concepções apresentadas pela sociedade desde o período da idade média, percorrendo pela idade moderna, até os dias atuais, com a idade contemporânea. Uma atividade com todas as professoras sobre as imagens sociais, que traduzem as concepções de infância e de criança pelas mesmas foi realizada. Além disso, um Quadro com as informações sobre as respostas dadas na primeira pergunta aberta e descritiva presente no questionário foi exposta.

## **3º encontro: “Desenvolvimento infantil e noções básicas de sexualidade”**

Neste terceiro encontro, as reflexões iniciais se deram com a possibilidade de reconhecer que as mudanças ocorridas ao longo da história da humanidade referiram-se ao olhar que a sociedade apresentava para com as crianças. A atividade realizada objetivou que as docentes pudessem compreender as características e particularidades do desenvolvimento infantil e que a sexualidade também é parte integrante e desenvolvimentista da infância.

Os conhecimentos científicos sobre a trajetória histórica a respeito da sexualidade e como as práticas sexuais se apresentavam desde a antiguidade foram abordados, assim como os conceitos e a viabilidade de se educar uma criança para a sexualidade. As respostas do questionário sobre estes temas foram igualmente exibidos.

#### **4º encontro: “Infância: Sexualidade e suas Manifestações”**

A apresentação contou com as diversas transformações dos modelos familiares em uma perspectiva histórica desde a antiguidade, perpassando pela idade média, idade moderna até a atual idade contemporânea. As múltiplas configurações familiares foram apontadas, assim como as necessárias relações de afeto com as figuras parentais ou quem exercer esta função. As fases psicosssexuais e como procedem as manifestações sexuais das crianças no ambiente escolar foram também apresentadas neste encontro.

#### **5º encontro: “Infância: Sexualidade e suas Manifestações”**

Na pretensão de realizar, conjuntamente com as docentes, a análise sobre as manifestações sexuais infantis propostas em um Quadro no questionário, foram retomados, ainda que de maneira breve e sucinta, os tópicos já discutidos nos encontros anteriores. As respostas fornecidas neste Quadro do questionário foram apresentadas e a atividade propôs para que as docentes pudessem repensar sobre suas condutas frente estas manifestações sexuais infantis no cotidiano escolar. As discussões finais envolveram os três casos hipotéticos do questionário acerca da prática profissional.

#### **6º encontro: “Encerramento”**

As discussões deste último encontro permearam pela rotina do cotidiano escolar e suas devidas relações com o tema da sexualidade, com o intuito de que todo o conhecimento adquirido até então possa ser aplicado no ambiente da escola. Como finalização, as docentes preencheram uma sistematização de estudo para verificarmos suas percepções acerca dos conhecimentos científicos transmitidos.

O procedimento de análise destes cinco encontros mencionados acima seguiu a dinâmica psíquica da formação grupal de base psicanalítica no diálogo com alguns dados históricos e culturalmente construídos. Dados históricos e culturais estes que se fazem presentes e que contribuem para a perpetuação de tabus, mitos e preconceitos, os quais nos obrigam a analisá-los e reconhecê-los, a fim de que possamos desconstruir os conceitos errôneos. Além disso, a dinâmica psíquica presente nos grupos, de acordo com Zimmerman (2007), nos fornece a leitura de que o grupo se comporta como uma unidade, com seus mecanismos, identidades e características próprias, no

qual são mobilizados uma série de sentimentos e emoções igualmente importantes para serem considerados no momento de análise. Neste mesmo sentido, as contribuições de Bleger (1995) sobre a necessidade de nos atentarmos aos conteúdos latentes e não somente aos conteúdos manifestos, além da necessária mediação frente às estas condições humanas e psíquicas são igualmente relevantes nas discussões e apontamentos decorrentes.

É importante dizer que a descrição de cada encontro encontra-se detalhada na sessão seguinte, juntamente com as discussões e análises decorrentes.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como mencionado anteriormente, nesta sessão estão expostas as descrições de cada encontro do projeto de intervenção em formação continuada “Infância e Sexualidade na Educação Infantil”, assim como as atividades desenvolvidas e as discussões e análises pertinentes. A realização deste projeto contou, no total, com seis encontros, os quais serão detalhados a seguir.

### 4.1 O 1º encontro: “Aplicação do Questionário”

No intuito de sintetizar e anteriormente às descrições detalhadas, um quadro explicativo com informações acerca do objetivo, das atividades e dos conhecimentos explanados será apresentado em cada encontro. Segue abaixo o quadro deste primeiro encontro.

#### Quadro 5

##### *Informações sintetizadas do primeiro encontro*

Objetivo do encontro	✓ Contextualização e Aplicação do questionário.
Conteúdo explanado	✓ Objetivo, Contextualização e apresentação de informações sobre a dinâmica dos encontros, tais como a divisão dos grupos, horário, local, frequência e certificação, assim como a ética e participação em pesquisas envolvendo seres humanos.
Dados coletados	✓ A descrição deste primeiro encontro conta com a apresentação dos dados coletados a partir do questionário.

Inicialmente, com as professoras reunidas no auditório da Secretaria de Educação do Município e após agradecermos pela presença e disponibilidade, foi explicada a função e o objetivo da investigação, bem como a importância de suas participações na pesquisa.

Foi mencionado sobre a necessidade de divisão dos grupos (Apêndice F), a qual foi exposta para que todas pudessem ter noção de qual grupo pertencia. Foi mencionado também sobre a existência de encontros posteriores, nos quais seriam demonstradas as devidas devolutivas acerca das respostas dadas no questionário, bem como a possibilidade de aprofundarmos e discutirmos mais sobre os conhecimentos científicos no tema da sexualidade infantil e infância, os quais circundam os objetivos desta pesquisa.

Para que as professoras e diretoras escolares pudessem ter o conhecimento sobre as datas futuras e os temas correspondentes do projeto de intervenção em formação continuada, foi elaborado e confeccionado um cronograma (Apêndice B), o qual foi entregue às diretoras escolares neste

primeiro encontro. Este cronograma também foi apresentado (Apêndice F) e reforçado que os encontros serão realizados quinzenalmente, sempre às terças-feiras, no horário do HTPC.

Em seguida, além de ser explicado sobre a frequência mínima para obter a certificação, foi entregue e explicado sobre o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” – TCLE – (Apêndice D) o qual foi assinado por todos os docentes presentes. Vale a pena destacar que este termo foi entregue separadamente ao questionário para que não houvesse identificação da pessoa. Os riscos decorrentes acerca da participação de seres humanos em pesquisas foi outro aspecto mencionado verbalmente, assim como a necessidade de nos comunicar qualquer desconforto frente aos assuntos discutidos.

Posteriormente, foi entregue o questionário, em que pôde ser frisado sobre o preenchimento individual e que neste momento não havia certo ou errado, no qual seriam importantes as opiniões e conhecimentos sobre o tema em questão. O questionário foi respondido e entregue no final. É óbvio que as docentes tiveram a liberdade de tempo para responderem o questionário, o que teve a duração, em média, de 50 minutos.

Vale a pena mencionar que as docentes tiveram dúvidas e recorreram-nos algumas vezes. Podemos dizer que a maior incidência destas dúvidas é referente ao Quadro normativo, as quais foram explicadas todas as vezes que fomos indagadas.

#### **4.1.1 Dados Coletados a partir do Questionário**

Com o auxílio do questionário foi possível coletar alguns dados relevantes para a realização desta pesquisa, assim como para contribuir e fomentar o aprimoramento da prática profissional das docentes participantes. É importante mencionar que o questionário não foi o único instrumento utilizado – como já apontado no método – e que os demais encontros posteriores também nos forneceram dados significativos.

Vale a pena ressaltar, como também já apontado anteriormente no método, que algumas respostas fornecidas pelas docentes no questionário foram exibidas para as participantes durante todo o projeto de intervenção em formação continuada, as quais estão dispostas no decorrer da narrativa dos encontros, juntamente com as análises e apontamentos pertinentes. É fato porém, que não foram todas as respostas apresentadas às educadoras, ainda que logicamente nos serviram como dados para que pudéssemos elaborar e construir os encontros posteriores. Deste modo, a seguir estão presentes os Quadros com as respostas e as análises destas perguntas que não foram apresentadas para as educadoras.

#### 4.1.1.1 Dados de Caracterização

O primeiro tópico do questionário é referente à caracterização das participantes da pesquisa (Apêndice E), as quais estão devidamente descritas no método. Obter informações sobre algumas características das pessoas com quem mantivemos o contato durante todo o período deste projeto de intervenção em formação continuada nos auxiliou na compreensão de um retrato destas participantes, na possibilidade de conhecer sobre a escolaridade, o tempo de atuação profissional, a idade e o sexo das mesmas.

Contudo, ainda que de posse a estas informações, acreditamos que o contato presencial e afetivo com as docentes participantes nos viabiliza outras e demais características também relevantes para o desenvolvimento das atividades posteriores. Assim, é fato que saber acerca da existência de profissionais que começaram a lecionar há menos de 6 meses, inevitavelmente, a experiência como docente se difere, e muito, daquela que tem 31 anos de tempo de atuação. Todavia, precisamos nos ater não somente aos números e dados quantitativos, uma vez que a qualidade das relações afetivas não requer exatamente e somente experiência profissional. Além disso, falar de sexualidade exprime igualmente abordar certos aspectos psicológicos e constituintes psiquicamente que o tempo de atuação não nos serve, de forma isolada, como fator determinante. Ou seja, e como exemplo, podemos hipotetizar que uma pessoa com muito pouco tempo de atuação profissional, apresenta uma sede de conhecimento e uma abertura para novos diálogos e que uma pessoa com mais tempo de experiência, apresenta processos mais rígidos internamente e a sexualidade lhe aparentar um tema que não deveria ser abordado na escola. O inverso também pode ser verdadeiro! Uma pessoa com pouco tempo de atuação, acreditar que este tema deve ser abordado pela família e não ter interesse no assunto e uma pessoa com mais experiência buscar sempre a inovação e novos conhecimentos. Com isso, longe de descartar os dados de caracterização, queremos frisar que é preciso entendê-los não como elementos estáticos e consolidados, e sim como algumas informações que devem ser complementadas por outras igualmente relevantes. Complementos estes que puderam ser observadas durante toda a extensão do projeto de intervenção em formação continuada, com exemplos das atividades realizadas, das expressões faciais e corporais e dos discursos apresentados pelas participantes. Assim, reiteramos a importância do contato afetivo e presencial que se estabeleceu durante todo este projeto, o qual nos forneceu dados significativos sobre a dinâmica psíquica grupal e individual, tal como a percepção da rigidez – ou não – dos processos psíquicos e intrínsecos e sua utilização dos mecanismos de defesa, os quais desembocam na abertura para novas e diferentes abordagens e sua consequente sede de conhecimento. Aspectos estes que não estão descritos nem apontados no questionário e que

são de suma importância, não só para a pesquisa, mas para o trabalho profissional desenvolvido nesta rede municipal de ensino, na esperança de que estas docentes possam compreender e transcender estas relações afetivas em suas rotinas diárias com as crianças.

É claro que não desmerecemos nem descartamos a extrema relevância das formações científicas, sejam estas iniciais, como pós-graduações ou até mesmo como outras formações continuadas. Muito pelo contrário, em diversos momentos deste estudo, iremos apontar a importância de transmitir cientificamente os conhecimentos e a continuação de formações continuadas que fomentem o tema da sexualidade infantil. Mas acreditamos que tais formações devam apostar igualmente nas relações afetivas e humanizadoras que constituem o trabalho de todo ser humano!

#### 4.1.1.2 Dados Conceituais

O segundo tópico do questionário refere-se a alguns dados relevantes sobre conceitos das grandes temáticas desta pesquisa e serão apresentadas a seguir.

- **Apresentação e alguns apontamentos sobre a segunda pergunta aberta**

A segunda pergunta aberta do questionário (ver Apêndice E) refere-se ao conhecimento sobre a sexualidade infantil e as respostas estão representadas no Quadro a seguir.

#### Quadro 6

*Respostas do questionário acerca da origem do conhecimento sobre a sexualidade infantil*

Categoria	Subcategorias	Indicativos
Conhecimento sobre a sexualidade infantil	Dessaber	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ não sei se algumas coisas do que fazem é sexualidade ou por imitação dos adultos,</li> <li>✓ estranho crianças colocarem 2 bonecos se beijando as vezes não entendo nada,</li> <li>✓ vem a curiosidade e perguntas que as vezes não sabemos responder,</li> <li>✓ muitos adultos não estão preparados para orientar e lidar com isso,</li> <li>✓ a gente deve saber lidar com isso, pois não sabemos o que se passa em casa,</li> </ul>
	Gênero	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ separação de cor, objeto, brinquedo e brincadeiras entre menino e menina</li> <li>✓ é a formação do gênero, de acordo com o meio em que vive,</li> <li>✓ diferença entre menino e menina</li> </ul>
		<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ desperta uma curiosidade por ser ser humano</li> <li>✓ estão se descobrindo nessa fase</li> <li>✓ curiosidade para entender seu corpo</li> <li>✓ curiosidade para se tocar,</li> </ul>

	Concepção biológica	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ conhecimento corporal individual e dos colegas</li> <li>✓ descoberta, não por influências, mas pelo instinto desde o nascimento,</li> <li>✓ descobrir, tocar e entender que certas regiões do corpo provocam prazer,</li> <li>✓ interesse para os órgãos genitais,</li> <li>✓ descobertas e interesses do próprio corpo,</li> <li>✓ descobrimento do seu próprio corpo e sensações,</li> <li>✓ é a descoberta do corpo, de partes prazerosas e de necessidades fisiológicas,</li> <li>✓ é a descoberta dos desejos sexuais, a diferença entre o masculino e o feminino, órgãos genitais,</li> </ul>
	Assexuada	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ tudo que ela faz é sem maldade ou malícia,</li> <li>✓ aguça a curiosidade principalmente na adolescência,</li> <li>✓ criança com comportamento de adulto, sabe fazer coisas que não são para sua idade,</li> <li>✓ acredito que não fazem por maldade, estão se descobrindo,</li> <li>✓ ...desenvolver sentimentos. Criança tem que brincar e ser feliz,</li> <li>✓ atitudes inadequadas de acordo com sua idade,</li> <li>✓ as crianças, com toda sua pureza vão descobrindo a sexualidade nas brincadeiras, com o outro. Mas tem criança que assiste muita TV e vê além do que é para a idade,</li> </ul>
	Descrição de comportamento sexual	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ crianças passando a mão em seus órgãos, deitam no colchão e ficam esfregando.</li> <li>✓ não tem vergonha da exposição, de gestos e palavras</li> <li>✓ todo comportamento diferenciado, como beijar na boca, do colega, desenha órgãos genitais ou esfrega objetos nos órgãos genitais</li> <li>✓ beijo na boca, se masturbar, tocar em órgãos genitais em público</li> <li>✓ o pipi fica duro na hora da troca de fraldas, outras crianças são mais inocentes,</li> <li>✓ estão sentindo prazer em se tocar,</li> </ul>
	Decorrência do meio externo	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ o comportamento da criança quando ela vivencia ou presencia alguma coisa relacionada ao sexo,</li> <li>✓ é um sentimento que pode ser estimulado ou inibido, dependendo da família, dos amigos, sociedade em geral...</li> <li>✓ as vezes fazem na escola o que presenciam em casa,</li> <li>✓ através de gestos que as vezes são incentivado por adulto,</li> <li>✓ tem criança assistindo muito TV, e vê imagens além do que é para idade deles,</li> <li>✓ conhecendo o corpo humano e o meio em que vive, reproduzem o que vêem em filmes, novelas, família, muitas vezes sem saber o real significado,</li> <li>✓ depende de cada criança, do que ela vive no ambiente familiar, no bairro, qual a bagagem,</li> <li>✓ fazem o que presenciam em casa,</li> <li>✓ auto-descobrimdo, algumas precoce devido ao ambiente familiar,</li> <li>✓ desperta curiosidade e descoberta quanto ao sexo e também ato de reprodução do que vê,</li> </ul>
	Educação Sexual	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ precisa ser orientada pelos adultos,</li> <li>✓ sexualidade precisa ser ensinada desde pequeno o que pode e não pode,</li> <li>✓ tratar todos os temas que envolvem a sexualidade, o descobrimento ou até os problemas que trazem o tema quando há outras pessoas envolvidas,</li> <li>✓ precisamos orientar para cuidar do corpo e não deixar ninguém tocar nas partes íntimas... são muito novas parte este assunto (sexo),</li> <li>✓ tem que trabalhar os nomes dos órgãos, ensinar a eles que são naturais, mas que não é o momento adequado. Criança consciente sabe se defender de possíveis abusos,</li> <li>✓ forma de expressar corporalmente. É muito importante</li> <li>✓ orientar desde a infância, seja pelos pais e pela escola... sem despertar neles a sexualidade avançada,</li> <li>✓ faz parte da formação da criança, cabe a o adulto orientar para que ela se</li> </ul>

		<p>descubra enquanto ser humano,</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ se for bem conduzido, faz parte do desenvolvimento humano, se tiver bom direcionamento passamos por esta fase tranquilamente... sexualidade precisa ser ensinada desde pequenos o que pode o que não pode,</li> <li>✓ é maneira de fazer a criança entender o que é sexo de uma forma natural e presente em sua vida e ensinar como ele pode lidar com isso para não sofrer conseqüências desastrosas,</li> </ul>
	Falta de Clareza	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ trata do comportamento do indivíduo</li> <li>✓ comportamento sexual das crianças</li> <li>✓ a criança tem atitudes e comportamentos diferentes do outro</li> <li>✓ é um sentimento, comportamento sexual das crianças,</li> <li>✓ campo de estudo infantil</li> <li>✓ desenvolvimento sexual das crianças,</li> </ul>

Com o Quadro acima, pudemos observar que o entendimento das docentes acerca de sexualidade infantil está pautado em questões relacionadas ao gênero, com descrições de uma concepção biológica e também em decorrência do meio externo e de criança assexuada. Podemos verificar também que nas respostas há menções de que as crianças necessitam de orientações de um adulto, assim como narrações das manifestações sexuais infantis. Além disso, algumas docentes expõem seus saberes acerca deste tema. A subcategoria “falta de clareza” refere-se a discursos que não apresentam clareza e com redundância nas respostas, isto é, as docentes não conseguiram expressar claramente suas compreensões sobre o que é sexualidade infantil.

Como já dito anteriormente no método, a utilização de alguns dados histórico-culturais, além da psicanálise como base de análise dos dados, nos conduz a conceber que a sexualidade apresenta uma trajetória na história da humanidade e que está presente na vida dos indivíduos desde a mais tenra idade. Assim, por si só, acreditar na assexualidade de crianças “[...] não é um erro qualquer, mas de grandes conseqüências” (Freud, 1905/2016, p. 73). E aqui, ainda que a pergunta refira-se à compreensão particular de cada docente, podemos utilizar a palavra ‘erro’, uma vez que conceber a ausência de sexualidade em crianças é um erro conceitual!

Por definição, a sexualidade nas crianças, segundo o fundador da psicanálise, obedece uma fonte de excitação corporal de acordo com a maturidade biológica e, em decorrência disto, um prazer psíquico e emocional (Freud, 1905/2016). É fato que as estimulações externas ganham certo destaque neste contexto, as quais encontram correspondência com os fatores internos latentes (Freud, 1905/2016; Klein, 1926/1981). Desta forma, fica claro que os aspectos biológicos devem ser considerados em consonância com o meio externo e as relações psicoafetivas decorrentes. Contudo, as respostas fornecidas por algumas docentes pautam-se em uma concepção puramente biológica, em que a curiosidade, o interesse e a descoberta do próprio corpo são as justificativas mais presentes. Em contrapartida, outras docentes pautam-se somente na influência do meio externo

para o despertar da sexualidade nas crianças, como por exemplo, a televisão, ambiente familiar, amigos e sociedade em geral.

As demais subcategorias – gênero, descrição de comportamentos sexual e a educação sexual – ainda que são, obviamente, importantes para consideramos a compreensão geral do tema e na prática profissional, parece não responder exatamente a pergunta do que é sexualidade infantil. Somado a este aspecto, a presença de termos, na grande maioria das respostas, como “*eu acho que é...*”, “*eu acredito que...*” e “*eu vejo no dia-a-dia...*” nos traduzem que suas compreensões são, muito provavelmente, resultantes de suas próprias concepções de mundo, de vivências particulares e subjetivas e das experiências cotidianas no trabalho – o que se contradiz com a pergunta fechada sobre a origem do conhecimento deste tema e uma parcela destas professoras assinalaram o conhecimento científico/formação.

Com isso, fica evidente a importância de que aspectos sobre o desenvolvimento infantil e noções básicas de sexualidade, sua trajetória e contexto atual, além da existência de manifestações sexuais na infância sejam contemplados no projeto de intervenção em formação continuada, na esperança de que estas docentes, ao obterem os necessários conhecimentos científicos, possam, além de deixar de propagar o senso comum, aplicar no cotidiano escolar.

- **Apresentação e alguns apontamentos sobre a terceira pergunta aberta**

A terceira pergunta realizada de forma aberta no questionário refere-se à descrição dos comportamentos sexuais expressos pelas crianças presenciados pelas docentes no ambiente escolar.

#### Quadro 7

*Respostas sobre a descrição de comportamentos sexuais expressos pelas crianças no ambiente escolar presenciados pelas docentes.*

Categoria	Subcategoria	Indicativos
Descrição de comportamentos sexuais expressos pelas crianças no ambiente escolar	Não presenciaram	✓ 39 questionários não responderam esta questão, deixando-a em branco
	Decorrência do meio externo	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ crianças fazendo gestos, como se tivessem vendo algo parecido em casa,</li> <li>✓ que reproduzem cenas,</li> <li>✓ posições como já viram alguém tendo uma relação sexual,</li> <li>✓ a mãe repreendeu o menino porque não podia brincar de boneca,</li> <li>✓ crianças que não pegam a cor rosa por rótulos de casa,</li> </ul>
	Curiosidade sexual sem explicitude genital	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ olhando o corpo dos amiguinhos,</li> <li>✓ a forma de olhar,</li> <li>✓ menina mostrando seu órgão genital para um menino,</li> <li>✓ uma criança pedindo para a outra mostrar seu órgão genital,</li> <li>✓ tentando ou insinuando um beijo,</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ crianças se beijando,</li> <li>✓ falando as partes íntimas das meninas, comentando sobre “palavrões” íntimos</li> <li>✓ falando que é namorado,</li> </ul>
	Curiosidade sexual com explicitude genital	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ criança toca em seu órgão genital no banheiro da escola,</li> <li>✓ olhar e mexer “ali”</li> <li>✓ meninas se esfregando uma na outra,</li> <li>✓ um menino passando a mão na vagina da menina e ela rindo à toa,</li> <li>✓ manuseio dos órgãos genitais, uma criança com a outra,</li> <li>✓ pediu para colocar a boca no pipi e levou uma mordida,</li> <li>✓ a criança ficava constantemente se esfregando na cadeira e delirava. Outra ficava trancando as pernas e mexendo o quadril,</li> <li>✓ pênis ereto e o colega quis passar a mão e perguntou porque estava assim,</li> <li>✓ fica com a mão no pênis,</li> <li>✓ diálogos envolvendo o sexo</li> <li>✓ fazendo movimentos sexuais em bonecas, em seus colegas,</li> <li>✓ um menino em cima de uma boneca fazendo movimentos da prática sexual,</li> <li>✓ ...como também a própria masturbação,</li> <li>✓ esfregando órgãos genitais na beira do colchão, chão e brinquedos,</li> <li>✓ crianças só falam de sexo.</li> </ul>

Como podemos observar no quadro acima, algumas docentes deixaram esta questão em branco, uma vez que assinalaram a alternativa que nunca presenciaram comportamentos sexuais em crianças no ambiente escolar. Dentre as professoras que descrevem já terem presenciado comportamentos sexuais nas crianças, há aquelas que apontam manifestações explícitas e com conotação genital e outras apontam tais manifestações sem a conotação genital. Outras educadoras narram os comportamentos sexuais na infância com menções às influências do meio externo que vivemos, com exemplos do ambiente familiar.

Vale a pena considerar aqui que a representação numérica das educadoras que deixaram de responder esta questão representa um importante aspecto, posto que esta quantidade ultrapassa os 42% de todos os questionários respondidos. Ou seja, quase metade das professoras afirma não ter presenciado nenhum comportamento sexual infantil no cotidiano escolar (o gráfico representativo e suas devidas análises sobre a pergunta fechada estão presentes na sessão “resultados e discussão”). Números expressivos estes que nos conduzem a pensar que, se tais educadoras disseram que nunca viram nenhuma manifestação sexual na escola, certamente concebem que a sexualidade na infância não está presente desde o nascimento enquanto parte constitucional e desenvolvimentista de todo e qualquer ser humano. É claro que as manifestações sexuais ainda continuam a existir, mas o olhar frente a isto as impedem de conceber como sexualidade e que, utilizando as palavras do próprio fundador da psicanálise:

É bastante fácil explicar por que a maioria das pessoas, sejam observadores clínicos ou não, prefere nada saber sobre a vida sexual das crianças. Elas esqueceram sua própria atividade sexual infantil, sob a pressão da educação para a vida em sociedade, e não desejam ser lembradas do que foi reprimido. Chegariam a outras convicções se iniciassem o exame com uma autoanálise, uma revisão e interpretação de suas lembranças infantis” (Freud, 1910/2016, p. 203).

Com isso, fica clara a necessidade de que este fato, por si só, merece uma atenção especial ao elaborarmos todo o projeto de intervenção em formação continuada, o qual foi abordado constantemente, mas principalmente no quarto e quinto encontro.

Neste mesmo sentido, é possível discorrer que as demais educadoras que declararam já terem percebido certos comportamentos sexuais das crianças, as quais apontam serem decorrentes de influências diretas do meio externo, com referência ao ambiente familiar, nos permite dizer também sobre concepções de criança assexuada. Isto porque, se a sexualidade sofre uma relação direta dos agentes externos e, conseqüentemente as crianças são mera reprodutoras de comportamentos, a sexualidade na infância, para estas professoras, não apresenta uma característica inerente do desenvolvimento infantil e portanto se faz proveniente e inaugurada de acordo com a história de vida de cada uma. É óbvio que não podemos desconsiderar tais influências e as particularidades individuais de quaisquer crianças, mas é óbvio também que a sexualidade não é algo inaugurado e despertado em determinadas crianças. E é exatamente este ponto que fez com que Sigmund Freud desenvolvesse sua teoria sobre a sexualidade infantil e abandonasse a teoria da sedução por ele anteriormente descrita.

Outro ponto a ser aqui discutido é sobre as descrições da sexualidade com ou sem explicitude genital. Ainda que tenhamos muito a comemorar sobre as percepções de que a sexualidade se faz presente desde a infância, não podemos garantir a concepção que as crianças são dotadas de sexualidade desde o nascimento. Algumas expressões nos fazem acreditar que as referências não são crianças muito pequenas, uma vez que tais crianças se utilizam de falas e diálogos verbais, como por exemplo: *“só falam de sexo”*, *“pediu para colocar”* e *“perguntou”* (sic). Ou seja, se a criança já se mostra dotada de diálogos e comunicações verbais, a referência não se faz por crianças que freqüentam as primeiras etapas da educação infantil, as quais podemos então dizer que tais concepções são decorrentes de que a sexualidade não está presente desde o nascimento.

A esperança recai sobre a presença dos outros indicativos que apontam para a possibilidade de que os comportamentos sexuais sejam apenas uma curiosidade das crianças, como por exemplo, *“a forma de olhar”*, *“olhar e mexer ‘ali’”* e *“crianças se beijando”* (sic). Contudo, há a necessidade de mais elementos que contribuam para que possamos assegurar que a concepção aqui implícita seja de curiosidade desenvolvimentista, a qual o percurso do projeto de intervenção em formação continuada nos possibilitará.

### 4.1.1.3 Prática Profissional

O último tópico do questionário (ver Apêndice E) foi descrito, de forma hipotética, três casos referentes à prática do cotidiano escolar, em que foi solicitada a opinião das docentes e suas atitudes frente às manifestações sexuais das crianças.

Vale a pena destacar que serão exibidas, primeiramente, as respostas fornecidas nos três casos e as análises e apontamentos decorrentes serão apresentadas, em conjunto, logo em seguida.

- **Apresentação das respostas referentes ao 1º caso hipotético do questionário**

O primeiro caso hipotético proposto é referente a uma criança de 5 anos de idade, que frequenta a Pré-Escola da Educação Infantil, a qual nomeamos como Catarina. A descrição conta que os pais não se mostram muito presentes quanto ao acompanhamento escolar – como reuniões e tarefas escolares – e a criança não apresenta dificuldade na aprendizagem. O ocorrido narra que, certo dia, na hora da brincadeira livre na escola, Catarina foi ao banheiro com mais duas crianças de sua idade e foi possível ouvi-las rir. Ao entrar no banheiro, a professora se deparou com as crianças sentadas no chão, sem as calcinhas, apontando e tocando nos órgãos genitais umas das outras.

As respostas fornecidas pelas docentes acerca deste 1º caso estão expostas abaixo:

#### Quadro 8

##### *Respostas do questionário acerca da prática profissional no 1º caso hipotético do questionário*

Categoria	Subcategorias	Indicativos
Opinião frente à descrição do 1º caso	Concepção biológica e naturalista	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ acredito que nesta idade, as crianças tentam descobrir as diferenças entre os sexos,</li> <li>✓ talvez estivessem curiosas,</li> <li>✓ estavam curiosas e se descobrindo,</li> <li>✓ crianças são curiosas. Não é porque são homossexuais ou desavergonhadas,</li> <li>✓ estão se conhecendo, tem curiosidade,</li> </ul>
	Expressão de sentimentos e valores éticos e morais	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ acho desagradável,</li> <li>✓ é uma situação complicada,</li> <li>✓ que é errado,</li> <li>✓ esse comportamento não é adequado,</li> <li>✓ elas não têm idade para fazer aquilo,</li> <li>✓ ... são muito novas,</li> </ul>
	Repressão	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ faria uma roda de conversa com as duas crianças, que ainda não é momento para isso,</li> <li>✓ que o banheiro não é para brincar,</li> <li>✓ que é pra ir uma de cada vez no banheiro,</li> <li>✓ sempre monitorar a saída para o banheiro.</li> <li>✓ ajudaria a se vestirem, diria que isto não pode,</li> </ul>

Atitude frente à descrição do 1º caso		<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ tentar impedir que vá mais de uma criança no banheiro,</li> <li>✓ explicaria que não pode colocar a mão na borboletinha dos colegas,</li> <li>✓ diria que não há motivos para risos, era apenas uma parte do corpo, tem que respeitar,</li> <li>✓ chamaria a atenção,</li> <li>✓ ajudaria a se vestirem,</li> <li>✓ somos todas iguais fisicamente, não havendo necessidade de ficar olhando e tocando,</li> <li>✓ explicaria que não é o momento para isso,</li> <li>✓ acho que deveria ter um adulto perto das crianças,</li> </ul>
	Repressão e Explicação com Funcionalidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ perguntaria o que estão fazendo, pediria para se vestirem, diria que cada uma tem sua vagina, protegemos com calcinha e usamos para fazer xixi,</li> <li>✓ conversaria que não pode fazer isto, que meninas tem vagina e todas são da mesma forma,</li> <li>✓ explicaria que não pode sentar no chão sem calcinhas, que pode vir bichinhos e que não pode tocar nos órgãos genitais, ainda mais de colegas. Só pode tocar na hora do banho e quem deve fazer é a mamãe,</li> <li>✓ orientar quanto à higiene,</li> <li>✓ exploraria as diferenças entre meninos e meninas,</li> <li>✓ esclareceria a curiosidade, após perguntar o que elas estavam fazendo,</li> <li>✓ não alerto o acontecido. Falo que não pode, pois pode se machucar,</li> <li>✓ explicaria a função dos órgãos genitais,</li> <li>✓ diria que a escola é para estudar e brincar, e que não é o momento,</li> <li>✓ não devemos deixar ninguém ver, tocar nem deixar que toquem na gente,</li> </ul>
	Dispersão	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ procuraria reverter o ocorrido, falando sobre outro assunto,</li> <li>✓ perguntaria o que está acontecendo, falaria para colocar a roupa e vão brincar,</li> <li>✓ eu ofereceria algumas brincadeiras... como trocar roupas de bonecas, dar banho nos bonecos,</li> </ul>
	Encaminhamento	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ comunicaria aos pais,</li> <li>✓ passaria para a direção e juntos qual a melhor maneira,</li> <li>✓ pediria ajuda da diretora e da psicóloga da escola,</li> <li>✓ conversaria na coordenação com as crianças,</li> <li>✓ comunico a diretora para se possível conversar com os pais e intervenção da psicóloga,</li> <li>✓ chamaria os pais para ter uma conversa com o seu filho, explicando a sexualidade,</li> <li>✓ orientava, ficaria de olho e passava para a mãe para conversar em casa, chamaria os pais para conversar junto com a professora e esclarecer a situação,</li> </ul>
	Orientação sem especificar	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ levaria o caso para a direção e conversaria com os pais para juntos conversarmos com a criança,</li> <li>✓ pediria para colocarem as roupas e faria uma roda de conversa sem citar nomes,</li> <li>✓ conversaria na sala de aula sobre o uso do banheiro,</li> <li>✓ tentar descobrir de onde saiu tal ideia e orientá-las,</li> <li>✓ explicaria a forma correta para a idade delas,</li> </ul>

• **Apresentação das respostas referentes ao 2º caso hipotético do questionário**

O segundo caso hipotético proposto é referente a uma criança de 1 ano e meio e freqüente a Educação Infantil desde seus 8 meses, o qual nomeamos como Pedro. A descrição conta que o

menino se apresenta, na maior parte do tempo, de maneira tranquila e calma; sua mãe se mostra presente e atenta às necessidades do filho quanto aos cuidados, higiene e educação e seu pai, devido à uma carga horária de trabalho densa, não acompanha a vida escolar do filho. A cena narra que durante uma atividade de brincadeira livre na escola, a professora presenciou Pedro dando um beijo na boca de uma coleguinha.

Abaixo, estão exibidas as respostas fornecidas pelas docentes acerca deste 2º caso.

#### Quadro 9

##### *Respostas do questionário acerca da prática profissional no 2º caso hipotético do questionário*

Categoria	Subcategorias	Indicativos
Opinião frente à descrição do 2º caso	Concepção biológica e naturalista	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ nesta idade é normal, a criança não tem noção do que faz,</li> <li>✓ é uma situação normal, pois a criança sente prazer na boca, não há malícia,</li> <li>✓ é normal em alguns casos,</li> <li>✓ está se descobrindo,</li> <li>✓ a criança sente sensações através da boca, descobre o mundo pela boca,</li> <li>✓ uma criança de 1 ano e meio não tem noção do que pode ou não pode,</li> </ul>
	Expressão de sentimentos	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ não gosto desta situação,</li> <li>✓ não é legal ficar acontecendo esse contato físico,</li> <li>✓ eu passo por este problema quase todos os dias,</li> </ul>
	Decorência do meio externo	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ com certeza alguém faz em casa e ele acha normal,</li> <li>✓ é normal nesta idade, às vezes presencia em casa,</li> </ul>
Atitude frente à descrição do 2º caso	Repressão	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ sempre chamamos a atenção e diria que não pode,</li> <li>✓ orientava a criança a não fazer mais,</li> <li>✓ diria que não pode beijar na boca do amigo,</li> </ul>
	Repressão e Explicação com Funcionalidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ falaria que o beijo é na bochecha e não na boca,</li> <li>✓ explicaria que não pode beijar na boca de colegas, porque só adultos beijam na boca,</li> <li>✓ explicaria que não pode, que vai pegar sapinho.</li> <li>✓ que é coisa de adulto e não de criança,</li> <li>✓ pois isso pode ser feito quando adulto,</li> <li>✓ que não pode beijar na boca, pois pode fazer machucado, dodói,</li> <li>✓ beijinho na mãozinha, no rostinho sim, na boquinha não,</li> <li>✓ explicaria que não tem idade para isso,</li> <li>✓ beijaria o coleguinha no rosto e pediria para ele repetir a mesma coisa, explicando,</li> <li>✓ mostraria que nós beijamos na bochecha,</li> </ul>
	Dispersar e Ignorar	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ tiraria um de perto do outro e continuaria normalmente,</li> <li>✓ chamaria para uma brincadeira,</li> <li>✓ distrairia com outra coisa, tirando a atenção dele,</li> <li>✓ distraí-los com alguma brincadeira, fazendo com que mudem o foco,</li> <li>✓ demonstraria de forma lúdica e através de cantigas e histórias como demonstrar sentimentos através do beijo,</li> <li>✓ agiria normalmente,</li> <li>✓ devido à idade não tem muito o que fazer, não entende se falar que não pode,</li> <li>✓ observando se aconteceria por muitas vezes ou foi somente o acaso,</li> </ul>

	Encaminhamento	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ conversaria com os pais, pois a criança não faz por maldade, às vezes os pais beijam a boca da criança e assim eles fazem com a colega,</li> <li>✓ conversaria com os pais, pois pode ser que a criança está repetindo o que um adulto fez,</li> <li>✓ é comum, pois os pais beijam na boca e eles reproduzem. Como professora, explicaria que não pode fazer, conversaria com os pais para que eles também não o fizessem,</li> <li>✓ conversaria com a coordenação,</li> </ul>
--	----------------	---

• **Apresentação das respostas referentes ao 3º caso hipotético do questionário**

O terceiro caso hipotético proposto é referente a uma criança de 3 anos e se apresenta muito agitado, nervoso e agressivo durante a maior parte do tempo, o qual nomeamos como Antônio. A descrição conta que os pais são separados e a mãe trabalha o dia todo, o que dificulta o acompanhamento escolar da criança, em que a mesma fica sob os cuidados de uma babá após o término do horário da creche. O episódio narra que, na escola, antes de dormir, a professora presencia a criança mostrando o “pipi” para um coleguinha de classe, o que o fez rir bastante.

A seguir, o Quadro contempla as respostas fornecidas pelas docentes acerca deste 3º caso.

Quadro 10

*Respostas do questionário acerca da prática profissional no 3º caso hipotético do questionário*

Categoria	Subcategorias	Indicativos
Opinião frente à descrição do 3º caso	Concepção biológica e naturalista	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ devido à idade, é normal,</li> <li>✓ nesta faixa etária, não existe malícia, para ele seu órgão genital pode ser motivo de estranheza,</li> <li>✓ estão se descobrindo e querendo compartilhar a descoberta,</li> <li>✓ a criança se toca nesta idade,</li> <li>✓ ele está se descobrindo e que mostrar para o colega,</li> </ul>
	Decorrência do meio externo	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ como são inocentes, alguém fez ou faz por brincadeira,</li> <li>✓ que ele deve estar vendo alguém fazer isso.</li> </ul>
	Expressão de sentimentos e valores éticos e morais	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ acho erradíssimo,</li> <li>✓ acho péssimo.</li> <li>✓ é feio mostrar as partes íntimas,</li> <li>✓ as crianças no geral, estão sem limites, com dificuldades em respeitar o outro, seja qual for a idade,</li> </ul>
	Interpretação devido à história de vida	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ às vezes quer chamar a atenção,</li> <li>✓ o fato de não ter a mãe ou o pai presentes, é o meio da criança pedir socorro, faltando afeto, carinho e amor,</li> <li>✓ a criança sente falta do aconchego da família... talvez um sinal de abuso sexual ou alguém pegando e mostrando para ele.</li> <li>✓ falta a presença e diálogo dos pais. A criança quis chamar a atenção,</li> <li>✓ pode estar sentindo falta da mãe ou do pai, pois fica com a babá e na escola,</li> <li>✓ procuraria saber se está acontecendo alguma coisa em casa,</li> </ul>

Atitude frente à descrição do 3º caso	Repressão	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ pediria para não fazer mais isto,</li> <li>✓ pediria para guardar e respeitar os colegas,</li> <li>✓ orientaria para não fazer mais isso,</li> <li>✓ ... que o pipi deve ser retirado somente no banheiro,</li> <li>✓ chamo a atenção e coloca a criança para dormir,</li> <li>✓ pediria para guardar, que não pode e mudaria de assunto,</li> <li>✓ digo que não pode fazer na escola,</li> <li>✓ ... explico que é feio, mas sempre com carinho,</li> <li>✓ explicaria que sua atitude não estava certa,</li> </ul>
	Repressão e Explicação com Funcionalidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ trataria com naturalidade e diria que cada um tem o seu e que são iguais e serve para fazer xixi,</li> <li>✓ diria que usamos roupas para não mostrar aos amigos e que foi feito para fazer xixi,</li> <li>✓ ensinar que não pode, que o pipi é pra ficar quietinho e não pra mostrar para os outros,</li> <li>✓ falaria que ele precisa respeitar seu corpo e assim será respeitado pelo outro menino,</li> <li>✓ que os genitais são só dele e não pode ficar exibindo,</li> </ul>
	Encaminhamento	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ conversar com os pais, ver com quem a criança fica... pode estar acontecendo alguma coisa,</li> <li>✓ conversaria com os pais para que isso não se repita,</li> <li>✓ pediria ajuda de um profissional,</li> </ul>
	Orientação e encaminhamento	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ chamaria a atenção da criança e levaria o caso para a direção, além de observar atentamente o comportamento desta criança,</li> <li>✓ conversaria com a criança, dizendo que não mostre sua parte íntima e falaria para os pais,</li> <li>✓ como professora, conversaria dizendo que não pode e tentaria falar com os pais para ensinar a criança juntos,</li> <li>✓ orientava para parar com isso e passava para a mãe para conversar,</li> </ul>
	Dispensar e Ignorar	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ diria que é hora de dormir e não de brincar,</li> <li>✓ sem alarmar, digo que é hora de descanso,</li> <li>✓ observaria,</li> <li>✓ tentaria não dar ênfase para tal atitude, que ele não sentisse mais e não repetisse tal atitude,</li> <li>✓ Ficaria atenta a esta criança,</li> </ul>

Diante das respostas apontadas, pudemos verificar que as opiniões das professoras frente às manifestações sexuais das crianças descritas apresentam uma concepção de que a sexualidade na infância é fruto exclusivamente do meio externo em que convive, bem como uma concepção biológica e naturalista. Apesar do primeiro Quadro não estarem explícitas as opiniões quanto à influência do meio externo, os indicativos da subcategoria ‘encaminhamento’ nos mostram que esta também é uma opinião das educadoras para este caso. Isto porque, se descrevem que acionariam a coordenação, a direção, os pais e/ou a psicóloga da escola para que pudesse verificar o que está acontecendo em casa, estamos assim diante de uma ideia pautada na influência do ambiente externo. Podemos observar também que, dentre as respostas, estão contidos valores éticos e morais individuais, como por exemplo, “*é feio*” e “*é errado*” (sic), assim como puderam expressar seus

sentimentos perante os casos apresentados, os quais “*acho desagradável*”, “*é péssimo*” e “*não gosto desta situação*” (sic) exemplificam estes sentimentos. No terceiro caso, e somente neste, boa parte das docentes compreenderam e justificaram a sexualidade da criança descrita em função da história de vida pregressa e o ambiente familiar que convive, principalmente em detrimento da ausência dos pais no acompanhamento escolar – fato este que nos fornece uma interessante reflexão.

O curioso nesta reflexão é observar que, na descrição dos casos, o terceiro é o único caso em que, além dos aspectos familiares, a criança apresenta um comportamento agitado, nervoso e agressivo, o que certamente é um aspecto dificultador no cotidiano escolar. Ora, mas a descrição do primeiro caso também narra uma ausência dos pais no acompanhamento escolar e em nenhum momento, a sexualidade foi compreendida e justificada pela história de vida pregressa e ambiente familiar que ela convive. E pensar que a manifestação sexual desta criança – meninas se tocando no banheiro – também se dá de maneira explícita! Será porque a criança descrita neste primeiro caso, não apresenta dificuldades na aprendizagem? Como também não há menção ao comportamento da criança, nos leva a crer que a ausência de descrições dos aspectos que dificultam o cotidiano da escola, impulsiona as docentes a pensarem em opiniões e atitudes frente ao episódio citado. O que se difere do terceiro caso, já que a descrição do ambiente familiar possibilita uma justificativa para o comportamento e também para a manifestação sexual infantil.

Queremos aqui esclarecer que, em momento algum estamos desconsiderando a história de vida pregressa e o contexto familiar em que a criança vive, muito pelo contrário, é certo que tais vivências apresentam consequências diretas para as crianças. Sabemos igualmente que pensar em sexualidade infantil é um tema complexo, polêmico e que carrega consigo muitos tabus e preconceitos, além de que, segundo Freud (1905/2016), exprime os aspectos primitivos da personalidade de cada um de nós. Com isso, continuando com Freud (1926/2016) e frente à possibilidade de encontrar meios para nos proteger de angústias, tensões e sofrimentos psíquicos, entra em cena o mecanismo de defesa, na tentativa de solucionar os conflitos psíquicos e diminuir as ansiedades, hostilidades e impulsos agressivos. Neste terceiro caso, em especial, a projeção como mecanismo de defesa, merece uma breve descrição.

No sentido propriamente psicanalítico, operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro – pessoa ou coisa – qualidades, sentimentos, desejos e mesmo “objetos” que ele desconhece ou recusa nele. Trata-se aqui de uma defesa muito arcaica, que vamos encontrar particularmente na paranóia, mas também em modos de pensar “normais”, como a superstição (Laplanche e Pontalis, 2004, p. 374).

Assim, na necessidade de expulsar de si e projetar em terceiros, fica clara a necessidade de que, refletir sobre a sexualidade, além de outros fatores, é preciso entrar em contato com a própria sexualidade. É claro que a execução do projeto de intervenção em formação continuada não

sustenta a ideia de análises individuais e que, a aposta na poderosa ferramenta que a luz do conhecimento científico propicia, pode então trazer a possibilidade de reconhecer de que as crianças são dotadas de sexualidade e, portanto, que há manifestações sexuais na infância.

É fato que a concepção por detrás destes casos permanece a mesma – não só destes, mas dos três casos apresentados – nos quais a crença de que a sexualidade em crianças decorre somente por influências externas ou tão somente por aspectos biológicos e naturalistas. E isto nos mostra ser um aspecto que requer uma atenção ao elaborarmos o projeto de intervenção em formação continuada às docentes.

Ademais, para além de refletirmos sobre as opiniões e crenças do grupo, é preciso nos ater nas atitudes que estas educadoras apresentam no dia-a-dia da escola. Reprimir, ignorar o fato ocorrido, dispersar o foco com outras atividades, encaminhar para os pais, direção, coordenação e/ou para a psicóloga da escola sem oferecer nenhuma orientação são os comportamentos descritos pelas professoras que nos chamam a atenção. Ao descrever sobre a sexualidade e sua importância na constituição psíquica dos seres humanos, Freud (1905/2016) anuncia os prejuízos psíquicos e os transtornos futuros em consequência da repressão sexual. Além disto, apresentar qualquer atitude frente às manifestações sexuais – e aqui podemos incluir qualquer outro tipo de comportamento de crianças – sem mesmo oferecer qualquer orientação, não vai ao encontro com a função docente e não propiciará o desenvolvimento integral do aluno prevista pela constituição federal de 1988 (Brasil, 1988).

Longe de querermos propor que as crianças devem ser livres e que suas manifestações sexuais não devam ser reprimidas, até mesmo porque, ainda de acordo com Freud (1930/2016), a convivência em sociedade, por si só, exige que os instintos sexuais e agressivos sejam reprimidos. Mas certamente, estamos salientando a importância de que, toda e qualquer atitude e comportamento sexual na infância deve ser orientado e explicado com funcionalidade, mesmo que reprimido. E isto, além de ideal, é possível! Como podemos observar com os indicativos da subcategoria “repressão e explicação com funcionalidade”, as quais as docentes orientam e descrevem a funcionalidade de cada ação nas crianças.

Com isso, a proposta de discutir e levar os conhecimentos para a prática profissional durante a execução do projeto de intervenção em formação continuada é outro aspecto a ser ponderado. Além da existência de outros desdobramentos na prática profissional, optamos por discutir exatamente estes três casos propostos no questionário, o que pode ser observado no quinto encontro.

## 4.2 O 2º encontro: “A construção histórica acerca da infância e da criança”

Após a análise dos dados coletados no questionário, em que se observaram conhecimentos, bem como lacunas e fragilidades acerca do desenvolvimento e da sexualidade infantil, foram elaborados mais cinco encontros.

Como dito anteriormente, o quadro abaixo contém, de maneira sintética, as informações deste segundo encontro.

### Quadro 11

#### *Informações sintetizadas acerca do segundo encontro*

Objetivo do encontro	✓ Oferecer conhecimentos da trajetória histórica e cultural acerca de infância e de criança desde a Idade Média até os dias atuais,
Atividades e Reflexões	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ As imagens sociais serviram de apoio para a realização da atividade neste encontro, a fim de investigar e compreender a concepção das educadoras sobre a infância e a criança,</li> <li>✓ A reflexão, já no final deste encontro, contou com indagações sobre as mudanças e as semelhanças das crianças de antigamente e a dos dias atuais.</li> </ul>
Conhecimentos explanados	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Com base nos documentos históricos disponíveis, a concepção de criança na Idade Média foi apresentada, assim como algumas telas de pinturas que puderam retratar este aspecto.</li> <li>✓ A partir do século XVIII as transformações desta concepção puderam ser percebidas e o século XIX assistiu as particularidades e especificidades da infância serem desveladas sob a luz da ciência. Algumas pinturas em telas foram exibidas, nas quais puderam traduzir a diferença na concepção histórica e social da infância e da criança.</li> <li>✓ A diferença entre a realidade das crianças negras e brancas no Brasil também fez parte das explicações deste dia, bem como as diferenças dos papéis sexuais entre meninos e meninas.</li> <li>✓ Já no século XX, as contradições entre as postulações científicas e a nova adultização das crianças encerrou o encontro.</li> </ul>
Questionário	✓ As respostas fornecidas no questionário sobre este aspecto discutido neste encontro foi exibido às educadoras participantes.
Vídeo	✓ Um vídeo que pôde estampar as diferenças sociais entre as infâncias no Brasil e outro sobre a adultização das crianças foram sugeridos.

Neste segundo encontro e conforme previsto no cronograma, o tema desenvolvido foi “A construção histórica acerca da infância e da criança” e como ponto de partida, uma reflexão inicial instigou e favoreceu, a partir de duas imagens retiradas da internet (Apêndice F), a expressão verbal das docentes sobre suas percepções pessoais em diferenciar e/ou assemelhar a própria infância com as dos dias atuais. A primeira imagem, datada de 1946 e portanto preta e branca, continha três crianças brincando com uma corda e um poste na rua; enquanto na segunda imagem, que é bem mais recente e colorida, continha uma criança brincando com peças de encaixar.

Após um período de silêncio, as docentes começaram a expor suas idéias sobre a questão abordada. Algumas descrições sobre a vivência delas próprias enquanto criança, com discurso saudosista, nas quais as referências se apresentaram principalmente sobre a vida na fazenda, a inocência e não maldade das crianças e as brincadeiras na rua. É importante mencionar que risadas estiveram presentes, com expressão verbal de recordações antigas sobre as brincadeiras.

Sendo assim, pudemos apresentar os resultados encontrados para esta pergunta no questionário respondido por elas. No questionário (Apêndice E) logo após os dados de caracterização, alguns dados conceituais foram solicitados e esta foi a primeira questão, a qual se apresentou de maneira aberta para que as professoras pudessem se expressar livremente sobre suas percepções a este respeito. A análise de conteúdo, de acordo com Bardin (2009), foi utilizada para analisar tais respostas e estão representadas conforme o Quadro abaixo:

#### 4.2.1 Apresentação e alguns apontamentos sobre a primeira questão do questionário

Neste primeiro encontro, houve a possibilidade de transmitir e oferecer um retorno dos conceitos e percepções das professoras sobre a primeira questão respondida no questionário (Apêndice E). O Quadro abaixo demonstra as percepções das docentes a respeito das semelhanças entre a sua própria infância e a dos dias atuais.

Quadro 12

*Respostas do questionário acerca das semelhanças entre a própria infância e a dos dias atuais*

Categoria	Subcategorias	Indicativos
Semelhanças	Ausência de semelhanças	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ não vejo nenhuma semelhança</li> <li>✓ não há semelhança alguma</li> </ul>
	Presença de semelhanças	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ ainda existem crianças que gostam e prezam por brincar entre elas.</li> <li>✓ a diversão do brincar é a mesma, pois a criança se encanta com o lúdico e a brincadeira</li> <li>✓ brincávamos com os amigos</li> <li>✓ vontade de aprender</li> <li>✓ curiosidade</li> <li>✓ algumas brincadeiras, lendas e parlendas, passadas de geração em geração</li> <li>✓ a inocência nas atitudes, a alegria, o sorriso</li> <li>✓ a infância das crianças é pura e ingênua sem maldade, mas com curiosidade.</li> </ul>

Para a categoria das “Diferenças”, vale a pena destacar que, para fins didáticos e melhor visualização, os indicativos não foram mencionados ao transmitir para as docentes, como pode ser constatado no Apêndice F. Além disso, como as subcategorias se repetiram para as respostas de “hoje em dia” e de “antigamente”, a explanação foi realizada com as subcategorias mencionadas uma única vez, o que foi explicado verbalmente para todas no momento.

Os Quadros abaixo demonstram as percepções das docentes a respeito das diferenças entre a sua própria infância e a dos dias atuais. Primeiramente, será exposto o que as professoras elegeem como “diferenças das crianças de hoje em dia”.

### Quadro 13

*Respostas do questionário acerca das diferenças das crianças de hoje em dia em comparação com a própria infância*

Categoria	Subcategorias	Indicativos
Diferenças das crianças de hoje em dia	Brincadeiras	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ as crianças pouco brincam</li> <li>✓ brincadeiras são limitadas</li> <li>✓ não sabem as brincadeiras de antigamente</li> <li>✓ as crianças não brincam</li> <li>✓ não fazem coisas de criança</li> <li>✓ não se tem infância</li> </ul>
	Relações e Comportamento	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ esquecem de ser crianças</li> <li>✓ perderam a sua ingenuidade</li> <li>✓ não possuem limites</li> <li>✓ são agressivos</li> <li>✓ não tem mais respeito</li> <li>✓ as crianças têm tudo e não dão valor em nada</li> <li>✓ mais respostas</li> <li>✓ tem muita informação e mais diálogo.</li> <li>✓ quase não conversam</li> <li>✓ não se interagem mais</li> <li>✓ não existe muito contato</li> <li>✓ mundo perigoso, onde tudo dá medo</li> <li>✓ ao invés de apresentarem brincadeiras ao ar livre</li> <li>✓ as crianças não estão acostumadas com perdas e frustrações e não sabem receber o não.</li> <li>✓ crianças agitadas, dispersa sem interesse</li> <li>✓ deixam de aproveitar o que é oferecido</li> <li>✓ falta amor</li> <li>✓ mas crianças não tem medo de nada... sem temer ao que lhe será cobrado</li> <li>✓ menos ativas e não gostam de correr</li> <li>✓ só sabe dos seus direitos e não mais dos deveres</li> <li>✓ as crianças estão muito dependentes, não fazem tarefas básicas do dia a dia sozinhas</li> <li>✓ comprometimento dos professores</li> </ul>
	Cognitivo e Tecnologia	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ as crianças ficam em meio a vídeo-game, celulares, televisores, dentro de casa, computadores</li> <li>✓ acesso à informação sobre qualquer assunto</li> <li>✓ a tecnologia está em primeiro lugar, até com bebês</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ tanta informação que as crianças se perdem</li> <li>✓ são mais espertos</li> <li>✓ já sabem o que querem</li> </ul>
	Constituição e Conduta familiar	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ os pais não estão ensinando o que é certo e errado</li> <li>✓ estão deixando por conta da escola.</li> <li>✓ situações e assuntos que são tratados sem restrições</li> <li>✓ as famílias são menores</li> <li>✓ os pais estão ocupados, na sua maioria trabalham fora e não tem esse tempo</li> <li>✓ pais não se preocupam com os filhos... o tempo torna-se curto, atenção, carinho, proteção e responsabilidade</li> <li>✓ crianças estão fazendo o que querem com seus pais e eles ainda dizem que não dá conta</li> <li>✓ falamos não declarados, mais cautelosos com nossos filhos (sobre homossexuais)</li> <li>✓ ... mas por fim falta tudo, família em sua real concepção</li> </ul>
	Acesso e Conhecimento Geral	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ ficou mais fácil entender as crianças e saber lidar com os problemas apresentados no dia-a-dia</li> <li>✓ acesso ao estudo, materiais, uniformes, transporte e alimentação</li> <li>✓ muitos auxílios para que não falte nada</li> <li>✓ não tinha não acesso tão cedo a escola</li> <li>✓ variedades de projetos para formação desde a infância até os dias atuais</li> <li>✓ bem melhor agora</li> <li>✓ o consumismo é grande</li> </ul>
	Sexualidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ as crianças manifestam muito cedo sua sexualidade</li> <li>✓ as crianças são bem avançadas</li> <li>✓ facilitam qualquer informação sobre qualquer assunto, inclusive sexualidade</li> <li>✓ cenas de nudez e sexo são muito mais explícitos</li> <li>✓ os assuntos sobre sexo são tratados na frente das crianças sem cuidado algum; menos reprimidos</li> <li>✓ por influência das mídias e meios sociais, tudo tem um teor de malícia</li> <li>✓ curiosidade está maior</li> <li>✓ as crianças são erotizadas muito cedo</li> <li>✓ a forma natural de abordar o assunto já nem sempre esclarecido mas já conhecido</li> </ul>
	Violência	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ as crianças não brincam na rua devido ao aumento da violência, do fluxo de veículos</li> <li>✓ tudo muito perigoso</li> <li>✓ pessoas maldosas</li> <li>✓ as crianças preferem (e os pais também) que fiquem confinados em seus quartos, alegando estarem em segurança</li> </ul>

Ainda sobre as diferenças, as “diferenças das crianças de antigamente” eleitas pelas docentes estão expostas no Quadro abaixo:

#### Quadro 14

*Respostas do questionário acerca das diferenças das crianças de antigamente em comparação com a dos dias atuais*

Categoria	Subcategorias	Indicativos
Diferenças das crianças de antigamente	Brincadeiras	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ brincadeiras eram freqüentes</li> <li>✓ brincadeiras de rua</li> <li>✓ tinham contato com vários animais, subia em árvores</li> <li>✓ mais livres</li> <li>✓ brincar na rua sem preocupação de horário, andar pela cidade sozinha</li> <li>✓ improvisava e construía os brinquedos</li> <li>✓ brincadeiras saudáveis</li> <li>✓ brincava de boneca, amarelinha, queima, carrinho de madeira, panelinhas, com amigos, escolinha, pular corda, bolinha de gude, bugalha</li> <li>✓ poucos brinquedos comprados em loja</li> <li>✓ brincávamos mais</li> </ul>
	Relações e Comportamento	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ crianças estão muito avançadas pela idade que eles tem.</li> <li>✓ eram mais inocentes</li> <li>✓ havia mais respeito</li> <li>✓ conversavam, tiravam suas dúvidas, pediam conselhos</li> <li>✓ conversávamos frente a frente</li> <li>✓ amor ao próximo</li> <li>✓ relações mais estreitas</li> <li>✓ os assuntos eram separados entre as crianças e os adultos</li> <li>✓ sempre aos olhos da mãe</li> <li>✓ o importante era ser feliz</li> </ul>
	Constituição e Conduta familiar	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ o respeito era exigido</li> <li>✓ eram mais reservados</li> <li>✓ assuntos eram bem restritos</li> <li>✓ origem mais conservadora, havia pouco diálogo... até pouco entendimento da parte deles de certos assuntos</li> <li>✓ trabalhavam as diferenças, o ganhar e o perder de forma natural</li> <li>✓ os pais eram mais presentes</li> <li>✓ educação muito rígida</li> <li>✓ falta de diálogo com os pais</li> </ul>
	Sexualidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ não era tão afluída</li> <li>✓ não tinha manifestações sexuais entre as crianças</li> <li>✓ quase não se ouvia falar em sexualidade</li> <li>✓ não existia tanta malícia como hoje</li> <li>✓ não falavam sobre sexo ou sexualidade</li> <li>✓ quase não víamos pessoas homossexuais</li> <li>✓ não fazia gestos obscenos</li> <li>✓ eram mais inocentes</li> </ul>
	Escola e Alfabetização	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ éramos alfabetizados mais tarde</li> <li>✓ sistema rígido</li> <li>✓ não existia diálogo</li> <li>✓ interesse escolar maior</li> <li>✓ era mais valorizada</li> <li>✓ não havia tantas informações</li> </ul>
	Condição Financeira	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ antes muita pobreza</li> <li>✓ recursos eram poucos</li> <li>✓ minha infância foi simples e saudável</li> <li>✓ não tinha muito, mas não me faltava nada</li> </ul>
	Cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ usava muito a nossa mente pra tudo</li> <li>✓ como se as crianças eram mais espertas</li> </ul>

	Violência	✓era mais tranqüilo ✓ tinha mais liberdade
--	-----------	---

Como pudemos perceber no Quadro 14, poucas pessoas elegem alguma semelhança entre a sua própria infância e a dos dias atuais. Outras ainda escrevem que não há semelhança alguma e há também aquelas que não fazem menção alguma sobre semelhanças na escrita. As diferenças existentes e ilustradas nos Quadros 13 e 14 foram eleitas por boa parte das docentes com exemplos da sua própria infância e/ou com referência às crianças atuais.

É importante dizer que não houve nenhum questionário que esta questão foi deixada em branco.

Interessante reflexão se dá ao analisarmos as respostas, principalmente se levarmos em consideração que as docentes elegem as crianças e as condições e oportunidades que as mesmas estão inseridas e não a infância em si. É fato que aqui não estamos nos referindo a conceitos e diferenciações entre as terminologias, mas sim ao conteúdo. A presença do saudosismo, ou até mesmo por acreditarem que as oportunidades e acesso atualmente são facilitadores, com diminuição dos sofrimentos e angústias são as justificativas comuns entre as respostas. Longe de querermos contestar tais afirmações, até porque as observações cotidianas não nos levam a acreditar em aspectos distintos destes apontados no questionário; mas é preciso ir mais além do que isto. É preciso pensar na trajetória que a infância e a criança percorreram na história da humanidade, com presença viva e muito marcante ainda até os dias atuais, assim como o movimento social em que a criança vivencia atualmente. Ademais, reconhecer que o olhar da sociedade – e nós como adultos – direcionamos para estas crianças, na oferta de conhecimentos, oportunidades, atividades e relações que se estabelecem constitui um aspecto muito importante para futuros desdobramentos na prática pedagógica.

Assim, na certeza de que tais conhecimentos são relevantes para o aprimoramento científico destas docentes, este foi o nosso objetivo com este segundo encontro.

#### **4.2.2 A atividade proposta e alguns apontamentos sobre a concepção de criança e de infância**

Dando prosseguimento ao encontro e como atividade proposta, as professoras foram incentivadas a refletirem sobre suas concepções intrínsecas a respeito de criança e de infância. Utilizando das imagens sociais descritas por James, Jenks e Prout (1998) citado por Sarmiento (2007), as quais foram explicadas sobre suas concepções implícitas anteriormente, as docentes se dirigiram aos cartazes que foram espalhados pela sala do auditório, nos quais estavam coladas

figuras e palavras-chave que pudessem representar cada concepção. Além destas concepções e como outra opção, a possibilidade da dúvida e/ou de não conseguir se posicionar esteve presente com um cartaz destinado para esta finalidade.

A criança inocente, a criança má, a criança imanente, a criança naturalmente desenvolvida e a criança imanente são as cinco imagens sociais descritas pelo referido autor, as quais traduzem as concepções representadas em cada cartaz exposto.

Com esta atividade, houve uma movimentação constante pela sala do auditório e as professoras, além de se dirigirem para os cartazes correspondentes às suas próprias concepções, conversavam entre si e justificaram a “escolha” realizada. Apesar de algumas poucas indecisões, podemos afirmar que o deslocamento para os cartazes se deu de maneira rápida, e logo após cada grupo compartilhou a suas “escolhas”.

- **A Criança Inocente**

A primeira imagem social a ser descrita foi a de criança inocente que, segundo Sarmiento (2007) funde-se com o romantismo da pureza, da bondade e da beleza e fundamenta-se no paradigma filosófico de Rousseau em que a natureza da criança é genuinamente boa e somente a sociedade a perverte.

Este cartaz atraiu boa parte dos participantes, tanto no “Grupo A” como o “Grupo B” e a justificativa principal dos docentes se refere a premissa de que os agentes externos, isto é, as pessoas e a sociedade em si, moldam o comportamento das crianças.

Aqui, diante os relatos das professoras, podemos dizer que esta concepção se sobrepõe e se confunde com outra concepção – a concepção de tabula rasa. Isto porque a referência apresentada se pauta na influência, e tão somente, dos agentes externos e da sociedade para com as crianças. Em nenhum momento houve menção à bondade genuína das crianças e/ou como algo já inscrito na natureza humana. É fato que, diante nossos questionamentos quanto a genuinidade, a argumentação se refere à natureza infantil como pura e bondosa, porém com retomada do discurso anterior logo em seguida.

Desta forma, com os relatos destes professores, podemos também dizer que a concepção da criança como tabula rasa é aqui representada pelos mesmos, ainda que tenham se dirigido ao cartaz da criança como inocente. As falas dos professores de que *“a criança não sabe de nada”*, *“a gente tem que torcer para a sociedade ser boa e melhorar”* e *“as crianças são espelhos do que elas convivem”*(sic) traduzem esta concepção de criança como tabula rasa, ainda que a escolha do cartaz não tenha sido esta.

A concepção como *tabula rasa* é também apresentada por Sarmiento (2007) como imagem social de “criança imanente” e será discutida mais abaixo. Aqui, o que nos cabe dizer, é que as concepções parecem se confundir em seu conceito inicial.

O olhar e a percepção destas profissionais da educação a respeito das crianças de acordo com a premissa desta imagem social nos levam a considerar e discutir que a herança histórica e cultural é um fator importante a ser considerado e que se arrasta até os dias atuais com resquícios ainda muito presentes. Ariès (1981), ao descrever sobre a história social da criança, sinaliza sua invisibilidade durante boa parte da história da humanidade, sendo considerada um ‘adulto em miniatura’. Esta expressão utilizada pelo autor retrata que as características e particularidades próprias desta fase do desenvolvimento não eram assim reconhecidas. A “escolha” das docentes sobre a imagem social como “criança inocente” parece assim desconsiderar uma peculiaridade desta fase do desenvolvimento, uma vez que a criança é concebida como um ser inocente, sem maldade, e, em especial para este estudo, um ser assexuado.

É fato que descortinar e reconhecer as peculiaridades da criança e da infância não é o equivalente à considerar a sexualidade presente nos primeiros anos de vida. A sexualidade por si só carrega consigo muitos tabus, preconceitos e mitos e que, para além de uma leitura histórica, falar de sexualidade exprime os aspectos intrínsecos à personalidade e história de vida pessoal e individual, com suas dificuldades e entraves diante deste tema tão conturbado e conflituoso na infância.

Por isso acreditamos que falar de sexualidade está para muito além do que fornecer simples informações e conceitos teóricos. Desta forma, outro aspecto, e não menos importante a ser considerado, são os aspectos psíquicos envolvidos para a escolha desta concepção. Assim, a reflexão neste momento nos impulsiona a discutir sobre a resistência existente nos seres humanos, o que impede e/ou dificulta reconhecer e perceber a sexualidade como parte do desenvolvimento e presente, ainda mais, desde a mais tenra idade. Uma breve discussão sobre este processo psíquico se faz necessária, o qual desempenha um papel importante nesta discussão. Laplanche e Pontalis (2004) pontuam e ajuda a esclarecer que a resistência é tudo aquilo que se opõe ao acesso do inconsciente. Freud (1893-1895/2016) expõe, na descrição de um caso clínico, que este mecanismo de defesa apresenta “uma significação mais profunda [...] que a doente mostrava na reprodução de suas lembranças” (p. 147). Vale a pena destacar que a resistência está presente em todos os indivíduos, e não apresenta a conotação patológica tão pronunciada pelo senso comum.

O conflito edípico e os intensos desejos sexuais presentes durante a infância acabam por contribuir para os entraves e dificuldades presentes e, graças à amnésia infantil, assim como

postulou Freud (1905/2016), não nos recordamos destes aspectos, exceto alguns fragmentos ininteligíveis. Segundo o autor, a amnésia infantil:

[...] esconde à maioria das pessoas (não à todas!) os primeiros anos da infância, até os seis ou oito anos de idade. [...] Não pode se tratar, então, de um verdadeiro desaparecimento das impressões da infância, mas sim de uma amnésia semelhante à que observamos nos neuróticos em relação a vivências posteriores, cuja essência consiste num mero afastamento da consciência (repressão) (Freud, 1905/2016, pp. 75-76).

Outro fator relevante se refere à exposição das professoras perante as demais que estavam ali presentes. Ou seja, há uma moralidade imposta socialmente e psiquicamente que direciona as participantes para uma concepção mais “aceitável e adequada”, e assim a concepção da criança como um anjo parece se encaixar mais perfeitamente. A necessidade desta moralidade e adequação social, o referido autor a descreve em seu trabalho, ao discorrer sobre as três instâncias psíquicas, que foram por ele denominadas como Id, Ego e Superergero (Freud, 1923/2016). O superergero é a instância a que nos referimos neste momento, o qual cumpre com a função de censurar os impulsos mais primitivos do ser humano.

- **A Criança Má**

A presença destes processos psíquicos descritos acima parece também exprimir, ainda que em outro contraponto, a imagem social enquanto “criança má”. Esta concepção não foi eleita por nenhum participante, nem no “Grupo A” nem no “Grupo B”. Esta imagem social está relacionada, ainda de acordo com Sarmiento (2007), com referência filosófica em Hobbes em que a criança é dotada de instintos e ‘forças indomadas, dionisíacas, com potencialidade permanente para o mal’, as quais necessitam ser domesticadas e controladas pela razão, pelos pais e pelo poder do Estado.

Os fatores sociais e psíquicos mencionados no tópico acima sobre a criança inocente são aspectos igualmente relevantes ao discutirmos esta imagem social. Pensar em características genuinamente ruins parece vir à tona toda a discussão sobre o superego e a necessidade de adequação social e moralidade perante os demais participantes. Logo, podemos aspirar também sobre mecanismo de defesa descrito por Freud (1926/2016), os quais dificultam as docentes em reconhecer e atribuir características “más” nas crianças.

Por definição, a psicanálise, e em especial Klein (1926/1981; 1946/1996; 1957/1996) postula que sentimentos relacionados com a agressividade estão presentes de forma constitucional e, portanto, logo ao nascer. A este respeito, Freud (1915/2016; 1920/2016) já havia mencionado a existência de conteúdos hostis em crianças pequenas.

- **A Criança Imanente**

Outra imagem social a ser discutida é a de “criança imanente”. Sarmiento (2007) descreve esta concepção assentada na formulação filosófica de John Locke do século XVII, em que a criança é considerada uma tabula rasa, na qual são inscritas tantos os vícios, como as virtudes. A justificativa dos docentes para consentir esta concepção está pautada na influência total dos agentes externos, com menção à família, aos estágios de desenvolvimento e à inocência.

E aqui, diferente da concepção de “criança inocente”, a justificativa dos professores revela certamente a descrição da imagem social apontada pelo autor. A totalidade da influência dos agentes externos com nenhuma ponderação às características genuínas e constitucionais na criança é apontada pelas docentes como compreensão e concepção sobre as crianças.

É certo que, ao levarmos em consideração a palavra concepção, que apresenta como significado as palavras “compreensão, percepção, ponto de vista, opinião, ideia, noção” (Houaiss, 2011, p. 215), podemos perceber que “conceber” apresenta uma estreita relação com as peculiaridades individuais e as crenças de cada um. Longe de querermos apresentar o que é certo e errado, até mesmo porque o ato de conceber não se refere a esta ação, não podemos deixar de apresentar o que a ciência nos revela sobre as características e particularidades das crianças, em especial sobre a psicanálise e as leituras sociais e históricas - que são as nossas referências nesta pesquisa.

Desta forma, desconsiderar por completo os aspectos genuínos e constitucionais do ser humano está na contramão do que a psicanálise nos propõe. Alguns conceitos podem traduzir o que para a psicanálise é também poder considerar o indivíduo enquanto um ser biológico e, como exemplo, iremos nos referir à palavra pulsão (que dá origem a expressões mais conhecidas como pulsão de vida e pulsão de morte). Uma breve descrição da etimologia da palavra se faz necessária e Laplanche e Pontalis (2004) sinaliza a palavra pulsão como equivalente do alemão *Trieb* e *Instinkt*. Apesar de terem acepções e empregabilidade diferentes, na tradução para o português, *Instinkt* apresenta as mesmas implicações propostas por Freud. Assim, o termo pulsão evidencia ‘o sentido de impulsão’ e “segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa *excitação corporal* (estado de tensão)” [grifo nosso] (Laplanche e Pontalis, 2004, p. 394).

Ao nos referirmos aos aspectos biológicos na constituição dos seres humanos, a própria sexualidade, que é o tema central deste estudo, pode ser igualmente referenciada. É fato que a sexualidade não está condicionada apenas aos fatores constitucionais e que devemos considerar os demais fatores envolvidos, como vem sendo abordado em toda a trajetória desta pesquisa. Ao definir a sexualidade, Laplanche e Pontalis (2004) descrevem que a sexualidade proporciona “um

prazer irredutível à satisfação de uma *necessidade fisiológica fundamental*” [grifo nosso](Laplanche e Pontalis, 2004, p. 476)

Como podemos perceber, ainda que existam outros exemplos, acreditamos que a partir destes explanados acima, é possível notar que, para o fundador da psicanálise, os aspectos biológicos, e não somente é claro, estão presentes na constituição psíquica dos indivíduos. Assim, o fato das docentes desconsiderarem por completo os aspectos biológicos e constitucionais nos parece um pouco temeroso, o que nos faz pensar sobre a necessidade de ponderar tais informações no decorrer da formação.

- **A Criança Naturalmente Desenvolvida**

“Criança naturalmente desenvolvida” é a quarta imagem a ser discutida e esta concepção está assentada, ainda de acordo com Sarmiento (2007) na psicologia do desenvolvimento, principalmente nos estudos de Jean Piaget, atribuindo que “as crianças são seres naturais, antes de serem seres sociais, e a natureza infantil sofre um processo de maturação que se desenvolve por estágios”.

É evidente que precisamos considerar o processo de maturação biológica existente durante o desenvolvimento infantil. Contudo, é também evidente que devemos atribuir certa medida aos processos psicológicos e sociais em que as crianças estão inseridas. Diante os relatos das docentes, os mesmos que fizeram a escolha por este cartaz parecem desconsiderar tais fenômenos, com descrições à roteiros e esquemas pedagógicos a serem seguidos e desenvolvidos no cotidiano escolar. Relatos que consideram o ambiente familiar também são expostos, ainda que na necessidade dos processos biológicos inerentes aos seres humanos na fase infantil.

Neste momento, vale a pena trazer à tona novamente que a psicanálise não desconsidera, em momento algum, aquilo que nos é herdado biologicamente, enquanto constituição de indivíduo. É fato que os estudos de Piaget se esforçaram por considerar um atributo em especial, que é a inteligência humana, o que diferencia substancialmente dos estudos freudianos, que tem por finalidade maior a dinâmica psíquica dos indivíduos.

Ainda que, a partir da fala das docentes, o ambiente familiar seja citado, o que é evidenciado pelas mesmas são os roteiros e esquemas pedagógicos a serem seguidos e desenvolvidos nas escolas. Desta forma, os processos psicológicos e sociais, inerentes à individualidade e história de vida pessoal parecem não serem considerados para que o planejamento e as atividades escolares possam ser desenvolvidos.

- **A Criança Inconsciente**

O conflito relacional na idade infantil com as figuras maternas e paternas, considerando a importância do inconsciente no desenvolvimento do comportamento humano é o que impute esta outra imagem social descrita por Sarmiento (2007) como “criança inconsciente”, que apresenta como figura de referência Sigmund Freud e conseqüentemente a psicanálise.

A partir dos discursos apresentados pelos participantes que optaram por esta imagem social, é possível dizer que a vivência e o ambiente familiar foram a justificativa principal. Assim, na esperança de que estes docentes possam atribuir pesos e medidas aos processos psicológicos e sociais, bem como aos processos biológicos, nos faz pensar que conceber as crianças como um ser dinâmico e apostar nas vivências relacionais favorece o entendimento e concepção da sexualidade em si que será apresentada posteriormente.

Além disso, conceber as vivências relacionais, tanto sociais, psicológicas e constitucionais, como concepção de mundo e de crianças contribui - ainda que não garanta, é claro - para assegurar uma relação afetiva para com as crianças. A necessidade dos afetos e da relação afetiva é uma constante postulação dos mais diversos estudos, com conseqüências na socialização, na aprendizagem, nos aspectos cognitivos e psicológicos.

- **A Indefinição de Concepção de Criança**

E para finalizar, a possibilidade da dúvida, bem como não conseguir se posicionar foi por nós criada e apresentada como mais uma alternativa. Os professores que optaram por esta concepção disseram que todas as imagens sociais apresentadas condiziam com suas próprias concepções.

Neste momento, o que nos cabe pensar é que a concepção de criança realmente não é um aspecto ainda definido por eles. E quando nos referimos a definidos, não estamos dizendo em concepção certa ou errada, como já dito anteriormente, e sim em concepção de criança, de infância e então de mundo formalizada e convicta por cada um.

Assim, o que nos resta a questionar é que, se assim se estabelece esta dúvida, como são direcionadas as atividades e conceitos a serem repassadas às nossas crianças? E para além disso, o questionamento continua em relação sobre as questões da sexualidade na primeira infância. Na certeza de que a sexualidade está intimamente relacionada à constituição psíquica e futuros transtornos psíquicos (Freud, 1905/2016), a falta de concepção sobre a infância, e

consequentemente de direcionamentos e conhecimentos adequados, se contrapõe à saúde mental das nossas crianças e logicamente ao futuro da nossa nação!

Outro assim, a escolha das docentes em cada cartaz também não significa que as demais docentes apresentam uma concepção formalizada a respeito do assunto, mesmo porque os discursos das mesmas são, muitas vezes contraditórios e a concepção de mundo é, assim como descreve mais de uma docente: “um pouquinho de cada coisa”. O questionamento feito acima continua valendo então, não somente para o cartaz que representa a dúvida e sim para todos...

Desta forma, as imagens sociais, bem como as concepções de criança intrínsecas de cada um é um aspecto que necessita ser refletido e discutido neste contexto escolar. Apropriando-nos das palavras de Sarmiento (2007):

[...] as concepções historicamente construídas sobre as crianças e dos modos como elas foram inscritas como imagens sociais tanto nos esclarecem sobre os seus produtores (o conjunto de sistemas estruturados de crenças, teorias e idéias, em diversas épocas históricas) quanto ocultam a realidade dos mundos sociais e culturais das crianças, na complexidade da sua existência social (pp. 25-26).

Com isso, o que nos cabe neste período de formação continuada, é poder desconstruir conceitos errôneos a partir da idéia e imagem de infância, principalmente de criança assexuada, fornecendo assim conhecimentos científicos sobre sexualidade e desenvolvimento infantil.

Logo em seguida à atividade realizada e compartilhada com todos, discorreremos sobre a construção da infância e da criança ao longo dos tempos, tendo como ponto de partida a Idade Média. Um quadro com informações do tempo cronológico e histórico foi apresentado com o intuito de auxiliar e situar as professoras no tempo histórico (ver Apêndice F).

### **4.2.3 A construção histórica acerca da infância e da criança**

#### **4.2.3.1 A Idade Média como ponto de partida**

A partir de documentos históricos da Idade Média, que abrange entre os séculos V e XV, pudemos explicar que, de acordo com Sarmiento (2007), a infância é referida muito tardiamente. A infância se torna quase invisível durante boa parte da História, com registros apenas autobiográficos, evocada pelo filtro do adulto; além da descrição de um menino-Deus, que é dotado de características de um adulto. Desta forma, o referido autor postula que:

Infância é o ‘ser em devir’ e nesta transitoriedade se anulou por demasiado tempo a complexidade da realidade social das crianças. Há uma marginalidade conceptual no que respeita à idéia ou imagem de infância no passado, que é correlata da marginalidade social que foi tida (Sarmiento, 2007, pp. 26-27).

À este respeito, Ariès (1981) já havia afirmado essa ausência da infância na história da humanidade, referindo-as como um adulto em miniatura ou mini-adulto. O autor atesta que a idéia e a imagem de infância foi sempre marginalizada e certifica a inexistência do sentimento de infância durante a Idade Média.

Diante tais explanações, reiteramos que as particularidades e características próprias desta fase do desenvolvimento não eram reconhecidas.

Uma seqüência de slides (Apêndice F), contendo telas de pintura da época da Idade Média foram expostas, com o intuito de evidenciar o não reconhecimento das características da infância, que podem ser facilmente reconhecidas, como também esclarece Ariès (1981), pelos trajes e vestimentas, aspectos musculares, traços faciais, posturas, entre outros.

Ademais, esclarecer que a inexistência do sentimento da infância não significa que as crianças eram negligenciadas, abandonadas ou desprezadas se fez presente neste momento com o auxílio da leitura de um trecho do próprio autor referenciado acima.

O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes (ARIÈS, 1981, p. 99).

Outro trecho foi lido para as professoras, em que a presença de afeição pode ser observada nos escritos de Ariès (1981) ao mencionar uma expressão utilizada no século XVII, “A pequena não contava porque podia desaparecer. ‘Perdi dois ou três filhos pequenos, *não sem tristeza*, mas sem desespero” [grifo nosso] (ARIÈS, 1981, p. 99-100).

Ao justificar esse comportamento e afeição da sociedade da época pelo alto número de mortalidade infantil, as professoras comentaram sobre os sentimentos de solidariedade e pesar para com as crianças.

A tela de pintura de Brueghel (1560 – séc. XVI) nomeada “Jogos Infantis” foi exposta com a finalidade de explanar que a indiscriminação também se apresentava sobre as atividades sociais, como os jogos e brincadeiras. Logo após pudemos sublinhar que essa indiscriminação também se apresentou sob o aspecto da sexualidade, com a leitura de mais um trecho do livro:

O respeito devido às crianças era então algo totalmente ignorado. Os adultos se permitiam tudo diante delas: linguagem grosseira, ações e situações escabrosas, elas ouviam e viam de tudo (Ariès, 1981, p. 77).

Por conseguinte e como observação importante foi necessário esclarecer que a prática de associar as crianças com brincadeiras sexuais fazia parte do costume da época. O desconhecimento das particularidades e características da infância contribuía e reforçava essa prática.

Vale a pena dizer que as professoras participaram bastante neste momento, com comentários sobre estarem aprendendo algo novo e interessante, bem como curiosidades espantosas.

### 4.2.3.2 A partir do século XVIII

Com um salto quantitativo no tempo cronológico, foi exposto que a ideia moderna de infância e de criança que temos atualmente, começou a se consolidar a partir do século XVII, com o chamado “Século das Luzes”, no Iluminismo.

A conhecida pintura em tela de William Hogarth, de 1742, “As Crianças de Graham” (Apêndice F), foi escolhida para ilustrar uma já mudança significativa no reconhecimento das características e particularidades das crianças e da infância por consequência. A tela conta com a pintura de quatro crianças contendo traços e vestimentas, aspectos musculares, traços faciais, posturas e sorrisos menos adultizados. A presença de alguns elementos como o gato, o passarinho, a coroa de flores na cabeça e um objeto de madeira faz referência ao mundo particular e único.

Uma reflexão desta transformação social e histórica se fez presente com a leitura deste trecho, contendo várias informações importantes, as quais foram sendo explicadas separadamente.

[...] mais do que ausência da consciência da infância, na Idade Média e na pré-Modernidade existiam concepções que foram profundamente alteradas pela emergência do capitalismo, pela criação da escola pública e pela vasta renovação das ideias com a crise do pensamento teocêntrico e o advento do racionalismo. Os séculos XVII e XVIII, que assistem à essas mudanças profundas na sociedade, constituem o período histórico em que a ideia moderna de infância se cristaliza definitivamente, assumindo um carácter definitivo e construindo-se como referenciadora de um grupo humano que não se caracteriza pela imperfeição, incompletude ou miniaturização do adulto, mas por uma fase própria do desenvolvimento humano (Sarmiento, 2007, p. 28).

Assim, pudemos afirmar que atualmente, a infância e a criança se apropriaram de um lugar único, sendo compreendida com suas características e particularidades próprias do desenvolvimento humano.

### 4.2.3.3 Século XIX

Com vistas à apropriação deste lugar único e singular, outra seqüência de slides (Apêndice F), contendo telas de pinturas foi exibida para as professoras, evidenciando o brinquedo e as brincadeiras como uma particularidade do mundo infantil. As evidências se pronunciavam, por exemplo, com brinquedos de cavalinho de pau, tamborzinho, carrinho de madeira e cornetinha; além de brincadeiras como roda e crianças empurrando um carrinho. Os traços e vestimentas, assim como as posturas das crianças são os demais aspectos que ficaram claros nas exposições dos slides, como o uso de shorts, laços nos cabelos e algumas crianças descalças.

As transformações nas características das crianças ficaram notórias e as docentes expressaram as mudanças, algumas com recordações do passado com parentes mais antigos e/ou com brinquedos de madeira.

Ademais, slides com ênfase para o olhar e para o próprio corpo do adulto direcionado para as crianças também esteve presente com a finalidade de salientar principalmente a mudança de olhar e postura dos adultos e da sociedade em si para as crianças e para com a infância, reconhecendo-as assim não mais como um mini-adulto.

Diante disso, a inevitável segregação do mundo adulto com o mundo infantil se impôs e telas, pinturas e fotografias puderam expor essa separação, por exemplo, no momento da refeição na mesa e com a criação da escola, como já havia sido descrito por Sarmiento (2007) e apontado logo acima.

#### **4.2.3.4 Século XX**

Para iniciar as reflexões do século XX, uma fotografia de crianças trabalhando foi apresentada as docentes e, logo em seguida as discussões se pautaram na diferenciação das infâncias entre as crianças brancas e negras no Brasil. A autora Minella (2006) foi a referência neste momento, uma vez que a mesma descreve os papéis sexuais e as hierarquias de gênero, com revelação para as desigualdades e as polarizações de meninas e meninos no Brasil no período colonial e imperial.

Foi explanado, ainda de acordo com a autora, que os papéis sexuais reforçam as desigualdades e as hierarquias, bem como os padrões de sociabilidade de meninos e meninas. Minella (2006) pontua diversas situações em que essas desigualdades e polarizações são claramente ressaltadas na família, na escola, no trabalho, nas atividades das diferentes classes sociais e nos jogos e brincadeiras das crianças. A raridade dos estudos que relacionam o gênero e a infância foi mais um conhecimento transmitido às professoras sobre este assunto.

Três slides com fotografia pintada e tela de pintura que expressa essa discrepância entre a infância de crianças brancas e negras no Brasil também foi revelada e as docentes puderam expressar o descontentamento e compaixão para essa triste realidade. Houve duas professoras que se manifestaram verbalmente sobre suas infâncias com tristeza ao recordar as segregações sofridas neste período de suas vidas. A escuta e o acolhimento deste triste discurso foi realizado neste instante e nos dispusemos também a conversar posteriormente. Neste momento posterior, alguns detalhes sobre as segregações sofridas na infância foram descritas pelas participantes, para as quais psicoterapia individual foi sugerida, apesar de ter sido negada pelas mesmas.

Ainda que a intenção e previsão do encontro fosse apresentar um vídeo para ilustrar as diferentes realidades sociais, as crenças quanto à concepção e as multi-tarefas das crianças

atualmente, não foi possível a apresentação do mesmo em função do curto espaço de tempo. Porém, ficou como indicação para assistirem em outro momento.

A argumentação seguinte baseou-se na contradição entre o auge do conhecimento científico e o processo de adultização da criança presente no século XX. De um lado o conhecimento científico, que reconheceu a infância com suas particularidades e características próprias, o que possibilitou – e possibilita – o desenvolvimento de teorias e técnicas apropriadas ao mundo infantil; de outro lado o processo de adultização das crianças – muito presente nos dias atuais – impulsionado pelo capitalismo e a indústria cultural, posicionando a criança como consumidora.

Alguns slides de propagandas de crianças adultizadas e consumidoras, inclusive com conotação sexual foram expostos às docentes neste momento.

E para finalizar, o questionamento sobre o desaparecimento da infância foi colocado em pauta. Segundo Postman (2006) as crianças passaram a partilhar novamente o mundo dos adultos na segunda metade do século XX e descreve que as mesmas apresentam obrigações e compromissos a serem cumpridos iguais aos dos adultos. O vídeo, que infelizmente não pôde ser compartilhado por todos nós neste encontro, ilustra isto muito claramente, tanto nas classes baixas como nas classes favorecidas economicamente.

Mediante o exposto e com o auxílio do slide final (Apêndice F) as docentes foram incentivadas a expressarem verbalmente, quais foram – e se houve – mudanças e semelhanças nas crianças e na infância. Após a expressão verbal das mesmas, alguns exemplos sobre as mudanças foram citados como vestimentas, os brinquedos e os jogos infantis, as brincadeiras e a constituição familiar. E também sobre as semelhanças com exemplos como o brincar, a aprendizagem, a forma de comunicação, a curiosidade, entre outros.

### 4.3 O 3º encontro: “Desenvolvimento Infantil e Noções Básicas de Sexualidade”

As informações deste terceiro encontro, de forma sintetizada, encontram-se a seguir:

#### Quadro 15

##### *Informações sintetizadas acerca do terceiro encontro*

Objetivo do encontro	✓ Transmitir conhecimentos sobre a história da sexualidade, os conceitos de educação sexual e noções básicas sobre o desenvolvimento infantil.
Atividades e Reflexões	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ A reflexão permeou pela necessidade de consentirem que as mudanças nas crianças apresentadas no encontro anterior são também decorrentes do olhar que a sociedade demonstra,</li> <li>✓ O detalhamento de características específicas da infância e sua evolução foi a atividade realizada, no intuito de reconhecerem que a sexualidade faz parte do desenvolvimento humano,</li> <li>✓ A reflexão final ficou por conta dos cuidados necessários para com expressões faciais e</li> </ul>

	comportamentos não verbais frente às manifestações sexuais das crianças no ambiente escolar.
Conhecimentos explanados	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Na pretensão de reconhecerem que a sexualidade se faz presente nas crianças, foi discutido que o desenvolvimento infantil decorre por dimensões físicas, emocionais, intelectuais, entre outros.</li> <li>✓ O percurso histórico e cultural acerca da sexualidade desde a antiguidade foi explanado, perpassando pela Idade Média, Moderna e Contemporânea.</li> <li>✓ A história da sexualidade no Brasil também foi contextualizada.</li> <li>✓ Os conceitos acerca da aprendizagem formal e informal sobre a educação sexual foram oferecidos, assim como a transmissão geracional dos modelos de comportamentos.</li> </ul>
Questionário	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ As respostas fornecidas no questionário sobre a sexualidade no cotidiano escolar, bem como sobre a educação sexual foram exibidas neste encontro.</li> </ul>

O início deste terceiro encontro se deu com a retomada do último slide do encontro passado (Apêndice F) no qual houve a possibilidade de refletir sobre as mudanças e também as semelhanças para com as crianças e a infância desde a Idade Média.

Assim, outro questionamento foi realizado, com a indagação de que tais mudanças ocorreram nas crianças ou no olhar que os adultos e a sociedade de cada época têm sobre as crianças? Neste momento, por alguns segundos, o local ficou em silêncio e logo em seguida pudemos ouvir expressões como *“Nossa! Nunca tinha pensado assim”*, *“Vixe! É mesmo, hein”*, *“Os dois lados mudaram” (sic)*. É fato que houve também relatos enfáticos como *“As crianças mudaram sim!”*, *“lógico que mudaram, e muito” (sic)*. Com isso, a necessidade de nos posicionarmos ficou clara e pudemos esclarecer que as mudanças nas crianças são evidentes ao pensarmos em brinquedos, brincadeiras, tecnologia e acesso às informações, vestimentas e trajes entre outros. Porém, ao levarmos em considerações aspectos sobre o desenvolvimento infantil, como por exemplo, o desenvolvimento cognitivo, afetivo, na aprendizagem, entre outros, não podemos dizer em mudanças.

Em seguida, uma atividade foi proposta às professoras, com a finalidade de apontar características do desenvolvimento infantil através das práticas pedagógicas diárias nas diferentes etapas de ensino, para que assim, pudéssemos refletir posteriormente sobre a existência do desenvolvimento sexual nas crianças. A atividade e algumas considerações estão descritas abaixo.

#### 4.3.1 A atividade e alguns apontamentos

Após a solicitação e explicação da atividade, as professoras reuniram-se em pequenos grupos para discutirem entre si e posteriormente houve a socialização da atividade para o grupo maior. As características e as atividades descritas pelas professoras estão apresentadas no Quadro abaixo.

Quadro 16

*Descrição da atividade com a característica do desenvolvimento da linguagem*

<b>Etapa da Educação Infantil</b>	<b>Característica eleita pelas docentes: Linguagem</b>
<b>Berçário 1</b>	Movimentação da boca, com emissão de alguns sons isolados, depois monossílabos ainda isolados e palavrinhas. Música e repetição.
<b>Berçário 2</b>	
<b>Maternal 1</b>	Nomeação dos objetos (com e sem apontar), músicas mais complexas, pequenas falas, seqüência de palavras com pequenas frases, contagem.
<b>Maternal 2</b>	Reconto de história, pequenos textos, nomeação de objetos, clareza na fala e interpretação de texto.
<b>Recreação</b>	Falar olhando pra criança (em todas as fases), deixar que recontem as histórias, música, barulhos e sons, que ajudam no desenvolvimento da fala.
<b>Pré-escola</b>	Trabalhar o desenvolvimento de fala e correção de fonemas. Uma professora lembrou de atividades que a fonoaudióloga passou para o desenvolvimento da articulação bucal e a fala propriamente dita.

Quadro 17

*Descrição da atividade com a característica do desenvolvimento da autonomia*

<b>Etapa da Educação Infantil</b>	<b>Característica eleita pelas docentes: Autonomia</b>
<b>Berçário 1</b>	Oferecer objetos e pedir para que as crianças escolham. Seguram a mamadeira sozinhos, alguns guardam brinquedos. Dependem da professora ou da auxiliar.
<b>Berçário 2</b>	Oferecer os copos para que as crianças tomem água sozinhas (alguns já seguram) e a colher para se alimentarem sozinhas também. São mais independentes, alguns já desenvolveram a fala.
<b>Maternal 1</b>	Pedir para que as crianças tirem os sapatos, algumas peças de roupa (meia, sapato, calçado, calça: a camisa é mais difícil), o processo do desfralde (ainda acompanham para chegar na recreação e pré já fazerem sozinhos). Começa a escovação dos dentes, se alimentarem, higiene, pegar a mochila deles e diferenciar com a do colega, ter cuidados e guardar os brinquedos. Começam a pintar garatujas e desenhos.
<b>Maternal 2</b>	Guardar e cuidar os pertences, começa a pintar desenhos mais elaborados, se trocarem sozinhos, buscar refeição, se enxugar no banho, reconhecer o nome dele e dos amigos, continuam a música (pode fazer com a turma toda ou um de cada vez). Escovam os dentes e escolhem as brincadeiras preferidas.
<b>Recreação</b>	Já se limpam no banheiro, identificam o nome nas canecas, assumam o nariz sozinhos, selecionam e discriminam brinquedos pelas formas. Sobem e descem sozinhos.
<b>Pré-escola</b>	Formação de filas (desde a creche), usam o material no coletivo, guardam o próprio material, sabem calçar o tênis sozinhos e dar o laço, identificam o próprio nome e dos amigos. Já descrevem alguns sentimentos e vontades.

## Quadro 18

*Descrição da atividade com a característica do desenvolvimento da coordenação motora*

<b>Etapa da Educação Infantil</b>	<b>Característica eleita pelas docentes: Coordenação Motora</b>
<b>Berçário 1</b>	Processo lento, brinquedos diversos, começam a segurar o grosso, garrafa, canudos, estimula o andar, engatinhar, levantar. Se interessam por objetos lúdicos e coloridos, começam a procurar objetos, qualquer movimento já acompanham com o olhar.
<b>Berçário 2</b>	Maior percepção, trabalha com lápis, giz de cera, tinta na mão, no rolinho. São estimulados com mordedores, chocalhos, através de conversa, qualquer barulho eles já viram e a música. Brinquedos de encaixe.
<b>Maternal 1</b>	Alinhavo, giz de cera, o giz de lousa, a textura no arroz, feijão, milho, cor, jogos lego morto vivo, em cima embaixo, dentro e fora, mordedores, equilíbrio e lateralidade e a coordenação motora fina. As trocas de roupa, conversa, mexem com a perna, com o braço. Aprende a tirar a roupa, massinha de modelar, peças de encaixes de lego e atividades com arte e brincadeiras com dança, movimento corporal.
<b>Maternal 2</b>	São maiores, correm, pulam, música, dança, brincadeira de bola, boliche, circuito e equilíbrio, dança da cadeira, de morto, de roda, pra estimular o movimento corporal q eles mais gostam e a interação. Aprimorando a coordenação motora fina. Equilíbrio, lateralidade, espaço, dentro e fora, preparar para uma recreação, pra segurar lápis.
<b>Recreação</b>	Pontilhado, recortes, a educação física ajuda bastante na coordenação motora, pintura, massinha de modelar, circuitos. Alinhavo, lã, tinta e barbante. A informática ajuda na coordenação com o “mouse”.
<b>Pré-escola</b>	Pontilhados, recortes, colagens, jogos, noção de espaço, noção de caderno, coordenação motora já está mais firme, tamanho da letra com a linha toda do caderno (já vem sendo trabalhando antes, com encaixes, lego). Direita e esquerda, dentro fora, zigue-zague. A educação física ajuda no aperfeiçoamento também.

Como podemos perceber com os Quadros acima, as professoras descrevem as atividades, independentemente da característica escolhida, sob uma forma gradativa e processual. As descrições parecem conter a idéia de aquisição de certa característica para que assim, possa evoluir para uma fase posterior. É certo que podemos perceber também que as atividades se misturam e se sobrepõem com os instrumentos utilizados, bem como com os objetivos a serem alcançados. Contudo a idéia de evolução e desenvolvimento se mantém presente.

Sendo assim, e na certeza de que estas docentes apresentam noções claras de que o desenvolvimento, assim como o próprio significado da palavra, relaciona-se com “crescimento, progresso” (Houaiss, 2011, p. 285), além de “progressão de um estágio a outro mais avançado” (Bechara, 2011, p. 505); o próximo slide questiona se a sexualidade pode ser considerada também desenvolvimentista. Neste momento, um sonoro “sim” foi ouvido pela sala! A confirmação de que a sexualidade é uma característica e uma particularidade do desenvolvimento infantil, com uma

evolução crescente foi por nós reiterada e que devemos considerar os aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais.

Posteriormente, as respostas dadas pelas educadoras no questionário foram expostas nos slides, as quais serão discutidas abaixo.

#### 4.3.2 O “feedback” de algumas questões do questionário e seus apontamentos

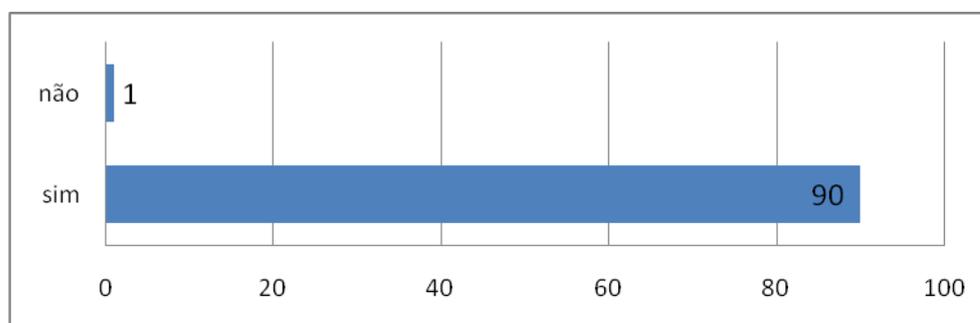
As três primeiras questões fechadas do questionário (Apêndice E) foram expostas neste momento para as professoras sob a forma de gráficos quantitativos.

##### 4.3.2.1 A primeira indagação do questionário e seus apontamentos gráficos e qualitativos

A primeira questão indagada aos professores se refere à importância e necessidade, ou não, do conhecimento sobre a sexualidade infantil para a prática docente. O Gráfico abaixo representa as respostas fornecidas pelas docentes.

Gráfico 1

*Respostas sobre a importância e necessidade da sexualidade infantil para a prática docente*



Como pudemos perceber, boa parte das docentes desta Rede Municipal de Ensino acredita que o tema da sexualidade infantil é importante e necessário para sua prática cotidiana. Esta clareza das necessidades e importância dos conhecimentos nesta temática é extremamente relevante, uma vez que, ao considerarmos o fundador da psicanálise, Freud (1905/2016) postula que a sexualidade está intimamente relacionada com o desenvolvimento de futuros transtornos psíquicos, o que a torna determinante para a Constituição Psíquica de todos os indivíduos.

Assim, reconhecer a importância e necessidade do tema da sexualidade na Educação Infantil é poder considerar a dimensão psíquica das crianças e suas conseqüências futuras. E isto já é um

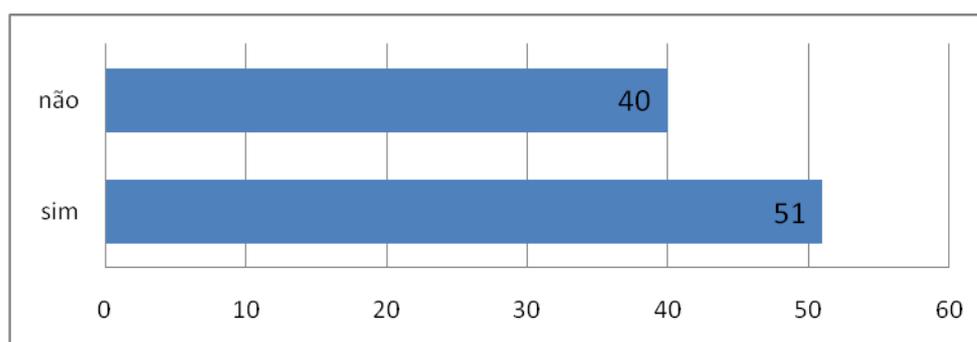
ótimo começo! Só nos resta saber, o porque elas consideram importante este tema? O que elas fariam (ou fazem) com estes conhecimentos? Qual a concepção de sexualidade infantil que as mesmas apresentam? Indagações estas que nos foi útil para o planejamento das discussões que fomentaram os encontros deste projeto de intervenção em formação continuada.

#### 4.3.2.2 A segunda indagação do questionário e seus apontamentos gráficos e qualitativos

O segundo questionamento indaga se as docentes já presenciaram alguma situação envolvendo a sexualidade em seu cotidiano escolar e a representação gráfica destas respostas está abaixo exposta.

Gráfico 2

*Respostas sobre presenciarem situações envolvendo a sexualidade*



Com este segundo Gráfico, podemos perceber que algumas docentes afirmam já terem presenciado alguma situação envolvendo a sexualidade no dia-a-dia da escola; mas que também algumas outras professoras negam já ter presenciado alguma situação com este tema nas escolas.

Neste momento, é imprescindível dizer que a sexualidade, ainda de acordo com Freud (1905/2016) está presente desde o nascimento, na mais tenra idade. Demais contemporâneos da psicanálise também reiteram este conceito, ainda que seus estudos possam caminhar para outros rumos posteriormente. E aqui destaco principalmente Klein (1926/1981) e Aberastury (1982), uma vez que as autoras trabalharam diretamente com crianças e a presença de sexualidade na infância nunca fora questionado pelas mesmas.

Desta forma, é importante refletir que as docentes que negaram já terem presenciado alguma situação envolvendo a sexualidade no ambiente escolar, muito provavelmente estão referindo-se à uma sexualidade genital e/ou alguma manifestação decorrente da genitalidade. Ajuriaguerra (1980) nos contribui ao descrever que:

A genitalidade é apenas uma das expressões da sexualidade; é apenas um dos aspectos da evolução libidinal difusa ou localizada, segundo a fase de fixação. Em determinado momento, está em primeiro plano, para, a seguir, ceder o lugar às outras fases, persistindo sob uma outra forma (p. 361).

Com isso, acreditamos que estas docentes não devem ter presenciado, por exemplo, danças de cunho sexuais, auto e hetero carícias, beijos, masturbação infantil, entre outros. Isto é, não devem ter presenciado nenhuma criança com manifestação sexual genital e/ou alguma atividade sexual de maneira explícita, assim como exemplificamos acima. Contudo, como descrito por Ajuriaguerra (1980), a sexualidade perpassa por outras formas de manifestações e a genitalidade é apenas uma destas manifestações. Ou seja, a sexualidade se apresenta sim na Educação Infantil e seria ideal que as docentes pudessem perceber as diversas manifestações sexuais nas crianças. Acreditamos porém que é bem provável que estas professoras já tenham presenciado qualquer tipo de atitude sexual no ambiente escolar, seja de maneira explícita ou não, mas o olhar e a concepção de criança assexuada (como vimos na atividade do encontro passado) não favorece tal percepção.

Ainda de acordo com as manifestações sexuais na infância, Klein (1926/1981) pontua que as fases psicosexuais descritas por Freud se apresentem muito mais precoce do que havia descrito o fundador da psicanálise, inclusive a genitalidade. Com isso, a possibilidade destas educadoras terem presenciado qualquer atividade sexual é muito grande, o que ainda não garante que a percepção das mesmas sejam de atividades sexuais, como descrito anteriormente.

Em relação as educadoras que apontaram já terem presenciado alguma manifestação sexual no cotidiano escolar, não podemos aqui afirmar que estas apresentem a concepção da presença da sexualidade nas crianças. Isto porque, ao recordarmos a atividade do encontro passado, boa parte das docentes se dirigiu ao cartaz de criança inocente. Assim, é muito provável que estas educadoras presenciaram manifestações sexuais genitais nas escolas e que as demais manifestações sexuais presentes na criança, como por exemplo, as satisfações orais e anais, auto e hetero carícias podem ter passado despercebidas, além de que a percepção para tais manifestações não favorece a compreensão de criança sexuada.

Aqui, é preciso considerar dois aspectos ao refletirmos sobre este tópico. Primeiramente, as manifestações sexuais apontadas por Klein (1926/1981), como já sinalizado acima, se apresentam de maneira muito mais precoce do que foi descrito por Sigmund Freud, inclusive a genitalidade. Assim, ao levarmos em consideração esta precocidade, bem como as observações diárias, é possível afirmar que há manifestações genitais e que as danças erotizadas, masturbação infantil, auto e hetero carícias e demais exemplos estão presentes nas crianças e portanto no cotidiano escolar da Educação Infantil.

O outro aspecto a ser analisado refere-se à estimulação de agentes externos. Em primeiro lugar, como descreve Freud (1905/2016), o despertar dos instintos sexuais na segunda fase da

masturbação infantil, que se situa por volta dos quatro anos de idade, depende de causas internas e externas. As causas externas:

[...] adquirem importância grande e duradoura nessa época. Em primeiro plano está a influência da sedução, que trata a criança como objeto sexual prematuramente e a faz conhecer, em circunstâncias de forte impressão, a satisfação das zonas genitais, que ela, então, é geralmente obrigada a renovar pela masturbação. Tal influência pode vir de adultos ou de outras crianças (Freud, 1905/2016, p. 97).

Outro aspecto que nos permite afirmar que há estimulações externas foi abordado no encontro passado a partir de uma análise social e cultural. O processo de adultização das crianças, com a não segregação do mundo do adulto, a criança como consumidora e as constantes erotizações são aspectos que contribuem significativamente para tal estimulação nas crianças. Assim, como postula Postman (2016), as crianças parecem estar fadadas ao desaparecimento da infância e sintetiza que “[...] para onde quer que a gente olhe, é visível que o comportamento, a linguagem, as atitudes e os desejos – mesmo a aparência física – de adultos e crianças se tornaram cada vez mais indistinguíveis” (p. 18).

Diante disso, reiteramos e acreditamos que as manifestações sexuais que as docentes afirmaram ter presenciado, no questionário, se referem, às manifestações sexuais genitais que, como podemos observar com as descrições dos autores acima, estão, com toda certeza, presentes na escola.

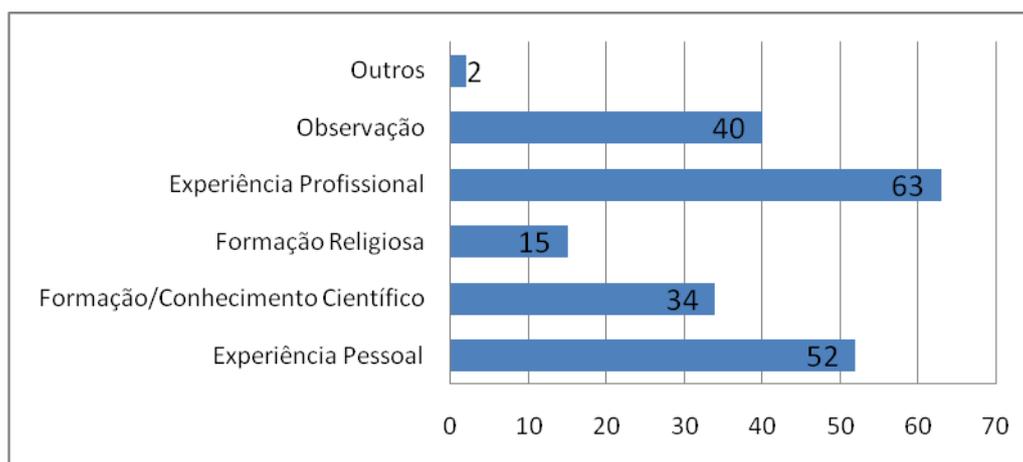
Assim, a certeza da necessidade de conhecimentos sobre o desenvolvimento sexual infantil se estabelece e foi o tema de um dos encontros, que será apresentado mais adiante.

#### **4.3.2.3 A terceira indagação do questionário e seus apontamentos gráficos e qualitativos**

A terceira indagação se refere como foi adquirido o conhecimento sobre o tema da sexualidade. Nesta questão, foi indicada a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa. Abaixo, está a representação quantitativa e gráfica:

##### Gráfico 3

*Respostas sobre a aquisição do conhecimento de sexualidade infantil*



O Gráfico nos mostra que o conhecimento que as professoras têm sobre a sexualidade infantil é pautado principalmente na experiência profissional e pessoal, já que boa parte dos professores assinalou estes dois tópicos.

Ainda que a alternativa “observação” tenha sido assinalada também por uma parcela significativa dos professores, o número não chega a representar a metade do número total dos docentes. Assim ocorrem igualmente com as demais alternativas, que foram assinaladas por um número menos significativo ainda.

Com isso, podemos dizer que, para boa parte das docentes, as experiências – profissionais e pessoais – são as justificativas que pautam suas atitudes e ações para com as crianças no cotidiano escolar. Isto nos leva a refletir sobre a concepção de infância e criança que cada um tem e como este aspecto influencia diretamente, para além do conhecimento, para com seus próprios comportamentos verbais e não verbais.

Ainda que com um número muito pouco expressivo, mas que podemos também repensar e que se apresenta no cotidiano da escola, refere-se à formação religiosa. Longe de queremos discutir as religiões em si, podemos porém refletir de como estas experiências e concepções de mundo também interferem na transmissão de conhecimentos e concepções sexuais.

É fato que as experiências de vida, sejam profissionais, pessoais, religiosas desembocam nas concepções de mundo e, especificamente neste caso, nas concepções de criança e infância que as docentes apresentam. O tema da concepção de infância e de criança, bem como suas percepções e correlações diretas e indiretas foi abordado no encontro passado e apontado na discussão do Gráfico anterior. O que fica claro e gritante são as concepções de criança assexuada e como estas percepções não favorecem para as observações diárias acerca do desenvolvimento sexual e seus desdobramentos na prática profissional.

Ainda que não com um número expressivo de docentes, a formação/ conhecimento científico foi apontado também pelas docentes, o que nos leva a refletir e discutir juntamente com

as respostas fornecidas na questão aberta realizada no questionário: “O que você entende por sexualidade infantil?” – apontamentos estes discutidos nos dados coletados a partir do questionário, no primeiro encontro. Ora, se a formação e o conhecimento científico estão presentes entre estas educadoras, o que poderíamos esperar seriam, no mínimo, respostas científicas sobre o assunto. O que não foi encontrado! Resta-nos aqui refletir e questionar mais uma vez: seria formação científica sobre este tema? Ou talvez a compreensão da leitura do que seria formação/conhecimento científico... ou ainda que tipo de formação é esta? Mesmo assim e independentemente desta resposta, fica claro que, apesar da afirmação sobre formação/conhecimento científico, a formação continuada sobre o tema da sexualidade infantil se evidencia neste contexto.

Na seqüência à apresentação dos Gráficos, uma breve explanação sobre a história da sexualidade foi necessária, ressaltando os aspectos sociais e culturais que são também fundamentais à compreensão deste tema tão complexo.

### **4.3.3 Uma breve contribuição sobre a história da sexualidade**

#### **4.3.3.1 Na História da Humanidade**

- **Na Antiguidade**

Para dar início a este tópico, introduzimos a narrativa sobre as práticas sexuais desde a Antiguidade que, de acordo com Ribeiro (2009) as mesmas eram de maneira livre e explícita. A arte e a literatura datados a.C. confirmam este discurso e o referido autor exemplifica com os povos da Mesopotâmia, que os órgãos genitais femininos ganhavam destaque nas estátuas, e na Grécia, que os cálices e vasos eram pintados retratando relações sexuais. Ainda que o uso social do erótico, do sexo e das práticas sexuais fosse permissivo, Ribeiro (2009) afirma que a sexualidade não se configurava como um campo teórico e científico e a palavra sexualidade ‘nem existia’.

Um slide contendo três obras de arte da Antiguidade (Apêndice F) foi exposto e pôde ilustrar a escultura “Laocoonte e seus filhos”, datada de provavelmente 40 anos a.C., com a exposição explícita dos órgãos genitais. Além desta obra de arte, relações sexuais explícitas no detalhe de um cálice, com data de 480 a.C. e um vaso de 550 a.C. foi apresentado às docentes.

Neste momento, risadas, comentários e piadas surgiram no local. Assim, foi importante esclarecer sobre os usos e costumes da época, em que Dulaure (1998) ressalta a importância do cuidado para o uso de cultos, uma vez que o obstáculo:

[...] resulta da grande diferença que a distância dos tempos e dos locais criaram entre as opiniões, as decências e a língua dos séculos passados, de países estrangeiros, e a do século presente e do país onde se escreve (pg. 8).

Assim, o autor chama a atenção e postula que a análise histórica e antropológica mostra que estas atitudes eram permitidas e aceitas socialmente.

- **Idade Média e Contemporânea**

Com um salto para a história da sexualidade na Idade Média e Contemporânea, a exposição iniciou já no século XV, momento em que a igreja católica, de acordo com Garton (2009) instituiu o que era permitido e o proibido.

Neste momento, um esclarecimento pertinente se fez necessário no intuito de reforçar que estamos apenas retratando o que diz os dados históricos e culturais da humanidade e que, em nenhum momento estamos julgando e muito menos condenando a Igreja Católica em si. Foi possível observar que as pessoas balançaram as cabeças com gesto que estavam concordando e entendendo o posicionamento.

É na Idade Contemporânea que, conforme Garton (2009), uma nova moral sexual se impôs e assim este período ficou caracterizado como austero, repressivo e puritano. Características estas que fomentaram as discussões sobre o tema da sexualidade como tabu.

- **No século XIX**

Para abordar sobre a história da sexualidade no século XIX, foi exposto que a ciência médica se ocupou com o estabelecimento de normas e regras, normatizando e classificando os indivíduos. Ribeiro (2009) descreve que Kraft-Ebing, médico alemão do final do século XIX, acabou por influenciar médicos e educadores advindos posteriormente. Em suas obras, ainda segundo Ribeiro (2009), o médico estabeleceu vários interditos e normas, sendo seu objeto de cuidado a reprodução da espécie, dos ideais cristãos e da família, com influência direta do cristianismo. Assim, o autor ressalta que a genitalidade e a heterossexualidade se impuseram como caráter normativo.

A medicina do século XIX, então, institucionalizou o saber sexual, criando a Sexologia e estudando os desvios sexuais e as doenças que teriam sua etiologia nas práticas sexuais consideradas inadequadas ou fora da norma. Era uma medicina que lidava com a definição, a identificação, a classificação e o tratamento dos aspectos patológicos da sexualidade (Ribeiro, 2009, p. 132).

Ainda que em uma distinta perspectiva, foi também no século XIX que Freud (1905/2016, 1909/ 2016) descreveu a repressão e suas conseqüências e caracterizou a repressão sexual como pouco saudável.

Neste momento, é importante dizer que temos ciência do grande volume de informações expostas neste tópico e que tais conhecimentos são frutos de muitos estudiosos que se debruçam sobre os dados históricos de forma aprofundada. É fato também que não esperamos que as docentes se apropriassem com profundidade destes conceitos, mas é de extrema relevância que as mesmas possam compreender que a sexualidade perpassa por contextos históricos, sociais e culturais e que estes desembocam no comportamento sexual dos indivíduos, e também no comportamento sexual das crianças nas unidades escolares. Desta forma, ao final deste tópico, reforçamos que a sexualidade tramitou em contextos de extrema liberdade e de forma explícita para contextos de extrema repressão e puritanismo sexual.

Uma breve contribuição da história da sexualidade no contexto brasileiro também foi abordada neste encontro e a premissa também se assenta na tentativa de compreensão das professoras do movimento histórico, social e cultural da sexualidade especificamente no Brasil, o qual será descrito a seguir.

#### **4.3.3.2 No Contexto Brasileiro**

- **Brasil Colônia (1500 – 1822)**

Ao pensarmos no ano de 1500 com a recém chegada dos portugueses em terras brasileiras, foi recordado e apresentado aos docentes que os mesmos se depararam com a nudez das índias e dos índios. Ribeiro e Bedin (2013) descrevem que, além da nudez, a concepção do ato sexual para as índias era livre de interditos e impedimentos, o que se tornou um estímulo para os portugueses. Contudo, os padres e os jesuítas condenaram tais práticas sexuais e não aceitavam a união entre o colonizador e as índias.

Temos, então, na Colônia, duas posições antagônicas em relação às práticas sexuais: uma relacionada à posição dos primeiros povoadores e outra a que os jesuítas queriam impor.

A descrição dos comportamentos dos povos nativos do Brasil na carta de Pero Vaz de Caminha ao rei Dom Manuel constituíram, o que Ribeiro e Bedin (2013) a primeira impressão sexual que o europeu teve de nossos liberais costumes.

A vinda de numerosos escravos africanos, após o período pré-colonizador, povoou diferentemente a sociedade brasileira e o objeto sexual do branco foi ampliado. Além disso, a história da sexualidade referente ao Brasil Colônia também nos mostra que as diferenças entre os homens e as mulheres são gritantes.

Para a elite dominante da sociedade colonial agro-açucareira, a tendência pró-sexual era unilateral. O senhor de engenho, dono da terra, dos escravos, da mulher, das filhas, dos filhos, dos empregados, ocupava o topo de uma hierarquia em que somente os homens tinham voz e razão. As mulheres, brancas ou negras, eram submissas e a elas era negado qualquer direito. As primeiras seriam mães de seus herdeiros, estas últimas objeto de desejo (Ribeiro e Bedin, 2013, p. 159).

É certo que estes não foram os únicos momentos históricos com reflexos diretos no campo da sexualidade e Bueno e Ribeiro (2018) rememoram ainda outras demarcações e transformações para a constituição da concepção sexual no Brasil, as quais serão descritas posteriormente. Parker (1991) descreve que a cultura sexual brasileira é cheia de contradições, fundamentada historicamente em uma ordem social patriarcal e dominada pela Igreja Católica, em que permissividade e proibição, práticas sexuais e culpa fazem parte do contexto sexual brasileiro desde a Colônia.

- **Brasil Império (1822 – 1889)**

A dificuldade em selecionar e, em consequência descrever material de pesquisa histórica no Brasil Colônia foi pontuada às professoras e descrita por Nagle (1984), uma vez que há falta de tradição para esses estudos historiográficos.

A transmissão dessa educação se modifica a partir do Brasil Império, segundo Bedin (2016) com a institucionalização do conhecimento científico através de documentação em teses, eventos, livros e manuais. A autora afirma que um discurso médico acerca de moralidade e sexualidade se estabeleceram, com influências diretas nos costumes familiares.

- **Brasil República (desde 1889)**

Foi exposto sobre a forte influência da medicina no século XIX, em que, de acordo com Bedin (2016), a preocupação pautava-se principalmente com a normatização da família e da sociedade, com a publicação de diversos livros e teses.

É somente no século XX que a sexualidade se firma enquanto área do conhecimento, em que médicos, educadores e psicólogos produzem várias obras a respeito, findando no surgimento da sexologia enquanto campo científico.

Contudo, o regime político de 1964 foi um marco histórico para esta área do conhecimento, em que assuntos, discussões e reflexões foram proibidos e reprimidos. Após os anos de 1980, com o advento da AIDS, a entrada das mulheres no mercado de trabalho e o surgimento da pílula anticoncepcional, os questionamentos sobre tabus, preconceitos e atitudes conservadoras se fizeram presentes e há assim, uma retomada da sexualidade enquanto campo científico.

Da mesma forma que a história da sexualidade na humanidade, o volume de informações aqui se faz presente. Igualmente, pudemos reforçar a importância de compreendermos a movimentação histórica, social e cultural desta vez, no nosso país.

Neste momento, houve comentários sobre a liberação sexual presente nas crianças, nos jovens e nas famílias, com exemplos de danças sexuais nos recreios, namoros na infância e roupas inapropriadas das famílias nas unidades escolares. Pudemos refletir igualmente que, ainda que o senso comum possa dizer de uma liberdade sexual muito grande, há conjuntamente princípios e valores morais repressivos muito arraigados nas pessoas atualmente.

Assim, encerramos este tópico histórico e podemos dar início ao tema da Educação Sexual, que será descrito abaixo.

#### **4.3.4. Educação Sexual**

Para dar início sobre o tema da Educação Sexual, uma sequência de slides foi revelada (Apêndice F), com os conteúdos sobre as respostas que as professoras exprimiram no questionário e serão apresentadas a seguir.

##### **4.3.4.1 O “feedback” das questões no questionário sobre Educação Sexual e seus apontamentos**

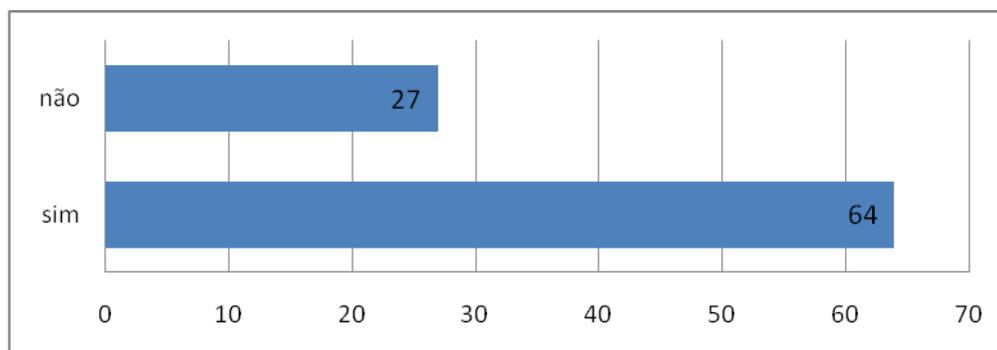
Sobre o tema da Educação Sexual, como podemos perceber no questionário (Apêndice E), as perguntas foram realizadas de maneira fechada, com alternativas para as professoras pudessem assinalar. A seguir serão apresentados os Gráficos e alguns apontamentos pertinentes.

- **A primeira indagação do questionário sobre a Educação Sexual e seus apontamentos gráficos e qualitativos**

A primeira pergunta se refere sobre a necessidade, ou não, de uma Educação Sexual para as crianças e está representada no Gráfico quantitativo.

Gráfico 4

*Respostas sobre a necessidade de Educação Sexual para as crianças*



Com este Gráfico, fica claro que a maior parte das docentes acredita que há a necessidade de uma Educação Sexual para as crianças. Ainda que seja a menor parte das respostas, o número de professoras que não acreditam na necessidade de educação sexual é expressivo.

Assim, diante do maior número de respostas e que assinalaram “sim”, podemos aqui inferir que estas professoras reconhecem que a sexualidade é compreendida em termos desenvolvimentista e que portanto, podemos pensar em educação para este fim. E para as demais parcelas que a resposta foi “não”, esperamos que a atividade realizada, a qual teve o intuito de refletir e consentir a sexualidade como parte do desenvolvimento infantil, bem como o sonoro “sim” em devolutiva à pergunta sobre a concepção da sexualidade como desenvolvimentista, possa ter feito com que estas professoras refletissem na resposta que deram no questionário. Figueiró (2006) ressalta que:

Se pensarmos que a finalidade maior da educação sexual é [...] contribuir para que ele esteja apto a participar da transformação social, em todas as questões ligadas direta ou indiretamente à sexualidade, podemos concluir que o professor que ensina sobre sexualidade, de forma humanizadora, está sendo um mediador de esperanças e de projetos de vida (p. 17).

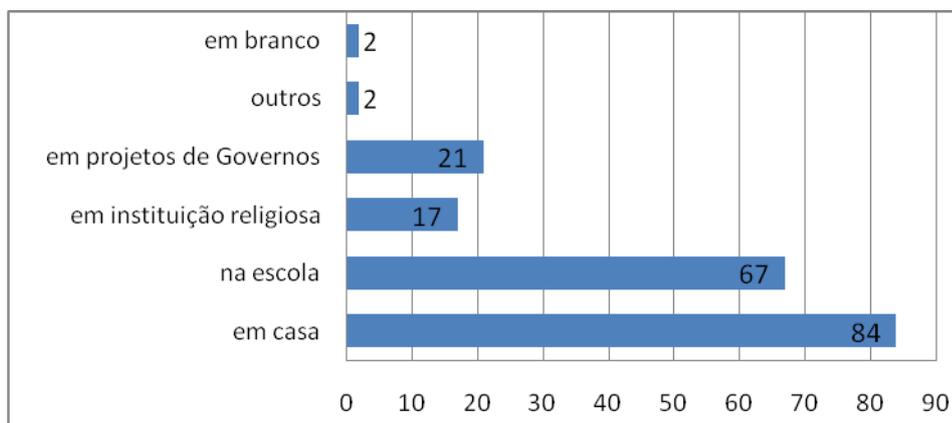
Sendo assim, almejamos que as docentes tenham ciência da dimensão da importância desta educação, a qual apresenta grandes consequências na vida de nossas crianças, na esperança de um futuro mais humano.

- **A segunda indagação do questionário sobre a Educação Sexual e seus apontamentos gráficos e qualitativos**

O Gráfico apresentado a seguir se refere à pergunta sobre o lugar onde esta educação pode ser oferecida. Para esta pergunta, havia a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

Gráfico 5

*Respostas sobre o lugar onde a educação sexual pode ser oferecida*



Com a leitura do Gráfico, podemos perceber que, o ambiente familiar é o lugar que a educação sexual deve ser oferecida. A escola também foi uma alternativa assinalada por uma boa parcela de professoras, seguida de projetos governamentais e instituições religiosas. Há também pessoas que deixaram em branco, bem como responderam a alternativa “outros”.

Neste momento, uma indagação nos ocorre: seria o ambiente familiar livre de sexismos, preconceitos e tabus? É fato que não temos a pretensão de desconsiderar a importância e relevância da família na transmissão de valores, conceitos éticos e morais, entre muitos outros. Com isso, as indagações continuam e nos perguntamos se, munidos destes valores sexistas e preconceituosos, a família seria o ambiente ideal para a transmissão de conhecimentos sobre a sexualidade? Uma leitura rápida nos permite dizer que a família também necessita de auxílio e de orientações para lidar com este, e muitos outros aspectos sobre o tema da sexualidade. É fato que não podemos generalizar e afirmar que isto se encaixa para todas as famílias, porém, podemos afirmar que o ambiente familiar também não pode ser considerado o único ambiente ideal para este fim e que, ainda que não seja o objetivo desta pesquisa, a necessidade de acompanhamento e orientações se faz cada vez mais presente.

Longe de queremos impor e responsabilizar a escola por toda e qualquer educação sexual, a presença de profissionais da educação que possam estar capacitados e munidos de conhecimentos e orientações constantes, permite que o corpo docente possam estar livre de quaisquer sexismos e preconceitos. E aqui também não estamos nos referindo à possibilidade de substituir a função e os papéis que devem ser desempenhados pela família e demais instituições. Mas poder reconhecer que a escola pode sim desempenhar esta educação, já é um ponto positivo.

E com as docentes que participaram desta pesquisa, ainda que não tenha sido o número mais representativo, há uma boa parcela destas profissionais que apostam na educação sexual escolar. Neste sentido, a descrição dos Parâmetros Nacionais Curriculares (Brasil, 1997) aponta e reitera a importância do trabalho com sexualidade nos espaços escolares, na qual descreve:

Experiências bem-sucedidas com Orientação Sexual em escolas que realizam esse trabalho apontam para alguns resultados importantes: aumento do rendimento escolar (devido ao alívio de tensão e preocupação com questões da sexualidade) e aumento da solidariedade e do respeito entre os alunos. Quanto às crianças menores, os professores relatam que informações corretas ajudam a diminuir a angústia e a agitação em sala de aula (Brasil, 1997, p. 84).

Assim, na certeza de que a educação sexual apresenta grandes e importantes resultados, os quais são extremamente relevantes para o cotidiano escolar, o reconhecimento das professoras poderá ter muitos ganhos para o desempenho e desenvolvimento integral dos alunos.

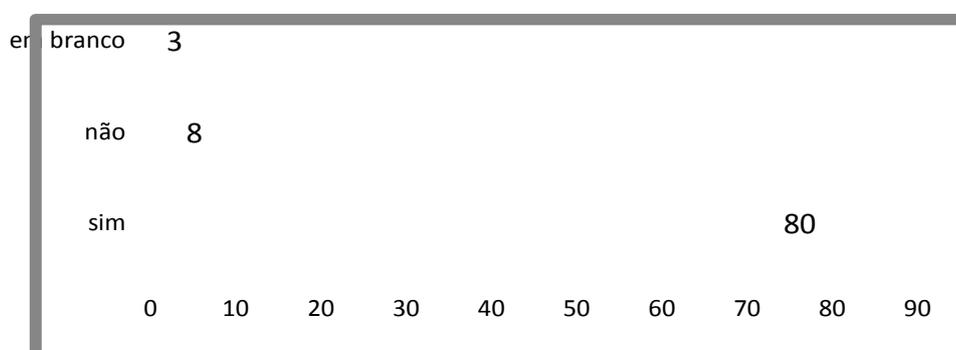
- **A terceira e quarta indagação do questionário sobre a Educação Sexual e seus apontamentos gráficos e qualitativos**

O terceiro Gráfico apresentado para as professoras, juntamente com alguns apontamentos pertinentes encontra-se logo abaixo. Em conjunto, o quarto Gráfico também será aqui exibido, já que as discussões pertinentes encontram-se interligadas, ainda que os Gráficos tenham sido apresentados para as professoras separadamente (ver Apêndice F).

Este terceiro Gráfico se refere à possibilidade, ou não, do tema da sexualidade ser ensinada no ambiente escolar.

#### Gráfico 6

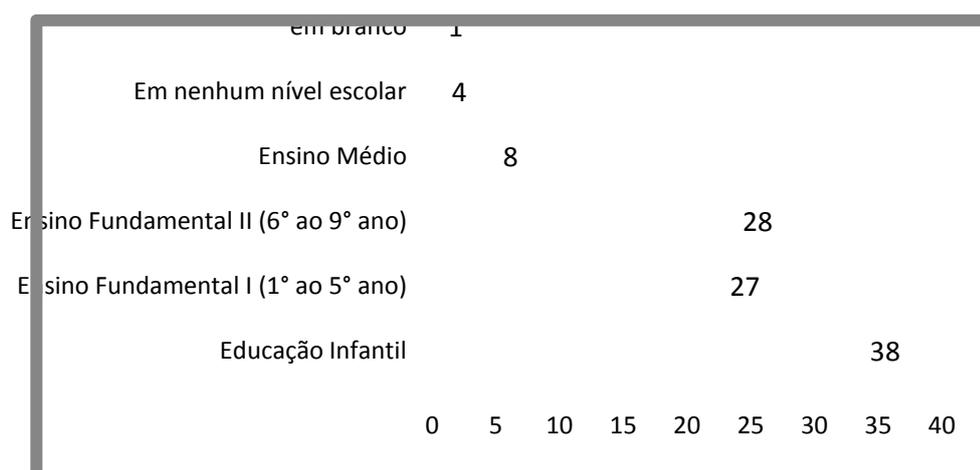
*Respostas sobre a possibilidade da sexualidade ser ensinada na escola*



O quarto Gráfico refere-se à etapa escolar que as docentes consideram ser importante o início da educação sexual.

### Gráfico 7

*Respostas sobre a etapa escolar para o início da educação sexual*



Como podemos perceber, a partir da leitura do Gráfico 6, as docentes afirmam que a sexualidade pode ser ensinada no ambiente escolar e o número é bem expressivo para a escolha da alternativa “sim”. Como já abordado nas discussões dos Gráficos acima, a educação sexual, como a própria palavra induz e os estudos científicos comprovam, pode perfeitamente ser educada, ensinada e direcionada. Neste momento, levamos igualmente em consideração a função da escola prevista na Constituição Federal de 1988, em que, estando ciente da grandiosidade e da riqueza presente no universo escolar, visa “[...] o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1988, art. 205). Desta forma, certas de que a sexualidade está intimamente relacionada com o redigido no artigo, podemos inferir que as questões correlacionadas com a sexualidade, além de poderem ser educadas, ensinadas e direcionadas, são igualmente funções da escola.

Em relação ao Gráfico 7, podemos perceber que a Educação Infantil foi a alternativa mais assinalada pelas professoras como a etapa para ser o início da educação sexual. As etapas do Ensino Fundamental I e II, ainda que não tenha sido as mais assinaladas, apresentam um número representativo ao compararmos com o número de total de participantes.

Ao falarmos em educar uma criança, independente do que for esta educação, o início deve ser, sem sombra de dúvidas, na primeira infância, o que corresponde à etapa da Educação Infantil.

Considerar o Ensino Fundamental I ou II e o Ensino Médio como início de uma educação, principalmente ao conceber a sexualidade como evolutiva e desenvolvimentista é, no mínimo, contraditório. Assim, pensar em educar uma criança para a sexualidade em etapas de ensino muito posteriores, certamente nos conduz a refletir que a concepção destas professoras relaciona-se com uma sexualidade estritamente genital e uma visão biológica, uma vez que é no ensino fundamental que há questões relacionadas à puberdade e adolescência, tais como: a menarca nas meninas, o primeiro beijo, a disciplina de aparelhos reprodutores masculinos e femininos, a primeira relação sexual, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez, entre outros.

Ademais, o número expressivo que optaram pela Educação Infantil como o início de uma educação sexual, também não nos garante que estas docentes concebam que a sexualidade possua outras dimensões além do biológico. A possibilidade de assinalarem todas as alternativas – o que de fato ocorreu em muitos questionários respondidos – bem como relatos durante a formação como “*é bom pra prevenir gravidez precoce*” não nos permite afirmar que a concepção destas professoras seja diferente das outras que optaram pelas demais etapas de ensino.

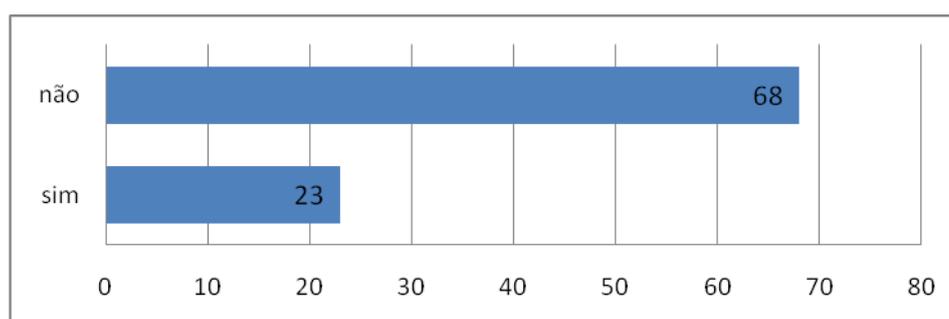
É exatamente, munidas destas informações, que os aspectos psicológicos envolvidos na sexualidade terão um destaque relevante no encontro posterior e será descrito mais adiante, bem como poder abordar a possibilidade de educar uma criança para a sexualidade.

- **A quinta indagação do questionário sobre a Educação Sexual e seus apontamentos gráficos e qualitativos**

O quinto e último Gráfico apresentado neste encontro está exposto a seguir e a pergunta indaga sobre o sentir-se preparada, ou não, para considerar questões de educação sexual na prática pedagógica diária.

Gráfico 8

*Respostas sobre o sentir-se preparada para considerar a educação sexual na prática pedagógica*



Esta pergunta nos revela que as professoras, ou pelo menos boa parte delas, não se sentem preparadas para considerarem e trabalharem com questões de educação sexual no cotidiano da escola. Com isso, a realização desta formação se justifica e fica clara a necessidade e importância da mesma.

Interessante refletir neste momento que, o número revelado que se sentem preparadas para a educação sexual não condiz com o número que afirmaram terem conhecimento científico e formação sobre o assunto. Assim, nos cabe a questionar: seria a formação que não qualifica e prepara os profissionais? E qual foi esta formação? E o foco da mesma? Seriam também os aspectos psíquicos, já discutidos em Gráficos anteriores, que encontram barreiras para abordar e discutir sobre este tema tão delicado? Desta forma, é por isso que acreditamos fielmente que, diante de todo já exposto sobre a relevância do tema da sexualidade para a constituição psíquica, bem como para a prática docente, formações como esta devem continuar neste espaço escolar de maneira contínua e frequente.

É relevante dizer aqui que, com a explanação dos Gráficos, não houve qualquer manifestação verbal das docentes, isto é, todas ouviram e permaneceram quietas.

Em continuidade ao tema da Educação sexual e, na tentativa de transmitir conhecimentos básicos sobre o assunto, a autora Figueiró (2006) foi citada para esclarecer sobre a aprendizagem formal e informal na Educação Sexual. Segundo a autora, a aprendizagem formal compreende um ensino organizado, planejado e sistematizado para ensinar conteúdos de sexualidade dentro das salas de aula. Diferentemente da aprendizagem formal, a aprendizagem informal não tem nenhum planejamento e o professor aproveita uma situação qualquer para ensinar sobre o tema da sexualidade.

Aqui, com o auxílio de algumas ilustrações sobre manifestações sexuais (ver Apêndice F), foi explicado que o intuito de falarmos sobre Educação Sexual para a Educação Infantil refere-se principalmente à aprendizagem informal e que, diante qualquer situação que envolva a sexualidade, independentemente do espaço no ambiente escolar, o professor, já munido de conhecimentos e informações sobre o assunto, tem a função de orientar as crianças. Neste momento, conversas surgiram e algumas professoras disseram que, logo que comecei o assunto, elas sentiram um frio na barriga e imaginaram que a idéia seria dar aula de sexualidade para as crianças. O motivo desse alívio é que, responderam as docentes, não se sentem preparadas para tal função. Além disso, as mesmas disseram temer à reação das famílias.

Este despreparo que as professoras puderam relatar está também estampado no Gráfico exposto e discutido acima, no qual representa as respostas sobre o sentir-se preparada, ou não, para trabalhar com Educação Sexual e boa parte das docentes assinalou a opção “não”.

Para finalizar o encontro deste dia, foi realizada a leitura de Moreno (1999), em que o autor pontua sobre os modelos de comportamento e afirma que:

São transmitidos de geração a geração e século por meio da imitação de condutas e de atitudes que não chegam a ser explicitadas verbalmente ou por escrito, mas que são conhecidas por todos e compartilhadas por quase todos (p. 30).

Outras figuras ilustrativas sobre expressões faciais representativas de aprovação, reprovação, medo, susto, raiva e demais (ver Apêndice F) foram anunciadas para que possamos refletir e repensar as nossas ações diante as manifestações sexuais das crianças.

#### 4.4 O 4º encontro: “Infância: Sexualidade e suas Manifestações”

No intuito de facilitar a visualização e compreensão dos encontros, segue abaixo o quadro com as informações deste quarto dia do projeto de intervenção em formação continuada.

##### Quadro 19

##### *Informações sintetizadas acerca do quarto encontro*

Objetivo do encontro	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Proporcionar conhecimentos sobre as mudanças históricas nos modelos familiares e as decorrentes relações afetivas com as figuras parentais,</li> <li>✓ Elucidar a sexualidade como condição humana, suas características específicas na infância e sua aplicabilidade no ambiente escolar.</li> </ul>
Conhecimentos explanados	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Os modelos familiares em uma perspectiva histórica foram exibidos, transcorrendo na Idade Antiga, Idade Média, Moderna e a atual, a Idade Contemporânea. Algumas iconografias da época foram ilustradas neste contexto,</li> <li>✓ As necessárias relações de afeto com as figuras parentais, assim como as fases psicosssexuais na infância foram os conhecimentos científicos presentes. A necessária correlação com a prática docente foi outro aspecto exibido.</li> </ul>
Vídeos	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Quatro vídeos explicativos sobre a sexualidade, na perspectiva psicanalítica foram apresentados, sendo o primeiro sobre o conceito de sexualidade e os demais com esclarecimentos acerca da fase oral, fase anal e fase fálica.</li> </ul>
Questionário, Atividade e Reflexão*	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ As respostas do questionário contidas no Quadro normativo e uma atividade para averiguar a assimilação do conceito da sexualidade em crianças ainda pequenas.</li> </ul>

\* devido à alta temperatura e o adiantar da hora, estes itens não foram realizados neste encontro e retomados no encontro seguinte.

Para dar início ao encontro deste dia e melhor compreender as manifestações do desenvolvimento sexual das crianças, explanamos anteriormente sobre o grupo familiar que a criança está inserida. Assim, nos abre a possibilidade de considerarmos os aspectos psicológicos, sociais e fisiológicos do ser criança e como esta se desenvolve em meio a esses modelos de convivência. Ter ciência de que os modelos familiares nem sempre foram da maneira que

conhecemos hoje e conhecer um pouco sobre estes modelos familiares em uma perspectiva histórica foi então o nosso primeiro objetivo.

#### **4.4.1 Os Modelos Familiares em uma Perspectiva Histórica**

Para que as professoras pudessem se situar no tempo histórico e também recordar, a linha do tempo histórica foi exposta novamente (ver Apêndice F).

A Idade Antiga foi o palco que deu início aos primeiros modelos familiares a serem explanados e em seguida a Idade Média, Moderna e Contemporânea, os quais serão descritos abaixo. Anteriormente à exposição dos modelos familiares, acreditamos na importância de contextualizar e apresentar algumas características referentes de cada época.

##### **4.4.1.1 Idade Antiga (4000 a.C. à 476 d.C.)**

- **Grécia Antiga**

Os gregos, de acordo com Funari (2002), eram politeístas, o que significa dizer que os gregos tinham a crença em diferentes divindades, normalmente cada uma dedicada a uma característica particular da natureza, como: deus do trovão, deus do sol, deusa da chuva, deusa da terra e etc.

As casas em que os gregos viviam, ainda de acordo com o referido autor, eram grandes, o que possibilitava os modelos familiares não apresentarem a característica de serem aglomerados, porém a família se fazia dispersa. A sociedade era patriarcal, em que o homem era extremamente valorizado e a mulher era vista como inferior, com participação apenas na mitologia, na execução de dirigir o trabalho doméstico, vigiar os escravos e regular as despesas da família.

Um slide com duas ilustrações que mostram a valorização da figura masculina nesta época foi exposto (ver Apêndice F) e explanado sobre o direito do pai em aceitar ou rejeitar o filho nascido, bem como a decisão para que o filho pudesse ou não participar da família. O comunicado desta decisão era feito a partir do quinto dia após o nascimento da criança e, em geral, os bebês rejeitados eram os doentes e deficientes físicos, os quais eram depositados em vasos de argila e abandonados nos campos.

Foi exposto também que as crianças ficavam sob os cuidados de uma ama de leite até completarem sete anos de idade e apenas as crianças do sexo masculino passavam a frequentar a escola e, com dezoito anos prestavam serviços militar e tornavam-se cidadãos. Os homens

praticavam exercícios físicos e discutiam assuntos políticos e econômicos e as mulheres se dedicavam os afazeres domésticos e recebiam noções de dança e música. Duas ilustrações mostram a diferença entre os afazeres entre os homens e as mulheres (ver Apêndice F).

- **Roma Antiga**

Sobre alguns conhecimentos gerais, foi exposto, de acordo com Funari (2002), que os romanos eram politeístas também, a preocupação com a higiene das pessoas se fazia presente e havia muitas casas de banho, que além da higiene pessoal, serviam como centros de reuniões sociais e esportistas. As casas eram construídas ao redor de um pátio e nos apartamentos com até seis andares, em que muitas pessoas viviam em condições desfavoráveis.

Algumas ilustrações sobre os conhecimentos gerais foram apresentadas, contendo um desenho com as casas e apartamentos romanos, a foto de uma das piscinas da terma (termo utilizado pelos romanos para referirem-se aos banhos públicos), uma pintura retratando patrícias em casa de banho e a foto de um banheiro público (ver Apêndice F).

Com isso, pode ser ressaltado que a privacidade, segundo Liberati e Bourbon (2005) não fazia parte dos costumes dos romanos e que as termas eram freqüentadas por todas as classes sociais. Contudo, Funari (2002) nos chama a atenção ao descrever que, além da existência de separação por sexo, “[...] em geral, primeiro banhavam-se as pessoas de posses, entre as duas e as quatro horas da tarde. Após o expediente, vinham banharem-se os mais humildes (Funari, 2002, p. 109).

Igualmente aos gregos, o modelo familiar seguia o não aglomeramento, apesar de viverem juntos e em casas grandes. A sociedade também era patriarcal, em que o homem desempenhava todas as funções religiosas, econômicas e morais e os bens materiais pertenciam somente a ele. A mulher considerada pela sociedade como “uma mulher de honra” era aquela que tinha apenas um casamento. Na família Romana, o nascimento de um filho não garantia que ele fosse recebido no seio da família, uma vez que muitos eram negociados para saldar dívidas ou mesmo entregues como escravos. A educação e a criação das crianças era incumbência de uma ama e/ou de um escravo. Somente os meninos pertencentes à elite, seguiam os estudos até a graduação.

#### **4.4.1.2 Idade Média (Séc. V ao Séc. XV)**

Algumas características relevantes desta época, ainda que já ditas no encontro passado, foram citadas novamente às professoras. A igreja, segundo Galton (2009), se apresenta como

dominante e transmissora de valores, normas e regras para a sociedade como um todo e em todos os aspectos da vida dos indivíduos, como a forte imposição de pecado. A concepção se difere então da Idade Antiga, que se estabelece como concepção teocêntrica, que significa “que tem Deus como o centro de convergência de tudo” (Houaiss, 2011, p. 904).

As precárias condições de higiene, bem como a falta de privacidade, de acordo com Ariès (1981) são características marcantes da Idade Média. Com isso, os modelos familiares se estabelecem com o foco nas relações grupais. O autor descreve também sobre a criação das crianças por amas de leite até sete anos de idade e a alta taxa de mortalidade.

Algumas ilustrações foram apresentadas para retratar a forte presença de igreja, com a representação de santos, bem como uma família nobre, a falta de privacidade ao dormir e a prática comum do incesto (ver Apêndice F).

#### **4.4.1.3 Idade Moderna (Séc. XV ao Séc. XVIII)**

A apresentação descreveu que a Idade Moderna, de acordo com Sarmiento (2007) apresenta uma profunda revolução quanto a valores, normas e crença da Idade Média, inclusive nas relações familiares.

Foi lida uma comparação ao modelo familiar da Idade Média descrita por Cambi (1999):

A família era mais ampla e dispersa, composta de muitos núcleos, dirigida pelo pai (herdeiro do pater latínios latinos) e submetida à sua autoridade, organizada como uma microempresa, mais como um núcleo econômico do que como um centro de afetos e de investimento social sobre as jovens gerações (p.204).

Demais características desta época também foram expostas, como aponta Sarmiento (2007), sobre o início do processo de industrialização e comercialização, bem como a criação da escola pública e a idéia de infância que concebemos atualmente. Galton (2009) retrata que durante a Idade Moderna, apesar da igreja continuar exercendo forte influência, há uma crise do pensamento teocêntrico.

A família se impõe como forma de controle e regulação da população e também sob o aspecto da sexualidade. O modelo familiar é então composto pelo casal e filhos. Surge a idéia de preservação da vida, da saúde e da personalidade da criança. Assim, a família e a escola se encarregam de cuidar e formar as crianças, sob o aspecto evolutivo, pessoal e social. A mulher começa a inserir-se na vida social.

O retrato de uma família da Idade Moderna foi revelado (ver Apêndice F).

#### 4.4.1.4 Idade Contemporânea (Séc. XVIII até os dias atuais)

Foi exposto sobre a emancipação feminina, com conseqüente perda de força da sociedade patriarcal, ainda que permaneça muito forte. O advento dos métodos contraceptivos, segundo Ribeiro (2009), possibilitou a conquista de espaço pela mulher, inclusive no aspecto da sexualidade. O autor descreve sobre também sobre o espaço ganho da ciência, com publicações de teses, manuais e livros.

A privacidade passa a ser valorizada, bem como a higiene. O modelo familiar se configura pela nuclearidade da família, em que a criança passa a ter um espaço privilegiado, com expressões de um mundo particular e exclusivo. A família vem se tornando cada vez menor e mais nuclear com uma íntima dependência psíquica entre os membros da família. A educação dos filhos é exercida pelas mulheres, além do cuidado com o lar. Ainda que haja esforços para uma mudança dessas atitudes, há um longo caminho à ser percorrido.

Como ilustrações foram apresentadas duas figuras contendo os modelos de família nuclear e idealizado pela sociedade contemporânea (ver Apêndice F). A seguir uma menção sobre a existência de outras realidades nos grupos familiares, com figuras que demonstrem essa diversidade, como por exemplo: dois homens e uma criança, duas mulheres e uma criança, um homem e uma criança e uma mulher e uma criança. Com isso, foi possível comentar que, ainda que o contexto histórico exerça uma influência nas concepções de mundo e conceitos tidos pelos indivíduos, o desenvolvimento infantil se estabelece sempre nas relações afetivas com as figuras parentais (Klein, 1926/1981; Aberastury, 1982), independentemente de quem sejam estas figuras, do contexto histórico ou cultural, na idade contemporânea.

Assim, pudemos dar início ao tema das fases psicosssexuais, as quais serão descritas a seguir. Como fundamentador teórico, utilizamos o próprio fundador destas concepções, Sigmund Freud.

Anteriormente, vale a pena dizer que diante dessas explanações históricas, assim como nas demais já exposições históricas realizadas nos encontros passados, pudemos perceber que as docentes apresentaram expressões faciais de estarem concordando com a cabeça e com os olhos atentos ao telão de retroprojeter. Participação com comentários também estiveram presentes, como por exemplo: *“Nossa! Que interessante”, “tadinha das crianças”,* bem como *“Credo! Que horror!”* e *“Ainda bem que eu não nasci nessa época” (sic).* Assim como nos demais encontros passados, reiteramos a importância de considerarmos a cultura de cada época sem que julguemos de acordo com as nossas idealizações e modelo histórico-cultural atual. Interessante que, neste encontro, ao iniciarmos esta nossa consideração diante as falas das professoras, elas mesmas

puderam continuar o nosso discurso com falas como por exemplo: *“tá bom! A gente sabe que não é pra falar assim e que era do tempo da onça, mas coitado do homem que quiser mandar em mim (risadas)” (sic) e “nossa! fico pensando nas crianças... se eles pudessem ter pensado diferente, quem sabe, né!”*.

#### 4.4.2 As Fases Psicosexuais de Sigmund Freud

Para que as professoras pudessem ter noções e conhecimentos sobre o autor, foi realizada uma breve introdução ao contexto histórico, a formação e o interesse do mesmo pelo tema. Foi exposto assim que Sigmund Freud nasceu em 1856, em uma família judaica, em Freiberg, na época pertencente ao Império Austríaco. Começou sua carreira como neurologista e passou a dedicar-se à clínica das neuroses e, pouco a pouco, para a investigação psicológica.

A leitura de um trecho do editor inglês das coleções completas de Freud foi efetuada e explicada posteriormente que foi na observação clínica sobre a importância dos elementos sexuais na neurose que o fundador da psicanálise começou a investigar sobre o tema da sexualidade. O trecho lido na íntegra foi:

Observações clínicas da importância dos fatores sexuais na causação da neurose de angústia [...] foram o que levou Freud pela primeira vez a uma investigação geral do tema da sexualidade (Strackey, 1969, pg. 78).

A explanação seguiu com as observações de Freud, em que durante as fases previsíveis de desenvolvimento na primeira infância, o comportamento da criança é orientado para certas partes do seu corpo. Com isto, o autor postula a existência de etapas ou fases de desenvolvimento sexual. De acordo com o fundador da psicanálise, a sexualidade se mostra presente desde a mais tenra idade e culmina, como fator primordial e de extrema importância, na Constituição Psíquica de todos os seres humanos. Descreve ainda que a neurose do adulto muitas vezes está enraizada na sexualidade infantil, e que por isso, dizia que comportamentos adultos neuróticos eram manifestações da fantasia sexual na infância (Freud, 1905/2016).

O autor expôs sua postulação teórica em um trabalho intitulado “Os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, datada no ano de 1905 e chocou a sociedade da época que concebia uma ideia de não existência de uma sexualidade em crianças.

Foi exibido um vídeo explicativo sobre a sexualidade, especificamente sobre o conceito freudiano do tema.

É importante mencionar aqui que as conversas paralelas, risadas aleatórias e até mesmo conversas sobre o assunto foram percebidas por nós, porém as professoras calaram-se ao serem incentivadas a dizerem o que estavam pensando. Expressões faciais que se modificaram, com

indícios de espanto e susto, com o arregalar os olhos, mudar os olhares para outra direção e “espiar de canto” foram também reações tidas pelas docentes. Houve quem reafirmasse a postulação do autor, perguntando novamente: “sério? as crianças?”

Uma leitura interessante neste momento é possível diante essas reações das docentes e será discutida abaixo.

- **Uma leitura necessária diante da reação das docentes**

Sabemos que falar de sexualidade por si só é um tema que carrega consigo muitos tabus, pré-conceitos e preconceitos, o que demonstra ser um tema polêmico e traz à tona toda uma fragilidade afetiva, emocional, comportamental e histórica-cultural. Falar da existência de sexualidade na infância parece ainda mais assustador e temeroso, uma vez que finda por instigar os aspectos psíquicos mais primitivos e/ou inconscientes da nossa personalidade, o que torna uma tarefa muito árdua para muitos e com uma elevada carga afetiva.

Ainda que os aspectos há serem mencionados neste momento já foram discutidos em tópicos dos encontros passados, vele a pena referenciá-los novamente. A presença de processos psíquicos impedem e/ou dificultam o contato com estes elementos primitivos da nossa mente e contribuem, neste caso desfavorecem, para que os indivíduos não consigam falar ou mudem de assunto, por exemplo. Atitudes estas expressam a dificuldade da aproximação interna e individual com os aspectos da própria sexualidade e, principalmente o acesso às manifestações e desejos sexuais enquanto criança (Freud, 1905/2016).

E é exatamente essa função destes processos psíquicos ao qual estamos nos referindo, os chamados mecanismos de defesa. Como o próprio nome diz, os mecanismos de defesa, de acordo com Freud (1926/2016) são mecanismos que *anossa* mente desenvolve para *nos* proteger da angústia, tensões e sofrimentos psíquicos na tentativa de solucionar os conflitos psíquicos e diminuir as ansiedades, hostilidades e impulsos agressivos.

Desta forma, podemos refletir que as atitudes das docentes citadas acima, como as risadas aleatórias, conversas paralelas e expressões faciais de espanto e susto revelam a ação dos mecanismos de defesa, com a finalidade de proteger a mente e evitar entrar em contato com os desejos mais intensos e reprimidos da sexualidade durante a infância. Novamente temos o cuidado de não generalizar e não poder afirmar com toda certeza, uma vez que o discurso posterior foi silenciado. Contudo, este posterior calar-se das professoras também denota a dificuldade em poder expressar sobre os conteúdos sexuais e poder dizer o que estavam pensando e/ou discordando.

É importante mencionar que, conforme Freud (1926/2016) os mecanismos de defesa estão presentes em todos os indivíduos, sem a conotação de qualquer patologia. E foi exatamente por este motivo que as palavras “nossa” e “nos” foi utilizada e grifada no parágrafo anterior ao descrever sobre o mecanismo de defesa.

E, em continuidade às reflexões: Ora, se as risadas, as conversas paralelas ou qualquer outra reação já citada serviu para não ouvir, fugir e/ou não querer falar sobre o assunto, certamente essas reações cumprem a função de proteção e alívio de tensões geradas pelo tema, ou seja, dos mecanismos de defesa descritos. É por isso que, dentre os outros aspectos já apontados e discutidos anteriormente, podemos afirmar a concepção de criança assexuada está presente em boa parte das docentes. Assim, diante da crença da não existência de sexualidade nas crianças, escutar que as crianças têm sexualidade e que esta se apresenta desde o nascimento, provocaram e reascenderam muitas angústias, produzindo conseqüentemente diversas reações frente à esta informação.

O cuidado em não generalizar todos os indivíduos retorna neste momento novamente, uma vez que, nem todas as reações foram de esquivas ou espanto. Houve, como foi dito, quem reafirmasse a postulação do autor sobre a existência de sexualidade infantil e perguntou: “sério? as crianças?” E assim, podemos pensar que cumprimos com o nosso propósito, que foi levar conhecimentos e reflexões sobre a sexualidade à esta turma de docentes.

Conjuntamente aos processos psíquicos descritos, a perpetuação dos tabus e preconceitos sobre o tema ainda se faz muito presente e continuam a contribuir para a existência de concepções errôneas sobre o desenvolvimento sexual das crianças. E aqui podemos, sem dúvida, utilizar a palavra “errônea”, já que conceber a criança não dotada de sexualidade é um erro! Os estudos científicos se esforçam e reiteram a presença de sexualidade nas crianças constantemente, os quais destacamos o precursor deste discurso, no campo psicológico, ao postular esta afirmação ainda no começo do século passado. Sendo assim, a luta continua para que, neste nosso caso, as professoras, possam conceber que há sexualidade nas crianças. Munidas deste discurso, que modifica toda uma concepção de criança e infância, certamente toda a ação frente às mesmas no espaço escolar será igualmente modificado.

A concepção de criança assexuada existente entre as docentes nos faz recordar dos descritos do historiador Ariès (1981), os quais demonstram que esta concepção se apresenta há muitos e muitos anos atrás. O autor aponta sobre a ‘inexistência do sentimento de infância’ nesta época, que se exprime não somente às questões sexuais, mas à criança como um todo, como nos trajes, vestimentas, jogos e brincadeiras. Ainda que já tenha sido dito anteriormente, é preciso rememorar neste momento sobre a referência que o autor faz sobre a inexistência do sentimento de infância, o qual não significa que as crianças eram negligenciadas e sim que a idéia e a imagem de infância

foram marginalizadas durante boa parte da história da humanidade. Sarmiento (2007) utiliza a expressão “invisibilidade social da criança” para descrever sobre este aspecto, o que retrata que as particularidades e características próprias do desenvolvimento infantil não eram reconhecidas.

Diante disso, as reflexões continuam e nos parece pertinente dizer que, sobre o aspecto da sexualidade, pouca coisa (ou quase nada) mudou. Conceber a criança como assexuada se assemelha com a concepção apresentada ainda na Idade Média. É fato que as atitudes frente às crianças mudaram, e muito, desde essa época; e que a “[...] liberdade com que se tratavam as crianças, da grosseria das brincadeiras e da indecência dos gestos” (Ariès, 1981, p. 77) não mais se apresenta de maneira natural atualmente, salvo em condições consideradas patológicas. Contudo, a concepção de que as crianças são desprovidas de sexualidade parece permanecer ainda intacta, como podemos perceber na concepção das docentes aqui pesquisadas.

Ainda assim, não podemos afirmar que a imagem e a ideia de infância seja marginalizada. É sabido que a infância ocupa um lugar único e que há saberes científicos destinados a esta fase do desenvolvimento, como também há diversos espaços ocupados na sociedade, como um comércio lucrativo de roupas, sapatos, brinquedos, a própria escola, entre outros. Assim, a infância e a criança se apoderam sim de um lugar próprio atualmente e que se difere substancialmente do lugar ocupado na Idade Média. Outra conquista que devemos muito comemorar são as atitudes dos adultos frente às crianças sob o aspecto da sexualidade. Ariès (1981) afirma que:

[...] uma das leis não escritas de nossa moral contemporânea, a mais imperiosa e a mais respeitada de todas, exige que diante das crianças, os adultos se abstenham de qualquer alusão, sobretudo jocosa, a assuntos sexuais. Esse sentimento era totalmente estranho à antiga sociedade (p. 75).

Apesar de não faltarem motivos para comemorar, acreditamos que a luta precisa continuar. Ao lembrarmos Sigmund Freud, em sua postulação de que a sexualidade é extremamente importante e primordial na Constituição Psíquica de todos os seres humanos e que se apresenta intimamente relacionada e enraizada nos comportamentos neuróticos dos adultos; as reflexões caminham para o sentido de que conceber as crianças como assexuadas significa não valorizar - e até mesmo desconsiderar - a importância da Constituição Psíquica dos indivíduos. Ora, mas se psiquicamente as docentes não concebem a sexualidade das crianças e conseqüentemente desconsideram a constituição psíquica, que criança é essa que ocupa a mente das professoras? O fato é que, uma criança sem a consideração da constituição psíquica, certamente, utilizando das palavras de Sarmiento (2007), é uma criança invisível, e aqui acrescentamos invisível psiquicamente. Invisibilidade esta que também se reflete nas questões sociais e culturais, uma vez que certamente teria dificuldades de conseguir expor e ter ciência de seus desejos e vontades, imprescindíveis na luta de seus direitos e no cumprimento de seus deveres.

Assim, ainda que socialmente tenhamos ganhos e vitórias para comemorar, a invisibilidade psíquica se faz ainda de forma muito presente. Podemos então refletir e dizer que retomamos à Idade Média? Ou será que nunca saímos dela?

Em seqüência à transmissão de conhecimentos, as manifestações da sexualidade nas diferentes fases do desenvolvimento psicosssexual, segundo Sigmund Freud, foram apresentadas às professoras. A primeira fase exposta foi a fase oral, seguida das demais fases do desenvolvimento, as quais serão descritas a seguir.

Vale a pena salientar aqui, e foi frisado novamente neste dia do encontro que, frente as observações do autor durante as fases do desenvolvimento, o comportamento da criança é orientado para certas partes do seu corpo, com conseqüente gratificação e prazer corporal e psíquico (Freud, 1905/2016).

#### **4.4.2.1 Fase Oral**

A primeira fase do desenvolvimento psicosssexual proposta por Freud é a chamada “Fase Oral”, que compreende desde o nascimento até por volta dos 2 anos de idade. Nesta fase, como o próprio nome diz, a boca da criança é o foco de gratificação libidinal. O seio materno – ou qualquer outra fonte de alimentação – possibilita a saciação da criança, tanto de alimentação quanto de gratificação. Com isso, a boca é a região que constitui a fonte da satisfação e a derivação disto é a exploração oral do ambiente. Tais derivações podem ser confirmadas na tendência das crianças de colocar os objetos na boca.

Eventual fixação nesta etapa infantil da oralidade é perceptível nos adultos frente aos hábitos que se relacionam com a boca, tais como: fumar, falar demais, beber, comer em demasia, etc.

Foi explicado também que diante desta eventual fixação, a possibilidade de sublimação das atitudes se faz presente, como por exemplo, a utilização da fala para o campo da oratória e musicalidade. O conceito de sublimação foi brevemente exposto, ainda de maneira simplificada, para que as docentes pudessem compreender como um todo. Necessária compreensão também uma vez que este conceito será abordado outras vezes durante a explanação das fases do desenvolvimento posteriores. Abaixo a definição deste conceito tão importante será descrito, em que o mesmo se mostra de grande utilidade no cotidiano escolar.

O conceito de sublimação em Freud não foi um tema desenvolvido em um artigo específico, uma vez que ganhou menções em textos destinados a outras temáticas e em momentos muito

distintos de sua obra. O autor conceitua o processo de sublimação como a “[...] capacidade de trocar a meta sexual originalmente por outra, não mais sexual, mas àquela aparentada psiquicamente, chama-se capacidade de sublimação”(Freud, 1908/2016, p.257).

Esta substituição, ainda segundo o autor (Freud, 1908/2016), é um processo essencial e uma das fontes para as realizações culturais, bem como para o não adoecimento dos indivíduos. Ou seja, como já dito anteriormente, a imposição da cultura moderna referente às questões sexuais, são as causadoras das psiconeuroses; porém pode ser assinalada pela capacidade de sublimação ao invés de adoecer. Assim, sublimação, é um dos mecanismos de defesa, o qual, logicamente, traz a defesa contra o sexual, na tentativa de dessexualizar as moções pulsionais. Freud (1908/2016) também traz a articulação da sublimação com a construção do “caráter” das pessoas, aspecto este que demonstra a importância da sublimação no desenvolvimento de todas as crianças.

Algumas ilustrações de crianças durante a fase oral, utilizando a boca como gratificação foi apresentada (ver Apêndice F) e logo em seguida a transmissão de um vídeo explicativo sobre esta fase do desenvolvimento psicosssexual.

#### • A Aplicação da Fase Oral no Ambiente Escolar

O primeiro tópico abordado foi sobre a linguagem que, para além da comunicação, a fala é uma necessidade psíquica de gratificação, expressão das ansiedades e hostilidades, bem como para relacionar-se. A reflexão aqui se fez sobre as crianças ficarem quietas e/ou um pedido das professoras para que elas parem de falar. Com isso, o incentivo às professoras foi no sentido de estimularem a transformação da fala para outros fins, na tentativa de evitar eventuais fixações nesta fase do desenvolvimento e cumprir com a função da sublimação já explicada anteriormente.

Evitar a repreensão do desejo natural das crianças em levar tudo à boca foi o segundo tópico abordado. Como já foi dito, tal repreensão poderá produzir demais efeitos futuros, como a obesidade, o fumo, o alcoolismo, entre outros.

A alimentação foi outro tema que possibilitou a reflexão sobre a necessidade de satisfação não somente orgânica, mas também que satisfaça uma necessidade emocional. A importância no investimento do contato afetivo e físico durante o momento da amamentação também foi debatida, reiterando que esse processo é de extrema relevância para o desenvolvimento psicosssexual das crianças. Manter o contato visual na amamentação, carinhos físicos, músicas em tom de voz baixa e calma foram exemplos da aplicabilidade desta fase oral no ambiente escolar. Com isso, pudemos ouvir expressões como “*Ahhh, tá!*” e “*Beleza*” (sic), bem como algumas conversas no auditório, as quais não conseguimos discernir o conteúdo. Uma gestora de ensino comentou que “*é importante*

*essas dicas práticas para gente pro dia-a-dia*” (sic) e, após esta fala, gestos confirmando com a cabeça puderam ser observados e as conversas neste momento já tinham se cessado. Assim, uma interessante leitura nos cabe aqui e será apresentada abaixo.

- **Outra leitura necessária diante da reação das docentes**

Diante o comportamento e expressão verbal citados acima, é importante refletir que, para além das questões teóricas e fundamentação científica que fora oferecido, a aplicabilidade traduzida em esquemas, que para nós mais parecem receitas prontas e reduzidas, parece ir ao encontro com aquilo que as professoras desejam e esperam.

Pensar em esquemas e receitas prontas, com a finalidade de somente aplicar o conteúdo apresentado, requer alguns cuidados e cautelas, uma vez que a aplicabilidade nos parece temeroso diante da diversidade cultural e de concepções que ali se apresentam. Além disso, a exigência do Ministério da Educação para a titulação de nível superior completo – a pedagogia –, parece vir de encontro com a necessidade de pensamento autônomo e não meramente reprodutivo.

Para além da aplicação do conteúdo de forma isolada, a reflexão persiste para a concepção de mundo e de infância, já que esta permanece intacta. É evidente que tais concepções não se transformam com uma única aplicação de conteúdos e certamente as demais atitudes das docentes frente a outras manifestações sexuais das crianças também permanecerão intactas. Ainda mais, não devemos nos preocupar somente com atitudes e comportamentos expressos, já que há comportamentos não verbais e expressões faciais que são igualmente relevantes. E o que falar dos sentimentos decorrentes e o afeto imbuído frente a estas aplicações de conteúdos? Estariam de acordo com a fala ou estariam desconectados? Estas também são variáveis importantes neste contexto.

Com isso, acreditamos na extrema relevância do embasamento teórico dos conteúdos que estão sendo expostos para as professoras, na tentativa de que as mesmas possam se posicionar e apresentarem uma concepção de sexualidade cientificamente comprovada. E isto não significa que devemos descartar os tópicos sobre a aplicabilidade dos conteúdos no ambiente escolar. Muito pelo contrário, a certeza de que devemos pensar na prática profissional se estabelece e fará parte dos demais encontros, é claro que muito bem fundamentados.

É fato e não devemos esquecer, como já nos foi apontado no questionário, que boa parte das docentes não apresenta conhecimento e ou formação adequada sobre o tema da sexualidade e a aplicação de esquemas e receitas prontas fica muito mais fácil diante um universo desconhecido. A máxima dita corriqueiramente pelo senso comum nos ajuda ao dizer que “tudo que é novo a gente

estranha e recua primeiro”. Frente a um universo desconhecido, que fora apresentado com teor científico e fundamentado teoricamente, com um grande volume de informações e conhecimentos novos, é de se esperar que os esquemas prontos e reduzidos venham de encontro às necessidades das docentes mais rapidamente e facilmente. A ressalva aqui recai sobre a necessidade do pensamento crítico e construtivo acerca de qualquer assunto no ambiente escolar. Desta forma, frente a profissionais que apresentem a necessidade de esquemas prontos e reduzidos, com a finalidade de apenas reproduzir o conteúdo, estaríamos assim formando cidadãos críticos e reflexivos? Certamente que não!

A convicção de afirmarmos tal necessidade das professoras vai se traduzindo em demais outras atitudes que foram apresentadas durante o encontro, no momento em que o conteúdo abordasse a aplicabilidade no contexto escolar nas outras fases do desenvolvimento psicosssexual. As expressões faciais e comportamentos gestuais das docentes, como por exemplo, o concordar com a cabeça, sorrisos nos lábios, falas após os encontros como “*vou tentar fazer assim e depois te falo como foi*” (sic), nos dá a certeza do desejo e da necessidade destes esquemas e receitas prontas.

Importante dizer aqui que a intenção não é apontar críticas às professoras. Por detrás disso tudo, os processos psíquicos e as concepções históricas e culturais arraigadas contribuem e justificam tais comportamentos. A polêmica, os tabus, os preconceitos, os conceitos errôneos que o tema carrega consigo, bem como a proximidade afetiva com os aspectos mais primitivos da personalidade de cada uma, não auxilia para que as docentes possam pensar e se relacionar emocionalmente com o assunto sem que as defesas se fortifiquem.

A retomada da função dos mecanismos de defesa se faz necessária neste momento, para recordarmos que o intuito destes processos psíquicos é, segundo Freud (1926/2016), proteger a mente de angústias, tensões e sofrimentos emocionais, para que se tenha uma diminuição das ansiedades, hostilidades e impulsos agressivos. Desta forma, podemos afirmar que, a tentativa das docentes de não se angustiar, nem gerar tensões e sofrimentos psíquicos decorrentes da relação afetiva e com a proximidade dos aspectos mais primitivos da mente que o tema da sexualidade infantil provoca, os esquemas prontos e reduzidos cumprem com essa função de distanciamento emocional. Assim, a facilidade de meramente aplicação de conteúdos se estabelece para que a mente não se angustie e se distancie com as tensões geradas pelo tema.

É fato também que há concepções culturais e históricas que contribuem para que as professoras apresentem essa necessidade de esquemas e receitas prontas e aplicáveis. E aqui nos recordemos novamente, como já foi dito anteriormente, das interferências que as concepções médico-higienistas exerceram do início do século XIX. Segundo Ribeiro (2009), tais concepções

influenciaram médicos e educadores advindos posteriormente, com postulações de normas e classificações dos indivíduos.

Assim, é possível refletir que, historicamente, a presença destas concepções ainda se faz muito arraigadas no cotidiano escolar, uma vez que as normas e regras necessitam ser ditas e estabelecidas para que as docentes possam cumprir e/ou aplicar o conteúdo.

Diante destas reflexões e na tentativa de aproximar afetivamente as docentes às diversas variáveis envolvidas na sexualidade infantil, fica cada vez mais evidente a necessidade de desconstruirmos conceitos errôneos historicamente, com o intuito de desmistificar os tabus e preconceitos que esse tema tão polêmico carrega consigo.

#### **4.4.2.2 Fase Anal**

Após a Fase Oral apresentada às professoras e descrita acima, a segunda fase do desenvolvimento psicosssexual proposta por Freud é a fase anal, que compreende entre os 2 anos até por volta dos 4 anos de idade. Nesta fase, segundo Freud (1905/2016), a atenção da criança volta-se para os processos de eliminação e retenção e passa assim a ter controle sobre os músculos estriados (esfíncteres).

Assim como a zona labial, a localização da zona anal a torna adequada para favorecer um apoio da sexualidade em outras funções do corpo. É de se presumir que a significação erógena dessa parte do corpo é muito grande originalmente. Através da psicanálise tomamos conhecimento, não sem alguma surpresa, das transformações normalmente experimentadas pelas excitações sexuais que dela partem, e como frequentemente essa zona mantém, por toda a vida, um grau considerável de suscetibilidade à estimulação genital (p.91).

Foi explanado também, ainda segundo o referido autor, que a criança tem prazer em manter as fezes no seu intestino, bem como em despejá-las para fora de si. Aqui entra a idéia de poder, de controle e é a primeira experiência de autonomia da criança.

Eventuais fixações nesta fase estão relacionadas ao dinheiro e à avareza, na concepção de reter ou não o dinheiro e de ter controle e poder com a posse do mesmo. A possibilidade de sublimação se dirige, por exemplo, para pinturas e esculturas.

Foram ilustrados desenhos contendo crianças durante a fase anal (ver Apêndice F), na utilização do vaso sanitário e/ou penico para representar o foco de atenção desta fase do desenvolvimento. Logo após, um vídeo explicativo foi exibido.

- **A Aplicação da Fase Anal no Ambiente Escolar**

Para cada fase do desenvolvimento psicosssexual, o propiciar brincar com objetos e temas que se relacione com a fase específica é de extrema relevância. No ambiente escolar e para a fase anal, o brincar com massas de moldar, argila, barro contribui para uma melhor elaboração psíquica dos elementos e processos envolvidos. Foi explicado também que há crianças que brincam com as próprias fezes, o que não significa nenhuma conotação patológica, salvo em demais condições associadas.

As constipações intestinais nesta fase são, geralmente, de acordo com Freud (1905/2016), fruto de muitas repressões.

A necessidade de acompanhar o tempo da criança para o desfralde completo foi também mencionado, uma vez que, cada uma tem seu próprio tempo, ainda que se tenha uma idade cronológica como padrão normativo.

#### **4.4.2.3 Fase Fálica**

Esta é a terceira e última fase a ser descrita, mesmo porque a Educação Infantil compreende até a idade de cinco anos e onze meses e esta fase do desenvolvimento se estende dos 3 aos 6 anos de idade.

O foco de atenção desta fase, segundo Freud (1905/2016) é o órgão genital masculino, o pênis, que passa a ser a representação simbólica de virilidade para os meninos e também para as meninas, uma vez que estas acreditam que o dito órgão está incrustado nelas. Com isso, a curiosidade nos órgãos genitais se torna muito evidente nesta fase do desenvolvimento psicosssexual e “as atividades sexuais dessa zona erógena, que pertence aos órgãos sexuais propriamente ditos, são o começo da futura vida sexual” (Freud, 1905/2016, p. 94).

Um complexo processo psíquico se configura nesta fase do desenvolvimento psicosssexual e sua então elaboração se torna a base para a estrutura de personalidade do indivíduo como um todo. Processo psíquico este que é então chamado de “Complexo de Édipo” que pode ser sucintamente descrito como um “conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais”(Laplanche e Pontalis, 2004, p. 77).

Ainda que de maneira simplificada, o Complexo de Édipo foi explicado para as docentes com a finalidade simples e breve de compreender que há desejos amorosos e hostis para com as figuras parentais. E que esse complexo processo se configura em grande sofrimento psíquico, o qual será determinante para a vida sexual futura.

## • A Aplicação da Fase Fálica no Ambiente Escolar

Em geral, é recomendável não estimular nenhuma fantasia sexual de enamoramento das crianças e em casa especificamente, com o filho do sexo oposto, evitando dizeres como, por exemplo, "namoradinha do papai" e o "namorado da mamãe". Na escola, não estimular o enamoramento de qualquer ordem para esta faixa etária.

No final da fase fálica e o ingresso no período de latência, há um declínio do complexo edípico, em que as pulsões sexuais se serenam e a socialização se faz assim mais presente. As crianças se interessam portanto pelas atividades escolares e esportivas e, o ambiente escolar, no cuidado e parceria dos educadores, pode proporcionar sentimentos de segurança, pertencimento, união, mais permeável a um diálogo construtivo.

Vale a pena esclarecer que, a explanação dos resultados do Quadro presente no questionário, bem como a realização de uma atividade estava proposta e planejada para o encontro deste dia (ver Apêndice F). Contudo, frente ao adiantar da hora e a alta temperatura optamos por encerrar o encontro e os conteúdos serão abordados no próximo encontro.

### 4.5 O 5º encontro: “Infância: Sexualidade e suas Manifestações”

As informações sobre este quinto encontro estão exibidas a seguir.

#### Quadro 20

##### *Informações sintetizadas acerca do quinto encontro*

Objetivo do encontro	✓ Revisar os conceitos já abordados nos encontros anteriores para reconhecer a presença de sexualidade em crianças desde o nascimento e analisar, em conjunto, algumas manifestações sexuais presentes no questionário.
Atividades e Reflexões	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ A retomada da pergunta do questionário acerca do reconhecimento de sexualidade na infância foi a atividade solicitada para ser entregue, por escrito, posteriormente.</li> <li>✓ A outra atividade foi realizada em grupo em que foi preciso procurar em revistas imagens relacionadas à sexualidade.</li> <li>✓ E como terceira atividade, os casos da prática profissional descritos no questionário também foram analisados em conjunto com todas as participantes.</li> </ul>
Conhecimentos explanados	✓ Foram revistos os conceitos já abordados anteriormente sobre: as imagens sociais, o percurso histórico e conceito de criança e de infância, a história da sexualidade, os modelos familiares e as relações afetivas e as fases psicosexuais.
Questionário	✓ Quantitativamente, as respostas fornecidas no Quadro normativo foram apresentadas.

Com a proposta de analisar o conteúdo do Quadro normativo presente no questionário (ver Apêndice E) iniciamos o encontro deste dia, mostrando parte do Quadro com as informações sobre as manifestações da sexualidade nas crianças de até 2 anos de idade. Para tanto, a análise contou com uma retrospectiva dos conhecimentos adquiridos até o momento, uma vez que são variáveis indispensáveis para melhor compreensão e elucidação dos conteúdos.

Assim, foi explanada a necessidade de levarmos em consideração as imagens sociais intrínsecas e arraigadas em cada um de nós, construídas historicamente. Vale à pena ressaltar que, em cada tema a ser recordado contou com algumas ilustrações e o cuidado em manter as mesmas figuras ou fotos já utilizadas nos encontros passados esteve presente para que as docentes pudessem identificar prontamente o tema e os conteúdos correspondentes (ver Apêndice F).

Posteriormente evocamos os conceitos de infância e criança, na importância de refletir sobre as características e particularidades das crianças, bem como conceber que a sexualidade é uma característica do desenvolvimento infantil. Diante disso, foi retomada a idéia de que a criança perpassa por fases de desenvolvimento, com conseqüente modificação dos conceitos de adulto em miniatura, ainda que carregamos resquícios até os dias atuais. Assim, a necessidade de considerar a nova adultização da infância, em que as crianças passam a partilhar o mundo dos adultos também foi mencionada.

O percurso histórico da sexualidade foi citada em seguida, na proposta de que as docentes possam perceber o movimento histórico das práticas sexuais. Movimento este que as manifestações sexuais se modificam conforme o contexto cultural, social e político de cada época. Na antiguidade as práticas eram de maneira explícita, com posterior período de repressão, puritanismo e moralismo sexual na Idade Contemporânea. A tentativa de normatizar e classificar a sexualidade também foram resgatadas.

Em seguida, a importância de considerarmos os modelos familiares e as relações afetivas foi mencionada, compreendendo assim as transições que ocorreram no âmbito da família desde a antiguidade. Relembramos que, tanto na Grécia Antiga e em Roma Antiga, a sociedade era extremamente patriarcal e os modelos familiares não eram aglomerados, porém eram dispersos. Modelo este de família que se modifica na Idade Média, com perpetuação da sociedade patriarcal, bem como a falta de privacidade e higiene. Nos dias atuais, há a valorização da privacidade, a criança passa a ter um lugar privilegiado e exclusivo e a família vem se tornando cada vez menor e mais nuclear.

E para finalizar as considerações que devemos refletir para então analisar as manifestações sexuais das crianças, foram lembradas as fases psicosssexuais da sexualidade, cada qual com sua característica. Assim, a fase oral, que se estende até os dois anos de idade apresenta a boca é o foco

de gratificação e prazer da criança. A fase anal, dos 2 aos 4 anos de idade, tem a atenção direcionada aos processos de eliminação dos esfíncteres e a fase fálica, dos 3 aos 6 anos de idade, em que a curiosidade nos órgãos genitais se torna evidente.

Diante disso, retomamos com a proposta de analisar o Quadro normativo referente à idade de dois anos e, passo a passo fomos discutindo, juntamente com as professoras, cada manifestação sexual presente no Quadro e discriminando-as como “adequada” ou “inadequada”. Importante dizer neste momento que, ainda que não houvesse nenhuma expressão verbal nesta condução de análise, foi possível perceber que algumas docentes (ainda que poucas) apresentaram o arregalar dos olhos, o mexerem-se nas cadeiras mais intensamente, a ida ao banheiro e conversas entre si. A observação de outras docentes nos permite dizer que continuaram a prestar a atenção, sem qualquer manifestação facial, gestual e comportamental que nos chamasse a atenção. As demais docentes participaram com contribuições na retomada de alguns conhecimentos, mas foi possível observar que, em algumas professoras, a voz pareceu embargar e o tom ficou mais baixo. Assim, uma análise de tais expressões e comportamentos se faz necessária e encontra-se a seguir.

#### **4.5.1 Sobre as reações das docentes ao analisar o Quadro normativo**

Ao retomarmos o Quadro normativo proposto no questionário referente à idade de dois anos (ver Apêndice F), podemos perceber que as manifestações sexuais descritas são: tenta tocar nos seios da mãe ou de outras mulheres; requer contato físico constantemente, beija outra criança de sua idade na boca; brinca com brinquedos do sexo oposto e requer a chupeta e o “paninho” constantemente. É importante dizer neste momento que, em todos os itens, a sexualidade foi sendo pautada constantemente, com dizeres sobre a necessidade biológica e psíquica, que finda pela constituição psíquica dos seres humanos. Obviamente que a intenção permeia por desconstruir conceitos errôneos, tabus e preconceitos que o tema carrega, bem como propiciar a percepção das manifestações sexuais que pode ser visto a olhos nus no cotidiano da escola.

Com isso, conforme a realização da leitura de cada item citado, conjuntamente com as discussões de análise, observamos que em algumas docentes houve, como mencionado acima, a modificação das expressões faciais e corporais, que se expressaram com o arregalar dos olhos, o mexerem-se nas cadeiras mais intensamente, a ida ao banheiro e conversas entre si. Comportamentos estes que nos permite afirmar que as docentes estavam compreendendo claramente o que estava sendo dito e que, exatamente por compreender é que também afirmamos o incômodo que esta situação provocou. Desta forma, as reações destas docentes nos fazem refletir novamente sobre a ação exercida pelos mecanismos de defesa atuantes neste processo, os quais

dificultam a percepção dos conteúdos mais primitivos e inconscientes de cada uma, e que se fortalecem ainda mais. Infelizmente não é possível discriminar qual o mecanismo de defesa atuante neste processo, já que não houve nenhuma expressão verbal nem discussão após, nem durante a realização da leitura de cada item do Quadro normativo. Contudo, frente aos comportamentos apresentados, é muito provável que diante o fortalecimento dos mecanismos de defesa, retornaremos aos conceitos já apresentados anteriormente pelas próprias professoras no início desta formação continuada. Ou seja, a concepção de infância e de criança assentada na imagem social de “criança inocente”, bem como consentir a criança como assexuada e a conceituação de sexualidade relacionada estritamente genital. Assim e como consequência disso, a perpetuação dos conceitos errôneos construídos historicamente, os tabus e preconceitos sobre o tema se fazem cada vez mais presentes.

É claro que não podemos aplicar estas discussões a todas as professoras, uma vez que os comportamentos foram apresentados por apenas uma parcela delas. Continuemos assim a ponderar as manifestações das outras professoras, com a ausência de qualquer modificação facial, gestual e comportamental que nos chamasse a atenção. Os apontamentos seguirão juntamente com os demais comportamentos, uma vez que as nossas considerações e análises percorrem o mesmo caminho. Demais comportamentos estes que se manifestaram com a diminuição do tom e o embargar da voz e as palavras expressadas pausadamente.

As reflexões decorrentes destes comportamentos e manifestações descritas nos levam a recordar o instante em que a sexualidade como característica inerente a todas as crianças foi apresentada às docentes. Naquele instante, as docentes apresentaram alguns comportamentos que foram, entre outros, as modificações das expressões faciais, com indícios de espanto e susto, com o arregalar os olhos, mudar os olhares para outra direção e “espiar de canto”, assim como o emudecimento após serem incentivadas a dizerem o que estavam pensando e a expressão verbal: “*sério? as crianças?*” (sic). Os apontamentos e discussões estão devidamente descritos no encontro passado.

Desta forma, frente aos comportamentos que estão sendo discutidos neste momento, podemos afirmar que ouvir – e aqui não podemos dizer perceber e nem reconhecer – sobre a existência da sexualidade em crianças pequenas é realmente muito assustador. Isto é, a não modificação das expressões faciais e gestuais, bem como a modificação do tom e expressão da voz traduz o espanto e a perplexidade frente à afirmação da presença de sexualidade infantil.

Interessante lembrarmos neste momento o próprio Freud (1905/2016) ao mencionar a percepção na época da sociedade sobre a sexualidade:

Na concepção popular do instinto sexual, ele está ausente na infância e desperta somente da vida que designamos como puberdade. Isso não é um erro qualquer, mas de grandes conseqüências, pois principalmente a ele devemos nosso atual desconhecimento das condições fundamentais da vida sexual (p. 73).

Com isso, podemos refletir que, apesar de passados muitos anos, a perpetuação da idéia de criança assexuada permanece ainda muito viva e as professoras desta rede municipal de ensino são exemplos disto. É sabido que o tema é polêmico e o processo de desconstrução de conceitos, tabus e preconceitos não é uma tarefa fácil e de rápida execução. Para além disso, o temor que o tema da sexualidade gera ao perceber a naturalidade das manifestações sexuais nas crianças – e nas próprias docentes – fica evidente. Isso porque, conjuntamente ao processo de reconhecimento da sexualidade nas crianças, é necessário entrar em contato com a própria sexualidade. Além de lento, este processo é extremamente doloroso, angustiante e ameaçador. E aqui, na tentativa de aliviar tais tensões, os mecanismos de defesa entram em cena novamente!

Todavia, é esperançoso pensar que este é o caminho a ser percorrido para que haja a aceitação e reconhecimento. A angústia, a dor e o desconforto são parte do processo e nos enchem de esperança para que, nesta parcela de professoras, os conhecimentos até então explanados possam ter percorrido um caminho elucidador.

Em continuidade do encontro, uma reflexão já planejada se fez presente neste momento (ver Apêndice F), na retomada da pergunta fechada realizada no questionário: “Já presenciou alguma situação envolvendo a sexualidade em seu cotidiano escolar? O Gráfico quantitativo foi novamente exposto e a discussão permeou frente a duas questões. A primeira indaga sobre a reação das professoras no momento da manifestação sexual da criança e a segunda questão propõe considerar se, diante das explicações, as professoras mudariam a conduta e porquê. Para esta reflexão, foi solicitada às professoras que entregassem, por escrito, para as diretoras escolares e as mesmas me entregassem posteriormente, antes do último encontro. As considerações desta reflexão encontram-se abaixo.

#### **4.5.2 Sobre as considerações das docentes na proposta de reflexão**

Antes de considerar as respostas das docentes, é necessário revelar que somente uma diretora de escola nos entregou a reflexão antes do último encontro, como havíamos solicitado. Outras três diretoras nos entregaram no último dia desta formação e, até o presente momento, não recebemos de mais nenhuma unidade escolar. No total são quatro escolas que entregaram a atividade solicitada, no montante de oito escolas. Desta maneira, não podemos afirmar que as

considerações descritas a seguir correspondem o retrato fiel das considerações de todas as professoras e portanto, de toda esta Rede Municipal de Ensino.

Mesmo assim, a análise destas considerações foi realizada, pois acreditamos que, ainda que parcialmente, é importante ter o conhecimento das transformações, ou não, das percepções que as docentes apresentam em relação às manifestações sexuais, as condutas frente às mesmas, bem como a concepção de criança. A análise seguiu a análise de conteúdo proposto por Bardin (2009), conforme expostos nos Quadros abaixo.

#### 4.5.2.1 O primeiro Quadro e suas considerações

No primeiro Quadro, encontram-se as respostas fornecidas pelas professoras sobre a indagação de terem presenciado, ou não, alguma situação envolvendo a sexualidade no cotidiano escolar.

##### Quadro 21

##### *Percepção das docentes sobre a presença de sexualidade no cotidiano escolar*

Categoria	Subcategoria	Indicativos
Percepção da presença de sexualidade no ambiente escolar	Não	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Nunca presenciei nada,</li> <li>✓ Não,</li> <li>✓ Estou começando atuar nesta profissão agora,</li> </ul>
	Sim	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Ficaram colocando o pé no pênis do menino por debaixo da mesa. Eram crianças de 4 a 5 anos,</li> <li>✓ Poucas vezes,</li> <li>✓ Momentos no banho e trocas de roupa que eles levantam questões sobre meninos e meninas, depois que começou a separar tudo, ficou melhor,</li> <li>✓ As meninas se tocarem umas nas outras e ficar rindo,</li> <li>✓ Duas crianças se beijando na boca,</li> <li>✓ Fiquei chocada na época,</li> <li>✓ Aluno de 3 anos que deitava no chão, colocava a mão no pênis e ficava mexendo,</li> <li>✓ Muitas vezes... sempre deparamos com essas situações,</li> <li>✓ Uma criança de berçário abriu as perninhas da boneca e passou a língua no brinquedo,</li> <li>✓ Quem nunca presenciou algum tipo de sexualidade na escola?</li> <li>✓ Tirou o pipi pra fora,</li> <li>✓ O menino estava se masturbando no vaso sanitário e o seu pênis estava duro,</li> <li>✓ Duas crianças deitadas no chão, entrelaçadas as pernas, se beijando,</li> <li>✓ Já vi de tudo um pouco,</li> <li>✓ Uma criança abaixando a calça da outra,</li> </ul>

Como podemos perceber, ainda que em número muito menos expressivo, há docentes que afirmam nunca terem presenciado nenhuma manifestação sexual das crianças no ambiente escolar.

Há também aquelas que responderam já terem presenciado alguma situação envolvendo a sexualidade no dia-a-dia da escola.

Ao pensarmos na negativa de presença de sexualidade nas escolas, nossas reflexões nos leva novamente ao ponto inicial. Que sexualidade é esta? Muito provavelmente estas professoras estariam se referindo a uma sexualidade estritamente genital, em que as manifestações sexuais se dão de maneira mais explícita aos olhos nus. Além disso, a outra questão a pensar é novamente sobre a concepção de criança e de infância. Muito provavelmente também a concepção de criança assexuada está presente nestas docentes, o que nos faz recordar da atividade realizada no primeiro encontro sobre as imagens sociais e que boa parte das docentes se dirigiu para a imagem social de criança inocente.

Ora, mesmo se estas professoras lecionassem em etapas de escolaridade menos avançadas, como por exemplo, o berçário, ou até mesmo estariam iniciando recentemente nesta profissão, como descrito e apontado nos indicativos, seria muito claro e evidente perceber as manifestações sexuais explícitas nos espaços comum da escola, tais como o pátio, o refeitório e o parquinho. É fato perceptível que o cotidiano da escola se apresenta como um palco destas explicitudes sexuais, como as curiosidades genitais, as masturbações infantis, as danças sensuais, entre outros. E assim, diante desta explicitude, estas docentes não puderam enxergar isto como manifestação sexual? É exatamente por isso que é assertivo dizer que a concepção de criança assexuada se faz presente e olhar frente às qualquer manifestação sexual não favorece a percepção como tal.

Igualmente, nos questionamos também sobre a assimilação dos conteúdos já abordados até o momento. Não teria ficado claro para estas docentes que existe sexualidade desde o nascimento e que esta perpassa por momentos históricos e culturais, os quais devemos desconstruir a perpetuação de concepções errôneas? E não podemos esquecer também da angústia gerada pelo contato com os próprios conteúdos mais primitivos da personalidade, bem como da força exercida pelos mecanismos de defesa que desfavorecem tal percepção. Variáveis estas merecem nossa atenção e nos faz ter certeza que a continuação desse tipo de formação continuada deve se estender para que haja a total compreensão, e melhor ainda, a transformação da prática profissional.

Ao olharmos para os indicativos que responderam “sim”, os mesmos nos revelam que a sexualidade esteve e está – e pra completar: sempre estará – presente no dia-a-dia da escola. E além do mais, alguns indicativos parecem demonstrar que a percepção de sexualidade aparenta estar mais ampla daquela já pronunciada pelas docentes relacionada à sexualidade genital. Contudo, é preciso ter freios no nosso entusiasmo! Apesar da presença de alguns indicativos isolados não apresentarem tal concepção e a conotação referir-se à curiosidade infantil, natural e desenvolvimentista, tal qual como deveria ser, a continuação dos descritos não nos permite fazer tal afirmação. Descritos estes

tais como: “*essa brincadeira não pode acontecer mais*”, “*poderiam ficar até de castigo*”, “*isto não deve acontecer, pois criança não namora, nem de brincadeira*”, “*parar de brincar assim*”, “*aquilo não era correto*” e “*tirei o foco da situação e logo tudo voltou ao normal*” (sic).

Neste momento, nos questionamos se a sexualidade como concepção natural e desenvolvimentista, o porque do castigo? O porquê não é correto e não pode acontecer mais? E o que seria “*voltar ao normal*”? Seria voltar a não ter mais a manifestação sexual? Queriam estas professoras uma escola sem nenhuma sexualidade? Certamente este é mais um desejo impossível... Assim, frente a estas conotações de errado, de castigo, de parar de acontecer, é fato que a concepção não se refere à sexualidade como uma curiosidade infantil, natural e desenvolvimentista e sim a uma concepção de sexualidade genital.

E assim, retomemos e reiteramos que, ainda que seja necessária a transmissão de conteúdos, este não é o suficiente para que a transformação ocorra. Há muito mais a ser desvelado e os processos psíquicos envolvidos, bem como a desconstrução de concepções históricas imperam neste contexto.

#### 4.5.2.2 O segundo Quadro e suas considerações

No segundo Quadro será apresentado sobre a segunda reflexão solicitada, que se refere à conduta das docentes frente às manifestações sexuais das crianças no ambiente escolar.

#### Quadro 22

##### *Conduta das docentes frente às manifestações sexuais das crianças no ambiente escolar*

Categoria	Subcategoria	Indicativos
Conduta frente às manifestações sexuais de crianças	Punição	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Chamei a diretora,</li> <li>✓ Chamou a atenção do menino,</li> <li>✓ Conversei com os pais,</li> <li>✓ Fiquei brava com a criança,</li> </ul>
	Repressão	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Essa brincadeira não pode acontecer mais,</li> <li>✓ Pedi pra parar de brincar assim,</li> <li>✓ Poderiam até ficar de castigo,</li> <li>✓ Não era bonito; era feio,</li> <li>✓ Não é correto,</li> <li>✓ Falei que não é apropriado,</li> </ul>
	Explicação	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Local inadequado,</li> <li>✓ Expliquei que não era o lugar e hora para esta atitude,</li> <li>✓ Explicar que não pode deixar mexer no seu corpo,</li> </ul>
	Falta de Clareza	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Hoje converso o quanto for preciso em vez de reprimir,</li> <li>✓ Conversado com calma, explicando sobre o toque,</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Podemos encarar com naturalidade</li> <li>✓ Fui pesquisando e estudando para saber como lidar nas situações diversas,</li> </ul>
Repressão e Explicação com Funcionalidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Não pode beijar na boca do amiguinho, só no rostinho,</li> <li>✓ Não pode ficar mexendo no pênis, pois ele serve pra fazer xixi e pode machucar,</li> <li>✓ Primeiro momento é o da correção, depois pergunta o que estava fazendo, que não é o momento e que não é o correto,</li> <li>✓ Não fazer mais isso perante os demais,</li> <li>✓ Não era pra fazer, porque o amiguinho não havia gostado do ocorrido,</li> </ul>
Dispersão	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ A minha reação foi tirar o foco</li> <li>✓ Disse para a por a roupa e voltar para a sala,</li> <li>✓ Chamei a criança para que ele voltasse a atenção para mim,</li> </ul>
Espanto	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Minha reação foi de espanto e incredulidade,</li> <li>✓ Fiquei chocada na época ao ver,</li> <li>✓ Choque, você fica tentando entender,</li> <li>✓ Ficaria meio assustada,</li> <li>✓ Indignação</li> <li>✓ Surpresa,</li> </ul>
Terceirização	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Encaminhado para a psicóloga,</li> <li>✓ Encaminhado para a gestora da escola,</li> <li>✓ Conversei com os pais</li> </ul>
Exposição	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Perguntei se ele queria que todos olhassem enquanto abaixasse a calça. O aluno queria chamar a atenção!</li> <li>✓ Chamei atenção e fiz uma roda de conversa com todos eles,</li> </ul>
Hipoteticamente	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Tentaria explicar com calma e objetiva,</li> <li>✓ Chamaria os pais e a direção,</li> <li>✓ Encaminharia para a psicóloga,</li> <li>✓ Como se fosse um assunto normal,</li> </ul>
Dessaber	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Precisei da ajuda da direção para saber como proceder,</li> <li>✓ Não soube o que fazer e como agir,</li> <li>✓ ... para tomarem a decisão certa,</li> </ul>
Ignorar	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Nenhuma, pois é natural eles tem curiosidade,</li> </ul>

Conforme apontado no Quadro acima, as docentes apresentam diversas reações diante as manifestações sexuais das crianças no cotidiano da escola. Há quem reaja com punição, repressão, explicação, repressão e explicação com funcionalidade, dispersão, espanto, tercerização, exposição e o ignorar. Há quem não saiba como agir e quem descreve de forma hipoteticamente. É importante deixar claro que a criação da subcategoria “falta de clareza” se refere a presença de discursos que não apresentam clareza no objetivo da reflexão, isto é, as docentes não conseguiram expressar de fato como foi e o conteúdo da reação tida no momento. A outra categoria “hipoteticamente” se refere às descrições das docentes que não presenciaram sexualidade no ambiente escolar e então apresentam hipoteticamente seus comportamentos frente à sexualidade infantil.

É claro que, dado o volume de docentes, as reações serão mesmo diversificadas e a história de vida pregressa de cada uma, bem como as concepções intrínsecas e repassadas historicamente marcam a trajetória individual e os consequentes comportamentos frente à sexualidade infantil. É fato também que cada comportamento expresso pela professora produzirá efeitos diversos nas crianças e os estudos psicológicos não se cansam de apresentar as conseqüências de cada um desses efeitos.

É sabido, e já apontado anteriormente, que Freud (1909/2016) sinalizou as diversas implicações devastadoras da repressão para a sexualidade e, neste artigo, o autor narra a fobia de um garoto de cinco anos, em que apresenta como causa, a sexualidade reprimida. Em outro trabalho, Freud (1930/2016) ao mencionar que é a civilização que distingue e afasta a natureza animal dos seres humanos, pontua que necessariamente há um controle e um conjunto de regulamentos que regem as relações dos seres humanos. Assim, o referido autor constata que a civilização produz um mal estar nos seres humanos, uma vez que a abnegação dos prazeres pulsionais mais primitivos da personalidade se faz presente, principalmente no que se refere à agressividade e a vida sexual. Desta forma, o autor ressalta que, para que os indivíduos possam conviver em sociedade, há a necessidade deste controle para que as pessoas possam conviver em sociedade.

É impossível não ver em que medida a civilização é construída sobre a renúncia instintual, ou o quanto ela pressupõe justamente a não satisfação (supressão, repressão, ou o que mais?) de instintos poderosos. Essa ‘frustração cultural’ domina o largo âmbito dos vínculos sociais entre os homens (Freud, 1930/2016, p. 40).

Ainda que em outra perspectiva, Omote (2004) ao descrever sobre o estigma social também menciona sobre o conflito ‘irreconciliável’ das necessidades individuais com os motivos coletivos e narra que a função do estigma se refere ao controle social. Foucault (1996) ao argumentar sobre a Microfísica do Poder, também descreve que:

A sexualidade, tornando-se assim um objeto de preocupação e de análise, como alvo de vigilância e de controle, produzia ao mesmo tempo a intensificação dos desejos de cada um por seu próprio corpo [...]. Todo esse poder é essencialmente repressivo, voltado a controlar e manejar o indivíduo em sociedade. Podemos assim afirmar que esse poder existente, reprime a natureza humana, comportamentos, instintos (p. 75).

Com isso, fica claro que a repressão, e aqui incluímos algumas reações apresentadas pelas docentes que não apresentam funcionalidade alguma, como por exemplo, a punição isoladamente, a dispersão, a terceirização, a exposição e o ignorar, não favorecem para um desenvolvimento psicosssexual de forma mais saudável. E, além de não favorecer, tais comportamentos podem potencializar a formação de transtornos psíquicos futuros, como narra Freud (1909/2016) na fobia de um garoto de apenas cinco anos de idade.

É claro que a repressão, assim como citado acima e descrito por Freud (1930/2016), Omote (2004) e Foucault (1996) é caracterizada como necessária e fundamental para a vida em sociedade e a civilização. Contudo, o que nos chama a atenção é que tais comportamentos não se apresentam em conjunto com uma explicação ou funcionalidade, isto é, as reações punitivas, repressivas, expositivas, o dispersar, o ignorar e o encaminhamento para terceiros, apresentam-se isolados e sem contexto algum. Com isso, o que esperar do desenvolvimento sexual de uma criança sem que haja qualquer contextualização ou nenhuma explicação e funcionalidade?

Neste mesmo caminho, há também demais reações apresentadas pelas docentes, como por exemplo, o espantar-se, o dessaber e alguns indicativos que se apresentam como hipóteses de comportamento, em que igualmente não são acompanhados de nenhuma contextualização, explicação ou funcionalidade.

É possível refletir e sustentar a análise sobre a dificuldade individual em poder entrar em contato com a própria sexualidade interna e os aspectos mais primitivos da própria mente, bem como os tabus e os preconceitos que o tema da sexualidade carregam consigo. Todavia, para além de uma análise individual e aprofundada de cada comportamento expresso pelas professoras, o que nos questionamos neste momento se refere às questões pertinentes da própria pedagogia. Assim, a indagação percorre pelo caminho do trabalho educativo, bem como a função e o papel do professor. Ao pensarmos isoladamente no termo “educar”, veremos que seu significado é, entre outros, “fornecer (a alguém) os cuidados necessários ao pleno desenvolvimento físico, intelectual e moral” e também “transmitir saber a; ensinar, instruir” (Houaiss, 2011, p. 326). Conjuntamente, precisamos levar em consideração a função da escola que, como já apontando anteriormente e previsto pela Constituição Federal de 1988, visa “[...] o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1998, art. 205).

Com isso, podemos questionar aqui se as reações apresentadas pelas docentes e que foram apontadas no Quadro acima, cumprem com a função da escola e com o compromisso de educar uma criança. Isto é, ao reprimir, punir, ignorar ou terceirizar qualquer manifestação de sexualidade, estaríamos diante do pleno desenvolvimento da pessoa, assim como propõe a Constituição Federal? E com o compromisso de educar? Certamente que não! Em vista disso, Saviani (1995) nos esclarece sobre o trabalho educativo como:

O ato de produzir, direta e indiretamente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo (p. 17).

A necessidade de considerarmos o trabalho educativo como um ‘sentido político em si’ é posto também por Saviani (1995), em que esse compromisso político se estabelece direcionado às

competências técnicas, as quais correspondem às habilidades para realizar uma ação. Aqui, estamos novamente diante da importância do trabalho educativo e do professor, na extrema relevância de considerarmos o sentido político da profissão e conseqüentemente da funcionalidade das ações dentro do ambiente escolar. Desta maneira, podemos concluir que todos os comportamentos das docentes frente às manifestações sexuais das crianças que se apresentam pura e simplesmente reacional, sem dar um sentido, um contexto, uma explicação ou uma funcionalidade; além de não contribuir para o pleno desenvolvimento da pessoa e propiciar futuros transtornos psíquicos, não cumprem com o objetivo e objeto da educação e da escola em si.

#### 4.5.2.3 O terceiro Quadro e suas considerações

O terceiro Quadro é referente à última reflexão, em que foi solicitada uma auto-avaliação, diante das explanações até o momento, sobre a possibilidade de mudança, ou não, das condutas apresentadas.

#### Quadro 23

*Auto-avaliação sobre a necessidade, ou não, de mudança nas condutas apresentadas pelas docentes*

Categoria	Subcategoria	Indicativos
Auto-avaliação sobre a necessidade de mudança nas condutas apresentadas	Não	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Penso que agi da melhor forma no momento,</li> <li>✓ Acredito que a minha conduta esteja correta,</li> <li>✓ Devemos agir de forma que a criança não se sinta constrangida,</li> <li>✓ Devemos agir com naturalidade,</li> <li>✓ Não vejo outro jeito de lidar com certa situação,</li> <li>✓ Continuaría insistindo para não pôr as mãos, tentaria distraí-los,</li> <li>✓ Porque não fui explosiva, apenas mudei sua atenção,</li> <li>✓ Não vejo sexualidade nisso, as crianças sentem prazer de levar tudo à boca,</li> <li>✓ Sempre pergunto o porque estão realizando determinadas ações, para não me exceder nas explicações,</li> <li>✓ Tive base para não constranger a criança,</li> <li>✓ Porque dentro da sala não é o momento para esse comportamento,</li> <li>✓ Tem surtido efeito, geralmente eles não fazem mais,</li> <li>✓ Continuaría com a mesma conduta, porém com mais argumentos,</li> <li>✓ Não mudaria, pois isso não deve acontecer,</li> </ul>
	Sim	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Percebemos que na maioria dos casos as crianças estão apenas se descobrindo, conhecendo o prazer de sua idade e não agindo de má fé ou reproduzindo algo,</li> <li>✓ Com certeza, a minha atitude não seria a mesma,</li> <li>✓ Aprendi que não posso falar muito brava para não traumatizar a criança no futuro,</li> <li>✓ É um acontecimento embora traumático, envolve uma reação normal da idade, do ambiente e da criança,</li> <li>✓ Tentaria fazê-la entender que não quero que ela repita esta situação, mas que não estou brava por causa disso,</li> <li>✓ Escolhi distrair para afastá-lo dos demais, perguntar o porque estava</li> </ul>

		fazendo aquilo e explicar que não é desse jeito que brinca com a boneca, <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Na explosão do momento chamei a atenção e esqueci da orientação, que seria essencial,</li> </ul>
	Hipoteticamente	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Não mudaria, se tivesse ocorrido,</li> <li>✓ Acredito que estou mais preparada,</li> <li>✓ Hoje vejo que a sexualidade faz parte do desenvolvimento. Conversar com a criança, explicando que não é hora ou tirar o foco.</li> <li>✓ Certas atitudes podemos até ver com naturalidade,</li> <li>✓ Sei como conduzir uma situação como esta,</li> </ul>
	Falta de Clareza	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Me sinto mais tranquila para lidar com essas situações,</li> <li>✓ As explicações foram de grande importância para ampliar nosso conhecimento,</li> <li>✓ Buscando sempre à busca pelo conhecimento, para intervir e mediar de forma correta.</li> <li>✓ Tendo que agir de forma inteligente e rápida sem deixar transparecer a sua opinião no momento,</li> <li>✓ Entendo melhor sobre o assunto, mais o maior problema é o conhecimento dos demais (pais e familiares),</li> <li>✓ Teria outra conduta diante do fato,</li> <li>✓ Tendo bons resultados,</li> <li>✓ Já mudei, devido as orientações,</li> </ul>

No Quadro acima, podemos perceber que há docentes que não acreditam na necessidade de transformação de suas próprias condutas, já que crêem ter agido de maneira adequada. Há também professoras que consideram ser importante uma mudança de atitude, com a justificativa de reconhecerem as fases do desenvolvimento psicosssexual, ainda que em alguns indicativos, a punição e a repressão também estejam presentes. A subcategoria “hipoteticamente” aparece com a mesma função do Quadro anterior, em que as docentes que disseram não ter presenciado nenhuma situação envolvendo a sexualidade infantil, apresentam hipóteses, ou não, de mudança. A outra subcategoria nomeada como “falta de clareza” se refere a presença de discursos que não apresentam clareza no objetivo da pergunta, isto é, as docentes não conseguiram relatar de fato quais seriam, e porque mudariam, ou não, suas próprias atitudes e comportamentos.

Ao observarmos os indicativos das professoras que responderam “não”, podemos perceber que, logicamente, a idéia de adequação, comportamento correto e convicção de acerto em tais atitudes estão presentes. Neste momento, a indagação permeia sobre a assimilação de qualquer conteúdo explanado nesta formação que possibilitasse a abertura para novos questionamentos e o trilhar por novos caminhos, ou quem sabe, na esperança de reconhecerem a necessidade de transformação.

Podemos indagar igualmente sobre a clareza na transmissão destes conhecimentos, bem como a compreensão e a interpretação individual. Contudo, ao lembrarmos as reações das docentes no encontro passado no instante em que foi abordada e afirmada a existência de sexualidade infantil em crianças desde o nascimento, fica claro que houve sim compreensão e interpretação correta deste tópico. Reações estas que foram devidamente discutidas nas descrições do encontro passado, como por

exemplo, as conversas paralelas e sobre o assunto, risadas aleatórias, modificação de expressões faciais com indícios de espanto e susto, o arregalar dos olhos, o mudar os olhares para outra direção, o “espiar de canto” e a manifestação verbal: “*sério? as crianças?*” (sic). Talvez o que podemos discutir e refletir neste momento então é o caminho que o conhecimento sobre a existência de sexualidade em crianças percorre internamente e a interpretação decorrente disto.

Com isso, fica claro que a transmissão de conteúdos apenas não pode ser o único responsável pela mudança de tais atitudes, uma vez que os descritos continuam a traduzir uma sexualidade relacionada estritamente genital e os docentes acreditam veemente na assertividade destas ações. Descritos estes tais como “*pois isso não deve acontecer*”, “*geralmente eles não fazem mais*” e “*tentaria distraí-los*”, os quais nos fazem refletir: ora, se a sexualidade é entendida como parte do desenvolvimento das crianças, porque não acontecer mais? Porque o desejo de não verem mais nenhuma manifestação sexual? E porque precisa distraí-los?

Com estes indicativos, retomamos os descritos que já foram apontados nas discussões dos Quadros anteriores e que não apresentam uma atitude condizente com a sexualidade natural e desenvolvimentista, dentre os quais se destacam principalmente as reações que não vêm acompanhadas de nenhuma informação ou explicação, como a repressão, a punição, o espanto, o des saber, a terceirização, a falta de clareza e a dispersão. Assim, diante da dificuldade em poder reconhecer as manifestações sexuais como fatores condizentes com cada faixa etária, fica evidente a perpetuação dos tabus, preconceitos e conceitos errôneos sobre a sexualidade infantil.

Assim, podemos então afirmar que a perpetuação de tais tabus, preconceitos e conceitos errôneos não são frutos exclusivamente da falta de informação e de conhecimento, mesmo porque as explanações nesta formação continuada contaram com a transmissão de conhecimentos e informações sobre o tema da sexualidade infantil. É fato que a informação é essencial e que devemos lutar e contribuir para a circulação dos conhecimentos científicos sempre, ainda que não seja garantia das transformações que almejamos.

Neste instante, nos cabe novamente repensar a ação dos mecanismos de defesa, os quais não favorecem o reconhecimento e a percepção dos processos psíquicos individuais e internos para que, conseqüentemente, a reflexão possa se estender aos processos psíquicos das crianças. É evidente a dificuldade em poder dialogar e conduzir o tema da sexualidade com as crianças ao observarmos os indicativos, já que há uma prevalência na tentativa de distração, o não constrangimento das crianças e a idéia de não acontecer mais nada - e aqui podemos estender ao constrangimento, à necessidade de distração e o desejo de que não haja mais nenhuma manifestação sexual dos próprios docentes. Isto nos revela que o tema da sexualidade, além da estreita relação com a genitalidade, não se apresenta de maneira livre e tranquila para um diálogo aberto e orientador.

Ao analisarmos o mecanismo de defesa contido na prevalência dos indicativos, podemos verificar a existência principalmente da projeção e é exatamente por isso que afirmamos acima que o constrangimento e a necessidade de distração são dos próprios docentes. Neste momento vale a pena uma breve descrição deste conceito. O termo projeção apresenta uma utilização muito extensa, principalmente pelo senso comum, mas que Laplanche e Pontalis (2004) o define, de acordo com o sentido propriamente psicanalítico, como a “[...] operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro – pessoa ou coisa – qualidades, sentimentos, desejos e mesmo objetos que ele desconhece ou recusa nele”(Laplanche e Pontalis, 2004, p. 374).

A projeção, assim como já descrito, é um mecanismo de defesa e é encontrado em diferentes manifestações, tanto normais quanto patológicas. E neste momento é importante que não nos esqueçamos de que a função dos mecanismos de defesa é encontrar soluções para os conflitos, para as ansiedades, para os impulsos agressivos e hostis, na tentativa de aliviar as angústias geradas.

Com isso, podemos afirmar que o indicativo de evitar constrangimento das crianças e a necessidade de distraí-las é, na verdade, uma tentativa de evitar o próprio constrangimento, bem como uma alternativa de mudar de assunto e distrair a si mesmas, com o desejo maior de que não mais se apresente nenhuma manifestação de sexualidade no ambiente escolar. Desta forma e como consequência direta, a projeção se encarrega de reduzir a ansiedade e a angústia que um diálogo aberto e orientador, bem como livre de preconceitos e tabus poderia provocar, uma vez que o constrangimento e a distração passam a ser depositado nas crianças e não assumido como parte das próprias docentes. Isto porque a própria sexualidade não é um tema que se encontra internamente livre e aberto para diálogos. Assim, cada vez mais a prova de que a formação continuada, no sentido de podermos reconhecer os processos psíquicos, bem como a contextualização histórica cultural que o tema da sexualidade infantil carrega, se faz necessária e urgente.

Em relação a subcategoria das professoras que responderam “sim”, podemos perceber que em alguns conteúdos dos indicativos há também menção de distração e o desejo de que não haja mais nenhuma manifestação sexual, bem como encarar tais manifestações como brincadeira e como um evento traumático. Assim, apesar destas docentes afirmarem que mudariam suas condutas, acreditamos que as discussões destes tópicos seguem o mesmo caminho das que responderam o “não”. Caminho este que nos conduz a refletir igualmente sobre a assimilação dos conhecimentos explanados, a perpetuação dos tabus, preconceitos e conceitos errôneos sobre a sexualidade, bem como a atuação e o papel dos mecanismos de defesa.

É fato também que a presença de certos descritos nos enchem de orgulho e entusiasmo nesta caminhada, na esperança de que toda a luta não foi – e nem será – em vão. Descritos estes tais como *“hoje vejo que a sexualidade faz parte do desenvolvimento humano, desde a infância”*, *“... pois estão*

*se conhecendo, conhecendo o prazer da sua idade”, “as crianças estão apenas se descobrindo”, “... que precisa ser orientada com jeito e cuidados para não atrapalhar o desenvolvimento sexual desta criança mais tarde” e “a importância da orientação já está mais clara”.* Como isso, na ciência de que o caminho, apesar de longo e tortuoso, nos mostra que podemos e devemos continuar lutando e apostando no potencial que educação como um todo pode proporcionar. E aqui sustentamos a idéia de que não há outro caminho senão pela formação continuada com aqueles que estão na linha de frente todos os dias, os professores!

Em seguida, uma atividade foi proposta e solicitado às professoras que se dividissem em grupos de 10 pessoas cada, cuja tarefa foi selecionar algumas imagens nas revistas já dispostas na mesa que se relacionassem com o tema da sexualidade. As imagens foram coladas em cartolinas e compartilhadas com o grupo maior posteriormente. A descrição das imagens e suas justificativas de escolha, bem como as considerações e discussões encontram-se abaixo.

#### 4.5.3 Sobre as considerações da atividade realizada

É importante destacar inicialmente que conversas sobre a atividade e risadas constantes esteve presente durante toda a realização desta atividade, assim como a participação ativa das docentes.

Abaixo estão descritas as imagens selecionadas pelas docentes e suas justificativas, assim como algumas considerações e apontamentos.

#### Quadro 24

##### *Descrição das imagens selecionadas pelas docentes*

Categoria	Subcategoria	Descrição das imagens selecionadas
Concepção de sexualidade das imagens selecionadas pelas docentes	Genital	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Homem e mulher se beijando,</li> <li>✓ Homem e mulher sorrindo,</li> <li>✓ Homem e mulher com troca de olhares carinhosos,</li> <li>✓ Exposição do corpo feminino,</li> <li>✓ Exposição do corpo masculino,</li> <li>✓ Homem cozinhando e mulher dirigindo um caminhão,</li> <li>✓ Iconografia antiga: exposição dos órgãos genitais masculino,</li> <li>✓ Menina muito maquiada,</li> <li>✓ Casal na banheira e uma criança atrás,</li> <li>✓ Mulher bem vestida e maquiada,</li> <li>✓ Casal heterossexual com expressões faciais e corporais de sensualidade,</li> <li>✓ Casal homossexual</li> <li>✓ Casal heterossexual e um artigo sobre a saúde sexual e felicidade,</li> <li>✓ Tráfico e prostituição,</li> </ul>
		<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Criança sendo amamentada,</li> </ul>

	Oralidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Expressão do contato físico da criança com um adulto,</li> <li>✓ Beijo da criança no rosto de um adulto,</li> <li>✓ Uma mulher com um bebê no colo,</li> <li>✓ Criança com objeto na boca,</li> </ul>
	Animal	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Dois cachorros em posição de fecundação</li> </ul>
	Outros	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Casamento heterossexual</li> <li>✓ Michael Jackson e um artigo afirmando a pedofilia,</li> <li>✓ Pintura antiga: homem abraçando a mulher, que está com feições de reprovação,</li> <li>✓ Homem vestido todo de preto e um artigo afirmando a transexualidade,</li> <li>✓ Casal homossexual.</li> </ul>

No Quadro acima, é possível verificar que as docentes selecionaram imagens relacionando-as com uma concepção genital adulta, como também à primeira fase do desenvolvimento psicosssexual – a fase oral – e à sexualidade animal.

A categoria “outros” foi criada pois não foi possível detectar a concepção intrínseca nas imagens, já que as docentes apenas as descreveram e/ou suas justificativas não apresentaram o conteúdo suficiente. Justificativas e descrições tais como, “*imagem normal. Casamento normal vai estimular o correto, mais brando*” (referência ao casamento heterossexual), “*pra mim a maneira mais absurda de manifestar a sexualidade*” e “*fantasia que a gente começa a pensar em um monte de coisa*” (referência à pedofilia), “*homem abraçando a mulher à força. É uma foto antiga, antes era normal*”, “*imagem de um roqueiro todo de preto, é transexual e a gente olha e nem fala*” e “*casal gay: dois homens, duas mulheres e casal já de meia idade*” (sic).

A prevalência da concepção estritamente genital já é uma concepção apontada neste trabalho diversas vezes e que se repete novamente neste instante. Esta relação entre a sexualidade e a genitalidade não é uma confusão atual, a qual vem arrastando ao longo dos tempos e perpetuando erroneamente os conceitos. Sigmund Freud (1905/2016) ao anunciar sobre a sexualidade infantil também enfrentou tais impasses:

Essa concepção foi energicamente criticada por muitos pediatras e médicos de nervos, o que certamente se deve, em parte, à confusão de ‘sexual’ com ‘genital’. Essa oposição faz surgir uma questão difícil e que não pode ser evitada: por qual característica geral devemos reconhecer as manifestações sexuais da criança? (p. 84).

Assim, passados tanto tempo após a publicação sobre a existência de sexualidade em crianças de tenra idade, é urgente reconhecer que a genitalidade é uma das, e não a única manifestação sexual infantil. Neste momento, é interessante reaver, apesar de já discutido no tópico anterior referente a auto-avaliação das docentes, sobre a assimilação dos conteúdos apresentados nesta formação continuada. Isto porque a explanação do encontro anterior contou com a descrição das fases do

desenvolvimento psicosssexual, assim como a necessidade de olharmos para as concepções internas e historicamente construídas.

É claro que se torna dispensável toda a retomada da discussão, porém reiteramos a certeza de que os mecanismos de defesa atuantes estão cada vez mais fortificados e a importância de continuarmos com a disseminação dos conhecimentos científicos se faz cada vez mais evidente, na tentativa de desconstruir tabus, preconceitos e a perpetuação dos conceitos errôneos que a sexualidade infantil carrega.

É relevante também observarmos os indicativos sobre as descrições das imagens, em que podemos perceber que algumas imagens não apresentam exatamente uma conotação de sexualidade genital, como por exemplo, a exposição do corpo feminino e masculino, a heterossexualidade, a homossexualidade, as questões de gênero: o homem cozinhando e a mulher dirigindo um caminhão, tráfico e prostituição, a adultização da infância e as referências de sensualidade. Contudo, a inclusão destes indicativos na subcategoria genital se deu pelas justificativas que as professoras relataram ao compartilhar posteriormente a atividade com todas. Justificativas estas tais como: *“a criança vai achar normal e mais pra frente vai despertar”* (sic) (referência à exposição do corpo masculino e feminino); *“um casal homossexual. Genital tem tudo a ver com a sexualidade”* (sic); *“a sexualidade colocado em dúvida, mulher tem que cozinhar e homem tem que trabalhar”* (sic); *“o dinheiro. Tráfico e prostituição. Sexo é vida”* (lê o título da notícia); *“a maquiagem na menina coloca na questão a precocidade”* (sic); *“casal feliz tem a ver com saúde sexual”* (sic) (referência à heterossexualidade), *“foto com malícia”* (sic), *“a sensualização da mulher estimula a sexualidade”* (sic).

Vale a pena ressaltar também que, apesar da criação da subcategoria “outros”, como já apontado acima, algumas figuras estavam inseridas nos cartazes dos grupos que imperava a conotação de sexualidade genital. Desta maneira, muito provavelmente tais imagens também apresentam uma referência genital, porém os indicativos e as justificativas não nos permite tal afirmação.

Mesmo assim, podemos verificar que a concepção de sexualidade genital está muito arraigada entre as professoras e que a transmissão desta concepção, ainda que para crianças pequenas, é uma certeza absoluta. Figueiró (1995) nos alerta ao descrever que, além dos conhecimentos e informações formais repassadas aos alunos, a educação sexual é igualmente “toda ação ensino-aprendizagem [...] sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionados à vida sexual” (p. 8). Além disso, a autora afirma que nem sempre esta transmissão é necessariamente expressa verbalmente para que haja os modelos de comportamento, dentre os quais ela destaca as expressões faciais, gestuais e comportamentais

Assim, para além das condutas e comportamentos expressos, a concepção de sexualidade intrínseca em cada uma das professoras é, seguramente, repassada aos alunos, mesmo sem que

nenhuma palavra seja pronunciada. Para tanto, é fundamental nos termos não somente às condutas e comportamentos frente as manifestações sexuais das crianças no ambiente escolar, mas sobretudo às concepções de criança e infância, relacionadas ao tema da sexualidade.

Além da concepção de sexualidade genital discutida acima, é possível verificar a presença da concepção de sexualidade infantil, com menção à fase da oralidade. Segundo Freud (1905/2016), é possível verificar a existência de atividades sexuais durante a primeira fase do desenvolvimento psicosexual, a fase oral, que compreende desde o nascimento até por volta dos dois anos de idade. O autor descreve que “[...] o encadeamento de fenômenos que podemos discernir graças à investigação psicanalítica nos autoriza a ver o ato de sugar como uma manifestação sexual, e a estudar os traços essenciais da atividade sexual infantil precisamente nele”(Freud, 1905/2016, p. 84).

É fato também que esta fase não é a única manifestação sexual da infância como um todo, mas a possibilidade das docentes em poder conceber a existência de um prazer sexual em ainda bebês, nos fortalece e nos enchem de esperança para continuar a luta e a caminhada. É esperançoso pensar que estas concepções e conseqüentemente os comportamentos expressos no ambiente escolar, possam estar livres de tabus e preconceitos, além de servir como modelo para nossas crianças. Muito além da propagação para outras gerações, a esperança também nos move ao pensar que tais concepções possam servir de modelos e para outras professoras, assim como abrangendo um número maior de crianças.

Desta maneira, a ação ensino-aprendizagem mencionada acima na citação de Figueiró (1995) se encaixa igualmente neste contexto. Logicamente que esta citação foi utilizada para refletir sobre as influências *negativas* da concepção de sexualidade genital, e que neste momento estamos nos referindo a transmissão de valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes livres de tabus, preconceitos e conceitos errôneos. Ainda que se trate de concepções individuais, a palavra “negativa” (e grifada anteriormente) é aqui por nós empregada uma vez que, conceber a sexualidade na única e estreita relação com a genitalidade é um erro conceitual, na qual apresenta graves conseqüências.

Há também a menção sobre a sexualidade animal, o que propõe uma concepção de sexualidade para outros âmbitos e dimensões da vida. Não iremos discutir aqui sobre a sexualidade animal, porém a reflexão nos leva a considerar a possibilidade das professoras em conceber que a sexualidade não se restringe à genitalidade humana. Ao observarmos a descrição da imagem da sexualidade animal, como apontado nos indicativos, realmente a primeira impressão é de que a sexualidade, mais uma vez, está relacionada à genitalidade, já que são dois cachorros em posição de acasalamento. Porém, na justificativa para a escolha desta imagem, em momento algum houve alusão ao ato da fecundação ou algo neste sentido, o que nos faz pensar na disponibilidade interna destes docentes em conceber diferentes acepções, com possibilidade de abertura para demais e novas conceituações.

É fato que ainda há uma longa jornada a ser percorrida para que todas as professoras possam conceber as demais manifestações da sexualidade na infância, mas acreditamos que já podemos considerar alguns enormes ganhos.

Após a realização da atividade foram apresentadas, quantitativamente, as respostas fornecidas pelas professoras no questionário no que se refere ao Quadro normativo (ver Apêndice F), as quais estão expostas a seguir, em conjunto com as discussões e análises decorrentes. É importante dizer que as docentes não esboçaram nenhuma expressão verbal e não foi observada nenhuma modificação facial.

#### 4.5.4 O Quadro normativo, as respostas e seus apontamentos

<b>Até 2 anos de idade:</b>	adequado	inadequado	em branco	Nulo
Tenta tocar nos seios da mãe ou de outras mulheres.	71	20	0	0
Requer contato físico constantemente.	72	18	1	0
Beija outra criança de sua idade na boca.	24	64	1	2
Brinca com brinquedos do sexo oposto.	84	5	0	2
Requer a chupeta e o “paninho” constantemente.	72	18	1	0
<b>Com 3 anos de idade:</b>				
Expõe os órgãos genitais a outras crianças.	18	71	0	1
Tenta olhar para outras crianças quando estão nuas ou se despindo.	54	36	1	0
Explora seus genitais e de outras crianças de sua idade em público.	5	86	0	0
Tentativas de levantar a roupa de outras pessoas.	21	70	0	0
Brinca com bonecas (bonecos) com cunhos sexuais.	15	76	0	0
<b>Com 4 anos de idade:</b>				
Desenha órgãos genitais quando desenha figuras humanas.	18	71	1	1
Esfrega objetos/brinquedos/almofada, cobertor nos órgãos genitais	15	74	1	1
Toca nos órgãos genitais de outra criança de 4 anos.	4	86	1	0
Expõe os órgãos genitais.	5	85	1	0
Toca em seus genitais em público.	10	80	1	0
<b>5 anos</b>				
Toca nos órgãos genitais quando em ambiente privado.	49	37	4	1
Mostra interesse em perceber diferenças entre meninos e meninas.	84	6	1	0
Faz perguntas sobre o nascimento, concepção e relações sexuais.	70	18	0	3
Brinca como se fosse do sexo oposto.	51	36	2	2
Verbaliza que tem namorado ou namorada.	51	40	0	0

Como já dito anteriormente na descrição do primeiro encontro, as docentes tiveram certas dificuldades para poderem preencher este Quadro. Dificuldades estas que nos fazem pensar em compreensão do objetivo deste Quadro, uma vez que perguntas como “é pra dizer se eu vejo isso na

*escola?*” e *“é pra dizer o que a criança faz se não for orientada?”* (sic) foram feitas durante a aplicação do questionário. Vale dizer que, como as dúvidas a esta questão foram, de certa forma recorrente, tivemos o cuidado de explicar a função e o objetivo deste tópico a todas as professoras presentes neste dia. Assim, com o objetivo de coletar dados sobre a percepção das mesmas acerca do desenvolvimento infantil e suas manifestações sexuais adequadas e esperadas para cada faixa etária da infância, a não compreensão é um fator a ser considerado neste momento. Com isso, optamos por abordar este tema no terceiro encontro e discutimos sobre as noções básicas de desenvolvimento humano. É claro que, mais uma vez, a generalização não se encaixa à todas as professoras, o que nos permite poder discutir sobre as respostas fornecidas.

Ao observarmos as respostas dos comportamentos descritos para as crianças de 2 anos de idade, é possível dizer que, para a grande maioria, é adequado uma criança tentar tocar no seio, clamar por contato físico constante, brincar com brinquedos do sexo oposto e requerer a chupeta e o “*paninho*” sempre. Em contrapartida não é adequado para uma boa parcela destas docentes, beijar outra criança na boca. Isto nos faz pensar que, ao elaborarmos este Quadro, as manifestações comportamentais retratadas para esta idade, realmente não apresentam conotações sexuais muito explícitas, o que, muito provavelmente possibilitou assinalarem a alternativa como adequado. Desta forma, tudo o que foge a estas explicitudes sexuais, lhes soam mais confortáveis psiquicamente, sem menções às ansiedades, tensões e conflitos internos que suscitem os mecanismos de defesa que confrontam suas concepções intrínsecas. O mesmo acontece com a alternativa assinalada como inadequado, ainda que inversamente. Uma criança pequena beijar outra criança na boca certamente é um comportamento com uma conotação sexual mais explícita, o que é considerado pelas docentes como inadequado. Mais uma vez, estamos diante de concepções acerca da sexualidade como genital e, tudo que remete a este conteúdo em crianças pequenas parece assustar-lhes – sentimento este confirmado com as atividades anteriormente descritas sobre suas condutas frente às manifestações sexuais das crianças no ambiente escolar.

Com as crianças de 3 anos de idade, apesar do caminho de conceber a sexualidade infantil estritamente genital permanecer intacta, é interessante refletir que a curiosidade sexual destas crianças já parecem ser mais aceitáveis. Curiosidade esta que são aceitáveis, por estas educadoras, as tentativas de olhar as outras crianças nuas ou o que existe em baixo das roupas, mas as explorações dos órgãos genitais não são consideradas adequadas. Ora, será que para que estas docentes, o aprendizado se dá somente pela imitação e pela cópia do que as crianças observam? Será que elas não consideram como importante a exploração do ambiente e do próprio corpo? É claro que na Educação Infantil está posto a importância da exploração do meio externo e as brincadeiras com tinta, cola e o poder sujar-se são

exemplos disto. E então, porque as explorações sexuais não seguem esta mesma direção? Explorar é ver, tocar, manusear e isto se aplica igualmente nas explorações sexuais.

E o que dizer com as crianças de 4 anos de idade? Para esta faixa etária, é certo que as descrições dos comportamentos apresentam uma conotação sexual muito mais gritante e estão retratados de maneira muito mais explícitos, o que seguramente contribuiu para que todos fossem considerados, pela grande maioria das docentes, como inadequados. Contudo, podemos assegurar que tais manifestações estão presentes no cotidiano da escola e que certamente a vivacidade do movimento puritano que se arrasta até os dias atuais, que desemboca nas concepções de crianças inocentes, conjuntamente com a dificuldade em lidar com a própria sexualidade na infância são impeditivos de conceber as explorações e a curiosidade genital como parte do desenvolvimento sexual natural e esperado nas crianças. A genitalidade como concepção de sexualidade infantil se confirma e as reflexões caminham no mesmo sentido das necessárias explorações do meio externo e do próprio corpo. Idade esta em que o que lhe é privado ou público – característica do modelo familiar contemporâneo – está em plena construção e que necessita ser orientado e direcionado.

É óbvio que estas orientações e direcionamentos são imprescindíveis em qualquer faixa etária – e qualquer etapa de ensino – e que a possibilidade da expressão sexual em ambiente privado esperado para os 5 anos de idade é decorrente de tais condutas dos adultos para com as crianças. Novamente, para esta faixa etária, aquilo que é expresso e possível ver a olhos nus acerca da sexualidade explícita é entendido como inadequado, ainda que a curiosidade já seja concebida como adequada e esperada.

Assim, diante dos dados coletados neste Quadro e das demais atividades e condições que nos permite dizer que a concepção relacionada estritamente à genitalidade, optamos por descrever as fases psicosssexuais postuladas por Freud (1905/2016) e que a presença de uma sexualidade expressa de forma muito mais precoce, segundo Klein (1926/1981), bem como a condição da criança como um ser desejante e a atividade como auto-erótica não ser mencionada nem abordada neste projeto de intervenção em formação continuada. Não que isto não mereça um destaque e que não seja importante, mesmo porque foi exatamente esta postulação científica que fez com que Sigmund Freud pudesse desenvolver sua teoria acerca da sexualidade infantil, mas acreditamos que este não é um momento adequado para tal, uma vez que corremos o risco de fortalecer e enrijecer os mecanismos de defesa e a negação, a projeção e a resistência desempenhem então um papel neste contexto que impeça tal compreensão. Com isso, na certeza de que a modificação – tanto histórica quanto psíquica – se dá por movimentos lentos e não no combate diretivo (Freud, 1910/2016), além da condição grupal daquilo que se é possível pensar e conceber no atual momento, façamos força para que tais formações continuadas perpetuem e que, quem sabe um dia, possamos abordar este tema que seria de fundamental relevância, tanto para a prática profissional, quanto para a condição emocional das crianças.

Em seguida, com a proposta de discutir a prática profissional com o tema da sexualidade infantil, foram apresentados os três casos caracterizados no questionário (ver Apêndice E). Como pode ser observado nos slides, a estratégia seria uma atividade grupal com a socialização posterior; porém, com o adiantar da hora, os casos foram sendo discutidos e refletidos verbalmente conosco e, é claro, compartilhado com todos.

É importante dizer que, durante a reflexão e discussão dos casos, não foi observada nenhuma dispersão, nem risadas, nem conversas paralelas. Podemos afirmar que as professoras estavam com os olhos fixados no telão e/ou em nós, em que contamos com a participação ativa de algumas delas. A leitura das contribuições das docentes está disposta abaixo:

#### **4.5.5 Uma leitura das contribuições das docentes sobre os três casos da prática profissional**

Cabe destacar que os casos foram apontados e discutidos separadamente. Porém as contribuições serão apresentadas de forma única, com menção, se necessário, à individualidade de cada caso. Ressaltamos também que, em cada caso discutido, o reforço das análises necessárias se fez constantemente, as quais foram já apresentadas no início deste encontro. Análises estas que se referem às imagens sociais intrínsecas e arraigadas historicamente em cada uma de nós, o conceito de criança e infância, os tabus e preconceitos decorrentes da história da sexualidade, a idealização dos modelos familiares e suas relações afetivas e por último as fases do desenvolvimento psicosssexual.

A observação nos permite dizer que, a cada leitura realizada, tanto dos casos quanto das análises, as quais se deram de maneira lenta e com diversas pausas para que os apontamentos pudessem ser apresentados, as professoras mantiveram os olhares fixados no telão e nas explanações, com a participação ativa de algumas. Não foi observada nenhuma conversa paralela, nem risadas aleatórias nestes momentos. Podemos assim dizer que os processos de atenção e concentração, decorrentes do interesse individual e profissional, estiveram presentes e contribuíram para o desenvolvimento da apresentação sem interrupções.

Isto nos fez recordar o interesse de muitos e expresso verbalmente por uma gestora ao dizer que *“é importante essas dicas práticas para gente pro dia-a-dia”* (sic). Aspecto este que se encontra discutido nas descrições do encontro anterior ao apresentarmos as aplicações da fase oral no ambiente escolar. Com isso, podemos dizer que considerar as aplicações práticas do cotidiano escolar é um aspecto importante a ser considerado e vai ao encontro dos que as docentes esperam. Logicamente que as ressalvas e cautelas presentes neste processo de aplicação dos conteúdos precisam estar sempre alertas e as transmissões dos conhecimentos científicos se fazem extremamente necessárias.

Antes de trazermos à tona estas ressalvas e cautelas mencionadas, vale a pena citar que, durante as pausas para a realização das análises em cada caso, as docentes foram apenas respondendo e/ou concordando verbalmente ou com gestos e expressões faciais. Algumas expressões faciais e verbais, as quais se reproduziram novamente nestes momentos, já foram também discutidas anteriormente neste mesmo encontro ao analisarmos as manifestações sexuais das crianças presentes no Quadro normativo. Expressões estas como por exemplo, o emudecimento, o arregalar dos olhos, o mexerem-se nas cadeiras mais intensamente e a diminuição do tom e o embargar da voz e as palavras expressadas pausadamente.

Longe de trazer todas as discussões novamente, é importante retomar e evidenciar que a necessidade das docentes para com a aplicação da prática profissional traduz a atuação dos mecanismos de defesa, com a função de manter o distanciamento emocional, uma vez que a angústia e temor, frente ao tema da sexualidade infantil, se fazem presentes. O espanto e a perplexidade também se presentificam frente à afirmação da presença de sexualidade em crianças pequenas, que se revelam com a modificação das expressões faciais e gestuais, bem como com a modificação do tom e expressão da voz. Assim, são urgentes as reflexões no cotidiano da escola sobre o conceito de infância e criança, as quais permeiam pela historicidade da sexualidade e seus decorrentes tabus, preconceitos e conceitos errôneos, assim como pela necessidade de pensamentos críticos e construtivos, com embasamentos teóricos sempre cientificamente comprovados.

Contudo, cientes de que a angústia, a dor e o desconforto são parte do processo de reconhecimento e aceitação, a esperança nos toma igualmente neste instante e algumas colocações das professoras nos autorizam a afirmar os benefícios e esclarecimentos que os conhecimentos desta formação continuada possibilitaram. Colocações estas tais como “e a gente fala que tá errado, que é feio! Que coisa, né?!”(sic), “vixi.. a gente briga, fala pros pais, passa pra psicóloga” (sic), “manda pra diretoria” (sic), “fica de castigo” (sic).

É fato que a perplexidade e o espanto se imprimiram nos rostos das docentes, principalmente no momento que afirmamos a curiosidade natural e o aspecto desenvolvimentista das manifestações sexuais das crianças caracterizados na leitura dos casos. Reações estas já descritas acima e anunciadas como o emudecimento, o arregalar dos olhos, o mexerem-se nas cadeiras mais intensamente e a diminuição do tom e o embargar da voz e as palavras expressadas pausadamente. Um exemplo que se fez nítido desta perplexidade e espanto se deu no primeiro caso, em que uma criança de cinco anos estava no banheiro apontando e tocando nos órgãos genitais de outras colegas. Ainda que tenha sido sinalizado anteriormente sobre os tabus e a repressão advinda da história da sexualidade, a dificuldade em aceitar ficou evidente e estampada pelas docentes.

É curioso refletir que, apesar de percebermos a presença de perplexidade e espanto também na descrição das manifestações sexuais dos outros dois casos apresentados, estas não se deram de forma tão evidentes. Acreditamos que as idades dos casos caracterizados, uma criança de um ano e meio e a outra com três anos de idade, assim como a descrição da manifestação sexual de forma menos explícita, contribuíram para a diminuição de tais emoções citadas. Este aspecto também foi apontado e discutido neste mesmo encontro ao apresentarmos as respostas quantitativas do Quadro normativo.

É verdade que o acaso nos beneficiou, e muito, durante a execução desta atividade, ainda que neste formato de atividade, o objetivo se modificou em comparação à socialização em grupo, como foi planejado inicialmente. Mas mesmo assim, os ganhos foram nítidos e pudemos verificar que as intervenções e reflexões foram extremamente indispensáveis para que as docentes pudessem atingir algumas percepções e compreensões acerca da prática profissional sobre o tema da sexualidade infantil. Cientes de que os tabus e preconceitos, assim com a estreita relação da sexualidade com a genitalidade estariam ainda presentes neste grupo de docentes (como apontado nas discussões anteriores), os nossos esforços com esta atividade se pautaram principalmente no que se refere à função e papel da escola na sociedade. Esforços estes que se traduziram na necessidade de orientações e acolhimentos constantes às crianças, no sentido de possibilitar a percepção interna de sentimentos e emoções, bem como oferecer funcionalidade quanto ao lugar, tempo e espaço. É fato que o conhecimento científico da sexualidade enquanto parte do desenvolvimento das crianças, assim como a tentativa de desmistificações dos tabus, preconceitos e conceitos errôneos, construídos cultural e historicamente, esteve também presente durante as análises dos casos.

Ao reaver a função da escola, prevista pela constituição Federal de 1988, a qual prevê o “[...] pleno desenvolvimento da pessoa e seu preparo para o exercício da cidadania” (Brasil, 1988, art. 205), podemos verificar que o desenvolvimento das crianças é permeado por tais orientações e acolhimento, propiciadas pela percepção interna de sentimentos e emoções decorrentes das necessidades sexuais latentes na infância, assim como o convívio em sociedade que requer o discernimento das funções de tempo, lugar e espaço.

Além disso, ao refletirmos sobre a função do psicólogo escolar, podemos constatar que, na atuação da profissão, há uma fusão dos objetivos a serem alcançados. Isto porque, a função e o papel da escola prevista pela Constituição Federal citada acima são objetivos a serem alcançados igualmente à do psicólogo atuante na escola. Para melhores esclarecimentos, é preciso mencionar brevemente a função e o papel do psicólogo escolar.

No trabalho de atuação do psicólogo escolar, assim como descreve Bleger (1992), além dos conteúdos manifestos, os conteúdos latentes da instituição e da formação grupal que nela se inserem

são objetos da observação psicológica. Assim, as manifestações implícitas contidas na organização escolar são fontes de estudo e intervenção da prática de trabalho do psicólogo.

É sabido que o tema da sexualidade é um tema polêmico, o qual carrega consigo muitos tabus e preconceitos e que, por muitas vezes o cotidiano escolar não se ocupa destas discussões e reflexões. Com isso, podemos compreender que todo o conceito e concepções individuais e intrínsecas de cada uma das docentes são manifestações implícitas que se presentificam na organização e na formação do grupo escolar. Com isso, a tentativa de favorecer a exteriorização da subjetividade e a reflexão destes processos, que muitas vezes encontram-se inconscientes, é uma necessidade na atuação do psicólogo institucional e, tal como preconizou Bleger (1992), muitas vezes estão na contramão da ação que proporcione a psicohigiene.

Na certeza de que “o ser humano encontra, nas distintas instituições um suporte, um apoio, um elemento de segurança de identidade e de inserção social ou pertença” (Bleger, 1992, p. 55), fica claro e evidente a fusão que o ‘pleno desenvolvimento da pessoa’ estabelecida pela Constituição Federal estabelece com a função do psicólogo escolar. Desta forma, a constante atenção quanto às manifestações sexuais das crianças, assim como as reflexões decorrentes quanto à concepção de sexualidade infantil e suas conseqüentes condutas se fazem mais do que evidentes e necessárias no cotidiano escolar.

Para encerrar o encontro deste dia, foi realizada a leitura da seguinte citação de Figueiró (1995):

Considero Educação Sexual toda ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja em nível de conhecimento de informações básicas, seja em nível de conhecimento e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionados à vida sexual (p. 8).

E como reflexão final, indagamos se, frente a esta afirmação, podemos dizer que todas nós tivemos uma educação sexual com as crianças, independentemente da ação realizada? Um sonoro “sim” foi verbalizado no local do encontro e a palavra “sim” foi mostrada como resposta e finalização do encontro. Com isso, acreditamos que o conceito de educação sexual pôde ser compreendido por todas!

#### **4.6 O 6º encontro: “Encerramento”**

A síntese das informações sobre o sexto e último encontro do projeto de intervenção em formação continuada está exposta no quadro abaixo.

## Quadro 26

*Informações sintetizadas acerca do sexto encontro*

Objetivo do encontro	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Encerrar os encontros do projeto de intervenção em formação continuada,</li> <li>✓ Propor novas reflexões sob o cotidiano escolar e a sexualidade das crianças,</li> <li>✓ Sistematizar a trajetória de estudo,</li> </ul>
Atividades e Reflexões	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ As reflexões neste dia foram decorrentes do cotidiano escolar e as indagações permearam acerca dos momentos de troca de roupas e fraldas, os banheiros abertos e sem portas, assim como os vidros nas paredes das escolas.</li> <li>✓ A sistematização de estudo foi a atividade de finalização, a qual foi solicitada por escrito,</li> </ul>
Conhecimentos explanados	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Foram apontados sobre os conhecimentos explanados até o presente momento, na necessidade de considerar os aspectos do desenvolvimento infantil, bem como atentar aos conceitos e concepções arraigadas e presentes internamente.</li> </ul>
Questionário	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Quantitativamente, as respostas fornecidas no Quadro normativo foram apresentadas.</li> </ul>

Antes de iniciarmos a narrativa deste encontro, é importante ressaltar que, assim como já descrito na Sessão Método, excepcionalmente neste dia foi necessário juntar os dois grupos de professoras em um único grupo maior. Para tanto, além do aumento da quantidade de docentes, o lugar das explicações também foi modificado.

Para finalizar os encontros deste projeto de intervenção em formação continuada, foi proposto um dia de reflexões e discussões. Primeiramente retomamos, de forma muito breve e apenas como citação, os conteúdos já explanados durante todo este período (ver Apêndice F). Foram assim mencionados os conhecimentos adquiridos sobre os aspectos das crianças, que se referem à construção histórica da infância e o desenvolvimento psíquico da criança acerca da sexualidade infantil, bem como em relação às ações e práticas de cada um de nós, com referências sobre o percurso histórico da sexualidade, os diferentes modelos familiares ao longo da história e a construção histórica da infância e as imagens sociais da criança.

Com isso, pudemos propulsionar novas e diferentes reflexões às professoras presentes sobre o tema da sexualidade no cotidiano da escola. As indagações iniciaram-se sobre o momento da troca de roupa e de fralda na etapa de Educação Infantil-Creche, em que, após as docentes relatarem de como e onde é feita esta troca, as reflexões puderam acontecer e pudemos propiciar para que as educadoras se expressassem. Desta maneira, a primeira pergunta foi sobre a possibilidade de erotização das crianças, decorrente do estímulo da curiosidade genital, já que as trocas de roupas e fraldas são realizadas dentro da sala de aula, na frente dos demais colegas de turma. A outra pergunta refere-se sobre a privacidade, já que esta é uma característica da família contemporânea.

Vale a pena dizer que as indagações foram apenas anunciadas, com o intuito de propiciar as reflexões e discussões a partir dos conhecimentos já adquiridos até então, sem que novas

explicações sejam realizadas. Contudo, foi necessário um direcionamento e posicionamento nosso, uma vez que as manifestações das docentes ficaram exaltadas e com um significativo aumento do tom de voz. Relatos e gestos de incredibilidade e assombros estiveram presentes neste instante, como por exemplo “*nada a ver*” e “*com os pequenos não*” (sic), assim como gestos negativos com a cabeça e expressões faciais de arregalar os olhos e emudecimento. Pudemos observar também a presença de risadas e conversas aleatórias durante as indagações e a significativa verbalização de uma docente sobre da sobrecarga de funções e atribuições de afazeres no dia-a-dia da escola, o que a impossibilitava de realizar e refletir sobre mais um aspecto. Uma salva de palmas tomou conta do pátio da escola neste momento e a coordenadora pedagógica enumerou a quantidade de profissionais presentes, bem como a quantidade de alunos dentro da sala de aula.

Ressaltamos que os devidos apontamentos e considerações sobre estes aspectos serão descritos e discutidos logo abaixo, juntamente com as demais manifestações que ocorreram neste último dia do encontro.

É fato que estas reações não englobam todas as professoras e relatos de propostas e sugestões também ocorreram neste momento, tais como “*e se colocar um biombo na sala? Pode ser uma boa, né?*”, “*a gente pode levar uma turma pra trocar no banheiro enquanto a outra turma fica com a assistente na sala*” e “*vira pra trás, num cantinho e a criança na parede*” (sic). Ainda que haja a necessidade de pensarmos e refletirmos nestas soluções, pudemos perceber que a compreensão e assimilação das indagações propostas inicialmente se fizeram presentes. Risadas e mais conversas tomaram conta do lugar novamente.

Com isso, o posicionamento e direcionamento se fizeram inevitáveis para que pudessemos dar seqüência e objetividade ao encontro.

Demais indagações foram então apresentadas às docentes (ver Apêndice F) e, apesar de se manifestarem e opinarem sobre as reflexões propostas, não foi observada nenhuma exaltação e conversas aleatórias. A existência de risadas e conversas foi um aspecto presente, porém pudemos perceber que o assunto das conversas se relacionava com o tema abordado, bem como as risadas que se relacionaram com o cotidiano e situações engraçadas do cotidiano escolar relacionadas com a sexualidade das crianças. Estas demais indagações realizadas referiram-se aos banheiros abertos e sem portas e sobre a presença de vidros nas paredes das creches novas.

A abertura para que as professoras pudessem fazer alguma outra consideração foi indicada, porém não houve nenhuma verbalização e o silêncio tomou conta do lugar.

Os apontamentos e discussões destes aspectos descritos encontram-se abaixo:

#### 4.6.1 Uma leitura diante das reações das docentes no último encontro

A mudança de lugar e a junção dos dois grupos em um único grupo maior são variáveis que não podemos desconsiderar, assim como o som ecoante do pátio da escola. A rotina que até então havia se estabelecido com os encontros, seja esta quanto ao lugar como com o número e as pessoas presentes, se modificou. Outra alteração significativa foi o prolongamento do tempo que se teve antes de começarmos as explicações e que se estendeu muito mais do que nos encontros anteriores, com o qual tivemos dificuldades para conseguirmos dar início ao encerramento da formação. É verdade que a junção de todas as docentes desta rede municipal de educação não é um evento comum e o reencontro das professoras possibilita uma aproximação afetiva e calorosa entre as mesmas. Desta forma, a permissão para um prolongamento maior do tempo foi oferecida, justamente por acreditarmos na importância das relações afetivas existentes em um ambiente de trabalho. Contudo, a referência aqui se caracteriza exatamente por uma dificuldade de inaugurarmos o encontro, uma vez que as solicitações foram anunciadas algumas e seguidas vezes.

Assim, muito além de reencontros entre as professoras, a formação grupal e a coletividade são aspectos que devemos aqui considerar. Zimmerman (2000), ao conceituar e descrever sobre a importância dos grupos anuncia que:

Um grupo não é um mero somatório de indivíduos; pelo contrário, se constitui como uma nova entidade, com leis e mecanismos próprios e específicos. Podemos dizer que assim como todo indivíduo se comporta como um grupo (de personagens internos), da mesma forma todo grupo se comporta como se fosse uma individualidade (p. 83).

Com isso, podemos afirmar que esta ‘nova entidade’ formada por este último grupo da formação continuada apresenta, como atuação dos mecanismos de defesa, a tentativa de retardar ou até mesmo impedir a formalização e as explicações de conhecimentos sob o tema da sexualidade infantil.

Vale a pena mencionar que os mecanismos de defesa, assim como aponta Zimmerman (2000), são processos presentes em toda e qualquer formação grupal, bem como demais elementos como fantasias, ansiedades, identificações, medos, culpas, ataques, identificações, papéis, movimentos resistenciais, entre outros.

É fato que já havíamos anunciado diversas vezes sobre a atuação dos mecanismos de defesa nas discussões dos encontros anteriores, atuações estas que logicamente se fizeram presentes também neste último dia de encontro. Neste grupo em especial, podemos perceber ainda mais o fortalecimento destes mecanismos, sobretudo a resistência, na qual se evidencia a dificuldade em ouvir, aceitar, assimilar e também perceber a existência de sexualidade nas crianças.

É importante apresentar neste momento o conceito de resistência, tal como descreve Freud (1910/2016), em que ressalta a necessidade de compreendermos o funcionamento deste mecanismo. O autor revela assim que as ‘recordações esquecidas’ pelos pacientes em um processo analítico não haviam se perdido, mas a força da resistência se incumbiu de mantê-las no inconsciente.

As mesmas forças que naquele momento se opunham, na qualidade de resistência, a que o material esquecido se tornasse consciente, deviam ter provocado esse esquecimento e empurrado as vivências patogênicas em questão para fora da consciência. Chamei de *repressão* a este processo que supunha, e o considerei demonstrado pela inegável existência da *resistência*[grifo do autor](Freud, 1910/2016, p. 181-182).

Com isso, verificamos o entrelaçamento dos elementos da resistência e da repressão, os quais são processos de extrema importância para a compreensão do funcionamento psíquico e no nosso caso específico, do grupo como um todo. É essencial considerarmos aqui que a resistência, assim como já mencionado anteriormente e ainda segundo o autor, se apresenta decorrente um conflito irreconciliável entre os desejos e as exigências da personalidade. Assim, Freud (1910/2016) esclarece que esse desconforto “[...] foi evitado pela repressão, que dessa maneira, revelou-se como um dispositivo de proteção da personalidade psíquica” (p. 182).

Desse modo, podemos afirmar que as resistências presentes no grupo deste projeto de intervenção em formação continuada, no intuito de proteger a personalidade psíquica, tanto do grupo quanto de cada uma individual, são também responsáveis pelo impedimento de qualquer tipo de mudança. Isto porque falar e ouvir sobre o tema da sexualidade fere, ameaça e expõe as vivências pessoais, as quais permitiriam as devidas percepções e que estão fora da consciência.

Além da demora em iniciar o grupo apresentado acima, a presença de outros aspectos resistenciais se evidencia no momento em que algumas docentes apresentam soluções e idéias aplicáveis sobre as trocas de roupa e fraldas no cotidiano da creche, em que as risadas e conversas se fizeram presentes. Expressões faciais de arregalar os olhos, assombros, emudecimento, gestos negativos com a cabeça e risadas são manifestações claras da presença da resistência, assim como as verbalizações “*nada a ver*” e “*com os pequenos não*” (sic).

A verbalização de uma docente sobre a sobrecarga de funções e atribuições de afazeres no dia-a-dia da escola caracteriza igualmente uma tentativa de aliviar as tensões causadas pelo tema da sexualidade infantil, na qual impera a dificuldade em lidar com os aspectos da sexualidade infantil, com o esforço de expulsar de si, além do assunto propriamente dito, as responsabilidades e peso pelos aspectos sexuais das crianças. E, para além dos aspectos sexuais, digamos pela constituição psíquica de um ser humano como um todo. Ora, mas seria possível estarmos defronte uma criança e não termos que considerar suas manifestações sexuais? Seria possível o trabalho na Educação Infantil – e aqui podemos incluir as demais etapas da educação também – sem que a constituição psíquica, advinda dos elementos sexuais infantis, fosse atribuída os devidos valores? Certamente

que não! Os estudos científicos (Freud, 1905/2016; Klein, 1926/1981, Souza, 2003; Vygostsky, 1984, Piaget, 1999) não cansam de postular a importância dos aspectos afetivos e, conseqüentemente psicosssexuais envolvidos nos processos educativos e a tentativa de recortar tais elementos do cotidiano escolar, além de uma tentativa infundada, é realmente impossível.

Os aplausos de todos após este discurso traduz que, para utilizar novamente as palavras de Zimerman (2000), essa ‘nova entidade’ formada pelo grupo desta formação continuada compartilha, além dessas idéias e concepções, dos esforços de manter distantes as manifestações sexuais.

Diante estas reações, fica clara a necessidade do grupo em proteger e aliviar os conflitos e tensões internas decorrentes da ansiedade e angústia que o tema da sexualidade infantil provoca. Com isso, assim como propõe Bion (1994), na tentativa de não pensar e refletir sobre o assunto, bem como de retardar e/ou evitar por completo esse sofrimento, as docentes apresentam comportamentos que dificultaram e até mesmo aniquilaram as novas reflexões e possibilidades que surgiram naquele instante. Assim, frente a urgência de novas discussões no campo educacional, os mecanismos de defesa são realmente impeditivos e contribuem negativamente para a perpetuação dos tabus, preconceitos e conceitos errôneos construídos historicamente.

Ainda sobre as resistências, Freud (1910/2016) descreve que nossos esforços não devem se reunir no combate, uma vez que “a psicanálise busca levar o que se acha reprimido na psique ao reconhecimento consciente” (p. 198). Com isso, assim como Freud, o nosso apelo também não será pelo enfrentamento direto de tais resistências, mas sim pela continuidade da luta diária, para que possamos construir, juntamente com as docentes desta rede municipal de ensino, melhores condições e qualidade psíquica às nossas crianças. E a transmissão de conhecimentos científicos é um dos caminhos a ser percorridos!

Defronte a narrativa e apontamentos realizados, acreditamos que conseguimos expressar a tensão vivenciada no momento, que se intensificou com o aumento do tom de voz das docentes, bem como as risadas e conversas paralelas. A dificuldade em (re)estabelecer o foco se evidenciou e a sensação foi realmente de estarmos diante um combate. Assim, os inevitáveis posicionamentos e direcionamentos foram de grande valia para prosseguir no objetivo e encerramento do encontro e, como já descrito, as explanações seguintes percorreram sem exaltações e conversas paralelas, com até mesmo contribuições às novas indagações apresentadas.

Com isso e recordando Freud (1910/2016) ao descrever que o enfrentamento diretivo não é a saída para trabalhar com os mecanismos de defesa, e sim sua emersão dos elementos recalcados e movimentos resistenciais, cremos que a possibilidade das professoras em poderem expressar suas idéias e crenças, mesmo que fundadas em “achismos” e sem embasamento teórico, trouxe um alívio das forças geradas pelas tensões e conflitos internos gerados por esse tema tão polêmico.

Assim, consideramos de extrema importância a abertura para que profissionais da educação possam expressar suas ideias e concepções, na tentativa de tornar consciente e reconhecerem os processos envolvidos nas resistências e recalques. E, com isso, que possamos então trazer a luz da ciência e propiciar sempre novas reflexões e discussões, na certeza de estarmos contribuindo para desmistificar e desconstruir conceitos errôneos historicamente construídos.

Em continuidade ao encontro, e como atividade de encerramento, foi solicitada às professoras uma sistematização do estudo realizado durante toda a formação (ver Apêndice G). Foi solicitado que entregassem a atividade por escrito no final.

Vale a pena acrescentar que a quantidade de folhas preenchidas não corresponde ao número de pessoas presentes neste último dia, isto é, algumas pessoas não responderam e não entregaram essa sistematização. Esta atitude grupal pode ser representada pelo gesto de uma docente que, ao entregarmos uma caneta à mesma, expressou facialmente com desdenha e verbalizou “não quero” (sic), continuando com os braços cruzados.

Mesmo sem a posse da quantidade total da sistematização do estudo, alguns apontamentos e discussões estão abaixo apresentados.

Após a entrega desta atividade, foi entregue uma mensagem anexada a um bombom e encerrado este projeto de intervenção em formação continuada.

#### **4.6.2 Sobre a sistematização de estudo**

A presente sistematização de estudo (ver Apêndice G) teve como objetivo extrair a percepção das educadoras sobre as contribuições dos conhecimentos científicos transmitidos, bem como a aplicabilidade destes conteúdos na prática pedagógica diária. As cinco perguntas solicitadas na sistematização de estudo foram analisadas de acordo com a análise de conteúdo de Bardin (2009) e serão apresentadas individualmente a seguir.

##### **4.6.2.1 Sobre as contribuições do estudo da História da Infância e da Família**

A primeira pergunta foi sobre as contribuições que o estudo da história da infância e da família proporcionou para a formação continuada dos docentes e está representada a partir do Quadro abaixo.

#### Quadro 27

*Percepção das docentes sobre as contribuições do estudo da História da Infância e da Família*

Categoria	Subcategoria	Indicativos
Percepção sobre as contribuições do estudo da História da Infância e da Família	Historicidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Observando as transformações entre família e sociedade,</li> <li>✓ Conhecer a trajetória da infância até o momento atual,</li> <li>✓ Nunca pensei que no início aconteciam tantas coisas que hoje é imoral,</li> <li>✓ Foi importante refletir sobre a história, pois existiram aspectos que não temos conhecimento,</li> <li>✓ Refletir sobre as inúmeras mudanças nos significados de concepção de infância,</li> <li>✓ Sobre a formação da nossa sociedade,</li> <li>✓ Houve muitas mudanças ao longo dos anos, por exemplo, as roupas, a privacidade e o olhar que as pessoas tinham da infância,</li> <li>✓ Evolução da família em relação às crianças,</li> <li>✓ As mudanças estão constantes em nossas vidas,</li> <li>✓ Mudanças que beneficiaram com o tempo,</li> <li>✓ Melhor entendimento do comportamento social da atualidade,</li> <li>✓ Família é formada por várias gerações e está em constante mudança,</li> <li>✓ Uma melhor compreensão da história</li> </ul>
	Perpetuação histórica	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Identificar situações parecidas com a nossa realidade, vividas no dia-a-dia,</li> <li>✓ De como as coisas aconteceram e ainda continua acontecendo,</li> <li>✓ Todas as ações têm conseqüências históricas e precisamos entender para trabalharmos na melhoria,</li> <li>✓ Algumas ações continuam as mesmas,</li> <li>✓ Comparar a situação histórica atual e do passado,</li> </ul>
	Falta de Clareza	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Sempre contribui com alguma coisa,</li> <li>✓ Proporcionou mais conhecimento,</li> <li>✓ Família, aprendizagem, parceria, formação, escola,</li> <li>✓ Saber diferenciar os acontecimentos e entender como ele é para a criança,</li> <li>✓ Excelente,</li> <li>✓ Ajudou a entender melhor sobre o assunto e ajudou na minha formação</li> <li>✓ Descobri muita coisa que não fazia nem idéia,</li> <li>✓ Em todas as escolas estamos vivenciando as mesmas situações, onde para o nosso trabalho é muito importante.</li> </ul>
	Sem o contexto histórico (aplicação no cotidiano: aspectos gerais)	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Ter mais atenção, tomar cuidado com o que falo,</li> <li>✓ Curiosidade entre as realidades de cada um,</li> <li>✓ Pensar na privacidade e individualidade de cada criança e suas fases,</li> <li>✓ Compreender melhor a formação do ser,</li> <li>✓ Lidar com situações do dia-a-dia de cada criança,</li> <li>✓ Cada família é vivida de uma forma diferente, chegando na escola crianças com várias visões de mundo,</li> <li>✓ Intervir nas situações cotidianas,</li> <li>✓ Processo de maturação que se desenvolve por estratégia (acredito que quis dizer “estágios”).</li> <li>✓ As famílias e a escola devem trabalhar juntas. O estudo contribuiu para mudar pensamentos e práticas, tanto na escola, como no meu meio familiar.</li> <li>✓ Melhorar meus conhecimentos e comportamento no meu dia-a-dia dentro da sala.</li> </ul>
	Sem o contexto histórico (aplicação no cotidiano: sobre a sexualidade)	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Refletir sobre várias situações constrangedoras,</li> <li>✓ Criando estratégia e superar cada dificuldade,</li> <li>✓ Compreender melhor cada uma delas, respeitando sempre,</li> <li>✓ A criança tem a sexualidade exposta não devemos contrariar e sim explicar</li> <li>✓ Curiosidade de como as crianças se conhecem sem malícia,</li> <li>✓ Um olhar diferente para as questões da sexualidade nas várias fases da criança,</li> <li>✓ Conhecer a história da criança ao longo da história e a sexualidade em diferentes épocas,</li> </ul>

Como pudemos perceber no Quadro acima, as docentes descreveram que os conhecimentos transmitidos sobre o estudo da história da infância e da família pôde contribuir para a percepção histórica, bem como suas perpetuações ao longo dos tempos. É possível verificar também que alguns professores relataram que as contribuições foram, ainda que sem referência ao contexto histórico, em relação à aplicabilidade no cotidiano escolar, tanto em questões gerais como em relação à sexualidade especificamente. A subcategoria nomeada como “falta de clareza” se refere a presença de discursos que não apresentam clareza no objetivo da pergunta, isto é, as docentes não conseguiram relatar, de fato, quais foram as contribuições que o estudo da história da infância e da família proporcionaram.

Nas categorias citadas sobre a aplicação no cotidiano escolar, tanto das questões gerais, quanto da sexualidade, ainda que alguns professores tenham descritas contribuições fora do contexto histórico, os indicativos nos mostram que os professores responderam sobre a formação como um todo e não como um tópico específico do estudo, que foi o objetivo da pergunta. Talvez uma falta de entendimento e/ou compreensão da proposta da pergunta tenha produzido este efeito, mas mesmo assim, percebemos que há várias contribuições que todo o projeto de intervenção em formação continuada pôde apresentar, como por exemplo a aquisição de novos conhecimentos e novas reflexões, bem como a possibilidade de repensarem em suas práticas pedagógicas no cotidiano escolar.

É claro que não queremos aqui deixar a idéia de acertividade ou não do conteúdo das respostas, até mesmo porque esta não é a proposta desta sistematização. Além disso, falar em percepções, interpretações e assimilação de conhecimentos e conteúdos são aspectos subjetivos e particulares, o que acarreta uma grande amplitude nas variações entre os indivíduos. Contudo, é fato que os estudos sobre a história, de qualquer que seja a natureza desta, requer percepções históricas e seus resquícios até a atualidade. Assim, ao observarmos os indicativos destas categorias, percebemos que, mesmo sem fazer menção ao contexto histórico, as contribuições relatadas pelos docentes são realmente imensuráveis. Isto porque, como nos mostra os indicativos, perceber que precisamos tomar cuidado com o que falamos e com situações constrangedoras para as crianças, pensar na individualidade e na particularidade de cada criança e de cada família, na necessidade do respeito e das explicações constantes sobre o tema da sexualidade, bem como reconhecer a existência de fases psicosssexuais e suas devidas particulares são exemplos que alcança uma dimensão tão grande e que certamente não tem preço!

Em relação à historicidade e a perpetuação histórica, a descrição nos indicativos evidencia que os docentes puderam perceber que, todo e qualquer fato, acontecimento e comportamento social permeiam por uma construção e um percurso histórico e que muitos destes fatos, acontecimentos e

comportamentos continuam existir até os dias atuais. Esta percepção é de suma importância e vai além de uma simples aquisição de conhecimento e entendimento do assunto, em que a grandiosidade dos estudos históricos está na possibilidade de reconhecer que as mudanças de comportamento da sociedade ocorrem diante da transformação do olhar e de atitudes para com os fatos e acontecimentos. É fato que, para que essa mudança de comportamento possa acontecer, é preciso que haja anteriormente a percepção da existência de uma construção histórica, mas poder aplicar esses conhecimentos e entendimentos para a vida e para a atualidade é essencial. E transcender tudo isso para o cotidiano escolar é igualmente fundamental.

Defronte tais percepções das professoras, tanto da construção histórica, quanto de suas perpetuações, a esperança reside na possibilidade de que, ao conceberem que os fatos e acontecimentos decorrem de um percurso que se arrasta ao longo dos tempos e que muitos comportamentos permanecem vivos até os dias atuais, poderem assim, munidos de novos olhares sobre os acontecimentos, agirem na luta e combate dos tabus, preconceitos e conceitos errôneos. E esta luta não significa, para nós, entrar em combate e enfrentamento direto, o que nos faz recordar Sigmund Freud (1910/2016) ao dizer que nossa missão é elucidar os conteúdos reprimidos e os movimentos resistenciais para que assim possamos reconhecer conscientemente nossos atos. Com isso, o significado desta luta está exatamente em utilizar as infinitas e poderosas ferramentas que a pedagogia oferece, dentro do ambiente e no cotidiano da escola, na função de orientar, informar e talvez quem sabe conscientizar as nossas crianças e conseqüentemente uma parcela de toda uma futura geração.

#### 4.6.2.2 Sobre as contribuições do estudo do Desenvolvimento Psíquico

As contribuições do conhecimento sobre o desenvolvimento psíquico foi a segunda pergunta realizada e as análises e o Quadro representativo estão expostos abaixo.

#### Quadro 28

##### *Percepção das docentes sobre as contribuições do estudo do Desenvolvimento Psíquico*

Categoria	Subcategoria	Indicativos
	Compreensão do comportamento em fases psicosexuais	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Entender o comportamento da criança, a fim de contribuir para seu desenvolvimento,</li> <li>✓ Ficou mais claro que a criança possui fases e que antes considerava inapropriado para a idade,</li> <li>✓ A sexualidade muda muito com as fases,</li> <li>✓ Entender como se dá o amadurecimento da sexualidade segundo as fases,</li> </ul>

Percepção sobre as contribuições do estudo do Desenvolvimento Psíquico		<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Compreender que nem tudo tem a ver com o que a criança vê, mas que muitas coisas fazem parte do desenvolvimento da criança,</li> <li>✓ Cada criança tem sua fase de sexualidade,</li> <li>✓ Respeitando as fases da criança é essencial,</li> <li>✓ Entender cada fase do desenvolvimento e o que se espera para cada etapa,</li> </ul>
	Aplicação e/ou correlação do conhecimento na prática pedagógica	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Me fez repensar em atitudes que já foram tomadas incorretamente,</li> <li>✓ Para melhor orientar com cuidados as crianças,</li> <li>✓ ...vejo que o estudo veio nortear nossas práticas,</li> <li>✓ Me abriu os olhos para os problemas que observo na minha sala de aula, me levando a criar estratégias para assim resolvê-los,</li> <li>✓ Pensar em várias situações para tentar solucionar dúvidas em relação à sexualidade infantil,</li> <li>✓ Para saber como lidar com a sexualidade infantil e refletir sobre a nossa prática docente,</li> <li>✓ Tentar solucionar a sexualidade infantil de forma mais clara de acordo com cada fase,</li> <li>✓ Para que eu saiba me posicionar diante de situações em que os alunos se olham, se tocam... o que muitas vezes para nós era errado, mas está dentro do contexto,</li> <li>✓ Nos faz repensar a nossa prática pedagógica,</li> <li>✓ Facilitando nossas formas de lidar e agir diante algumas situações,</li> <li>✓ Devemos repensar nas trocas das crianças para que não seja no coletivo,</li> <li>✓ Devemos pensar para não expor as crianças ao ridículo, não deixar uma ver a outra,</li> <li>✓ Tratar as dúvidas ou curiosidades das crianças de forma mais natural sem erotizar,</li> <li>✓ Não estimular a criança na sexualidade, agir de forma natural,</li> <li>✓ Hoje tenho um olhar mais atento e claro de como orientar melhor as crianças,</li> <li>✓ Importante buscar cada vez mais o conhecimento, visto que é um tema pouco trabalhado nas instituições,</li> <li>✓ Consigo observar com outros olhos as questões discutidas,</li> <li>✓ ... sobre formação psíquica sem julgar ter um olhar entendendo sobre o assunto,</li> </ul>
	Falta de Clareza	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Foram inúmeras e pretendo aplicar no meu dia-a-dia,</li> <li>✓ Trouxe mais conhecimento sobre o assunto,</li> <li>✓ Proporcionou várias contribuições,</li> <li>✓ Foi excelente,</li> <li>✓ Acho uma área muito complexa,</li> <li>✓ Proporcionou um desconforto, pois sabemos que as mudanças são necessárias, mas nem sempre são apoiadas pelo sistema,</li> </ul>
	Compreensão Inadequada	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Nem tudo que vê às vezes pode antecipar a sexualidade ou não,</li> <li>✓ Que nem sempre o que a criança faz, ela tem compreensão do que está fazendo,</li> <li>✓ Devemos sentar conversar com a criança o porque daquele ato, porque as vezes foi ingênuo e se for mais velhas pode ter malícia e chamar a atenção,</li> </ul>

Ao observarmos o Quadro acima, as professoras discorrem que os conhecimentos sobre o desenvolvimento psíquico contribuíram para a compreensão do comportamento das crianças em fases psicosssexuais, assim como percebem as possíveis aplicações e/ou correlações deste

desenvolvimento no cotidiano escolar em suas práticas pedagógicas. “Falta de clareza” foi a categoria nomeada para as descrições que não apresentam clareza e/ou uma abrangência no discurso, o que não esclarece efetivamente quais foram as contribuições que este estudo pôde representar para tais docentes. Além destes, há também aqueles que apresentam relatos com uma compreensão inadequada do conhecimento científico.

Nesta última categoria citada, a compreensão inadequada, os indicativos revelam que, embora haja o uso de poucas palavras, a concepção de uma sexualidade genital, bem como a criança assexuada estão implicitamente contidas nos discursos. As expressões “*antecipar a sexualidade*” e “*pode ter malícia*” (sic) representam muito bem esta concepção. Pensar que uma sexualidade pode ser antecipada é certamente conceber que anteriormente não havia a presença de nenhuma sexualidade. Assim como relacionar a malícia e a criança, é igualmente certo pensar que a simples descoberta do corpo e seus prazeres decorrentes são “maliciosos” e que a genitalidade está então ali presente.

Sem a intenção de nos parecer repetitivas, mas vale a pena frisar novamente – frisos estes que não nos cansamos de falar durante toda esta formação continuada – que há inúmeras postulações científicas sobre a existência de sexualidade na infância e, ainda que desponham novos e contemporâneos autores, esta afirmação não é sequer questionada. Assim, longe de quisermos questionar, até mesmo porque as observações cotidianas com crianças pequenas nos levam a acreditar fielmente nisto, a criação da subcategoria com o nome de compreensão inadequada nos parece pertinente neste momento, uma vez que conceber a sexualidade enquanto genital é um erro conceitual. Freud (1905/2016) ao discorrer sobre a sexualidade infantil pontua os obstáculos da concepção da sociedade da época e descreve que:

Na concepção popular do instinto sexual, ele está ausente na infância e desperta somente no período da vida que designamos como puberdade. Isso não é um erro qualquer, mas de grandes conseqüências, pois principalmente a ele devemos nosso atual desconhecimento das condições fundamentais da vida sexual (p. 73).

Desta maneira, os descritos das educadoras nos permitem afirmar que a concepção popular de ausência de sexualidade na infância permanece viva até os dias atuais e, assim como nos alertou o autor, apresenta grandes conseqüências. Convictas e seguras de que o conhecimento tenha sido abordado e discutido durante todo este projeto de intervenção em formação continuada, podemos refletir e afirmar novamente que a força dos mecanismos de defesa, impeditivo para a correta assimilação dos conteúdos abordados, assim como as vivências, o desconforto em lidar com esse tema específico e a construção histórica e cultural de criança assexuada não contribui para uma adequada compreensão dos postulados científicos.

Na contramão disso tudo, é expressiva a presença de professoras que puderam compreender que as manifestações sexuais, segundo Freud (1905/2016), seguem uma orientação específica de acordo com a maturidade, tanto biológica quanto psicológica. Com isso, o reconhecimento e a real percepção de que a sexualidade perpassa por etapas de desenvolvimento apresenta uma enorme dimensão, na qual estão implícitos diversos fatores extremamente importantes a serem considerados. Fatores estes tais como os aspectos afetivos, o respeito, a cidadania, entre outros que são tão importantes e essenciais na construção de uma infância tão idealizada por todos nós, bem como e por consequência disto, de uma sociedade livre de preconceitos e tabus.

Reconhecer e perceber a existência de fases psicosssexuais é poder olhar e conceber a criança de acordo com suas necessidades psíquicas e constitucionais e, com isso, contribuir para enfraquecer e diminuir os julgamentos de valor e moral intrínsecos em cada uma das professoras. Assim, a esperança se assenta no sentido de que tais reconhecimentos e percepções auxiliam, para além de um olhar sob as necessidades intrínsecas das crianças, para o fortalecimento e a intensificação das relações afetivas entre os professores e as crianças.

Ao conceber a tão necessária ligação afetiva entre os seres humanos e, logicamente entre as professoras e as crianças, Klein (1926/1981) e Aberastury (1982) postulam que esta é uma condição extremamente indispensável para um desenvolvimento saudável como um todo, com repercussões na socialização, cognição e aspectos psicológicos.

Desta maneira, na pretensão de que todas as docentes desta rede municipal de ensino se apossessem deste conceito científico tão fundamental e determinante na vida de todos os seres humanos, aspiramos que este conhecimento possa, para além de apenas tornar público e acessível à todos, evidenciar a importância de reconhecer que a sexualidade está presente nas crianças desde a mais tenra idade. Com isso e para além do mero reconhecimento teórico, consentir a sexualidade em crianças pequenas é conceber as mesmas não como mini adultos, mas sim dotadas de suas particularidades e especificidades e que, no exercício de suas funções, as professoras possam transcender tais conceitos às nossas crianças, com consequentes relações de afeto, respeito e cidadania.

É expressivo também o número de docentes que puderam descrever sobre a aplicação e/ou correlacionar o conhecimento sobre o desenvolvimento psíquico com suas práticas pedagógicas em seus cotidianos de trabalho. Os indicativos nos mostram que o tema da sexualidade está presente no dia-a-dia das instituições escolares e as descrições evidenciam que as professoras elegem este tema como relevante. Além disso, os indicativos revelam que há percepção de que a sexualidade perpassa por etapas de desenvolvimento, bem como a reflexão frente às próprias condutas e atitudes para com as crianças, com o repensar nas concepções intrínsecas de certo e errado.

Assim, as reflexões e percepções das docentes apresentadas acima nos faz pensar que, se há um repensar nas próprias condutas e atitudes, com reflexos nas concepções de certo e errado, certamente, como já apontado anteriormente, a repreensão frente às diversas manifestações da sexualidade das crianças se fez muito presente. Sobre isto, Freud (1905/2016) já anunciou os prejuízos psíquicos e os transtornos futuros em consequência da repressão sexual.

E, juntamente com tais repressões, a criança, a família e até mesmo a sociedade em si recebem tilulações pejorativas, julgamentos de valor e moral e conseqüentemente a culpa. Sim! É triste pensar, mas a criança, diante da repreensão recebida de um adulto, assume a culpa para si própria. E por uma simples manifestação do desenvolvimento natural e esperado da sexualidade.

Com isso, parece impossível mensurarmos os benefícios de tais percepções e reflexões ao transcendermos os conhecimentos para a sala de aula nas escolas. É fato que ainda temos um longo caminho a percorrer e que, a exemplo disso, a palavra “solucionar”, que é utilizada algumas vezes, nos remetem ao desejo e necessidade das docentes em evitar e a tentativa de que a sexualidade não faça parte do contexto escolar.

É claro também que temos ciência de que o conhecimento teórico não garante a aplicação na prática, mas as reflexões e as correlações para a atuação na sala de aula descritas já nos mostra que há a possibilidade de alguma abertura psíquica e um possível diálogo sobre este tema tão polêmico.

#### 4.6.2.3 Sobre a aplicação dos conhecimentos na prática pedagógica

As respostas dadas pelas docentes sobre a pretensão de como aplicar os conhecimentos obtidos nesta formação continuada em suas práticas pedagógicas no cotidiano da escola está representada no Quadro abaixo.

Quadro 29

*Percepção das docentes sobre a aplicação dos conhecimentos da formação na prática pedagógica*

Categoria	Subcategoria	Indicativos
Aplicação dos conhecimentos na prática pedagógica	Falta de Clareza	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Aplicar de forma esclarecedora,</li> <li>✓ Já estou praticando,</li> <li>✓ ... promovendo o aprendizado nas ações,</li> <li>✓ Irei aplicar em sala de aula,</li> <li>✓ Com métodos que facilitem o desenvolvimento da sexualidade infantil,</li> <li>✓ Desenvolver formas práticas e naturais de envolvimento com cada situação,</li> <li>✓ Fazendo o trabalho naturalmente, explorando aquilo que a criança tem de melhor,</li> <li>✓ Trazer a teoria aprendida para a prática,</li> <li>✓ Aplicando todos esses conhecimentos,</li> <li>✓ Conforme os conflitos forem surgindo,</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ De acordo com a nossa realidade,</li> <li>✓ Com a criança em cada situação,</li> <li>✓ Sendo desenvolvendo formas práticas a cada aluno,</li> <li>✓ De uma forma diferenciada,</li> <li>✓ Aplicar nos momentos necessários,</li> <li>✓ Através de um pouco mais de estudos e dinâmicas,</li> <li>✓ Através de reflexões do que foi estudado,</li> <li>✓ Buscar mais conteúdo para agregar ao que aprendi, sendo o conhecimento contínuo,</li> <li>✓ De acordo do que acontece no dia-a-dia,</li> <li>✓ Aproveitar para compartilhar os conhecimentos com os pais e outros adultos que não tiveram a oportunidade de saber de fatos desconhecidos</li> </ul>
	Em relação às crianças	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Continuar orientando as crianças de forma esclarecida e com mais normalidade,</li> <li>✓ Levar em consideração as fases do desenvolvimento psíquico,</li> <li>✓ Entendendo que são fases e tentando ajudar da melhor maneira, sem constrangimento ou trauma,</li> <li>✓ Respeitando as ações e curiosidades para não passar das medidas,</li> <li>✓ Compreendendo e aceitando a normalidade,</li> <li>✓ Através de roda de conversa e atividades,</li> <li>✓ Estudar uma maneira de superar e resolver alguns conflitos vivenciados,</li> <li>✓ Repassando as minhas orientações,</li> <li>✓ Conversas e orientações até sana algumas situações. Tenho feito isso e estou tendo resultados positivos,</li> <li>✓ Olhar para a necessidade da criança,</li> <li>✓ Compreender melhor as atitudes das crianças mediante exposição do corpo. Momento de reflexão e correção nas atividades e rotina diária,</li> </ul>
	Em relação às próprias condutas enquanto docente	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Tenho mais entendimento para lidar com situações que exigem uma mudança de postura ou ter que tomar alguma decisão,</li> <li>✓ Refletindo sobre minhas ações, pensando que cada atitude pode ajudar ou colaborar,</li> <li>✓ Mantendo um olhar observador e reflexivo, de modo que o planejamento diário esteja sempre presente,</li> <li>✓ Pude aprender a me policiar melhor diante minhas condutas,</li> <li>✓ Com um novo olhar,</li> <li>✓ Repensar nas atitudes com um olhar diferenciado,</li> <li>✓ ... muitos pontos serviram de alerta para determinadas práticas,</li> <li>✓ Com um olhar menos crítico, mais calma e atenção,</li> <li>✓ Conversar mais sem brigar ou questionar,</li> <li>✓ Através de roda de conversa e explicações e os meninos trocar no banheiro masculino e meninas no feminino, porque temos diferenças,</li> <li>✓ Através do diálogo,</li> <li>✓ Com bastante orientação,</li> </ul>
	Em relação às crianças conjuntamente com as próprias condutas enquanto docente	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Entender e respeitar cada fase da criança, sem um pré-julgamento, vendo que aquilo é normal e necessário para a criança,</li> <li>✓ No dia-a-dia sempre que deparar com situações e também de forma diária no meu próprio comportamento como educador.</li> <li>✓ ...juntos com a sala de aula e rever meus conceitos,</li> <li>✓ Procurar refletir antes de agir, para não causar traumas futuros,</li> <li>✓ Pretendo orientar mais e preservar as fases de cada criança,</li> <li>✓ Com um olhar mais atento e compreensão da sua faixa etária,</li> <li>✓ Não se espantar com certas atitudes e agir com mais naturalidade,</li> <li>✓ Tomar cuidado ao reprimir e entender qual fase estão passando,</li> <li>✓ Preservando a privacidade na hora da troca e abordar de forma construtiva cada vez que presenciar alguma manifestação,</li> </ul>

Como pudemos perceber, as professoras pontuam que os conhecimentos adquiridos durante a formação continuada podem ser aplicados com relação às crianças, com relação às próprias condutas e atitudes, bem como há outras docentes que pontuam que os conhecimentos podem ser aplicados nestas duas interfaces conjuntamente, isto é, tanto com relação às crianças como nas suas próprias atitudes no ambiente escolar. A outra categoria nomeada como “falta de clareza” refere-se às descrições que não apresentam uma clareza para que haja a compreensão necessária de como as professoras aplicariam os conteúdos adquiridos na prática docente.

Nesta última categoria, a falta de clareza, há um número expressivo de docentes que não conseguem se expor de maneira clara e objetiva, o que por si só já nos faz acreditar na necessidade de nos debruçar sobre estes aspectos. No entanto, infelizmente, o conteúdo das respostas não nos permite afirmar nada, na qual fica clara a dificuldade em poder transcender os conhecimentos para a prática pedagógica e a reflexão permeia pela compreensão e assimilação adequada, ou não, dos conhecimentos. Assim, acreditamos que a continuidade deste tipo de formação continuada se faça necessária com o intuito de podermos abarcar estas dificuldades latentes.

Sobre a categoria em relação às crianças, é possível perceber que as professoras descrevem as rodas de conversa, as atividades, as orientações e as correções como estratégias para abordar o tema da sexualidade. É fato que se faz necessário ver um pouco mais de pertinho de como seriam e a maneira de como elas pretendem abordar estas estratégias, uma vez que tais descrições não esclarecem exatamente o método de abordagem. Isto nos faz lembrar Figueiró (2006) ao mencionar que a aprendizagem sobre a educação sexual se faz pela aprendizagem formal e informal e que, como estamos diante da Educação Infantil, a aprendizagem certamente se dará por meio da aprendizagem informal. Ou seja, mesmo sem um planejamento prévio de aula sistemática e/ou atividades com roteiros a serem seguidos, acreditamos que na Educação Infantil o educar uma criança para a sexualidade significa aproveitar uma situação qualquer para poder ofertar as devidas orientações.

Infelizmente não podemos afirmar com toda certeza que esta foi a intenção destas professoras, mas poder perceber e reconhecer a importância de conversar e orientar para o tema da sexualidade já é um ganho extremamente relevante. Este ganho se torna muito mais grandioso ao recordarmos as diversas atuações dos mecanismos de defesas, principalmente das resistências, ao falarmos da sexualidade nas crianças durante toda a formação. Desta maneira, a disposição destas docentes em refletir e falar sobre este tão delicado assunto para as crianças e conseqüentemente tudo o que abrange o ambiente escolar, é muito significativo.

Ao retomarmos os indicativos em relação às crianças, há também docentes que descrevem a aceitação, a compreensão, a orientação e o entendimento das fases psicosssexuais e das necessidades

psíquicas. Entender, refletir, compreender, orientar, respeitar, repensar, conversar e preservar são verbos utilizados também na categoria em relação às próprias condutas enquanto docente, assim como na categoria em relação às crianças conjuntamente com as próprias condutas enquanto docente. Ainda que tais condutas não nos forneçam dados suficientes de como as professoras aplicariam os conhecimentos, reconhecemos que tais atitudes, não somente frente às manifestações sexuais como também diante de quaisquer atitudes e comportamento são extremamente necessárias e urgentes.

Assim, a reflexão permeia por uma das funções docente, a qual foi descrita por Saviani (2008):

Compreende o domínio dos comportamentos e vivências consideradas adequadas ao trabalho educativo. Abrange atitudes e posturas inerentes ao papel atribuído ao professor, tais como disciplina, pontualidade, coerência, clareza, justiça e equidade, diálogo e respeito às pessoas dos educandos, atenção às suas dificuldades, etc. Trata-se de competências que se prendem à identidade e conformam a identidade do professor, mas que são objeto de formação por processos tanto espontâneos, como deliberados e sistematizados (p. 136).

Com isso, na certeza da importância das competências quanto à identidade do professor, bem como a necessidade da atenção singular para com os alunos, o nosso exaltar aqui – o que não se caracteriza por uma tarefa simples e fácil – se refere, para além de refletir e aceitar as postulações científicas e encontrar aplicabilidade no cotidiano de trabalho escolar, poder olhar e encontrar a individualidade em cada criança e não reproduzir ações e conceitos como uma produção em massa. Desta forma, além de outros fatores, certamente estaremos diante da possibilidade de estreitar os laços afetivos entre educador e educando, como também para poder enfrentar e contribuir para desmistificação de conceitos historicamente construídos, os quais se mostram os grandes responsáveis pelos preconceitos, tabus e conceitos errôneos.

Neste momento, estamos nos referindo principalmente à concepção de criança assexuada, bem como de adultos em miniatura – concepções estas já descritas anteriormente. Apesar de passados muitos anos desde esta concepção popular, a qual foi descrita por Ariès (1981), é fato perceptível que estes conceitos permanecem vivos até os dias atuais. Sarmiento (2007), ao descrever as imagens sociais, deixa clara a vivacidade destes conceitos e, as diversas atividades e expressões das professoras durante esta formação continuada são igualmente provas disto.

Desta maneira, na certeza de que a luta deve continuar, nos faz recordar Freud (1910/2016) ao descrever que os movimentos resistenciais não devem ser combatidos e sim propiciar a tomada de consciência daquilo que se mantém reprimido. E como foi possível perceber, foi exatamente assim o alicerce desta formação, sem o combate diretivo e com a tentativa de transmissão dos conhecimentos científicos e sua aplicabilidade no cotidiano escolar.

#### 4.6.2.4 Sobre a percepção da atuação docente em relação ao processo de aprendizagem e desenvolvimento da sexualidade infantil

A percepção que as professoras elencaram em relação ao processo de aprendizagem e desenvolvimento da sexualidade infantil está descrita e representada no Quadro abaixo.

Quadro 30

*Sobre a percepção da atuação docente em relação ao processo de aprendizagem e desenvolvimento da sexualidade infantil*

Categoria	Subcategoria	Indicativos
Percepção da atuação docente em relação ao processo de aprendizagem e desenvolvimento da sexualidade infantil	Falta de Clareza	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ É de muita importância para o crescimento de nossas crianças,</li> <li>✓ Importante na sexualidade da criança,</li> <li>✓ Importante nessa fase dos nossos alunos,</li> <li>✓ Procuo fazer o melhor para cada criança,</li> <li>✓ Temos um papel muito importante na educação das crianças,</li> <li>✓ Constante revolução de acordo com a realidade,</li> <li>✓ A atuação do docente é essencial,</li> <li>✓ Deve ser o intermediador e não o acusador,</li> <li>✓ Está inteiramente ligada, as situações de vivências com as práticas pedagógicas,</li> <li>✓ ... porém com ambientes inadequados para desenvolver determinados trabalhos,</li> <li>✓ Muito importante,</li> <li>✓ ... fazendo como foi nos passado,</li> <li>✓ É bastante delicado e gera muitas dúvidas,</li> </ul>
	Responsabilidade no ato de educar	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Como um exemplo que eles vão seguir,</li> <li>✓ Nossa importância é ainda maior, tanto no estímulo, quanto nos bloqueios,</li> <li>✓ Importante papel como orientadores,</li> <li>✓ Somos mediadores e portadores de conhecimento,</li> <li>✓ O docente e suas intervenções são de suma importância para o desenvolvimento saudável da criança,</li> <li>✓ ... tentando orientar da melhor maneira,</li> <li>✓ Agir com mais naturalidade mediante as situações do nosso cotidiano,</li> <li>✓ Devemos sempre conversar, explicado sempre as diferenças entre meninos e meninas orientando conforme a idade e a curiosidade,</li> <li>✓ Buscando meios que respondam a curiosidade de forma adequada,</li> <li>✓ ... pois podemos traumatizar uma criança dependendo da forma como nos portamos com suas atitudes,</li> <li>✓ Pensar antes de agir,</li> <li>✓ Muito cuidado e sabedoria com as situações que acontecem no dia-a-dia,</li> <li>✓ ... cabendo a nós intervir,</li> <li>✓ é de extrema importância na abordagem, no ensinamento, no entendimento, e esclarecimento dessas fases e desenvolvimento,</li> <li>✓ Momentos de conversa de forma lúdica</li> </ul>
		<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Pensar no que é próprio e impróprio para a criança,</li> <li>✓ Temos que fazer uma reflexão antes de julgar o que é próprio ou impróprio para cada fase,</li> </ul>

	Referência às crianças	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Fazer o melhor, priorizando sempre a privacidade,</li> <li>✓ ... respeitando cada fase da criança,</li> <li>✓ Pois as vezes a criança não tem liberdade com os pais para falar sobre o assunto,</li> <li>✓ pois as vezes essas crianças só podem contar com o professor,</li> <li>✓ Crianças tem que ser bem orientada e muito bem esclarecido esse assunto tão polêmico,</li> <li>✓ A criança tem que ser respeitado</li> </ul>
	Importância do conhecimento científico	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Tenhamos a visão correta do que é sexualidade infantil para sabermos como lidar, que é muito mais comuns do que eu imaginava,</li> <li>✓ ... por vezes agimos sem ter instruções e formações sobre o assunto,</li> <li>✓ Muito importante pois precisamos saber o que fazer,</li> <li>✓ Quando não se tem um conhecimento teórico a nossa prática pode ser um fracasso,</li> <li>✓ ... tendo o conhecimento fica mais fácil para exercer da melhor forma possível,</li> <li>✓ ... mas ainda há muito para aprender</li> <li>✓ Aprimorar-se cada vez mais do mesmo, para então contribuir com um desenvolvimento significativo</li> </ul>
	Reconhecer a sexualidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Enxergar o desenvolvimento da sexualidade com clareza e abordar toda vez que necessário de forma construtiva,</li> <li>✓ Temos que ter essa sensibilidade,</li> <li>✓ desde os primeiros anos, há sexualidade entre as crianças, mas muitas vezes somente tem a curiosidade em conhecer o corpo e não por malícia</li> </ul>
	Resolutividade da sexualidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ ... pois é ele que vai interagir na resolução dos problemas de maneira adequada,</li> <li>✓ Mediação dos conflitos é muito importante e a compreensão do que cada criança precisa,</li> <li>✓ ... tentar solucionar os problemas que lhe forem aparecendo</li> </ul>
	Desmistificação	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Com um amparo, que as vezes é um coisa tão simples e faz uma enorme diferença,</li> <li>✓ Compreendi alguns pontos que achava complicado e não entendia,</li> <li>✓ As vezes utilizamos o achismo e a formação familiar para atuar no processo de desenvolvimento em relação a sexualidade infantil,</li> <li>✓ Não é um bicho de sete cabeças como nós pensávamos e é simples de lidar sem traumatizar as crianças</li> </ul>

Ao observarmos as categorias e os indicativos, verificamos que há uma variedade nas categorias descritas pelas docentes e logicamente nos indicativos. A responsabilidade no ato de educar, a referência para com as crianças, a importância do conhecimento científico, a necessidade do reconhecimento da sexualidade, assim como a tentativa de resolvê-la e a desmistificação são as categorias criadas a partir das descrições que as professoras apresentaram sobre a atuação em relação ao processo de aprendizagem e desenvolvimento da sexualidade infantil.

A educação, ao contrário do que se parece e o senso comum insiste em dizer, não é uma tarefa fácil nem tão pouco simples. O papel do professor é de extrema importância e seu legado atinge uma grandiosidade principalmente se consideramos a educação e o processo de humanização como fatores indissociáveis. Falar de processo de humanização inevitavelmente nos leva a pensar

em Paulo Freire, o qual descreve que “a educação é um ato de amor, por isso um ato de coragem” (Freire, 1983b, p. 104). Inseparáveis também são o tema da sexualidade e a educação humanizadora.

Ao refletirmos sobre a maneira de abordar o tema da sexualidade infantil com as docentes durante esta formação continuada, fatalmente o apelo se ateve aos aspectos humanizadores e a necessidade psíquica das relações interpessoais. Sabemos também, como já descrito anteriormente, segundo (Freud, 1905/2016; Klein, 1926/1981; Aberastury, 1982), os processos decorrentes da sexualidade na infância tem estreita e direta ligação com futuros transtornos psíquicos, além de contribuir com os fenômenos cognitivos e da socialização. Assim, nossa reflexão permeia para caminhos em que a escola, a socialização, a cognição e os processos psíquicos são elementos que se entrelaçam e que constituem elementos necessários para um bom e saudável desenvolvimento das crianças nas instituições escolares. Ou seja, falar de sexualidade, intrinsecamente estamos falando de fenômenos intelectuais e da socialização, os quais, além de serem inerentes às escolas, as mesmas prezam por incentivar e desenvolver estes aspectos nas crianças. Ora, porque pensar em humanização ao abordar o tema, se a sexualidade infantil e os aspectos que findam pelo objetivo escolar apresentam esta tão entrelaçada relação? Talvez por uma ideologia, mas acreditamos que este tema deveria ser mais um aspecto a ser discutido nas escolas, de forma constante, natural e comum, a qual nem precisaríamos mencionar a questão humanizadora.

Sabemos porém, que o tema da sexualidade é um assunto delicado e polêmico e que o abordar este tema é uma batalha constante para que, não só os profissionais da educação mas o senso comum também possam compreender. Desta forma, falar e refletir sobre aspectos humanizadores ao abordar este tema se fez, e ainda se faz necessário para que, além de contribuir para um melhor entendimento, as docentes possam se colocar no lugar do outro e realmente compreender os prejuízos de não se falar sobre o tema da sexualidade.

Ao olharmos os indicativos da categoria nomeada como “responsabilidade no ato de educar”, as educadoras descrevem a importância do papel e da função da atuação docente no que se diz respeito ao tema da sexualidade, na qual são citados alguns termos de extrema relevância, como por exemplo, “mediadores” (sic), “intervenções” (sic), “orientação” (sic), “pensar antes de agir” (sic), “buscando meios” (sic) e “podemos traumatizar” (sic). Com isso, verificamos que as docentes puderam perceber e reconhecer, para além da importância e responsabilidade enquanto profissionais, a função e o papel da escola prevista pela Constituição Federal de 1988, na qual visa, entre outras coisas, “[...] o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania” (Brasil, 1988, art. 205).

Desta forma, falar de mediação, intervenção, orientar, na busca incessante de pensar antes de agir, evitar traumas e meios para conduzir a sexualidade infantil no ambiente escolar destoa, e muito, da concepção em que o educador se posiciona como detentor do saber e a criança como receptora. À esta concepção, enquanto mera transmissão de conhecimento, Paulo Freire nomeia como “Educação Bancária”, a qual se contrapõe com a “Educação Libertadora”. Ecco e Nogaró (2015) as definem como:

A primeira, no exercício de educar, oprime, aliena, desumaniza os seres humanos participantes do processo educacional marcado e guiado por esse tipo de educação; a segunda forma, prima pela conscientização, pela autonomia, pela humanização dos educandos, constituindo-se mediante processos interativos, porque relacionais, dialógicos (p. 3527).

É fato de que a educação que no referimos é a “Educação Libertadora”, em que, para além da humanização, preza pelos processos interativos, relacionais e dialógicos. Neste mesmo sentido, ainda que na perspectiva psicanalítica, Klein (1921/1981, 1926/1981) postula que todo desenvolvimento da criança enquanto processo psíquico se dá por meio das relações objetais, isto é, por meio das relações que a criança estabelece com os objetos externos. Em primeiro plano, é obvio que esta relação é com a mãe, ou com quem desempenhe este papel e função, e que posteriormente a criança reedita esta relação para demais relações com terceiros. Com isso, pensar em relações interpessoais faz todo sentido não somente pela humanização e pela maneira de abordar e conduzir a educação, mas para que possibilite um bom desenvolvimento psíquico e emocional, na tentativa de evitar futuros transtornos psíquicos.

Pensar em relações interpessoais, continuando com Freire (1983a) se refere a uma educação que se constrói em comunhão com o outro e nas relações interpessoais, na intencionalidade de compreender e transformar realidades. Ao observarmos novamente os indicativos, podemos verificar que as docentes descrevem uma intencionalidade de compreensão e de transformação das realidades. É claro que os indicativos nos mostram a preocupação das mesmas com suas próprias atitudes e condutas – até mesmo porque esta foi o objetivo da pergunta – mas refletir sobre este aspecto repercute, e muito, nas relações que se estabelecem com as crianças e em uma real possibilidade de transformação das realidades. É possível encontrar tais intenções nos descritos das demais categorias, em que exemplificamos aqui com as expressões “*faz uma enorme diferença*” (sic), “*compreendi alguns pontos*” (sic), “*fazer uma reflexão antes de julgar*” (sic), “*respeitando cada fase da criança*” (sic) e “*temos que ter essa sensibilidade*” (sic). Assim, na intenção de que a educação possa se firmar enquanto uma educação que preza pela construção das relações interpessoais e sua decorrente humanização, pela transformação das realidades, mediada pelo conhecimento científico, certamente estamos nos referindo à necessidade dos profissionais que ali

trabalham reconhecer os benefícios e os malefícios de cada uma de nossas atitudes e condutas, na busca das condições de cidadania e de um mundo mais solidário.

Algumas docentes ainda descrevem a importância do conhecimento científico para embasar a prática no cotidiano escolar. Talvez por uma escassez ou uma sede nesta busca incessante, o que podemos compreender como uma necessidade e a importância que depositaram nesta formação continuada. Assim, o apelo descrito pelas professoras por mais desdobramentos e a continuação de formações continuadas certamente contribuirá ainda mais para o desenvolvimento da prática profissional de cada docente.

#### 4.6.2.5 Sobre possíveis perguntas, dúvidas e/ou comentários sobre esta formação

Para finalizar a sistematização do estudo, esta foi a última pergunta feita para as docentes e as respostas estão representadas no Quadro abaixo.

Quadro 31

*Perguntas, dúvidas e/ou comentários sobre esta formação*

Categoria	Subcategoria	Indicativos
Perguntas, dúvidas e/ou comentários	Mudança de percepção	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Ajudou a mudar meus conceitos,</li> <li>✓ Repensar minhas posturas,</li> <li>✓ Para pensarmos melhor nas nossas atitudes,</li> <li>✓ ... repensar na minha pedagógica,</li> </ul>
	Importância e utilidade na prática pedagógica	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Foi muito útil, agregou e enriqueceu minha prática,</li> <li>✓ Esclareceu e ampliou várias questões,</li> <li>✓ ... pois em alguns momentos, vamos saber nos posicionar,</li> <li>✓ Gostaria de agradecer referente o tema estudado, pois ajudará aplicar na prática docente com mais conhecimento e confiança,</li> <li>✓ Podemos atuar com mais clareza,</li> <li>✓ ... ficou claro que podemos ajudar as crianças com suas ações,</li> <li>✓ Encontros bons, com diálogos e aprendizagem,</li> <li>✓ Achei de extrema importância e relatividade,</li> <li>✓ Aprendi que não devemos bloquear a sexualidade nesta fase de idade, pois estão conhecendo o seu corpo,</li> <li>✓ É sempre bom falar da nossa prática... esse é um assunto pouco abordado na escola,</li> <li>✓ Será muito importante e útil no dia-a-dia,</li> <li>✓ Por mais cursos assim,</li> <li>✓ O que for possível, pretendo aplicar,</li> <li>✓ Espero colocar algo em prática,</li> <li>✓ Importante para minha prática docente,</li> <li>✓ Gostei muito dos encontros, com certeza tirei proveito e vou melhorar cada dia,</li> <li>✓ Pude ter novas idéias de como trabalhar a sexualidade na educação infantil,</li> <li>✓ Despertando em cada um de nós o interesse pelo bem estar da criança,</li> <li>✓ Foi maravilhoso,</li> </ul>

	<p>Importância na ampliação do conhecimento científico</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Precisamos estar sempre aprendendo,</li> <li>✓ Foi muito produtivo, aumentando o conhecimento,</li> <li>✓ Esclarecedor e rico em conhecimento,</li> <li>✓ As reflexões agregaram mais conhecimentos na nossa formação,</li> <li>✓ Enriquecimento no tema estudado,</li> <li>✓ Foi bom para o nosso conhecimento,</li> <li>✓ Deu pra perceber que ainda temos muito o que aprender,</li> <li>✓ Gostaria de agradecer os momentos de aprendizagem,</li> <li>✓ Gostaria de agradecer pela oportunidade e espero aprender cada vez mais,</li> <li>✓ Agradeço aos conhecimentos adquiridos, aos estudos de grande importância da infância. Percebemos o quanto conseguimos evoluir para a melhoria da educação, e com o tempo valorizando mais a infância,</li> <li>✓ Deixar meus parabéns e agradecimento por todo o conhecimento e toda reflexão sobre o assunto,</li> <li>✓ Agradeço pela contribuição de ensinar-me e prosseguir com a minha formação,</li> <li>✓ Achei o assunto bem explicado e bem discutido, foi para mim esclarecedor,</li> </ul>
	<p>Dúvidas e perguntas</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Todas as dúvidas foram esclarecidas,</li> <li>✓ Sem dúvidas,</li> <li>✓ Dúvidas tenho muitas,</li> <li>✓ Como posso trocar as crianças longe das outras se tenho somente uma auxiliar e das 17 crianças 14 são meninas?</li> <li>✓ Será que estamos conseguindo fazer nosso trabalho da maneira correta? As possibilidades que temos dentro das creches nos ajuda a fazermos um bom trabalho? Será que a quantidade de funcionários é suficiente?</li> <li>✓ ... levantou polêmicas e perguntas que temos que solucionar</li> </ul>
	<p>Sugestões</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Na questão da troca, penso ser necessário o trabalho sobre a importância das peças íntimas,</li> <li>✓ Precisamos do envolvimento de todos para que possamos chegar a uma conclusão, trabalho em equipe,</li> <li>✓ Esse tipo de formação deveria ser para todas as pessoas que atuam na sala de aula, para um trabalho coletivo,</li> <li>✓ Rever as necessidades de cada escola,</li> <li>✓ Foi pouco tempo,</li> <li>✓ Poderia ser um pouco mais aprofundado, com mais tempo para sabermos mais sobre o assunto,</li> </ul>
	<p>Outros</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Os pais estão colocando filhos no mundo para a escola e os professores educar,</li> <li>✓ Eu acho que as crianças não tem noção nenhuma sobre a sexualidade,</li> </ul>

As respostas escritas na sistematização do estudo nos mostram que a formação continuada pôde contribuir com uma mudança de percepção das docentes, em que as docentes exaltam a importância e a utilidade dos conteúdos na prática pedagógica, assim como a relevância da ampliação do conhecimento científico. Dúvidas e perguntas também foram descritas e a categoria nomeada como “outros” foi criada para indicativos que não se relacionam com as demais categorias criadas.

Esta última pergunta foi extremamente útil e confessamos que nos espantamos com a quantidade de comentários. Na verdade, é muito comum vermos este tipo de pergunta em qualquer

avaliação ou sistematização de estudo ser entregue em branco, sem que muitas pessoas se manifestem. Acreditamos que toda esta manifestação das docentes na escrita desta última pergunta traduz todo o envolvimento e empenho durante toda a formação continuada, aspectos estes que já foram apontados anteriormente.

Diante desta constatação, da existência de envolvimento e empenho, talvez uma indagação permeie pela existência dos mecanismos de defesa descritos e apontados diversas vezes neste trabalho e que o senso comum pulveriza como falta de interesse e desdenho. É fato que pudemos observar durante toda a formação continuada a falta de interesse e desdenho, porém vale a pena frisar que tais aspectos são sintomas e que, na verdade, precisamos nos ater no simbolismo destes comportamentos. Ou seja, a falta de interesse e o desdenho são aspectos comportamentais e a nossa análise aqui se refere aos motivos e causas para que haja tais manifestações.

Neste momento, é necessária uma breve descrição sobre o objeto de estudo da psicanálise:

Vou mais uma vez relacionar os fatores que formam o conteúdo dessa teoria. Eles são: a ênfase na vida instintual (afetividade), na dinâmica psíquica, no fato de mesmo os fenômenos psíquicos aparentemente mais obscuros e arbitrários sempre serem determinados e dotados de sentido, a teoria do conflito psíquico e da natureza patogênica da repressão, a concepção dos sintomas patológicos como satisfações substitutivas, o reconhecimento da importância etiológica da vida sexual, em especial dos começos da sexualidade infantil (Freud, 1924/2016, p. 209).

Com isso, é possível perceber que todo foco da psicanálise relaciona-se com os conflitos psíquicos e sua dinâmica e não somente e estritamente sobre os comportamentos expressos e manifestos. É claro que as manifestações comportamentais são importantes e nos ajudam a confirmar e obter uma completa e real análise dos indivíduos. Assim, falar de mecanismos de defesa é igualmente falar de um dos objetivos da psicanálise, o qual sua dinâmica e sua existência foram também um tema amplamente discutido pelo criador da psicanálise e igualmente por seus seguidores.

Retomando sobre os mecanismos de defesa, segundo Freud (1926/2016) os mesmos estão presentes em todos os indivíduos e que não possuem necessariamente uma característica patológica, os quais cumprem a função de proteger a mente de qualquer dano e sofrimento psíquico. Desta maneira, é preciso deixar claro que o nosso esforço direciona-se primordialmente às reflexões sobre os mecanismos de defesa e não somente sobre os comportamentos decorrentes deles. E é exatamente por esse motivo que acreditamos que o número de comentários foi tão expressivo, uma vez que consideramos verdadeiramente o empenho e o envolvimento das docentes sobre o tema, porém a dificuldade em lidar com a própria sexualidade, os tabus e preconceitos existentes não colaboram para conseguir lidar de forma natural e corriqueira um assunto que tão delicado e polêmico. As descrições e os indicativos sobre a importância e utilidade na prática pedagógica,

assim como para ampliação do conhecimento científico comprovam o interesse das professoras no tema da sexualidade infantil.

Assim, na exaltação descrita sobre a relevância dos estudos, é possível afirmar a importância que estas docentes depositam no conhecimento científico e a necessidade que reflete na escassez ou por uma sede incessante – aspectos estes já apontados no tópico anterior. Com isso, na possibilidade de oferecer o acolhimento, com novas reflexões e direcionamentos das dúvidas e sugestões, é imprescindível a continuação de encontros com aprofundados conhecimentos científicos relacionando-os à prática pedagógica.

Em relação à categoria “outros”, acreditamos que ela mais se aproxima de um desabafo do que realmente alguma dúvida, pergunta ou qualquer sugestão. Pensar e resistir à existência de sexualidade nas crianças, bem como acreditar que a função da escola não se funde com as funções das figuras parentais – não logicamente como substituição, mas sim como complementação – merecem mais atenção e talvez a possibilidade de continuar com os encontros pode ser uma oportunidade para tais esclarecimentos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente ao objetivo proposto neste presente estudo, a oportunidade de efetivar e desenvolver um projeto de intervenção em formação continuada às profissionais da educação na etapa da Educação Infantil em uma rede municipal de ensino nos permitiu investigar e compreender as concepções destas profissionais acerca das percepções e ações sob o tema da sexualidade infantil.

A utilização do questionário, bem como as atividades e a dinâmica dos encontros realizados durante todo este projeto de intervenção em formação continuada, nos possibilita afirmar que as participantes da pesquisa, em sua grande maioria, concebem a não existência de sexualidade em crianças, considerando-as portanto, como seres assexuados. Diante disso, é preciso questionar acerca do conhecimento científico disposto destas educadoras, ou talvez a ausência deste, apesar de muitas participantes declararem ter formação sobre o assunto. Ainda que o objetivo desta pesquisa não abarcasse uma melhor averiguação sobre este conhecimento científico mencionado, a subjetividade contida por trás de respostas assinaladas como ‘sim ou não’ merecem futuros estudos e seus devidos desdobramentos, na intenção de que a sexualidade na infância seja contemplada desde a formação inicial da pedagogia e que assim possa encontrar aplicabilidade na prática profissional para a tão sonhada desmistificação de conceitos errôneos.

É óbvio que a desmistificação de conceitos arraigados perpassa por processos psíquicos e histórico-culturais e, para além do conhecimento científico disposto pelas participantes sobre esta temática, o desenvolvimento de todos os encontros nos assegura a afirmar a dificuldade em dialogar, refletir e consentir a presença de sexualidade na infância. A presença da rigidez dos mecanismos de defesa utilizados pelas docentes durante toda a extensão do projeto de intervenção em formação continuada traduz e demonstra tais dificuldades, uma vez que estes mecanismos cumprem com a função de proteger a mente de angústias, tensões e sofrimentos, no esforço de solucionar os conflitos psíquicos e diminuir as ansiedades, hostilidades e impulsos agressivos. Desta forma, fica claro que a tentativa das docentes em não se angustiar, nem gerar tensões e sofrimentos psíquicos retrata a inevitável proximidade dos próprios aspectos sexuais – e portanto mais primitivos e reprimidos – provocados pelo tema da sexualidade em crianças.

As expressões dos comportamentos verbais e não verbais apresentados pelas educadoras participantes refletem estas dificuldades, as quais destacamos as risadas e conversas aleatórias, emudecimentos, mexer nas cadeiras com mais intensidade, idas ao banheiro com frequência, modificações de expressões faciais, como o arregalar dos olhos e indícios de espanto e susto.

Como correspondência desta concepção de assexualidade na infância, a imagem socialmente construída acerca de criança como genuinamente inocente, pura, bela e bondosa se faz presente e a

crença de que todas as não virtudes são decorrentes somente de influências do meio externo que convive, com exemplos da televisão, do ambiente familiar e da sociedade em geral.

Sendo assim e diante as manifestações sexuais de crianças no ambiente escolar, as profissionais da educação se utilizam de ações punitivas, bem como a repressão sem funcionalidade, a exposição frente às demais crianças, o desviar para outra atividade, o ignorar e o encaminhamento para terceiros, como os pais, a diretora e a psicóloga da escola; o que representa uma tentativa idealista – apesar de infundada e irrealista – de que comportamentos sexuais não estejam presentes no cotidiano da escola.

Concepções de que a sexualidade nas crianças é derivada de fatores puramente biológicos e naturalistas também estão presentes no questionário, nos discursos e nas atividades realizadas e a imagem socialmente construída pauta-se assim na ideia de que o desenvolvimento infantil segue uma sequência de estágios hierárquicos e a criança é considerada um ser incompleto.

Diante disso tudo, é notório que os prazeres e desejos psicológicos e emocionais frente às excitações corporais na infância não estejam presentes entre as concepções apresentadas durante todo o tempo do projeto de intervenção em formação continuada. A ausência de percepções desta natureza, além de não propiciar o desenvolvimento integral do educando, favorece futuros transtornos psíquicos e prejuízos na socialização e aprendizagem – aspectos estes essenciais na dinâmica escolar.

Em contrapartida, as profissionais da educação declaram acreditar na possibilidade e viabilidade de educar uma criança para a sexualidade e que o abordar este tema se faz necessário para a prática docente. Porém, ao conceber a ausência de sexualidade em crianças muito pequenas, ou até mesmo de que a sexualidade provém de influências externas, os discursos, atividades e comportamentos não verbais expressam que a efetividade desta educação sexual se faz plausível frente às manifestações sexuais das crianças com explicitude.

Com isso, o questionamento caminha para as etapas iniciais da Educação Infantil, em que os comportamentos sexuais não se mostram – salvo em determinadas condições específicas – de maneira explícita. Ou seja, para as participantes desta pesquisa, a educação sexual parece mostrar-se necessária e importante somente nas etapas da Pré-Escola, a qual contempla as idades de 4 a 5 anos e 11 meses e abrange, para utilizar a terminologia psicanalítica, a fase fálica. É fato que nesta fase as curiosidades genitais mostram-se descortinadas e menos veladas, as quais, além dos comportamentos manifestos, a já capacidade de expressar-se verbalmente, parece não permitir interpretações de outra ordem.

No entanto, é indiscutível a relevância de poder oferecer orientações, direcionamentos e acolhimentos desde o início da escolarização, já nos berçários e maternais, os quais abrangem as

fases psicosexuais da oralidade e analidade. Além destes devidos ensinamentos, a proximidade afetiva que se constrói com estas refinadas percepções, é extremamente valioso para o desenvolvimento, não só psíquico, mas como um todo das crianças.

Além disso, na certeza de que o convívio em sociedade e as relações humanas requerem que os instintos mais primitivos – como os sexuais e agressivos – sofram a repressão necessária e inevitável ao desenvolvimento de qualquer ser humano, é preciso que o acolhimento frente às angústias geradas e decorrentes desta repressão seja sempre ofertado no ambiente escolar. A disponibilidade em explicar com funcionalidade as expressões sexuais das crianças é capaz de representar muito bem este aspecto e está presente, ainda que em uma pequena parcela, nas educadoras participantes desta pesquisa. Atitudes estas que merecem ser reforçadas e a oportunidade de realizar o projeto de intervenção em formação continuada de forma grupal favorece e beneficia a troca de experiência entre as professoras, na esperança de despertar novos olhares diante este tema tão polêmico e delicado.

Outrossim, a importância de debater e discutir sobre a sexualidade das crianças com o corpo docente contribui e fortalece para refletir sobre a função da escola, uma vez que as instituições escolares são responsáveis muito mais do que mera transmissão de conhecimentos científicos. Ainda que haja alguns discursos e manifestações neste sentido entre as professoras pesquisadas, compreender a função da escola de maneira mais ampla e global colabora igualmente com a concepção da criança como um ser integral, em que a escola sustenta a responsabilidade em contribuir com o desenvolvimento, não só da intelectualidade, mas também das dimensões psicológicas, físicas, culturais e sociais.

O pedido explícito e manifesto por mais encontros e/ou demais formações continuadas exprimem o valor e a importância que as educadoras desta rede municipal de ensino depositaram no aprofundamento científico dos aspectos sexuais na infância e sua relevância no cotidiano escolar. Pedidos estes que nos reforçam e nos asseguram acerca do caminho percorrido durante a formação continuada, a qual não se propõe o combate diretivo às participantes e sim a oferta dos conhecimentos científicos necessários, juntamente com a aplicabilidade dos conceitos na rotina escolar. Ademais, a verbalização de determinadas professoras que as ações realizadas para com as manifestações sexuais das crianças que não contribuem para o desenvolvimento saudável na infância, nos enchem de esperança e a certeza de estarmos contribuindo para a construção de um mundo mais humano e afetivo.

Sabemos porém que isto não garante a aplicabilidade no cotidiano escolar, já que os processos psíquicos e a perpetuação histórica e cultural são impeditivos para que as transformações ocorram de forma imediata. Assim, a proposta de novos e futuros estudos acerca do impacto que

esta pesquisa pôde provocar nesta rede municipal de ensino nos impulsiona e nos move, rumo à mais aprofundamentos e estreitamento das relações humanas e afetivas, na certeza de que todo este investimento no corpo docente encontrará reflexos nas nossas crianças!

Estamos igualmente seguras de que reconhecer a sexualidade em crianças, bem como as manifestações sexuais naturais e esperadas para faixa etária também encontrará reflexos frutíferos para o desenvolvimento das crianças com um todo. Os necessários conhecimentos sexuais para cada faixa etária servem para direcionar e nortear as ações na prática pedagógica e a criação do quadro normativo presente nesta pesquisa pode contribuir neste sentido, ainda que seja preciso ampliar e descrever melhor os comportamentos sexuais, já que este quadro teve outro objetivo nesta pesquisa. Com isso, a ilusão reside ao pensar que a ampliação futura deste quadro possa, conjuntamente, alertar para uma triste realidade que se apresenta na nossa sociedade e que a escola representa uma importante aliada: os possíveis riscos e indícios de abuso sexual. Desta forma, parece incalculável o conhecimento acerca dos comportamentos sexuais na infância, os quais alcançam dimensões que talvez a olhos nus não conseguimos enxergar!

É claro que ainda temos um longo caminho a percorrer, mas esperamos que todos os nossos esforços realizados durante os encontros do projeto de intervenção em formação continuada possam, dentre os demais objetivos propostos, ter respondido o título desta pesquisa. Afinal, os anjos têm sexo? Na ideia de ser sucinta, clara e mais direta possível: Sim, os anjos têm sexo!! É urgente e imprescindível que as profissionais da educação possam compreender – assentado sob a luz da ciência e contrapondo o que o senso comum insiste em pulverizar – que a infância não é o período da vida caracterizado pela ausência de sexualidade e as crianças são dotadas de aspectos sexuais desde o nascimento.

Façamos votos de que as formações continuadas possam persistir e que assim encontremos espaços e aberturas para novos e futuros projetos, na certeza de que a sexualidade e suas consequentes relações afetivas, apesar de conflituosas, nos fazem sempre crescer e florescer como seres humanos.

As nossas crianças também agradecem!

## REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, Arminda (1992). *Psicanálise da Criança: Teoria e técnica*. (Ana Lúcia Leite de Campos Trad.). 8a. ed. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda.
- AJURIAGUERRA, Julian (1980). *Manual de Psiquiatria Infantil*. (Geraldos, P. C. e Alves, S R Trad.) 2a. ed. Rio de Janeiro: Editora Masson do Brasil Ltda.
- ALDUINO, C. C. V.; PEREZ, M. C. A. (2019). A Sexualidade Infantil no Contexto Escolar: Uma experiência com gestoras de ensino. In: W. Guilherme (Org.), *A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas*, v. 1, pp. 47-61. Ponta Grossa: Atena Editora. Recuperado de: <https://www.atenaeditora.com.br/post-ebook/2302>
- ARIÈS, P.(1981). *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC
- ARPINI, D. M.; ZANATTA, E.; PARABONI, P.; RODRIGUES, P. M. & MARCHESAN, R. Q. (2018). Observação e escuta: Recursos metodológicos de investigação em psicologia no âmbito da saúde materno-infantil. In: *Contextos Clínicos*. maio-agosto, vol 11, n 2: p.243-256
- BARDIN, Laurence (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- BECHARA, Evanildo (2011). *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- BEDIN, Regina (2016). *A história do Núcleo de Estudos da Sexualidade e sua participação na trajetória do conhecimento sexual na UNESP* (Tese de Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” UNESP, Araraquara: São Paulo, Brasil.
- BION, Wilfred (1994). *Estudos Psicanalíticos Revisados* (Wellington M. de Melo Dantas Trad.) 3a. ed. rev. Rio de Janeiro: Imago.
- BLEGER, José (1992). *Psico-higiene e Psicologia Institucional*.(Emilia de Oliveira Diehl Trad). Porto Alegre: Artes Médicas.
- BLEGER, José (1995). *Temas de Psicologia: Entrevistas e grupos* (Maria Rita M. de Moraes trad).São Paulo: Martins Fontes.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf)
- BRASIL. Ministério da Educação (1997). *Parâmetros curriculares nacionais: temas transversais –* Brasília: MEC/SEF. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>
- BRASIL. Ministério da Educação (2007). Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada nº 948, de 9 de outubro de 2007. *Política Nacional de Educação Especial na*

- Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: Presidência da República. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revinclusao5.pdf>
- BRASIL. Ministério da Educação (2008). Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008: *Piso Salarial Profissional Nacional*. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/11738.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11738.htm)
- BRASIL. Ministério da Saúde (2012). Conselho Nacional de Saúde. *Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012*. Brasília, DF: CNS. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>
- BRASIL. Ministério da Saúde (2012). Conselho Nacional de Saúde. *Resolução 510, de 7 de abril de 2016*. Brasília, DF: CNS. Disponível em: [https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510\\_07\\_04\\_2016.html](https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html)
- BRASIL. Ministério da Educação (2019). Portaria nº 60, de 20 de Março de 2019. *Capas*. Disponível em: <http://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detallar?idAtoAdmElastic=884>
- BRASIL. Ministério da Cidadania (2020). *Relatório de Programas e Ações*. Brasília, DF. Disponível em: <https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/ri/relatorios/mds/index.php?codigo=351200&aM=0>
- BROUGÈRE, Gilles (2010). *Brinquedo e Cultura*. (Adapt. Gisela Wajskop), 8. ed, São Paulo: Cortez Editora.
- BUENO, Rita; RIBERO, Paulo (2018). História da educação sexual no Brasil: Apontamentos para reflexão. In: *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. SBRASH, v. 29, n. 1, p. 49-56.
- CAMBI, Franco (1999). *História da pedagogia*. São Paulo: Ed. da Unesp.
- CARVALHO, Marília Pinto de (1999). Ensino, uma atividade relacional. In: *Revista Brasileira de Educação*. Mai/Jun/Jul/Ago, nº 11, p. 17-32.
- CURY, Carlos Roberto Jamil (2002). O Direito à Educação: Direito à igualdade, direito à diferença. In: *Cadernos de Pesquisa*. Jul, nº 116, São Paulo. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0100-15742002000200010&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0100-15742002000200010&script=sci_arttext)
- DULAURE, Jacques-Antonie (1998). *O Culto do Falo: Nos antigos e nos modernos*. Lisboa: Hugin.
- ECCO, Idanir; NOGARO, Arnaldo (2015). A Educação em Paulo Freire como Processo de Humanização. In: *EDUCERE: XII Congresso Nacional de Educação*. PUCPR, p. 3523-3535. Anais
- ENGEL, Guido Irineu (2000). Pesquisa-ação. In: *Educar*, n 16, p. 181-191. Editora da UFPR.
- FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (1995). *Educação Sexual no Brasil: Estado da arte de 1980 a 1993*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Estadual de São Paulo: São Paulo, Brasil.

- FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (2006). *Formação de Educadores Sexuais: Adiar não é mais possível*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- FOUCAULT, Michel (1996). *Microfísica do poder*. (12a. ed.). Rio de Janeiro: Graal.
- FREIRE, Paulo (1983a). *Pedagogia do oprimido*. 13a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo (1983b). *Educação como prática da Liberdade*. 14a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREUD, Sigmund (2016). Srta. Elisabeth Von R... In: *Sigmund Freud Obras Completas Volume 2 – Estudos sobre a Histeria [1893 – 1895]*. (Paulo César de Souza trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1893 – 1895).
- FREUD, Sigmund (2016). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In: *Sigmund Freud Obras Completas Volume 6 – Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade, Análise Fragmentária de uma Histeria (“O Caso Dora”) e Outros Textos [1901 – 1905]*. (Paulo César de Souza trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).
- FREUD, Sigmund (2016). A Moral Sexual “Cultural” e o Nervosismo Moderno. In: *Sigmund Freud Obras Completas Volume 8 – O Delírio e os Sonhos na Grádiva, Análise da Fobia de um Garoto de Cinco Anos e Outros Textos [1906 – 1909]*. (Paulo César de Souza trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1908).
- FREUD, Sigmund (2016). Análise da Fobia de um Garoto de Cinco Anos (“O Pequeno Hans”). In: *Sigmund Freud Obras Completas Volume 8 – O Delírio e os Sonhos na Grádiva, Análise da Fobia de um Garoto de Cinco Anos e Outros Textos [1906 – 1909]*. (Paulo César de Souza trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1909).
- FREUD, Sigmund (2016). Cinco Lições de Psicanálise. In: *Sigmund Freud Obras Completas Volume 9 – Observações sobre um caso de Neurose Obsessiva [“O Homem dos Ratos”, Uma Recordação de Infância de Leonardo da Vinci e Outros Textos [1909 – 1910]*. (Paulo César de Souza trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1910).
- FREUD, Sigmund (2016). Os Instintos e seus Destinos. In: *Sigmund Freud Obras Completas Volume 12 – Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos [1914 – 1916]*. (Paulo César de Souza trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).
- FREUD, Sigmund (2016). Além do Princípio do Prazer. In: *Sigmund Freud Obras Completas Volume 14 – História de uma Neurose Infantil (“Homem dos Lobos”), Além do Princípio do Prazer e Outros Textos [1917 – 1920]*. (Paulo César de Souza trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).

- FREUD, Sigmund (2016). O Eu e o Id. In: *Sigmund Freud Obras Completas Volume 16 – O Eu e o Id, “Autobiografia” e Outros Textos [1923 – 1925]*. (Paulo César de Souza trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923).
- FREUD, Sigmund (2016). Resumo da Psicanálise. In: *Sigmund Freud Obras Completas Volume 16 – O Eu e o Id, “Autobiografia” e Outros Textos [1923 – 1925]*. (Paulo César de Souza trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924).
- FREUD, Sigmund (2016). Inibição, Sintoma e Angústia. In: *Sigmund Freud Obras Completas Volume 17 – Inibição, Sintoma e Angústia, O Futuro de uma Ilusão e Outros Textos [1926 – 1929]*. (Paulo César de Souza trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926).
- FREUD, Sigmund (2016). O Mal-Estar da Civilização. In: *Sigmund Freud Obras Completas Volume 18 – O Mal Estar da Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos [1930 – 1936]*. (Paulo César de Souza trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930).
- FUNARI, Pedro Paulo (2002). *Grécia e Roma*. Coleção repensando a História (2a. ed.). São Paulo: Contexto.
- GARTON, Stephen (2009). *História da Sexualidade: Da antiguidade à revolução sexual*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Gil, Antônio Carlos (2008) *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6ª ed. São Paulo: Atlas
- HAYMAN, Ray (1973). *A natureza da investigação psicológica*. 2a. ed Rio Janeiro: Zahar
- HOUAISS, Antônio (Org.) (2011). *Dicionário Houaiss Conciso* [editor responsável Mauro de Salles Villar], São Paulo: Moderna.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020). *Censo Demográfico*. Panorama da cidade de Colina/SP. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/colina/panorama>
- KLEIN, Melanie (1981). O desenvolvimento de uma criança. In: *Contribuições à Psicanálise*. (Miguel Mailet Trad.). 2a. ed. São Paulo: Editora Mestre Jou (original de 1921).
- KLEIN, Melanie (1981). *Psicanálise da Criança*. (Pola Civelli Trad.). 3a. ed. São Paulo: Editora Mestre Jou (original de 1926).
- KLEIN, Melanie (1981). Notas sobre alguns Mecanismos Esquizóides. In: KLEIN, Melanie. *Inveja e Gratidão e outros trabalhos (1946-1963) – Volume III das Obras completas de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Editora Imago (original de 1946).
- KLEIN, Melanie (1981). Inveja e Gratidão. In: KLEIN, Melanie. *Inveja e Gratidão e outros trabalhos (1946-1963) – Volume III das Obras completas de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Editora Imago (original de 1957).

- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand (2004). *Vocabulário da Psicanálise*. 4a. ed. São Paulo. Martins Fontes.
- LIBERATI, Anna Maria; BOURBON, Fábio (2005) *A Roma Antiga*. Coleção Grandes Civilizações do Passado. Barcelona: Ediciones Folio S.A.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria (2017). *Fundamentos de Metodologia Científica*. 8. ed. São Paulo: Atlas.
- MORENO, Montserrat (1999). *Como se ensina ser menina: O sexismo na escola*. Campinas: Ed. Da Unicamp.
- MINELLA, Luzinete Simões (2006). Papéis Sexuais e as hierarquias de gênero na História Social sobre Infância no Brasil. *Cadernos Pagu* (26), janeiro-junho de 2006: p. 289-327
- NAGLE, Jorge (1984). História da educação brasileira: Problemas atuais. In: *Em aberto*. Brasília, n. 23, p. 27-29.
- OMOTE, Sadão (2004). Estigma no Tempo da Inclusão. In: *Revista Brasileira* (Ed. Especial). Marília, vol 10, n. 3: p. 287-308, set-dez.
- PARKER, Richard (1991). *Corpos, prazeres e paixões: A cultura sexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora Best Seller.
- PIAGET, Jean (1999). *Seis estudos de Psicologia*. (Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva Trad.), 24 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária
- POSTMAN, Neil (2006). *O desaparecimento da infância* (Alencar, S. M. e Melo, J. L. Trad.). Rio de Janeiro: Graphia.
- RIBEIRO, Paulo; BEDIN, Rita (2013). Notas preliminares sobre historiografia da educação sexual brasileira: Apontamentos de uma cronologia descritiva. In: *DOXA - Revista Brasileira de Psicologia e Educação*. Araraquara: Departamento de Psicologia da Educação da FCL – UNESP, v. 17, n. 1 e 2, p.149-168.
- RIBEIRO, Paulo Ribeiro Marçal (2004). Os momentos históricos da educação sexual no Brasil. In: RIBEIRO, Paulo Ribeiro Marçal (Org.). *Sexualidade e educação: Aproximações necessárias*. São Paulo: Arte & Ciência, p. 15-25.
- RIBEIRO, Paulo Ribeiro Marçal (2009). A institucionalização dos saberes acerca da sexualidade humana e da educação sexual no Brasil. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide. (Org.) *Educação sexual: Múltiplos temas, compromissos comuns*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, p. 129-140.
- ROUQUAYROL, Maria Zélia (1994). *Epidemiologia & Saúde*. Rio de Janeiro: Medsi Editora Médica e Científica Ltda.

- SARMENTO, Manuel (2007). Visibilidade Social e Estudo da Infância. In: Vasconcellos, Vera; Sarmento, Manuel. *Infância (In)Visível*. Araraquara: Junqueira & Marin, p. 25-49.
- SAVIANI, Dermeval (1995). *Pedagogia histórico-crítica: Primeiras aproximações*(5a. ed.) São Paulo: Autores Associados.
- SAVIANI, Dermeval (2008). A função docente e a produção do conhecimento. In: *Educação e Filosofia*, vol. 11, n. 21/22: p. 127-140. Recuperado de: <http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/issue/view/84>
- SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓDOVA, Fernanda Peixoto (2009). A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora de UFRGS.
- STRACKEY, James (1976). Nota do Editor. In: *Sigmund Freud: Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos 1901-1905 – vol VII*. Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.
- SOUZA, Audrey (2003). *Pensando a Inibição Intelectual: Perspectiva psicanalítica e proposta diagnóstica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- TANAJURA, Laudelino Luiz Castro; BEZERRA, Ada Augusta Celestino (2015). Pesquisa-ação sob a ótica de René Barbier e Michel Thiollent: Aproximações e especificidades metodológicas. In: *Revista Eletrônica Pesquiseduca*, Santos, v. 07, n. 13, p.10-23, jan.-jun.
- TEBET, Gabriela Guarniei de Campos (2013). *Isto não é uma criança!* Teorias e técnicas para o estudo de bebês nas distintas abordagens da sociologia da infância de língua inglesa. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de São Carlos: São Paulo, Brasil.
- THIOLLENT, Michel (1986). *Metodologia da Pesquisa-Ação*. São Paulo: Cortez.
- TRIPP, David (2005). Pesquisa-ação: Uma introdução metodológica (Trad. Lólio Lourenço de Oliveira). In: *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez.
- TURATO, Egberto Ribeiro (2013). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis: Vozes.
- VYGOSTKY, Lev (1984). *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- ZIMERMAN, David (2000). *Fundamentos Básicos das Grupoterapias* (2a. ed.). Porto Alegre: Editora Artmed.
- ZIMERMAN, David (2007). A importância dos grupos na saúde, cultura e diversidade. In: *Vínculo*, São Paulo, v.4, n.4, dez. 2007.

**APÊNDICES**

## APÊNDICE A – CONVITES



Convites enviados para as profissionais da educação pertencentes ao Grupo A



Convites enviados para as profissionais da educação pertencentes ao Grupo B



Foto: Arquivo Pessoal (2019)

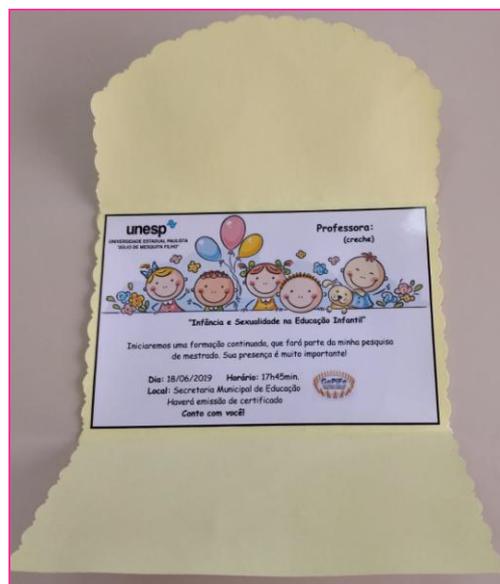


Foto: Arquivo Pessoal (2019)

## APÊNDICE B – CRONOGRAMA

unesp  
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JULIO DE MESQUITA FILHO"

**Cronograma:**  
(Grupo A)



**"Infância e Sexualidade na Educação Infantil"**

Datas	Assunto
18/06	Aplicação do questionário
06/08	Construção histórica acerca da infância e da criança
27/09	Desenvolvimento Infantil e noções básicas de sexualidade
10/09	Infância: sexualidade e suas manifestações
24/09	Infância: sexualidade e suas manifestações
08/10	Encerramento

Horário: 17h45min.  
Local: Secretaria Municipal de Educação



unesp  
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JULIO DE MESQUITA FILHO"

**Cronograma:**  
(Grupo B)



**"Infância e Sexualidade na Educação Infantil"**

Datas	Assunto
25/06	Aplicação do questionário
20/08	Construção histórica acerca da infância e da criança
03/09	Desenvolvimento Infantil e noções básicas de sexualidade
17/09	Infância: sexualidade e suas manifestações
01/10	Infância: sexualidade e suas manifestações
08/10	Encerramento

Horário: 17h45min.  
Local: Secretaria Municipal de Educação



unesp  
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JULIO DE MESQUITA FILHO"

**Cronograma:**  
(Grupo A)



**"Infância e Sexualidade na Educação Infantil"**

Datas	Assunto
18/06	Aplicação do questionário
06/08	Construção histórica acerca da infância e da criança
27/08	Desenvolvimento Infantil e noções básicas de sexualidade
10/09	Infância: sexualidade e suas manifestações
24/09	Infância: sexualidade e suas manifestações
08/10	Encerramento

Horário: 17h45min.  
Local: Secretaria Municipal de Educação



unesp  
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JULIO DE MESQUITA FILHO"

**Cronograma:**  
(Grupo B)



**"Infância e Sexualidade na Educação Infantil"**

Datas	Assunto
25/06	Aplicação do questionário
20/08	Construção histórica acerca da infância e da criança
03/09	Desenvolvimento Infantil e noções básicas de sexualidade
17/09	Infância: sexualidade e suas manifestações
01/10	Infância: sexualidade e suas manifestações
08/10	Encerramento

Horário: 17h45min.  
Local: Secretaria Municipal de Educação



Foto: Arquivo Pessoal (2019)

Foto: Arquivo Pessoal (2019)

**APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA A SECRETÁRIA DA EDUCAÇÃO:**

**Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”  
Faculdade de Ciências e Letras – Campus Araraquara/SP  
Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual**



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO:**

(De acordo com a resolução nº 466/2012 e com a resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde que regula os aspectos éticos de pesquisas que envolvam seres humanos no Brasil).

Pelo presente termo, eu, \_\_\_\_\_, portador do CPF nº. \_\_\_\_\_, autorizo a pesquisadora Camila Campos Vizzotto Alduino, CPF nº. 220.346.538-74, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Câmpus de Araraquara, no que se refere à coleta dos dados na pesquisa intitulada até o presente momento: “A sexualidade infantil no contexto escolar: concepções e intervenções em uma rede municipal de Educação Infantil”, sob a orientação da Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar as concepções e as práticas docentes da Rede Municipal de Ensino da Educação Infantil da cidade de Colina/SP acerca da sexualidade infantil. A metodologia a ser aplicada será o desenvolvimento de uma pesquisa-ação com o uso de questionários e ações de formação continuada. A pesquisa resultará em Dissertação de Mestrado, assim como em publicações e divulgações científicas posteriores.

Tenho ciência de que meu anonimato será garantido, sendo que em nenhum momento será citado o nome de qualquer convidado presente nas atividades de coleta e de análise de dados.

Sendo assim, firmamos o presente termo em uma via como instrumento eficaz que representam nossos direitos.

Colina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

\_\_\_\_\_  
Responsável pela Secretaria Municipal  
de Educação e Cultura

\_\_\_\_\_  
Camila Campos VizzottoAlduino  
Pesquisadora Responsável

**Obrigada pela colaboração!**

**APÊNDICE D–TERMO DE CONSENTIMENTO PARA AS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO:**

**Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”  
Faculdade de Ciências e Letras – Campus Araraquara/SP  
Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual**



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO:**

(De acordo com a resolução nº 466/2012 e com a resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde que regula os aspectos éticos de pesquisas que envolvam seres humanos no Brasil).

Pelo presente termo, eu, \_\_\_\_\_, portador do CPF nº. \_\_\_\_\_, autorizo a pesquisadora Camila Campos Vizzotto Alduino, CPF nº. 220.346.538-74, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Câmpus de Araraquara, no que se refere ao uso e análise dos dados na pesquisa intitulada até o presente momento: “A sexualidade infantil no contexto escolar: concepções e intervenções em uma rede municipal de Educação Infantil”, sob a orientação da Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar as concepções e as práticas docentes da Rede Municipal de Ensino da Educação Infantil da cidade de Colina/SP acerca da sexualidade infantil. A metodologia a ser aplicada será o desenvolvimento de uma pesquisa-ação com o uso de questionários e ações de formação continuada. A pesquisa resultará em Dissertação de Mestrado, assim como em publicações e divulgações científicas posteriores.

Tenho ciência de que meu anonimato será garantido, sendo que em nenhum momento será citado o nome de qualquer convidado presente nas atividades de coleta e de análise de dados.

Sendo assim, firmamos o presente termo em uma via como instrumento eficaz que representam nossos direitos.

Colina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da convidada

\_\_\_\_\_  
Camila Campos Vizzotto Alduino  
Pesquisadora Responsável

**Obrigada pela colaboração!**

## APÊNDICE E- QUESTIONÁRIO

Questionário da Pesquisa de Mestrado, desenvolvida no Programa de Pós Graduação em  
Educação Sexual da UNESP FCLAr  
Mestranda: Camila Campos VizzottoAlduino  
Orientadora: Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez

### Questionário:

Escola: \_\_\_\_\_  
Turma em que está lecionando em 2019: \_\_\_\_\_

#### 1. Dados de Caracterização:

Sexo: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Escolaridade:

Magistério

Pedagogia

Outros:

Cursos complementares de Pós Graduação: \_\_\_\_\_

Aprimoramento \_\_\_\_\_

Especialização \_\_\_\_\_

Stricto Sensu:  Mestrado  Doutorado

Tempo de Atuação Profissional como docente: \_\_\_\_\_

Tempo de Atuação nesta Escola: \_\_\_\_\_

#### 2. Dados Conceituais:

- Qual(ais) diferença(s) e semelhança(s) entre a sua infância e a dos dias atuais?

---

---

---

---

---

---

- O que você entende por “Sexualidade Infantil”?

---

---

---

---

---

---

- O conhecimento sobre a sexualidade infantil é importante e necessário para sua prática docente?

Sim

Não

- Já presenciou alguma situação envolvendo a sexualidade em seu cotidiano escolar?

Sim

Não

Como? \_\_\_\_\_

---

---

- Seu conhecimento é pautado em: (é possível assinalar mais de uma alternativa)

Experiência pessoal.

Experiência profissional.

Formação / Conhecimento Científico.

Observação.

Formação Religiosa.

Outros \_\_\_\_\_



## 5. Prática Profissional:

**1º caso:** Catarina é uma criança de 5 anos de idade e frequenta a Pré-Escola da Educação Infantil. Ainda que os pais não se mostrem muito presentes quanto ao acompanhamento escolar, como em reuniões e tarefas escolares, a criança não apresenta dificuldade na aprendizagem. Certo dia, na hora da brincadeira livre na escola, Catarina foi ao banheiro com mais duas crianças de sua idade e foi possível ouvi-las rir. Ao entrar no banheiro, a professora se deparou com as crianças sentadas no chão, sem as calcinhas, apontando e tocando nos órgãos genitais umas das outras.

- Qual a sua opinião sobre esta situação e o que faria se você fosse a professora?

---



---



---

**2º caso:** Pedro tem 1 ano e meio e frequenta a Educação Infantil desde seus 8 meses. O menino se apresenta, na maior parte do tempo, de maneira tranquila e calma. A mãe de Pedro se mostra presente e atenta às necessidades do filho quanto aos cuidados, higiene e educação; enquanto o pai apresenta uma carga horária de trabalho densa, dificultando assim, o acompanhamento escolar do filho.

Na escola, durante uma atividade de brincadeira livre, a professora presenciou Pedro dando um beijo na boca de uma coleguinha.

- Qual a sua opinião sobre esta situação e o que faria se você fosse a professora?

---



---



---

**3º caso:** Antônio é uma criança de 3 anos e se apresenta muito agitado, nervoso e agressivo durante a maior parte do tempo. Os pais são separados e a mãe trabalha o dia todo, dificultando o acompanhamento escolar, e a criança fica sob os cuidados de uma babá após o término do horário da creche.

Na escola, antes de dormir, a professora presencia a criança mostrando o “pipi” para um coleguinha de classe, o que o fez rir bastante.

- Qual a sua opinião sobre esta situação e o que faria se você fosse a professora?

---



---



---

✓ Diante das situações anteriores, qual seria sua atitude ao se deparar:

- Com uma posição contrária dos pais?

---



---



---

- Com uma posição contrária da coordenação/direção da escola?

---



---



---

**Obrigada pela colaboração!**

## APÊNDICE F – SLIDES

### ✓ 1º ENCONTRO – APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO



unesp  
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

GePife

"Infância e Sexualidade na Educação Infantil"

Camila Campos Vizzotto Alduino

### DIVISÃO DOS GRUPOS

Grupo A	Grupo B
EMEI 1	EMEI 4
EMEI 2	EMEI 5
EMEI 3	EMEI 6
EMEI 8	EMEI 7

### CRONOGRAMA

Grupo A	
Datas	Assunto
18/06	Aplicação do questionário
06/08	Construção histórica acerca da infância e da criança
27/08	Desenvolvimento infantil e noções básicas de sexualidade
10/09	Infância: sexualidade e suas manifestações
24/09	Infância: sexualidade e suas manifestações
08/10	Encerramento

### CRONOGRAMA

Grupo B	
Datas	Assunto
25/06	Aplicação do questionário
20/08	Construção histórica acerca da infância e da criança
03/09	Desenvolvimento infantil e noções básicas de sexualidade
17/09	Infância: sexualidade e suas manifestações
01/10	Infância: sexualidade e suas manifestações
08/10	Encerramento

### TCLE

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

De acordo com a resolução nº 466/2012 e com a resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde que regula os aspectos éticos de pesquisas que envolvam seres humanos no Brasil.

### QUESTIONÁRIO...



unesp  
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

GePife

"Infância e Sexualidade na Educação Infantil"

**Obrigada pela colaboração!**

## ✓ 2º ENCONTRO: CONSTRUÇÃO HISTÓRICA ACERCA DA INFÂNCIA E DA CRIANÇA



unesp  
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JULIO DE MESQUITA FILHO"

GePife

"Infância e Sexualidade na Educação Infantil"

Camila Campos Vizzotto Alduino

### CONTEXTUALIZAÇÃO E OBJETIVO GERAL...

- × Esses encontros fazem parte de uma pesquisa de Mestrado, intitulada até o presente momento: "A sexualidade infantil no contexto escolar: concepções e intervenções em uma rede municipal de Educação Infantil", sob a orientação da Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez.



## CONSTRUÇÃO HISTÓRICA ACERCA DA INFÂNCIA E DA CRIANÇA

### CRIANÇA...



### NO QUESTIONÁRIO...

- × Qual(ais) diferença(s) e semelhança(s) entre a sua infância e a dos dias atuais?

Semelhanças	
	Não elegem nenhuma semelhança
Semelhanças (Poucas elegem alguma semelhança)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• As crianças gostam de brincar</li> <li>• Brincar com os amigos</li> <li>• O encantamento pelo lúdico, pela brincadeira e pela diversão</li> <li>• Vontade de aprender</li> <li>• Curiosidade</li> <li>• Algumas brincadeiras e lendas</li> <li>• A inocência, a alegria e o sorriso</li> </ul>

### Hoje em dia e Antigamente:

Diferenças	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Brincadeiras</li> <li>• Comportamento</li> <li>• Relacionamento</li> <li>• Cognitivo</li> <li>• Constituição e Conduta Familiar</li> <li>• Sexualidade</li> <li>• Escola e Alfabetização</li> <li>• Violência</li> <li>• Condição Financeira</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Acesso ao conhecimento</li> <li>• Tecnologia</li> </ul>
------------	---

Qual é a sua concepção de criança?

## ATIVIDADE...



- ✘ Concebe a criança como inocente, pura, genuinamente bondosa
- ✘ A sociedade a corrompe.



- ✘ Concebe a criança como uma tábula rasa, em que podem ser inscritas tanto os vícios, quanto as virtudes; quanto a razão e a desrazão.



- ✘ Concebe que as crianças, antes de serem seres sociais, há um processo de maturação que se desenvolve por estágios.



- ✘ Está associada a uma necessidade de controle e de domínio dos instintos.
- ✘ É concebida como indomadas e potencialmente más.



- ✘ Esta concepção atribui o desenvolvimento humano ao inconsciente com maior incidência no conflito relacional das figuras parentais na idade infantil.

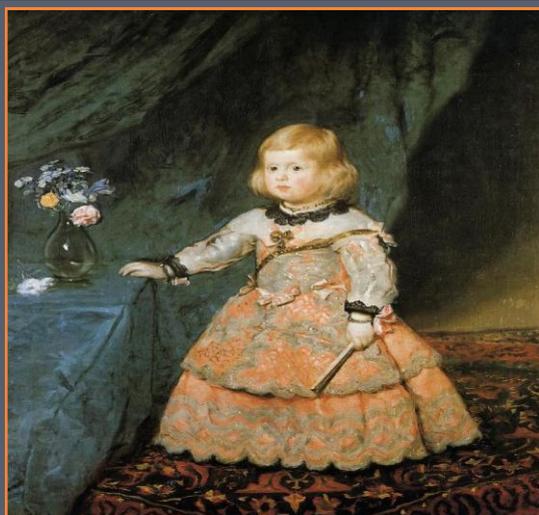
## IDADE MÉDIA (SÉC. V AO SÉC. XV)

- ✦ Os documentos históricos:
- ✦ Referem à infância muito recentemente, o que a torna quase invisível. Contudo, quando há essa descrição contém características de uma pessoa adulta.
- ✦ Tais descrições se referem sempre com algo relacionado à incompletude ou um adulto em miniatura.
- ✦ Ariès (1981): inexistência do 'sentimento da infância', isto é, a ideia e a imagem de infância é marginalizada durante a maior parte da História.
- ✦ Sarmiento (2007): usa a expressão 'ser em devir' para as crianças.

**Isso mostra que as particularidades e características próprias desta fase não eram reconhecidas.**



Tela de Philippe de Champaigne (1649)  
"The Habert de Montmort Children"  
Fonte: <http://www.slideshapes.com.br>



Tela de Diego Velázquez (1653-1654)  
"A Infanta Margarida"  
Fonte: <https://pt.wikipedia.org/>



Crianças nobres no século XVII  
Fonte: <http://slideshare.net.com.br>



"Tela de Diego Velázquez (1656), "As meninas"  
Fonte: <http://www.aldeahare.net>



Carlos II da Espanha, no século XVII



Tela de Anthony van Dyck, em 1637,  
"Os cinco filhos de Charles I"  
Fonte: [www.wikipédia.com.br](http://www.wikipédia.com.br)



Luís XIV bebê com a mãe



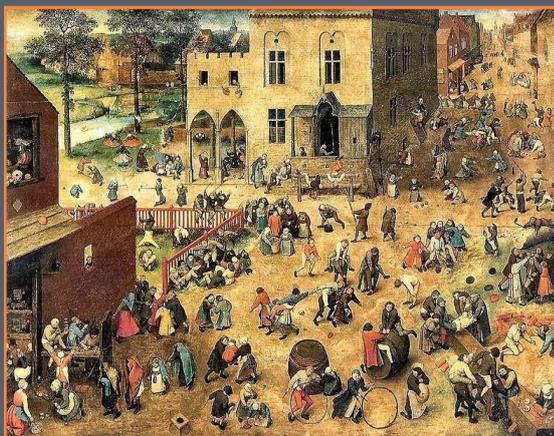
Aos 13 anos, ao assumir a coroa,  
tornando-se rei da França.



Tela de François Hubert Drouais, em 1757, "O Duque de  
Berry e o Conde de Provença quando Crianças"  
Fonte: [www.wikipédia.com.br](http://www.wikipédia.com.br)

- ✦ A inexistência do sentimento da infância não significa que as crianças eram negligenciadas, abandonadas ou desprezadas.
- ✦ "O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes" (ARIES, 1981, p. 99).
- ✦ Essa afeição pode ser observada nos escritos do referido autor ao mencionar uma expressão utilizada no século XVII, "A pequena não contava porque podia desaparecer. 'Perdi dois ou três filhos pequenos, *não sem tristeza*, mas sem desespero". (ARIES, 1981, p. 99-100 grifo nosso).
- ✦ Isso tudo porque o número da mortalidade infantil era muito grande.

- ✘ Indiscriminação nas atividades sociais também, como por exemplo, os jogos e as brincadeiras.

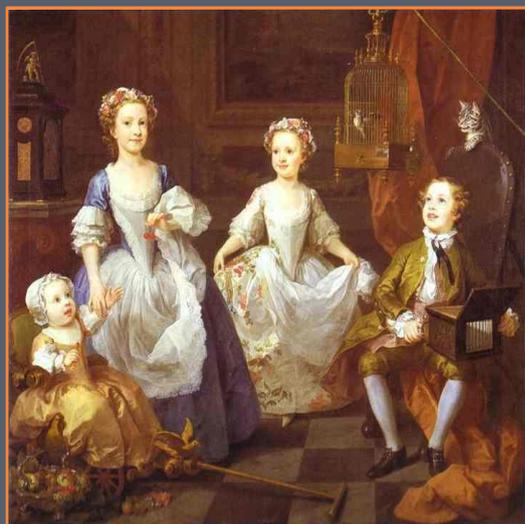


Pintura de Brueghel (1560 - séc XVI): "Jogos Infantis"  
Fonte: <http://www.arteemarte.com.br/bruegel-peter-bruegel-the-elder>

- ✘ Além dos trajés, dos jogos e brincadeiras, a indiscriminação também se apresentou sob a sexualidade.
- ✘ "O respeito devido às crianças era então algo totalmente ignorado. Os adultos se permitiam tudo diante delas: linguagem grosseira, ações e situações escabrosas, elas ouviam e viam de tudo" (Ariès, 1981, p. 77)
- ✘ **Observação:** essa prática de associar as crianças com brincadeiras sexuais fazia parte do costume da época. O desconhecimento das particularidades e características da infância contribuía e reforçava essa prática.

## A PARTIR DO SÉCULO XVIII...

- ✘ A ideia moderna de infância se consolida a partir no "Século das Luzes" (XVIII), com o Iluminismo.



Tela de William Hogarth, em 1742, "As Crianças de Graham"  
Fonte: [www.wikiptopia.com.br](http://www.wikiptopia.com.br)

- ✘ "[...] mais do que ausência da consciência da infância, na Idade Média e na pré-Modernidade existiam concepções que foram profundamente alteradas pela emergência do capitalismo, pela criação da escola pública e pela vasta renovação das ideias com a crise do pensamento teocêntrico e o advento do racionalismo. Os séculos XVII e XVIII, que assistem à essas mudanças profundas na sociedade, constituem o período histórico em que a ideia moderna de infância se cristaliza definitivamente, assumindo um caráter definitivo e construindo-se como referenciadora de um grupo humano que não se caracteriza pela imperfeição, incompletude ou miniaturização do adulto, mas por uma fase própria do desenvolvimento humano" (SARMENTO, 2007, p. 28).
- ✘ **Atualmente**, a infância e a criança se apropriaram de um lugar único, sendo compreendida com suas características e particularidades próprias do desenvolvimento humano.

## SÉCULO XIX...



Brinquedos de um "mundo infantil"



Menino Grego e o brinquedo



Tela de Hans Toma, de 1872.  
"As Crianças dançando em roda".  
Fonte: [www.lateau.org.br](http://www.lateau.org.br)



Tela de Pierre-Auguste Renoir, em 1881, "As  
meninas de Cayen d'Anvers".  
Fonte: [www.wikipédia.com.br](http://www.wikipédia.com.br)





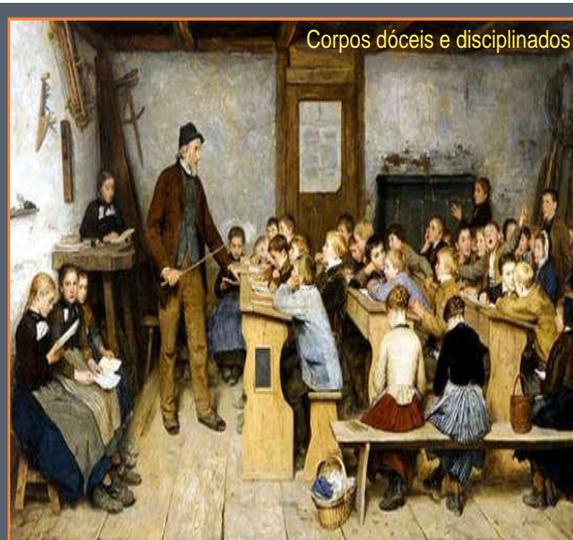
Tela de Pierre-Auguste Renoir, em 1895, "Gabrielle, Jean e uma menina"  
Fonte: www.wahpoart.com.br



A mesa das crianças: separação entre os assuntos dos adultos.



A escolarização universaliza a infância: todas crianças deveriam ser iguais, independente de suas realidades.



Corpos dóceis e disciplinados

## SÉCULO XX...



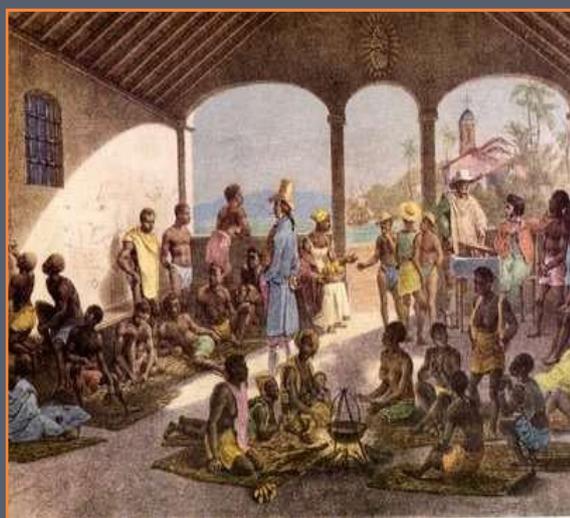
Início do século

## CRIANÇAS NEGRAS E BRANCAS NO BRASIL: INFÂNCIAS DIFERENTES

- ✘ Minella (2006) descreve os papéis sexuais e as hierarquias de gênero e revela as desigualdades e as polarizações de meninas e meninos no Brasil no período colonial e imperial.
- ✘ Os papéis sexuais reforçam as desigualdades e as hierarquias, bem como os padrões de sociabilidade de meninos e meninas em vários âmbitos: na família, na escola, no trabalho, nas atividades das diferentes classes sociais e nos jogos e brincadeiras.
- ✘ São raros ainda os estudos que relacionam o gênero e a infância.



Tela de Jean-Baptiste Debret : " O jantar. Passatempo depois do jantar", de 1839  
 Fonte: www.wikipedia.com.br



## UM SÉCULO DE CONTRADIÇÕES... DIREITOS UNIVERSAIS DAS CRIANÇAS E A NOVA ADULTIZAÇÃO DA INFÂNCIA

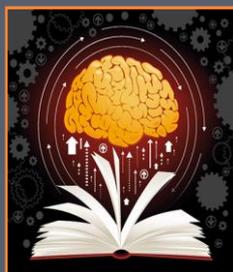
Vídeo...  
 "A invenção da Infância"  
[videoplayback.mp4](#)

\* Sugestão de vídeo: "Criança, a alma do negócio"

Processo de adultização: impulsionado  
 pelo capitalismo e a criança como  
 consumidora.



O  
 auge do  
 conhecimento  
 científico





www.portaldoholandia.com.br



www.exame.abril.com.br



www.escolasdobem.com.br



www.educandoparaavida.revistaviver.com.br



www.diariodocentrodomundo.com.br

## FIM DA INFÂNCIA?

- ✘ Neil Postman (2006): crianças passam novamente a partilhar o mundo dos adultos na segunda metade do século XX.
- ✘ Hoje, muitas crianças cumprem obrigações e compromissos iguais aos adultos, tanto nas classes baixas como nas classes favorecidas economicamente.



## PARA FINALIZAR E REFLETIR...

### HÁ MUDANÇAS?

- × As vestimentas
- × Os brinquedos e os Jogos Infantis
- × As brincadeiras
- × A Constituição Familiar
- × etc...

### HÁ SEMELHANÇAS?

- × O brincar
- × A aprendizagem
- × A forma de comunicação
- × A curiosidade
- × etc...

# OBRIGADA!

Camila Campos Vizzotto Alduino

✓ **3º ENCONTRO: DESENVOLVIMENTO INFANTIL E NOÇÕES BÁSICAS DE SEXUALIDADE**



unesp  
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

GePiFe

"Infância e Sexualidade na Educação Infantil"

Camila Campos Vizzotto Alduino

## DESENVOLVIMENTO INFANTIL E NOÇÕES BÁSICAS DE SEXUALIDADE

### RETOMANDO...

#### HÁ MUDANÇAS?

- × As vestimentas
- × Os brinquedos e os Jogos Infantis
- × As brincadeiras
- × A Constituição Familiar
- × etc...

#### HÁ SEMELHANÇAS?

- × O brincar
- × A aprendizagem
- × A forma de comunicação
- × A curiosidade
- × etc...

### O QUE MUDOU?

As crianças?



Ou o olhar que os adultos e a sociedade de cada época tem sobre as crianças?

### DESENVOLVIMENTO INFANTIL...

- × Físico / Biológico
- × Afetivo / Emocional
- × Aprendizagem
- × Cognitivo / Intelectual
- × ...



- × Escolher uma característica do desenvolvimento infantil e pensar nas práticas pedagógicas diárias nas diferentes etapas de ensino.

#### Exemplos:

- × Coordenação motora
- × Egocentrismo
- × Autonomia
- × Intelectual
- × ...

### ATIVIDADE...

## E A SEXUALIDADE?



Podemos pensar em desenvolvimento sexual?

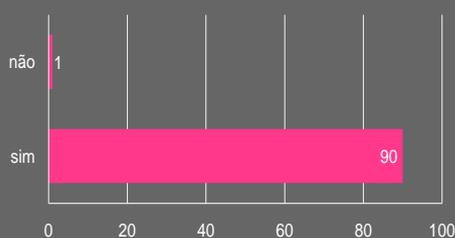
## A RESPOSTA É SIM...



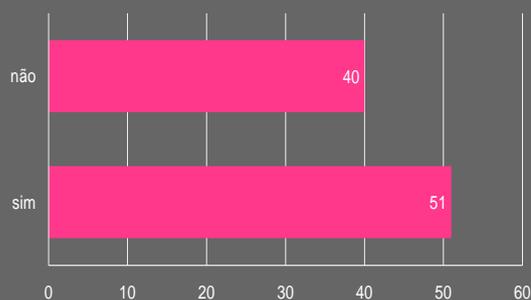
- × A sexualidade é uma característica e uma particularidade do desenvolvimento infantil.
- × Há uma evolução crescente.
- × Aspecto biológico, psicológico, social e cultural.

## NO QUESTIONÁRIO...

- × O conhecimento sobre a sexualidade infantil é importante e necessário para sua prática docente?



- × Já presenciou alguma situação envolvendo a sexualidade em seu cotidiano escolar?



- × Seu conhecimento é pautado em (é possível assinalar mais de uma alternativa)



## UM POUCO DA HISTÓRIA...

- × **Na Antiguidade:** as práticas sexuais são explícitas e são expressas na arte e na literatura de a.C..
- × Na Mesopotâmia, por exemplo, haviam estátuas com os órgãos genitais em destaque. Na Grécia, os cálices e vasos pintados retratando relações sexuais.
- × A palavra sexualidade nem existia.

× Ribeiro (2009)



### × Século XIX:

- × A medicina estabelece normas e regras para os indivíduos e os classifica.
- × A sexualidade nasce como campo científico: assinala que os desvios e as doenças sexuais teriam sua causa nas práticas consideradas inadequadas ou fora da norma.
- × Sigmund Freud descreveu as conseqüências da repressão sexual e caracterizou essa era vitoriana como pouco saudável.

- × Diferenças entre os homens e as mulheres: Para a elite dominante (senhores - homens) tudo era permitido e libidinoso. Somente os homens tinham voz e razão.

As mulheres, brancas ou negras, tinham que ser submissas e era negado qualquer direito. Mesmo as mulheres brancas, que eram mães dos herdeiros, eram as últimas em objeto de desejo.

- × A vinda de numerosos escravos africanos, após o período pré-colonizador, povoou diferentemente a sociedade brasileira e o objeto sexual do branco foi ampliado, sendo que negros e negras seriam submetidos aos desejos de seu senhor.

### BRASIL IMPÉRIO (1822 - 1889):

- × Institucionalização do conhecimento científico, sendo esta através de documentação em teses, eventos, livros e manuais.
- × A medicina impõe às famílias uma educação física, moral e sexual que será responsável por várias mudanças nos costumes familiares.
- × Preocupações com a saúde da mulher, o casamento, a saúde dos homens e o celibato.

### × Na Idade Média, no século XV:

- × A Igreja Católica instituiu o que era permitido e o que era proibido.

- × A medicina começa a se preocupar com a compreensão da concepção e da gravidez.

### × Já na Idade Contemporânea, no século XVIII:

- × Período da repressão, puritanismo e moralismo sexual, em reação contrária à libertinagem aristocrática do século anterior.

- × Essa moral sexual tornou as discussões sobre sexo, sexualidade e funções corporais como tabus.

## NO BRASIL...

### BRASIL COLÔNIA (1500 - 1822):

- × No ano de 1500, com a chegada dos portugueses: depararam-se com a nudez das índias e para estas a relação sexual era livre de interditos e impedimentos. A índia não concebia o ato sexual com o pudor da mulher europeia e isto era estímulo para os portugueses.
- × Os padres pareciam assustar-se e os jesuítas não aprovavam essas práticas sexuais e começaram a levantar a voz para esses princípios tão contrários da Igreja Católica.
- × Isto significa que haviam duas posturas diferentes na Colônia: uma relacionada à posição dos primeiros povoadores e outra a que os jesuítas queriam impor.

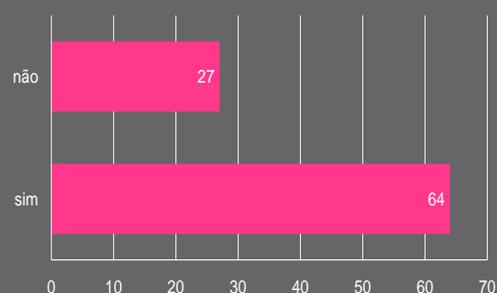
### BRASIL REPÚBLICA:

- × **Século XIX:** medicina normatiza a família e a sociedade.
- × **Século XX:** advento da sexologia como campo científico, dando importância aos aspectos sexuais das crianças.
- × Regime Militar em 1964: repressão da sexualidade.
- × Após 1980: a AIDS, as mulheres ganham um maior espaço no mercado de trabalho e uma maior liberdade sexual com o advento da pílula anticoncepcional. Começam os questionamentos sobre tabus, preconceitos e posturas conservadoras, com mudanças de comportamento.
- × É neste contexto que o interesse pela Sexualidade enquanto campo científico retorna.

# EDUCAÇÃO SEXUAL

## NO QUESTIONÁRIO...

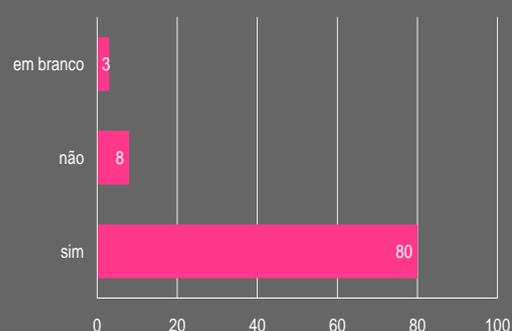
× Você acredita que há a necessidade de uma Educação Sexual para as crianças?



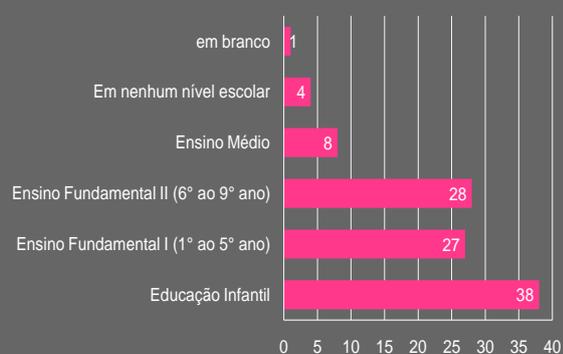
× Onde essa educação sexual pode ser dada? (é possível assinalar mais de uma alternativa)



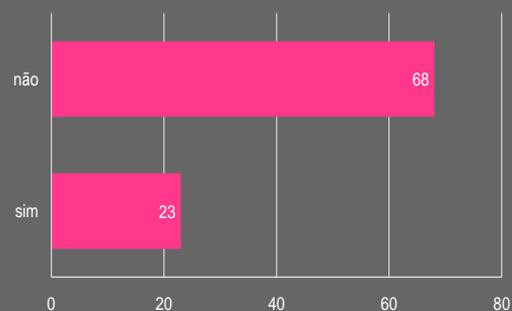
× A sexualidade pode ser ensinada no ambiente escolar?



× Em que momento você considera ser importante o início da Educação Sexual?



× Você se sente preparada para considerar questões de Educação Sexual em sua prática pedagógica?



## EDUCAÇÃO SEXUAL:

× Figueiró (2006): Aprendizagem formal e informal

**FORMAL:** ensino organizado, planejado e sistematizado para ensinar conteúdos de sexualidade dentro das salas de aula.



**INFORMAL:** sem planejamento, aproveita uma situação para ensinar sobre o tema da sexualidade.



## OS MODELOS DE COMPORTAMENTO:

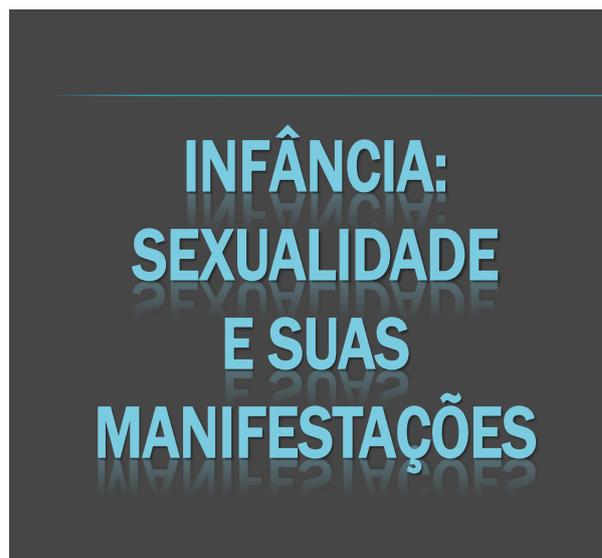
× “São transmitidos de geração a geração e século por meio da imitação de condutas e de atitudes que não chegam a ser explicitadas verbalmente ou por escrito, mas que são conhecidas por todos e compartilhadas por quase todos” (Moreno, 1999, p. 30).

**Por isso, precisamos também refletir e discutir sobre...**



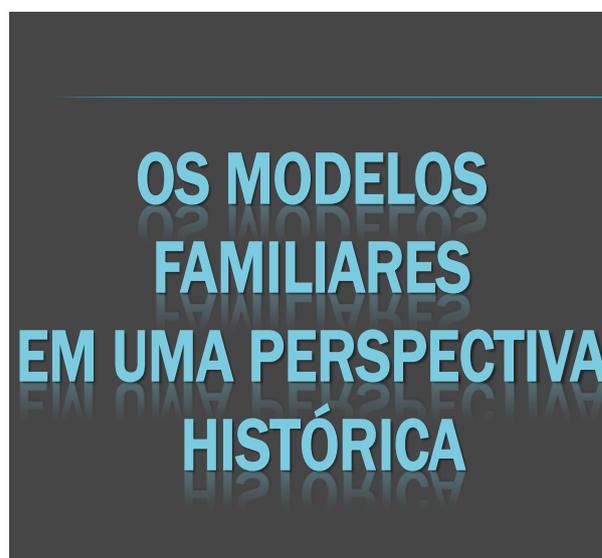


## ✓ 4º ENCONTRO: INFÂNCIA: SEXUALIDADE E SUAS MANIFESTAÇÕES



### ANTES DISSO...

- ✗ Para melhor compreender as manifestações do desenvolvimento sexual das crianças, é preciso refletir sobre o grupo familiar que essa criança vive.
- ✗ Assim, é preciso considerar os aspectos psicológicos, sociais e fisiológicos do ser criança e como esta se desenvolve em meio a esses modelos de convivência.
- ✗ Contudo, os modelos familiares nem sempre foram da maneira que conhecemos hoje.

### PARA RECORDAR... A LINHA DO TEMPO

Até 4000 a.C. Pré-História	De 4000 a.C. até 476 d.C. Idade Antiga	De 476 d.C. até 1453 Idade Média	De 1453 até 1789 Idade Moderna	De 1789 até hoje Idade Contemporânea
Pré-História	Idade Antiga	Idade Média	Idade Moderna	Idade Contemporânea
4000 a.C.	476 d.C.	1453	1789	Hoje
Invenção da escrita	Queda de Roma	Tomada de Constantinopla pelos turcos Otomanos	Revolução Francesa	

### IDADE ANTIGA (4000 a.C. à 476 d.C.)

#### ✗ GRÉCIA ANTIGA

✗ Os gregos eram politeístas, isto é, "um sistema religioso que consiste na crença em diferentes divindades. Nas sociedades politeístas são admitidas as existências de múltiplos deuses, normalmente cada um dedicado a uma característica particular da natureza, como: deus do trovão, deus do sol, deusa da chuva, deusa da terra e etc."

✗ [www.significados.com.br](http://www.significados.com.br)

#### MODELO FAMILIAR:

- ✗ Não aglomerado, porém disperso.
- ✗ As casas eram grandes
- ✗ Sociedade Patriarcal: valorização do homem e a mulher é vista como inferior, com participação apenas na mitologia, na execução de dirigir o trabalho doméstico, vigiar os escravos e regular as despesas da família.

Valorização masculina nas esculturas



Hermes de Praxíteles



Apoxiomeno de Lisipo

- × O pai tinha o direito de aceitar ou rejeitar o filho nascido. Cabia ao pai a decisão do filho poder ou não participar da família.
- × No quinto dia após o nascimento, o pai comunicava sua decisão para os parentes e amigos.
- × Bebês rejeitados pelo pai eram, por exemplo, os doentes e deficientes físicos, os quais eram depositados em vasos de argila e abandonados nos campos.
- × Por isso que, na tragédia de Édipo, na mitologia, ele foi levado ao monte para morrer, por ordem de Laio e também de Jocasta.
- × As crianças ficam sob os cuidados da mãe até completarem 7 anos de idade. Os "homens", a partir desta idade, passavam a frequentar a escola e, com 18/20 anos prestavam serviços militar e tornavam-se cidadãos. Praticavam exercícios físicos e discutiam assuntos políticos e econômicos. Já as "mulheres" se dedicavam aos afazeres domésticos e recebiam noções de dança e música.



Os homens discutindo assuntos políticos e econômicos

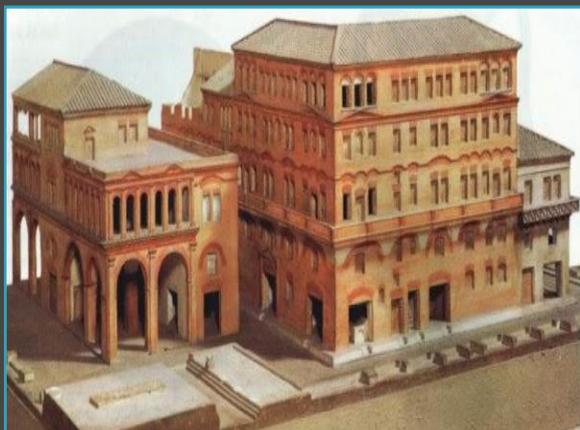
As mulheres nos afazeres domésticos



Fonte: www.slideshare.net.br

#### × ROMA ANTIGA:

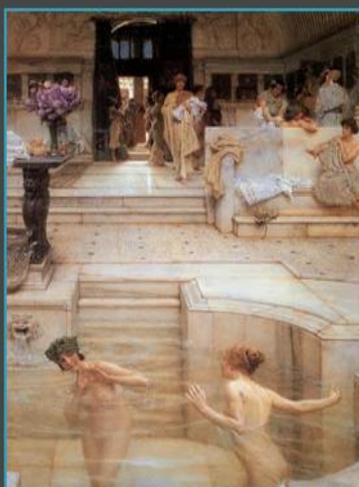
- × Imita modelo grego em muitos aspectos.
- × Eram politeístas também.
- × Havia casas e apartamentos de até 6 andares. As casas eram construídas ao redor de um pátio e nos apartamentos, muitas pessoas viviam em condições desfavoráveis.
- × Havia uma preocupação com a higiene e as casas de banho serviam, para além da higiene pessoal, como centros de reuniões sociais e esportistas.



Desenho de uma insula (insulae), os apartamentos da Roma Antiga. Eram em geral, a moradia da plebe e os patrícios viviam em suas requintadas casas. Em geral, os apartamentos não eram próprios, mas alugados.

Fonte: www.seguindopassoshistoria.com.br





Lawrence Alma-Tadema, 1909. "A Favorita Custom"  
Fonte: [www.segundopassoshistoria.com.br](http://www.segundopassoshistoria.com.br)



Banheiros públicos  
Fonte: [www.segundopassoshistoria.com.br](http://www.segundopassoshistoria.com.br)

### MODELO FAMILIAR:

- × Não aglomerado.
- × Sociedade patriarcal.
- × O patriarca desempenhava todas as funções religiosas, econômicas e morais. Os bens materiais pertenciam somente a ele.
- × A mulher que tinha um só matrimônio, era considerada pela sociedade romana uma mulher de honra.
- × Na família Romana o nascimento de um filho não garantia que ele fosse recebido no seio da família. Muitos eram largados à própria sorte ou negociados para saldar dívidas ou mesmo entregues como escravos.
- × Existiam leis que asseguravam o direito às mães de três filhos, pois cumpriram seu dever de perpetuação da linhagem.
- × A educação e a criação das crianças era incumbência de uma amã e/ou de um escravo. Somente os meninos que pertenciam à uma família de posses, seguiam os estudos, passando por todas as etapas, até à graduação.

### IDADE MÉDIA (SÉC. V AO SÉC. XV):

- × Predomínio do Cristianismo.
- × A arte se voltou para a valorização do espírito.
- × Os valores da religião cristã vão impregnar todos os aspectos da vida medieval.
- × Concepção teocêntrica (teos = Deus), isto é, Deus é o centro do universo e a medida de todas as coisas. A igreja é representante de Deus na Terra e tinha poderes ilimitados.

### MODELO FAMILIAR:

- × Característica principal: falta de privacidade. Isto em todos os âmbitos, inclusive nas relações familiares.
- × Foco maior no grupo do que no indivíduo.
- × Precárias condições de higiene.
- × Forte noção de pecado.
- × A criança era criada por amas de leite até os 7 anos de idade. A taxa de mortalidade era muito alta.



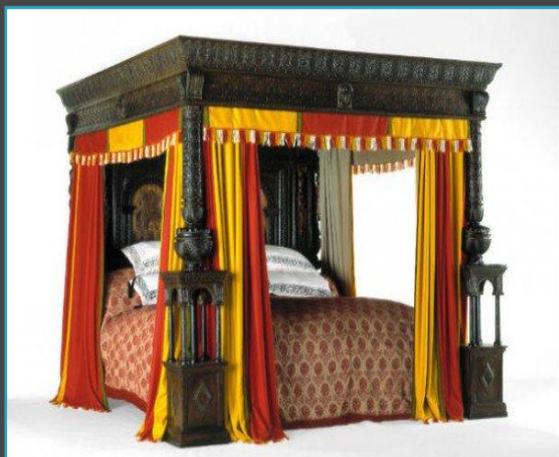
Catedral de Friburgo



Madona e Santos, de Duccio di Buoninsegna National Gallery, Londres, séc. XIII



Família nobre Medieval, no séc. XIV  
Fonte: [www.fatosdesconhecidos.com.br](http://www.fatosdesconhecidos.com.br)



Em uma única cama dormiam muitas pessoas: o casal, criados, visitas, crianças, etc.

Fonte: [www.fatosdesconhecidos.com.br](http://www.fatosdesconhecidos.com.br)



Entre as famílias tradicionais, o incesto era uma prática comum, para evitar que a linhagem sanguínea fosse modificada.

Fonte: [www.fatosdesconhecidos.com.br](http://www.fatosdesconhecidos.com.br)

## IDADE MODERNA (SÉC. XV AO SÉC. XVIII)

- × Aspectos revolucionários referentes à valores, costumes e crenças da Idade Média.
- × Ascensão da burguesia.
- × Início do processo de industrialização e comercialização.
- × Crise do pensamento teocêntrico. Porém a Igreja continua a exercer ainda muita influência, principalmente no início do século.
- × Começa a se estabelecer a idéia de infância que temos hoje.

### MODELO FAMILIAR:

- × Profunda renovação da família:
- × "A família era mais ampla e dispersa, composta de muitos núcleos, dirigida pelo pai [...] organizada como uma microempresa, mais como um núcleo econômico do que como um centro de afetos e de investimento social sobre as jovens gerações" (CAMBI, 1999, p.204).

- × Decadência do compromisso com a linhagem, sendo a família então composta pelo casal e filhos.
- × A família se impõe como forma de controle e regulação da população. Sob o aspecto da sexualidade também.
- × Criação da escola pública: primava por tirar as crianças da irracionalidade.
- × A família e a escola se encarregaram de cuidar e formar as crianças, não só sob o aspecto evolutivo, mas também enquanto formação pessoal e social.
- × Surge a idéia de preservação da vida, da saúde e da personalidade da criança.
- × A mulher começa a inserir-se na vida social, o que a liberta de ser considerada como simples reprodutora.



"Retrato de o artista com sua família", de 1621 - Cornelis de Vos  
Fonte: [www.walhoart.com](http://www.walhoart.com)

(O) [www.walhoart.com](http://www.walhoart.com)

## IDADE CONTEMPORÂNEA (SÉC. XVIII ATÉ HOJE)

- × Valorização da higiene
- × Ciência positivista: valorização da razão e da lógica
- × A ciência possibilitou o advento dos métodos contraceptivos. Assim, a mulher ganhou espaço e o poder de escolha e decisões que antes não tinha. Emancipação feminina.
- × Sociedade patriarcal perde força, mas permanece ainda muito forte.

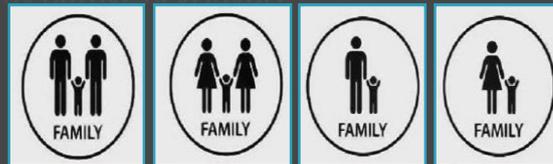
### MODELO FAMILIAR:

- × Valorização da privacidade.
- × Modelo de família nuclear: pai, mãe e filhos
- × Criança passa a ter um espaço privilegiado, com expressões de um mundo particular e exclusivo.
- × A educação dos filhos é exercida pelas mulheres, além do cuidado com o lar. Ainda que haja esforços para uma mudança dessas atitudes, há um longo caminho a ser percorrido.
- × A família vem se tornando cada vez menor e mais nuclear.
- × Há uma íntima dependência psíquica entre os membros da família.

Modelo de família nuclear e idealizado pela sociedade atual



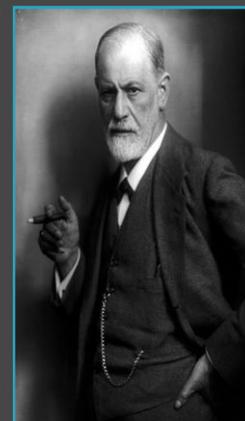
## HÁ OUTRAS REALIDADES...



- × O grupo familiar vai se configurando diferentemente ao longo dos tempos. É fato que o contexto histórico exerce uma influência nas concepções de mundo e conceitos tidos pelos indivíduos, porém, psicologicamente, o desenvolvimento psicosssexual se estabelece sempre nas relações afetivas com as figuras parentais. E isso independe de quem sejam estas figuras, do contexto histórico, cultural ou condição física.

# FASES PSICOSSEXUAIS DE SIGMUND FREUD

- × Sigmund Freud nasceu em 1856, em uma família judaica, em Freiberg, na época pertencente ao Império Austríaco. Começou sua carreira como neurologista e passou a dedicar-se à clínica das neuroses e, pouco a pouco, para a investigação psicológica.



Sigmund Freud, em 1921.  
Fonte: [www.wikipedia.com.br](http://www.wikipedia.com.br)

- × Diante as diversas "observações clínicas da importância dos fatores sexuais na causação da neurose de angústia [...] foram o que levou Freud pela primeira vez a uma investigação geral do tema da sexualidade" (STRACKEY, 1969, pg. 78).

- × Freud observou que durante as fases previsíveis de desenvolvimento na primeira infância, o comportamento da criança é orientado para certas partes do seu corpo. Isto o levou a postular a existência de etapas ou fases de desenvolvimento sexual.
- × De acordo com o fundador da psicanálise, a sexualidade se mostra presente desde a mais tenra idade e culmina, como fator primordial e de extrema importância, na Constituição Psíquica de todos os seres humanos. Ele propôs que a neurose do adulto (transtorno mental funcional), muitas vezes está enraizada na sexualidade infantil, por isso, dizia que comportamentos adultos neuróticos eram manifestações da fantasia sexual na infância.
  - × *Obras Completas de Sigmund Freud, vol. 6, 2016*
- × O autor expôs sua postulação teórica em um trabalho intitulado "Os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade" no ano de 1905 e chocou a sociedade da época que concebia uma ideia de não existência de uma sexualidade em crianças.

× [FREUD - SOBRE SEXUALIDADE.mp4](#)

## FASE ORAL:

- × É a primeira fase do desenvolvimento psicosssexual, que vai desde o nascimento até por volta dos 2 anos de idade.
- × A boca da criança é o foco de gratificação libidinal. O seio materno constitui na saciação de dois desejos: a alimentação e o prazer sexual. Onde a boca é a região que constitui a fonte da satisfação.
- × Derivações disso é a exploração oral do ambiente (tendência em colocar objetos na boca).
- × Eventual fixação do adulto nesta etapa infantil da oralidade é perceptível diante dos hábitos que se relacionam com a boca, tais como: fumar, falar demais, beber, comer em demasia, etc. Logicamente que se pode sublimar algumas dessas atitudes, como, por exemplo, a utilização da fala para o campo da oratória e musicalidade.



## NA ESCOLA...

- × A fala é uma necessidade, para além da comunicação, como uma necessidade psíquica de gratificação. Refletir sobre o “ficar quieta” e possibilitar a transformação da fala em outros fins.
- × Alimentar-se dentro de um esquema que satisfaça a sua necessidade orgânica e psíquica.
- × Não repreender o natural desejo da criança de levar tudo à boca. Tal recalcamento poderá produzir, pelo mecanismo de compensação, de outros efeitos futuros. (obesidade, fumo, alcoolismo, etc).
- × Empreenderem-se no contato afetivo no momento da amamentação.

## FASE ANAL:

- × É a segunda fase, que compreende entre os 2 anos de idade até por volta dos 4 anos de idade.
- × A atenção passa a voltar-se para os processos de eliminação e a criança passa a ter controle sobre os músculos estriados (esfincteres). Tem prazer em manter as fezes no seu intestino e também depois ao despejá-las para fora de si.
- × Aqui entra a idéia de poder, de controle. Primeira experiência de autonomia da criança.
- × A fixação nesta fase são relacionados ao dinheiro, à avareza (reter ou não, controle, poder). As sublimações nesta fase dirigem-se à pinturas e esculturas, por exemplo.

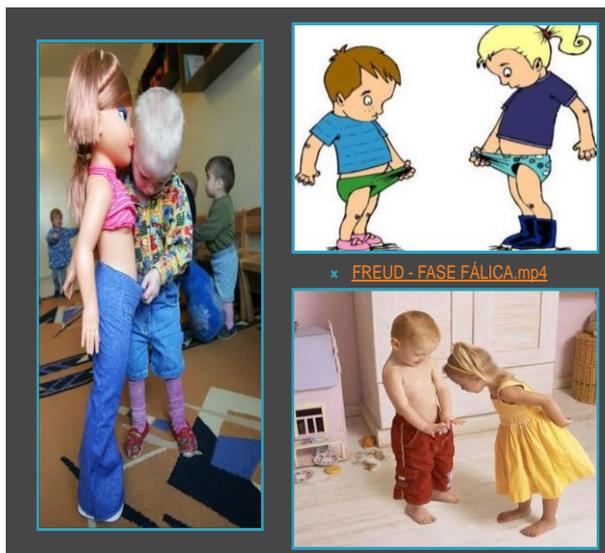


## NA ESCOLA...

- × Possibilitar às crianças o brincar com massas de moldar, argila, barro. Há crianças que brincam com as próprias fezes.
- × Repressões nesta fase, geram, em regra, constipações intestinais.
- × É preciso então acompanhar o tempo da criança. Cada criança tem seu próprio tempo!

## FASE FÁLICA:

- × Esta 3ª fase do desenvolvimento se estende dos 3 aos 6 anos de idade.
- × O órgão genital masculino (pênis) passa a ser a representação simbólica de virilidade para os meninos e, igualmente para as meninas, uma vez que estas acreditam que o dito órgão está incrustado nelas.
- × Nesta fase se apresenta o “Complexo de Édipo”: o menino deseja sua mãe, querendo eliminar seu pai (rival), ainda que o veja como uma figura de autoridade. Aqui emerge uma nítida ambigüidade: desejo de matá-lo/desejo de se parecer com ele.
- × Na menina, por sua vez, o objeto indesejável é a mãe, visto que aquela quer fazer as vezes desta, ser a namorada de seu pai.
- × A resolução dele, positiva ou negativamente, é que marcará o ser vida afóra.
- × Por isso tudo, que a curiosidade nos órgãos genitais se torna muito evidente.



## NA ESCOLA...

- \* É recomendável não estimular uma certa fantasia sexual de enamoramento com o filho do sexo oposto. Por exemplo: não incentivar os ciúmes do filho com a mãe e vice-versa; evitar dizeres relacionando a filha como a "namoradinha do papai", e o menino como "o namorado da mamãe". Já na escola, não estimular o enamoramento de qualquer ordem.
- \* Com o declínio do complexo edípico, as pulsões sexuais se serenam e a criança abre um leque para a socialização, voltando-se às atividades escolares e esportivas – ingresso no período de latência. Assim, é imprescindível as atividades socializantes, sempre em parceria integral dos educadores neste caso, no intuito de sentirem-se mais seguras e com sentimento de pertencimento e união, mais permeável a um diálogo construtivo.

## NO QUESTIONÁRIO...

Até 2 anos de idade:	Adequado	Inadequado	Em branco	Nulo
Tenta tocar nos seios da mãe ou de outras mulheres.	71	20	0	0
Requer contato físico constantemente.	72	18	1	0
Beija outra criança de sua idade na boca.	24	64	1	2
Brinca com brinquedos do sexo oposto.	84	5	0	2
Requer a chupeta e o "paninho" constantemente.	72	18	1	0

Com 3 anos de idade:	Adequado	Inadequado	Em branco	Nulo
Expõe os órgãos genitais a outras crianças.	18	71	0	1
Tenta olhar para outras crianças quando estão nuas ou se despindo.	54	36	1	0
Explora seus genitais e de outras crianças de sua idade em público.	5	86	0	0
Tentativas de levantar a roupa de outras pessoas.	21	70	0	0
Brinca com bonecas (bonecos) com cunhos sexuais.	15	76	0	0

Com 4 anos de idade:	Adequado	Inadequado	Em Branco	Nulo
Desenha órgãos genitais quando desenha figuras humanas.	18	71	1	1
Esfrega objetos/ brinquedos/almofada, cobertor nos órgãos genitais	15	74	1	1
Toca nos órgãos genitais de outra criança de 4 anos.	4	86	1	0
Expõe os órgãos genitais.	5	85	1	0
Toca em seus genitais em público.	10	80	1	0

Com 5 anos de idade	Adequado	Inadequado	Em branco	Nulo
Toca nos órgãos genitais quando em ambiente privado.	49	37	4	1
Mostra interesse em perceber diferenças entre meninos e meninas.	84	6	1	0
Faz perguntas sobre o nascimento, concepção e relações sexuais.	70	18	0	3
Brinca como se fosse do sexo oposto.	51	36	2	2
Verbaliza que tem namorado ou namorada.	51	40	0	0

- × Escolher uma imagem que se relacione com a sexualidade.

**ATIVIDADE...**

**OBRIGADA!**

Camila Campos Vizzotto Alduino

## ✓ 5º ENCONTRO: INFÂNCIA: SEXUALIDADE E SUAS MANIFESTAÇÕES



unesp  
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

GePiFe

"Infância e Sexualidade na Educação Infantil"

Camila Campos Vizzotto Alduino

# INFÂNCIA: SEXUALIDADE E SUAS MANIFESTAÇÕES

### ANALISANDO AS MANIFESTAÇÕES DE SEXUALIDADE NO QUESTIONÁRIO:

Até 2 anos de idade:
Tenta tocar nos seios da mãe ou de outras mulheres.
Requer contato físico constantemente.
Beija outra criança de sua idade na boca.
Brinca com brinquedos do sexo oposto.
Requer a chupeta e o "paninho" constantemente.



### LEVAR EM CONSIDERAÇÃO:

**As imagens sociais:** Intrínsecas e arraigadas em cada um de nós, construídas historicamente.



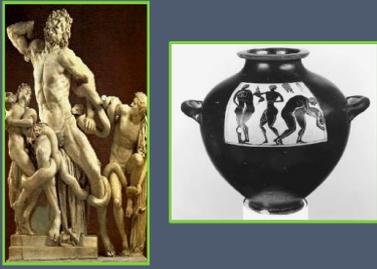
### Os conceitos de infância e criança:

- ✦ Refletir sobre as características e particularidades das crianças e a sexualidade é uma característica do desenvolvimento infantil.
- ✦ Fase de desenvolvimento e não um mini-adulto – concepção tida antigamente, mas que carregamos resquícios até os dias atuais.
- ✦ Nova adultização da infância: as crianças passam a partilhar o mundo dos adultos.



### A sexualidade com um percurso histórico:

- ✦ Movimento histórico em que as práticas sexuais eram explícitas na antiguidade à um período de repressão, puritanismo e moralismo sexual na Idade Contemporânea que carregamos até os dias de hoje.
- ✦ Tentativa de normatizar e classificar a sexualidade.



## Os modelos familiares e as relações afetivas:

- Na antiguidade, tanto na Grécia, como em Roma, os modelos familiares eram não aglomerados, porém eram dispersos. O homem era quem detinha o poder e todas as decisões. Já na Idade Média, a falta de privacidade e de higiene são características marcantes e a sociedade continua patriarcal. Nos dias atuais, a privacidade é uma necessidade, a família vem se tornando cada vez menor e mais nuclear e a criança passa a ter um lugar privilegiado e exclusivo.



## Fases psicosssexuais da sexualidade:

**Fase Oral (até os 2 anos de idade):** A boca é o foco de gratificação e de prazer da criança.

**Fase Anal (dos 2 aos 4 anos de idade):** A atenção volta-se aos processos de eliminação dos esfíncteres.

**Fase Fálica (dos 3 aos 6 anos de idade):** a curiosidade nos órgãos genitais se torna evidente.



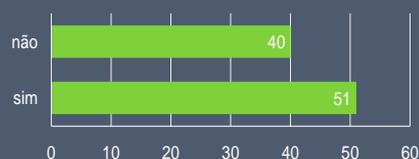
## UM EXEMPLO DO QUESTIONÁRIO...

Até 2 anos de idade:	adequado	inadequado
Tenta tocar nos seios da mãe ou de outras mulheres.		
Requer contato físico constantemente.		
Beija outra criança de sua idade na boca.		
Brinca com brinquedos do sexo oposto.		
Requer a chupeta e o "paninho" constantemente.		

Até 2 anos de idade:	adequado	inadequado
Tenta tocar nos seios da mãe ou de outras mulheres.	X	
Requer contato físico constantemente.	X	
Beija outra criança de sua idade na boca.	X	
Brinca com brinquedos do sexo oposto.	X	
Requer a chupeta e o "paninho" constantemente.	X	

## \* NO QUESTIONÁRIO...

- Já presenciou alguma situação envolvendo a sexualidade em seu cotidiano escolar?



- Como foi sua reação no momento?
- Diante destas explicações até o momento, você mudaria sua conduta? Por que?

# Reflexão...

- Em grupo, escolher uma imagem que se relacione com a sexualidade.

(duração: 20 minutos)

## ATIVIDADE...

## AS RESPOSTAS NO QUESTIONÁRIO...

Até 2 anos de idade:	Adequado	Inadequado	Em branco	Nulo
Tenta tocar nos seios da mãe ou de outras mulheres.	71	20	0	0
Requer contato físico constantemente.	72	18	1	0
Beija outra criança de sua idade na boca.	24	64	1	2
Brinca com brinquedos do sexo oposto.	84	5	0	2
Requer a chupeta e o "paninho" constantemente.	72	18	1	0

Com 3 anos de idade:	Adequado	Inadequado	Em branco	Nulo
Expõe os órgãos genitais a outras crianças.	18	71	0	1
Tenta olhar para outras crianças quando estão nuas ou se despindo.	54	36	1	0
Explora seus genitais e de outras crianças de sua idade em público.	5	86	0	0
Tentativas de levantar a roupa de outras pessoas.	21	70	0	0
Brinca com bonecas (bonecos) com cunhos sexuais.	15	76	0	0

Com 4 anos de idade:	Adequado	Inadequado	Em Branco	Nulo
Desenha órgãos genitais quando desenha figuras humanas.	18	71	1	1
Esfrega objetos/brinquedos/almofada, cobertor nos órgãos genitais	15	74	1	1
Toca nos órgãos genitais de outra criança de 4 anos.	4	86	1	0
Expõe os órgãos genitais.	5	85	1	0
Toca em seus genitais em público.	10	80	1	0

Com 5 anos de idade	Adequado	Inadequado	Em branco	Nulo
Toca nos órgãos genitais quando em ambiente privado.	49	37	4	1
Mostra interesse em perceber diferenças entre meninos e meninas.	84	6	1	0
Faz perguntas sobre o nascimento, concepção e relações sexuais.	70	18	0	3
Brinca como se fosse do sexo oposto.	51	36	2	2
Verbaliza que tem namorado ou namorada.	51	40	0	0

× **Em grupos, discutir os três casos propostos no questionário.**

× (duração: 30 minutos)

**ATIVIDADE...**

× **1º caso:** Catarina é uma criança de 5 anos de idade e frequenta a Pré-Escola da Educação Infantil. Ainda que os pais não se mostrem muito presentes quanto ao acompanhamento escolar, como em reuniões e tarefas escolares, a criança não apresenta dificuldade na aprendizagem. Certo dia, na hora da brincadeira livre na escola, Catarina foi ao banheiro com mais duas crianças de sua idade e foi possível ouvi-las rir. Ao entrar no banheiro, a professora se deparou com as crianças sentadas no chão, sem as calcinhas, apontando e tocando nos órgãos genitais umas das outras.

× **Qual a sua opinião sobre esta situação e o que faria se você fosse a professora?**

× **2º caso:** Pedro tem 1 ano e meio e frequenta a Educação Infantil desde seus 8 meses. O menino se apresenta, na maior parte do tempo, de maneira tranquila e calma. A mãe de Pedro se mostra presente e atenta às necessidades do filho quanto aos cuidados, higiene e educação; enquanto o pai apresenta uma carga horária de trabalho densa, dificultando assim, o acompanhamento escolar do filho.

Na escola, durante uma atividade de brincadeira livre, a professora presenciou Pedro dando um beijo na boca de uma coleguinha.

× **Qual a sua opinião sobre esta situação e o que faria se você fosse a professora?**

- × **3º caso:** Antônio é uma criança de 3 anos e se apresenta muito agitado, nervoso e agressivo durante a maior parte do tempo. Os pais são separados e a mãe trabalha o dia todo, dificultando o acompanhamento escolar, e a criança fica sob os cuidados de uma babá após o término do horário da creche.

Na escola, antes de dormir, a professora presencia a criança mostrando o “pipi” para um coleguinha de classe, o que o fez rir bastante.

- × **Qual a sua opinião sobre esta situação e o que faria se você fosse a professora?**

- × “Considero Educação Sexual toda ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja em nível de conhecimento de informações básicas, seja em nível de conhecimento e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionados à vida sexual” (Figueiró, 1995, p. 8).

- × **Pensando nesta definição, podemos dizer que todas nós tivemos uma educação sexual com as crianças, independentemente da ação realizada?**

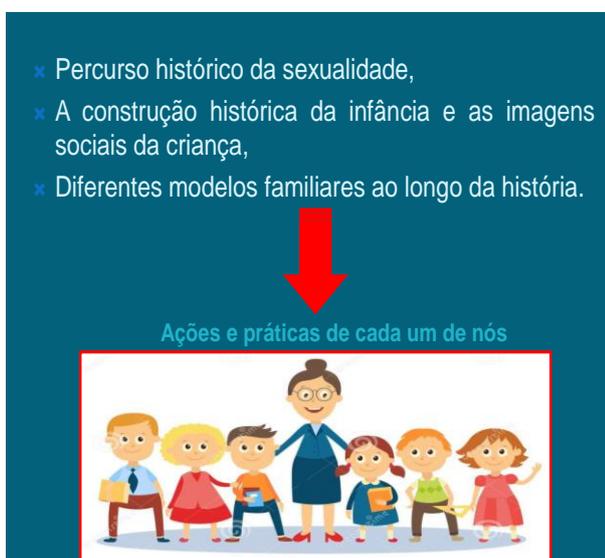


Sim!!!!

**OBRIGADA!**

Camila Campos Vizzotto Alduino

## ✓ 6º ENCONTRO: ENCERRAMENTO



## OUTRAS REFLEXÕES PARA FUTURAS CONSIDERAÇÕES...

× Banheiros abertos e sem portas?



× Vidros nas paredes das creches novas?



× Alguma outra consideração?

## AVALIAÇÃO

× Por escrito, sistematizar a trajetória de estudos até o presente momento.

(duração: 30 minutos)

**PARA FINALIZAR...**

**OBRIGADA!**

Camila Campos Vizzotto Alduino

**APÊNDICE G – SISTEMATIZAÇÃO DE ESTUDO****Vamos sistematizar nossa trajetória de Estudo**

Qual(is) a(s) contribuição(ões) o estudo da história da infância e da família proporcionou para sua formação continuada?

---

---

---

Qual(is) a(s) contribuição(ões) o estudo do Desenvolvimento psíquico da criança acerca da sexualidade infantil proporcionou para sua formação continuada?

---

---

---

Como você pretende aplicar os conhecimentos desta formação na sua prática pedagógica?

---

---

---

Após esta formação como você compreende a atuação docente em relação ao processo de aprendizagem e desenvolvimento da sexualidade infantil?

---

---

---

Gostaria de registrar alguma pergunta, dúvida e/ou comentários sobre esta formação?

---

---

---

**Obrigada pela atenção!**

## APÊNDICE H – MENSAGEM DE ENCERRAMENTO



**“Infância e Sexualidade na Educação Infantil”**

Um tema polêmico e tão delicado a ser discutido.  
Um tema imbuído de muitos tabus e preconceitos, e que merece toda a nossa atenção na tentativa de desconstruir conceitos errôneos e distorcidos, além de contribuir significativamente para o desenvolvimento psíquico e emocional.

Muito obrigada pela sua participação!  
As nossas crianças agradecem...

**Camila Campos Vizzotto Alduino**  
**08 / 10 / 2019**

## APÊNDICE I – CERTIFICADO

# CERTIFICADO

## "Infância e Sexualidade na Educação Infantil"

Certificamos que \_\_\_\_\_,  
 RG: \_\_\_\_\_ participou de encontros de formação no curso "Infância e Sexualidade na Educação Infantil" referente à pesquisa de mestrado, intitulada até o presente momento como "A sexualidade infantil no contexto escolar: concepções e intervenções em uma rede municipal de Educação Infantil", promovido pelo GEPIFE UNESP-CNPq (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização), sob a orientação da Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez.  
 Período de 18/06/2019 à 08/10/2019 com carga horária de 12 (doze) horas.

Colina/SP, 18 de outubro de 2019.



**Camila Campos Vizzotto Alduino**  
 (Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual  
 UNESP FCLar e pesquisadora do GEPIFE UNESP-CNPq)



"Infância e Sexualidade na Educação Infantil"



**Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez**  
 (Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual UNESP  
 FCLar, líder e pesquisadora do GEPIFE UNESP-CNPq)



# APÊNDICE J – PORTFÓLIO



**Camila Campos Vizzotto Alduno**  
**Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez**

## CONTEXTUALIZAÇÃO E OBJETIVO...

- Os professores, diretores escolares e coordenadores pedagógicos da Rede Municipal de Ensino da Educação Infantil da cidade de Colina/SP foram convidados a participar de uma pesquisa de Mestrado, intitulada até o presente momento: "A sexualidade infantil no contexto escolar: concepções e intervenções em uma rede municipal de Educação Infantil", sob a orientação da Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez.
- Esta pesquisa tem como objetivo investigar as concepções e as práticas docentes desta Rede Municipal de Ensino acerca da sexualidade infantil.
- Para tanto, foi enviado previamente um convite as escolas, especificando o dia, o horário e o local do 1º encontro.

**Professor(a):**

**"Infância e Sexualidade na Educação Infantil"**

Iniciaremos uma formação continuada, que fará parte da minha pesquisa de mestrado. Sua presença é muito importante!

Dia: 18/06/2019 Horário: 17h45min.  
Local: Secretaria Municipal de Educação  
Conto com você!

## 1º ENCONTRO: "APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO"

- Este primeiro dia teve como objetivo a explanação do objetivo da pesquisa, bem como dos encontros realizados.
- A divisão dos grupos por escolas, o cronograma contendo informações sobre os temas a serem abordados em cada encontro, as datas sugeridas, o local e o horário foram também explanados neste primeiro dia. Um cronograma foi entregue para todas as diretoras escolares.

Grupo A	Grupo B
EMEI 1	EMEI 4
EMEI 2	EMEI 5
EMEI 3	EMEI 6
EMEI 8	EMEI 7

Divisão dos grupos

- Além disso, a autorização para a coleta de dados (TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) foi assinado por todos, bem como a aplicação do questionário.

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**  
 Colina, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

Eu, \_\_\_\_\_, inscrita no CPF nº \_\_\_\_\_, residente e domiciliada em \_\_\_\_\_, Município de Colina, SP, autorizo a coleta de dados para a pesquisa intitulada "A sexualidade infantil no contexto escolar: concepções e intervenções em uma rede municipal de Educação Infantil", sob a orientação da Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar as concepções e as práticas docentes da Rede Municipal de Ensino da Educação Infantil da cidade de Colina/SP acerca da sexualidade infantil. A metodologia a ser utilizada será o desenvolvimento de uma pesquisa-ação com o uso de questionários e entrevistas com as professoras da Rede Municipal de Educação Infantil, bem como em publicações e divulgação científica por meio de artigos, livros e outros meios de comunicação.

Todos os dados que forem coletados serão guardados em um arquivo eletrônico e impressos em papel, sendo que os dados serão utilizados apenas para fins de pesquisa científica e não serão divulgados a terceiros.

Sendo assim, autorizo o presente termo em duas vias, sendo uma para o pesquisador e outra para o representante da rede escolar.

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_  
 Assinatura em comissão: \_\_\_\_\_  
 Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez  
 Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez

Obrigado(a) pela colaboração!



## 2º ENCONTRO: "CONSTRUÇÃO HISTÓRICA ACERCA DA INFÂNCIA E DA CRIANÇA"

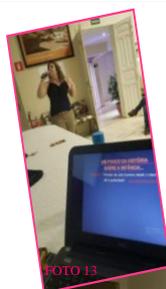
- Primeiramente foram expostas as respostas contidas no questionário sobre as diferenças e semelhanças da sua infância e a dos dias atuais. Uma atividade foi realizada a seguir no intuito de verificar a concepção de criança intrínseca em cada uma das professoras.



Grupo A



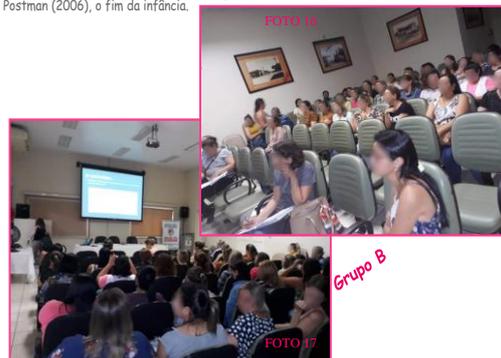
Grupo A



Grupo B



- A construção histórica a cerca da infância e da criança foi o tema central deste encontro. A concepção social foi abordada desde o período da Idade Média, passando pela idéia descrita por Ariés (1981) como mini-adulto ou um adulto em miniatura.
- Com o auxílio da iconografia, foram expostas as transformações sobre a concepção da infância e da criança que, com o advento dos brinquedos, já no século XIX, e a referência de um mundo particular infantil, possibilitaram que as características e particularidades desta fase fossem levadas em consideração.
- As diferenças entre as crianças negras e brancas no Brasil foi outro aspecto que pudemos apontar, assim como refletir sobre as contradições deste século, uma vez que o tempo o auge do conhecimento científico em contrapartida com a nova adultização e, como descreve Postman (2006), o fim da infância.



Grupo B

## 3º ENCONTRO: "DESENVOLVIMENTO INFANTIL E NOÇÕES BÁSICAS DE SEXUALIDADE"

- Na retomada do último encontro, a reflexão se deu nas transformações das crianças, bem como no olhar da sociedade para com as mesmas.
- Sobre o desenvolvimento infantil, pudemos perceber, através de uma atividade, os aspectos envolvidos (biológico, afetivo, intelectual, entre outros) e legitimar que a sexualidade transcorre em um curso desenvolvimentista também.
- As respostas fornecidas no questionário foram expostas, bem como alguns apontamentos sobre a História da Sexualidade. Esta construção histórica abordou desde a antiguidade, em que as práticas sexuais eram explícitas e expressas na literatura e na arte. A influência da Igreja Católica e da medicina se destacou e um período de repressão e moralismo sexual se estabeleceu. E é somente no século XIX que a sexualidade se define enquanto campo científico.
- A construção histórica da sexualidade no Brasil foi igualmente apontada em que, no período do Brasil Colônia, os portugueses recém chegados depararam-se com a nudez das índias em que suas concepções eram livres de impedimentos e interditos para com as relações sexuais. Foi somente no Brasil Império que houve a institucionalização do conhecimento científico, com participação e influência da medicina no estabelecimento de normas e condutas. Contudo, o século XIX assistiu um período de extrema repressão e moralismo, com o retorno das discussões sobre o tema somente em 1980, com o advento da AIDS.
- As respostas do questionário sobre a Educação Sexual foram expostas e pudemos finalizar com reflexões sobre os modelos de comportamento e principalmente, como as práticas destes modelos não formais (expressões faciais, corporais e gestuais) se impõe, perpetuando conceitos e concepções distorcidas acerca da sexualidade.



Grupo A





### 4º ENCONTRO: "INFÂNCIA: SEXUALIDADE E SUAS MANIFESTAÇÕES"

- ✦ Os diferentes modelos familiares, sob uma perspectiva histórica, foram apresentados neste encontro desde a Idade Antiga, na região da Grécia e em Roma. Nesta época, a sociedade se apresentava patriarcal e as famílias não eram aglomeradas, porém eram dispersas. Na Idade Média, a falta de privacidade é uma característica marcante deste período, além da forte noção de pecado devido à grande influência do cristianismo. É na Idade Moderna que, com a crise do pensamento teocêntrico, a industrialização e comercialização, há uma profunda revolução nos modelos familiares. É neste período também que começa a se estabelecer a idéia de infância que temos hoje e a mulher começa a inserir-se na vida social. Já na Idade Contemporânea, o modelo de família se configura com a valorização da privacidade, a sociedade patriarcal perde ainda mais força e a família vem se tornando cada vez menor e nuclear. É fato que outros modelos de família tornam-se mais visíveis socialmente e a ciência se esforça por compreender os fenômenos psíquicos e sociais envolvidos.
- ✦ As fases psicosssexuais de Sigmund Freud foi outro tema apresentado neste encontro, perpassando pelas características e particularidades próprias da fase oral, anal, fálica genital, com reflexões no ambiente escolar.



### 5º ENCONTRO: "INFÂNCIA: SEXUALIDADE E SUAS MANIFESTAÇÕES"

- ✦ O início deste encontro se deu com a análise do questionário sobre as manifestações da sexualidade, propondo considerar as imagens sociais intrínsecas e arraigadas em cada um de nós; refletir sobre os conceitos de infância e criança, considerando-a enquanto fase do desenvolvimento; o percurso histórico da sexualidade; os modelos familiares e as relações afetivas, assim como as características das fases psicosssexuais.
- ✦ Uma indagação sobre a percepção de aspectos sexuais nas crianças no ambiente escolar foi realizada, na tentativa de rever tais percepções, bem como as atitudes decorrentes. Tal reflexão foi solicitada por escrito, para entregarem posteriormente.
- ✦ Escolher uma imagem, em revistas, que se relacione com a sexualidade foi a atividade proposta deste encontro e, logo em seguida, a prática profissional descrita no questionário foi discutida, finalizando com o conceito de educação sexual.



## 6° ENCONTRO: "ENCERRAMENTO"

- × O objetivo deste último encontro foi mostrar a trajetória de estudos em relação aos aspectos da criança e também em relação às ações e condutas de cada um de nós. Reflexões sobre o cotidiano da escola, tais como a exposição de corpos nus, banheiros sem portas, creches com vidros nas paredes, foi realizada em que muitas discussões, considerações e discordâncias foram apontadas neste momento.
- × Para finalizar, uma sistematização por escrito de toda trajetória de estudos foi solicitada e recolhida no final.



FOTO 36



FOTO 37

FOTO 38

FOTO 38



### "Infância e Sexualidade na Educação Infantil"

Um tema polêmico e tão delicado a ser discutido. Um tema imbuído de muitos tabus e preconceitos, e que merece toda a nossa atenção na tentativa de desconstruir conceitos errôneos e distorcidos, além de contribuir significativamente para o desenvolvimento psíquico e emocional. Muito obrigada pela sua participação!  
As nossas crianças agradecem...

Camila Campos Vizzotto Alduino  
08 / 10 / 2019

Mensagem de encerramento

# OBRIGADA!

Camila Campos Vizzotto Alduino  
Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez

